ERICH NEUMANN

O MEDO DO FEMININO

E outros ensaios sobre a psicologia feminina

PAULUS

Título original
The fear of the feminine — and other essays on feminine psychology
© Princeton University Press
41 William Street, Princeton, New Jersey, 08540

Tradução
Thereza Christina Stummer

Revisão
Ivo Storniolo

Coleção AMOR E PSIQUE dirigida por
Dr. Léon Bonaventure – Pe. Ivo Storniolo – Dra. Maria Elci Spaccaquerche

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neumann, Erich
O medo do feminino : e outros ensaios sobre a psicologia feminina / Erich Neumann ; [tradução Thereza Christina Stummer]. — São Paulo : Paulus, 2000. — (Amor e psique)

Título original: The fear of the feminine.
Bibliografia.
ISBN 85-349-1659-4

1. Feminilidade (Psicologia) 2. Mulheres – Psicologia 3. Psicanálise I. Título. II. Série.

99-5369 CDD-155.633

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicologia feminina 155.633

© PAULUS – 2000
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (0– –11) 5579-3627
Tel. (0– –11) 5084-3066
http://www.paulus.com.br
dir.editorial@paulus.org.br

ISBN 85-349-1659-4
ISBN 0-691-03473-7 (ed. original)

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma

nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma", como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

NOTA INTRODUTÓRIA

A presente tradução brasileira deu-se a partir da versão para o inglês dos textos de Erich Neumann reunidos sob o título *The fear of the feminine.*

Os três primeiros ensaios eram parte do *Zur Psychologie des Weiblichen,* publicado pela Rascher Verlag, em 1953, como segundo volume de uma série de obras de Erich Neumann: "Umkreisung der Mitte: Aufsätze zur Tiefenpsychologie der Kultur" ("Em torno do ponto central: ensaios de psicologia profunda da cultura").

O Prefácio de Neumann para aquela sua obra é aqui reproduzido, por ser relevante também para os dois outros ensaios acrescentados neste livro. A história dos textos originais é a seguir esclarecida.

"Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher" é o primeiro ensaio. Foi ampliado e revisto a partir de uma conferência a associações de Psicologia em Zurique, Basel e Tel Aviv. A conferência incluía um ensaio, "Die Urbeziehung der Mutter" ("A relação primordial com a Mãe"), publicado em *Der Psychologe* III (Bern), em 1951, mais tarde incorporado à obra-prima de Neumann: *A Grande Mãe* (com tradução brasileira pela editora Cultrix de São Paulo).

O segundo, "A lua e a consciência matriarcal", foi publicado em um número especial de *Eranos Jahrbuch* XVIII, em 1950, como homenagem aos setenta e cinco anos de Carl Gustav Jung. Com o título de *Aus der Welt der Urbilder* ("Do mundo dos arquétipos), esse número trazia mais dez ensaios de conferencistas em Eranos.

"Sobre a 'Flauta Mágica' de Mozart", o terceiro ensaio, recebeu acréscimos a partir de uma conferência para associações de psicologia em Zurique, Basel e Tel Aviv. A versão que se publicou foi dedicada por Neumann à sua mulher, Julie Neumann, psicóloga analítica. Esse trabalho teve tradução para o inglês por Esther Doughty e saiu em *Quadrant* II (1978), uma publicação da Fundação C. G. Jung de Nova York. O texto foi revisto por Boris Matthews, que também traduziu para o inglês o Prefácio do autor, os dois primeiros ensaios e o último, "O medo do Feminino".

Aos três ensaios originais sobre o Feminino, reuniram-se outros dois. "O significado do arquétipo da terra para os tempos modernos" foi uma palestra que Neumann proferiu em Tel Aviv e, depois, na conferência de 1953 em Eranos, com sua primeira publicação no *Jahrbuch* de 1953. A tradução para o inglês saiu na *Harvest,* revista de estudos junguianos da Associação de Psicologia Analítica de Londres, em duas partes: a primeira, no número 1981, na tradução do saudoso Eugene Rolfe, baseada em um rascunho de Madeline Lockwood editado por Ruth Ludgate; a segunda, no número 1983, na tradução de Michael Cullingworth.

"O medo do Feminino" era parte de um simpósio realizado no Instituto C. G. Jung de Zurique, publicado como *Die Angst* ("O medo") pela Rascher Verlag, nos "Studien aus dem C. G. Jung Institut" (1959), com contribuições de oito estudiosos de várias disciplinas.

Três ensaios já haviam sido traduzidos para o inglês: "Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher", na tradução de Rebecca Jacobson, revista por Hildegard Nagel e por Jane D. Pratt, para a revista *Spring* (1959); "A lua e a consciência matriarcal", na tradução (parcial) de H. Nagel, para a *Spring* (1954); e "O medo do Feminino", na tradução (também parcial) de Irene Gad e Ruth Horine, editada por Jeanne Walker, para a *Quadrant* 19 (1986). Essas versões foram consultadas para a edição em inglês reunida pela Princeton University Press, da qual resultou esta tradução brasileira.

* * *

No correr do texto, aparece o termo "Self" (com maiúscula), aí mantido no sentido junguiano.

O termo *das Weibliche* aparece, conforme o contexto, na versão em inglês e também na presente tradução como "mulher" ou "mulheres" (quando apresentou conotação individual), "o Feminino" ou "o Feminino Arquetípico" (quando assumiu um sentido arquetípico), ainda como "mulher", "fêmea" e "o Feminino" (quando o termo alemão pareceu referir-se tanto à mulher individualmente quanto à energia arquetípica).

Igual princípio adotou-se para o termo *das Männliche,* traduzido ora por "o Masculino", ora por "macho" ou "homem".

ABREVIATURAS DAS REFERÊNCIAS

B.S. = Bollingen Series (Nova York e Princeton).

CW = The Collected Works of C. G. Jung, edição organizada por Gerhard Adler, Michael Fordham, Herbert Read e William McGuire, 20 volumes, traduzida para o inglês por R. F. C. Hull, 1951-1979, Nova York/Princeton (B.S. XX) e Londres [as obras completas — O.C. — de Jung têm tradução em português pela editora Vozes de Petrópolis].

EJ = *Eranos Jahrbücher,* organizado por Olga Froebe-Kapteyn (até 1960), Zurique.

Freud, Sigmund, Standard Ed. = The Standard Edition das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 24 volumes, traduzidas para o inglês por James Strachey e outros, 1953-1974, Londres [a "Edição Standard" das obras de Freud encontra-se traduzida em português pela editora Imago do Rio de Janeiro].

Jung, C. G., "The Relations" = "The Relations between the Ego and the Unconscious", nas O.C. 7, §§ 202-406; original: "Die Beziehungen zwischen dem Ich und dem Unbewussten", Gesammelte Werke 7 (Zurique/Olten), cuja primeira edição, como livro revisto de uma conferência de 1916, deu-se em Zurique (1928).

Neumann, *Amor and Psyche: The Psychic Development of the Feminine, A Commentary on the Tale by Apuleius,* trad. para o inglês por Ralph Manheim, Nova York (B.S. LIV) e Londres, 1956; original: *Amor und Psyche. Mit einem Kommentar von Erich Neumann. Ein Beitrag zur seelischen Entwicklung der Weiblichen,* Zurique, 1952 [com tradução brasileira pela editora Cultrix de São Paulo: *Amor e Psiquê*].

Neumann, *Depth Psychology and a New Ethic,* trad. para o inglês por Eugene Rolfe, Nova York, 1969; original: *Tiefenpsychologie und neue Ethik,* Zurique, 1948 [com tradução brasileira do original alemão: *Psicologia Profunda e Nova Ética,* Paulus, São Paulo].

Neumann, *The Great Mother: An Analysis of the Archetype,* trad. para o inglês por Ralph Manheim, Nova York (B.S. XLVII) e Londres,

1955; original: *Die Grosse Mutter. Der Archetyp des grossen Weiblichen,* Zurique, 1956 [com tradução brasileira pela editora Cultrix de São Paulo: *A Grande Mãe — Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*].
Neumann, *The Origins and History of Consciousness,* trad. para o inglês por R. F. C. Hull, Nova York (B.S. XLII) e Londres, 1954; original: *Ursprungsgeschichte des Bewusstseins,* Zurique, 1949.
Neumann, U. d. M. = Umkreisung der Mitte, 3 volumes, Zurique, 1953.
PEY = Papers from the Eranos Yearbooks, trad. para o inglês por Ralph Manheim e R. F. C. Hull, 6 volumes, Nova York/Princeton (B.S. XXX) e Londres, 1955-1968.

PREFÁCIO

Estes ensaios sobre a psicologia do Feminino inserem-se no contexto da psicologia profunda da cultura e da terapia cultural, uma vez que para a crise de nossa época contribuíram de forma cabal tanto o valor-cânone masculino da consciência ocidental, patriarcalmente unilateral, quanto a ignorância fundamental sobre a psicologia da mulher e da fêmea, diferentes na essência. Por isso a compreensão do Feminino constitui-se numa necessidade premente, e não apenas para entender o indivíduo singular, mas também para curar o coletivo.

A história do desenvolvimento da consciência no Ocidente é a de uma consciência masculina, orientada ativamente, cujas realizações conduziram à cultura patriarcal. Por sua vez, outras leis governam o desenvolvimento do Feminino — já que este não participa de nenhuma forma decisiva no desenvolvimento "masculino", tal como se dá na época moderna. A natureza diferente da psique da mulher e da fêmea deve ser re-descoberta, se as mulheres quiserem entender a si próprias, mas também se o mundo patriarcalmente masculino, adoecido graças à sua unilateralidade extrema, quiser re-cobrar a saúde.

A psicologia analítica percebeu que existe ativo no inconsciente do homem um elemento feminino e, no in-

consciente da mulher, um elemento masculino. É necessária uma psicologia profunda do Feminino e das mulheres que leve em conta esses novos *insights,* se quisermos compreender todos os problemas da relação e do casamento; além do quê, ela possibilita que mulheres e homens compreendam-se a si próprios de forma mais plena.

Em "Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher", procuramos dar um esboço abrangente dos passos no desenvolvimento da mulher, no que este difere dos do homem. Por sua vez, em "A lua e a consciência matriarcal" procuramos explicar a consciência feminino-matriarcal essencialmente diferente e que forma a base de muitos comportamentos e modos de ser peculiares das mulheres e do feminino. A "consciência matriarcal", uma consciência "parturejante" em sentido bastante específico, forma a ponte entre a mulher e o indivíduo criativo — por exemplo, o artista do sexo masculino, no qual a anima, seu lado feminino (e, com a anima, também a consciência matriarcal), aparece com maior acento do que no homem patriarcal mediano.

Por conseguinte, o ensaio sobre a *Flauta mágica* de Mozart calha de modo significativo a este contexto, porquanto o *Auseinandersetzung* — o conflito e a harmonia de um com outro — dos mundos matriarcal e patriarcal (os quais constituem o real objeto de nossa contribuição à "psicologia do feminino") ocupa o centro da ópera e seu notável libreto. *A flauta mágica* supera tais antíteses e culmina em uma nova síntese. Desenvolver uma síntese assim, na realidade psíquica do individual e do coletivo: eis uma das tarefas fundamentais e voltadas ao futuro a cargo da terapia individual e cultural em nossa época.

Tel Aviv, 1952.

E. NEUMANN

I

OS ESTÁGIOS PSICOLÓGICOS DO DESENVOLVIMENTO DA MULHER*

Em *As origens e a história da consciência,*[1] traçamos o desenvolvimento dos estágios arquetípicos que conduzem à formação da consciência e de um ego ao qual chamamos de "patriarcal", pois os portadores deste desdobramento predominantemente ocidental são homens com seus valores característicos.

Muito embora o desenvolvimento da consciência numa direção patriarcal também seja necessário para a mulher moderna, o desenvolvimento dela segue um curso essencialmente diverso. O desenvolvimento normal da mulher ocidental, bem como as premissas psicológicas de suas neuroses, constituem a base empírica para o esboço que tentaremos apresentar aqui.

O primeiro estágio do desenvolvimento feminino, bem como do masculino, é o de uma unidade psíquica caracterizada pelo símbolo do uróboro, a serpente que forma um círculo fechado, a comedora da própria cauda. Preferimos este símbolo ao conceito do inconsciente porque a vitalidade e a oposição dinâmica do processo são visíveis nele, e essas qualidades não são veiculadas pelo conceito de inconsciente.

* "Die psychologischen Stadien der weiblichen Entwicklung" *Zur Psychologie des Weiblichen*. Tradução em inglês de Boris Matthews (ver a Nota Introdutória).
[1] **Original**: *Ursprungsgeschichte des Bewusstseins*, Zurique, 1949.

Na situação psíquica original prevalece uma fusão, ou melhor, uma não-separação entre o ego e o inconsciente. Aqui estamos diante de um estágio pré-egotista da psique que se ergue filogenética e ontogeneticamente como o início do desenvolvimento de cada consciência individual. Neste estágio, o ego da mulher, como o ego do homem, se relaciona com o inconsciente como com uma mãe cuja superioridade é tão grande que ainda não se pode falar de uma separação mãe e filho, inconsciente e ego. Em certa medida, a criança ainda não nasceu e ainda está contida no uróboro materno. Em termos individuais, esta situação é expressa na falta de separação da criança em relação à mãe, assim como é exemplificada coletivamente pelo contenimento do indivíduo no poder suprapessoal, maternal, protetor do grupo, do clã ou da família, que em grande medida determina o que o indivíduo faz ou deixa de fazer.

Inicialmente o inconsciente aparece como a boa mãe, isto é, a relação primária da criança com ela tem um acento positivo, pois o ego dependente, infantil, é protegido e nutrido pelo ego materno. Por "relação primal com a mãe", queremos dizer a totalidade dos relacionamentos do bebê ou da criança pequena com sua mãe, antes de ter uma personalidade delimitada por uma consciência centrada no ego. Há mais fatores transpessoais do que pessoais em ação no relacionamento primal, pois a criança está sujeita a uma preponderância de forças arquetípicas, transpessoais.

Arquetipicamente, o relacionamento primal — isto é, a dependência total do ego e do indivíduo em relação ao inconsciente e ao grupo — é experienciado em projeção sobre a mãe que, a despeito de sua individualidade, marca o bebê e a criança pequena como o uróboro materno e a Grande Mãe.[2] O relacionamento primal da filha com a

[2]Pode-se ver que estamos lidando com uma projeção pelo fato de que mesmo se outra pessoa — ou até um animal — tomar o lugar da mãe, pode assumir o papel do portador da projeção.

mãe difere fundamentalmente daquele do filho, e entender essa diferença constitui uma contribuição essencial para entender a discrepância entre a psicologia dos homens e a das mulheres.

Se dizemos que, após um ponto decisivo de seu desenvolvimento, a criança do sexo masculino experiencia a mãe como um "tu" dessemelhante, diferente dele próprio, ao passo que a criança do sexo feminino experiencia a mãe como um "tu" semelhante e não diferente, surge uma pergunta: Em que sentido queremos dizer isso, e como esse tipo de "diferença" é possível, uma vez que o bebê não pode inicialmente estar — e de fato não está — consciente de quaisquer diferenças sexuais?

O relacionamento embriônico, bem como o infantil, da criança com a mãe, é o protótipo de todos os relacionamentos primais. Neste sentido, o relacionamento primal de fato se "origina" na mãe, isto é, é moldado pelo arquétipo da mãe, protótipo psíquico do elemento materno que vive na psique humana. No entanto, isso não quer dizer que a reação psíquica da criança *surja* em virtude dos efeitos do relacionamento primal com a mãe pessoal, no sentido que, por exemplo, a psicanálise acredita que as experiências pessoais singulares do indivíduo são a causa de desenvolvimentos posteriores. O relacionamento embriônico, bem como o infantil, com a mãe, é o protótipo de toda instância de *participation mystique* e o "contenimento do ego no uróboro"[3] simplesmente descreve este fato.

Na história da humanidade, a diferenciação do homem e da mulher está entre as mais precoces e impressionantes projeções de opostos, e a humanidade primeva considerava o homem e a mulher como o protótipo dos opostos em geral. Por esta razão, toda oposição aceita fa-

[3]Neumann, *Origens e história*, op cit.

cilmente o simbolismo do Masculino e do Feminino, e por conseguinte, a oposição de consciente e inconsciente é experienciada em termos deste símbolo, com o Masculino sendo identificado ao consciente e o Feminino, ao inconsciente. Esta oposição simbólica não está limitada ao fenômeno secundário da anima e do animus;[4] ela surge do contenimento original no uróboro, o local do nascimento da consciência "masculina" e do inconsciente "maternal". A objetividade do consciente se desenvolve a partir da não-diferenciação do inconsciente no decorrer da história humana por meio de uma "separação" simbólica entre Masculino e Feminino. A criança do sexo masculino experiencia este princípio de oposição entre Masculino e Feminino dentro do relacionamento primal com a mãe, um relacionamento do qual a criança do sexo masculino deve desistir para alcançar o próprio potencial e encontrar sua identidade como macho.

A totalidade da psique, cujo centro é o Self, existe num relacionamento de identidade com o corpo, o veículo dos processos psíquicos. As mudanças físicas de bebê para menino, jovem, homem e ancião também são acompanhadas por mudanças psíquicas que diferem grandemente das mudanças correspondentes no desenvolvimento da mulher. Por isso, temos de supor entre os sexos uma diferença biopsíquica que é manifestada de maneiras simbólicas e arquetípicas, muito embora não possa ser expressa em quaisquer das categorias caracterológicas propriamente ditas. Portanto o Self, como a totalidade da personalidade, carrega justificadamente características sexuais secundárias, e tanto o corpo quanto a psique estão intimamente ligados em sua dependência dos hormônios.[5]

[4]Ver Jung "The Relations", par 296ss [ver as Abreviaturas das Referências].

[5]O fato de que esta lei não é válida no desenvolvimento da individuação não deve nos preocupar aqui.

Mesmo quando, em sociedades pré-patriarcais, as crianças do sexo masculino permanecem por longo tempo com os grupos de mulheres e são modeladas por sua *participation mystique*, a experiência de dessemelhança é dada desde o início, ou de qualquer forma, a partir do ponto em que essas crianças percebem as diferenças entre os sexos. Mas não importa como e sob que condições culturais se manifesta o princípio de opostos do princípio Masculino-Feminino. Tampouco tem importância que essa diferença tenha sido interpretada de maneira equivocada e tenha levado a conclusões incorretas devido a preconceitos patriarcais culturalmente condicionados.

Visto que o indivíduo do sexo masculino experiencia a situação primal — identidade com a mãe, o outro Feminino — como identidade com um não, somente numa fase posterior é que a descoberta do Self como indivíduo do sexo masculino,[6] é atingível, estando como está em oposição ao relacionamento primal. Somente a consecução do desapego do relacionamento primal, e uma atitude objetiva em relação a este último leva à descoberta do Eu masculino e à estabilidade. Quando isso não é conseguido, o indivíduo do sexo masculino permanece preso e castrado no incesto materno e urobórico,[7] isto é, ele é inautêntico e alienado de si mesmo. Em outra parte, já descrevemos esta situação fundamental e o desenvolvimento que dele emana descritos em mitos nos quais os primeiros estágios do desenvolvimento da consciência eram interpretados como sendo essencialmente o Masculino libertando-se do Feminino, o filho libertando-se da mãe.

[6]Esta descoberta do Self não deve ser confundida com a descoberta do Self da individualidade da segunda metade da vida. Inicialmente parece ser descoberta do ego, mas é o primeiro estágio da descoberta do Self, o qual, na individuação da mulher, chamamos alcançar o Self.

[7]*Origens e história.*

É uma experiência masculina fundamental que o relacionamento primal, a identificação com um tu, acabe sendo "falsa". Os efeitos duradouros desta experiência aparecem na tendência masculina à objetividade com a confrontação de que isso necessita, na sua tendência a se relacionar somente a partir do mundo distante e consciente do logos, e na sua relutância em se identificar inconscientemente com um tu. Isto leva a um maior grau de isolamento do indivíduo do sexo masculino, mas, igualmente, a uma formação intensificada e uma solidez do ego e da consciência, tudo isso numa certa oposição à psicologia feminina. Sob a forma de medo de relacionamento, esta experiência fundamental está à espreita no pano de fundo de muitas neuroses dos homens.

Visto que a descoberta masculina do Self está vinculada, por sua própria natureza, ao desenvolvimento da consciência e à separação dos sistemas consciente e inconsciente, o ego e a consciência sempre aparecem simbolizados arquetipicamente como masculinos. Isto significa que o indivíduo do sexo masculino identifica seu ego com a consciência e com seu papel arquetipicamente masculino, e se identifica com o desenvolvimento da consciência no decorrer da história humana. Individualmente, ele sobrevive fora do caráter arquetípico do herói e experiencia seu Self somente em sua batalha vitoriosa com o dragão, isto é, o lado natural do inconsciente que se confronta com ele sob a forma de relacionamento primal.

Mas para a mulher o relacionamento primal tem um efeito e uma significação completamente diferentes. Quando a criança — seja ela do sexo masculino ou feminino — se torna consciente do princípio da oposição Masculino-Feminino, sob qualquer forma que ele apareça, o relacionamento primal com a mãe é a própria forma de se relacionar. Mas para a menina, todas as complicações que existem na experiência do menino de ser diferente desaparecem. Mesmo que ela "realize seu potencial" como mulher, a identidade com sua mãe no relacionamento primal pode, em grande medida, continuar a existir, e sua descoberta do Self é primária, pois a descoberta do Self e o relacionamento primal, no caso da menina, podem coincidir.

Isto significa que a mulher pode continuar no relacionamento primal, expandir-se nele, e realizar o próprio potencial sem ter de deixar o círculo do uróboro materno e a Grande Mãe. E quando ela permanece neste âmbito é, com certeza, infantil e imatura do ponto de vista do desenvolvimento da consciência, mas não é alienada dela própria. Enquanto numa situação semelhante o homem é "castrado", isto é, seu ser autêntico lhe é roubado, a mulher simplesmente permanece fixada, firmemente segura a uma forma imatura de seu ser autêntico. Repetidas vezes vemos que, mesmo em meio a uma cultura ocidental, patriarcal, a mulher pode florescer como um todo natural nesta forma não-desenvolvida psicologicamente — isto é, sem um desenvolvimento correspondente da consciência — que teria feito um homem fracassar, há muito tempo, na sociedade, e tornar-se neurótico. Esta situação básica, na qual a descoberta do Eu e o relacionamento primal correspondem, dá às mulheres desde o início a vantagem de uma inteireza e completude naturais que os homens não possuem.

O relacionamento mãe-filho/a é o da identificação mútua, e o fato de que a descoberta do Self (na qual a mulher se experiencia como pertencente ao sexo feminino) coincide com o relacionamento primal (no qual ela experiencia a mãe como pertencente ao sexo feminino) leva a um reforço primário de todos esses relacionamentos que passam a existir por meio da identificação. Isto também contrasta com a experiência do indivíduo de sexo masculino, que fundamentalmente prefere uma forma de se relacionar baseada na justaposição.

E se, por um lado, a forma de se relacionar na oposição ou na justaposição é uma forma individual de se relacionar que é moldada naturalmente, por outro as formas naturais de a mulher se relacionar por meio da identificação derivam do vínculo de sangue da gravidez, isto é, do relacionamento primal com a mãe com quem se origina este relacionamento. Por esta razão, o anseio de relacionamentos de identidade acompanha a mulher ao longo de sua vida e dá forma à sua tendência de criar novamente uma situação semelhante. Mas somente como adulta, quando experiencia a gravidez e se torna a portadora de um relacionamento primal com seu filho ou filha, o desejo da mulher com inclinação para o matriarcado chega à realização; e então seu ego, como sujeito, experiencia o contenimento do filho ou filha e a identidade com ele ou ela.

O relacionamento simbólico de Deméter e Coré, cuja significação mitológica foi elucidada por Jung e Kerényi,[8] caracteriza a fase de conservação do Self na qual o ego feminino permanece preso ao inconsciente materno e ao Self. A importância deste mitologema para a psicologia feminina reside nisto: encontramos aqui uma psicologia matriarcal que determina especificamente o relacionamento da mulher com o Feminino, bem como com o Masculino. Os efeitos deste tipo de fase arquetipicamente dirigida são quase sempre demonstráveis em constelações sociológicas correspondentes, ao passo que ao mesmo tempo governam o comportamento inconsciente da mulher. Conseqüentemente, em nosso contexto, não importa delimitar a medida na qual as condições psicológicas afetam a situação social, ou vice-versa, como as condições sociais coletivas distantes afetam a psique da mulher.

[8]Jung e Kerényi, *Essays on a Science of Mythology* (B.S. XX II, 1949). [1ª ed. 1941. Os ensaios de Jung foram reeditados em CW 9il.]

É típico desta fase de conservação do Self que psicologicamente, e muitas vezes sociologicamente, a mulher permaneça no grupo das mulheres clã da mãe e mantenha sua continuidade "ascendente" no relacionamento com o grupo de mães e "descendente" com o grupo de filhas. Sua solidariedade com a proximidade das mulheres e do Feminino coincide com sua segregação e seu senso de alienação dos homens e do Masculino.

O irmão exogâmico, com quem o contato é desde muito cedo estritamente dificultado por tabus, assume o papel de autoridade espiritual e de liderança masculina, mesmo se, como no clã exogâmico, ele vive em outro lugar. Por outro lado, o marido proveniente do clã estrangeiro, com quem há um relacionamento sexual, permanece um forasteiro no grupo das mulheres, e em grande medida fica sem direitos nem poderes. O *status* de alienígena deste homem é freqüentemente evidenciado pelo caráter de segredo de suas visitas à esposa. O tabu da sogra — isto é, a maneira ansiosa pela qual o marido evita a mãe da esposa — aponta nessa mesma direção. Esse tabu é característico da alienação, e mais, da hostilidade que predomina entre os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino nesta fase. Isso porque, psicologicamente falando, a essência da fase de conservação do Self reside no fato de que o predomínio do elemento materno impede qualquer encontro individual e completo entre homem e mulher, Masculino e Feminino. Uma parte disso é a experiência que a mulher tem do homem e do Masculino como um padrão e um subjugador hostil, ou é idêntica a ela.

A fase de conservação do Self pode durar muito tempo, pois torna possível a existência humana saudável para a mulher e para o grupo. E ainda que esta fase deva ser encarada como positiva, em termos da preservação da vida, tem efeito negativo quando relacionada ao desenvolvimento da consciência, que é dificultado pelo poder

impressionante do inconsciente. Deste ângulo, a Grande Mãe aparece como aterradora e devoradora, não apenas como boa e protetora.

Em termos do desenvolvimento feminino, é claro, a possibilidade de que esta fase de conservação do Self possa durar muito tempo não significa que a mulher já não tenha chegado a um acordo com o Masculino e com os homens com os quais tenha vivido, desde o início, na mais íntima associação.

O fato de que uma mulher casada "moderna" que tem filhos e não parece necessariamente neurótica possa viver na fase de conservação do Self significa que, não perturbada por nenhuma *Auseinandersetzung*, ela existe num estado de ausência de tomada de consciência sobre a vida e sobre o viver com outra pessoa. Nesta fase, tudo lhe parece "óbvio e natural", o que, muitas vezes indica que ela está repleta de suas próprias idéias a respeito do caráter do Masculino do próprio marido, sem haver experienciado, como ego ou como indivíduo, o Masculino em geral e o marido em particular. Para a mulher, porém, a significação do Masculino transcende de muito seu relacionamento com o parceiro, e uma mulher cujo desenvolvimento está parado na fase de conservação do Self é, de maneira geral, um ser incompleto, mesmo que não se torne neurótica. O relacionamento externo e o relacionamento interno e com o Masculino — isto é, com o homem externo e com o princípio masculino em ação/dentro dela — constituem parte de sua inteireza do mesmo modo que um relacionamento com o Feminino externo e interno no caso do homem.

À parte sua significação para seu próprio desenvolvimento psicológico, a persistência da mulher na fase de conservação do Self tem também conseqüências negativas para a família dela. Isto porque as "fases" não são fantasmas abstratos de um passado histórico, mas antes

imagens de constelações inconscientes que estão em ação agora, como em épocas anteriores, sendo necessárias ao desenvolvimento da personalidade. Assim, por exemplo, a psicologia matriarcal do clã materno pode ainda ser dominante num casamento ocidental, patriarcal, e o tabu da sogra ainda trai sua vitalidade em incontáveis piadas a respeito da sogra, que expressam o fato de que a mãe da esposa ainda domina a filha e toda a família de aparência patriarcal da filha.

A significação negativa dessa fase encontra expressão um grande número de perturbações do casal, ou, de modo geral, em perturbações do relacionamento da mulher com o Masculino. A alienação em relação aos homens ou a hostilidade para com eles, que nela predomina, muitas vezes a impossibilita para um relacionamento interior com um homem, e torna-se desse modo uma fonte de frigidez, entre outras disfunções.

A restrição do interesse da mulher pelos filhos, que são considerados como o significado correto do casamento, pertence a esta mesma categoria. As doenças neuróticas infantis que surgem por meio desta constelação podem desaparecer nos estágios iniciais, se a mãe se tornar normal.

Mas a psicologia da mulher nesta fase também pode ser determinada por um relacionamento com o homem que é apenas sexual. Isto tem seu protótipo na ênfase no indivíduo fálico do sexo masculino encontrado no matriarcado e na psicologia das "amazonas" que daí decorre. Embora predomine o caráter puramente fálico, desconexo, lascivo, da sexualidade, o mito relata que as amazonas usavam os homens somente a fim de gerar crianças. Nestas constelações, as mulheres preservam a unidade do grupo das amazonas, enquanto se relacionam com o Masculino e com o homem como com algo estrangeiro, em parte hostil, em parte "inteiramente outro".

Entre os efeitos negativos desta fase, encontramos também uma situação na qual a mulher se experiencia masoquisticamente como sofredora, e conseqüentemente reduz o homem e o Masculino ao nível de meros sádicos. Muito freqüentemente, a constelação arquetípica do matriarcado está por detrás desta espécie de "perversão" que, num sentido mais geral, é característica de um grande número de mulheres. Mas precisamente esse traço "masoquista" torna-se compreensível somente em termos do próximo estágio do desenvolvimento da mulher, que designamos como "a invasão do uróboro patriarcal".

Neste nível, ainda prevalece a situação original, urobórica. Mas a intenção da acentuação do elemento masculino-patriarcal na expressão uróboro "patriarcal" é frisar que aqui se trata de uma questão de desenvolvimento na direção do patriarcado. Ora, a situação urobórica será superada e emerge o arquétipo do Grande Pai. No matriarcado — isto é, sob a hegemonia da Grande Mãe — o Masculino somente pode ser experienciado numa forma diminuída. O matriarcado vê o lado masculino do uróboro, que evidentemente é bissexual, como parte da Grande Mãe, como seu instrumento, auxiliar e satélite. O indivíduo do sexo masculino é amado enquanto criança e enquanto jovem, e usado como seu instrumento de fertilidade, mas continua integrado no Feminino e subordinado a ele, e seu ser masculino autêntico e seu caráter singular nunca são reconhecidos.[9]

Com a invasão do uróboro paterno, porém, algo completamente novo acontece com a mulher. Ela é tomada pelo poder desconhecido, avassalador, que ela experiencia como numinoso informe. Na história do desenvolvimento da consciência, o encontro com uma força anônima deste tipo é sempre uma experiência dos limites do ego, experiência essa encontrada não somente entre povos primitivos, mas também entre pessoas de consciência desenvolvida, por exemplo na sua experiência de misticismo[10] e de individuação. A experiência que o ego faz de seus limites, portanto, não significa somente que um ego primitivo, facilmente dissolvido, encontrou o numinoso na semelhança de sua própria falta de forma. Em fases de transição e em situações que transformam a personalidade — sempre que uma nova situação arquetípica é constelada e seja por quaisquer razões for — o arquétipo, como algo numinoso e indefinido, anônimo e transpessoal se confronta de maneira avassaladora com a consciência do ego. A consciência primeiramente reage, tanto na situação individual como no desenvolvimento coletivo, sentindo-se sobrepujada e derrotada. Só gradualmente é que ela cria novas formas de adaptação ao arquétipo que, no nível subjetivo, conduzem ao desenvolvimento, ao enriquecimento e extensão da consciência, e daí ao nível objetivo manifestam-se em fenótipos ou encarnações do numinoso cada vez mais diferenciados.

E assim o poder avassalador não apenas do numinoso anônimo, mas também dos numina e do nume, da divindade com uma figura masculina, pertence ao estágio urobórico paternal. Esse desdobramento começa no matriarcado com o aparecimento de grupos pluralistas de poder de caráter masculino, demoníaco, tais como os cabiros, os sátiros e os dáctilos, cuja multiplicidade ainda trai seu anonimato e sua numinosidade sem forma. Eles são seguidos por figuras de deuses fálico-ctônicos, que na verdade ainda são subordinados à Grande Mãe (como eram na Grécia, por exemplo, Pã, Posêidon, Hades

[9]Cf. Neumann, *Origens e história*, e *The Great Mother*.

[10]Cf. Neumann, *Kulturentwicklung und Religion* (U. d. M., vol I, 1953). Inclui " Mystical Man", Ej 1948 (trad. in PEY, vol. 6), "The Psychological Meaning of Rituals", Ej 1950 e "The Mythical Word and the Individual", Ej 1949 (trad. de R. T. Jacobson in *Quadrant* 14[1981]).

e o Zeus ctônico), mas que as mulheres podem experienciar como o uróboro patriarcal. Divindades típicas que aparecem como uróboro patriarcais são Dioniso e Wotan, assim como Osíris e, em outro nível cultural, Shiva, cuja forma transpessoal está envolvida por um anonimato palpável. Não apenas a maioria dessas figuras é venerada orgiasticamente como deuses da fertilidade, mas nos relacionamentos emocionais e extasiados da mulher ela experiencia as profundezas inimagináveis da própria natureza.

Para a mulher, a invasão pelo uróboro paterno corresponde a uma experiência inebriante de ser dominada, de ser tomada por um "penetrador arrebatador" que ela não experiencia pessoalmente em relação a um homem concreto, nem projetada nele, mas sim como um nume transpessoal, anônimo. A impessoalidade e o fato de se sentir dominada, indefesa, são constituintes essenciais da experiência neste estágio.

Na mitologia, encontramos este estágio representado nos relacionamentos da "virgem" matriarcal não com seu marido, mas com um deus que a domina, ora como nuvem ou vento, como chuva ou raio, ouro, lua, sol, e assim por diante, ou então como um falo numinoso em forma animal que penetra nela, seja como serpente ou pássaro, como touro, bode, cavalo etc. Realmente, incondicionado como é por qualquer coisa proveniente do mundo externo, o caráter arquetípico da experiência nesta fase é tão claro que devemos perguntar diante de qual experiência interior estamos aqui. Forças interiores inconscientes e conteúdos transpessoais cuja carga de energia excede grandemente a da consciência da mulher irrompem na personalidade com o surgimento do uróboro paterno. Porque o poder do inconsciente penetra e domina, a mulher o experiencia como algo Masculino que a arrebata, a toma, a traspassa e a transporta para além de si

mesma. Por conseguinte, o movimento do inconsciente sempre é percebido como numinoso e criativo, pois sua invasão "frutifica" e modifica a personalidade da qual se apossa.[11]

Esta experiência pleromática — pleromática porque uma divindade numinosa é experienciada em sua indeterminação informe, mesmo quando transitoriamente pode assumir alguma forma — enche a mulher de medo mortal. Um símbolo óbvio deste fato é o mitologema da morte-matrimônio, na qual a energia masculina como assaltante e raptor pode se tornar Hades, o deus da morte que rapta a mulher, como Coré, e a leva para seu reino.

Associado a esta enorme e arrebatadora presença ou força masculina, está o sentimento transpessoal de inadequação da mulher — isto é, um sentimento de inferioridade que tem aqui sua base impessoal arquetípica. Diante do Masculino, a mulher sente-se por demais pequena. Compreensivelmente, é como medo que ela experiencia sua incapacidade de conter dentro de si o falo inteiro da divindade.

Encontramos o Masculino como serpente, dragão e monstro em um grande número de ansiedades sexuais e comportamentos neuróticos da mulher que dificultam seu relacionamento com os homens. Entretanto, na entrega feminina de aceitação desta situação, e ao se deixar dominar, a mulher é levada à vitória sobre o medo, e sua ansiedade é transformada em embriaguez e orgasmo. Nesta transformação (cuja significação podemos apenas mencionar de passagem aqui), a figura de dragão do uróboro paterno assume, por exemplo, a aparência de um

[11]Não podemos entrar aqui na discussão da experiência da anima no indivíduo do sexo masculino, a qual, no caso de um homem criativo e religioso, é completamente análoga à experiência da mulher.

deus, e a afirmação de Heráclito prova que Dioniso e Hades são uma única e mesma figura nos mistérios.[12]

Tomada de profunda e total emoção pelo Masculino, a mulher supera o estágio de conservação do Self e chega a uma nova fase de sua experiência, a da entrega do Self. Muito embora também seja expressa por meio do corpo, sua profunda emoção orgiástica tem um caráter espiritual. Mas este caráter espiritual nada tem a ver com a lógica abstrata do espírito masculino, patriarcal; pertence a uma forma específica, feminina, de experiência espiritual que é muitas vezes associada ao símbolo da lua na mitologia.[13]

A conexão entre emoção espiritual e orgasmo físico é ainda expressa na mulher moderna; sua comoção espiritual pode ser tão intensa, por exemplo, com música, que ela pode atingir o orgasmo, e seu "entendimento" dos conteúdos espirituais pode estar ligado a sensações físicas. Isto significa que, falando simbolicamente, ela não entende com a cabeça, mas com o corpo inteiro; para ela, processos espiritual-emocionais e físicos estão unidos, de maneira bastante estranha para o homem mediano.[14]

Mas a relação com o uróboro patriarcal tem também efeitos negativos se a mulher fica presa nele. Em contraste com o estágio de "conservação do Self" no qual a mulher não experienciava o Masculino em sua autenticidade, o elemento novo nesta fase é a qualidade avassaladora do Masculino. Onde uma consciência do sexo masculino exigiria que a experiência fizesse seu efeito, por exemplo como "assimilação dos conteúdos que invadem a consciência", para a mulher, tanto o caráter arrebatador do acontecimento como o processo de trabalhar sua experiência do fato tornam-se mais difíceis para ela, pois o Masculino permanece numinoso, anônimo e transpessoal.

Uma tendência humana que trabalha inconscientemente rumo à formação da personalidade, que chamamos de "centraversão",[15] força a mulher — assim como força o homem — a passar por todas as fases necessárias ao desenvolvimento individual. E demorar-se em uma fase que deve ser atravessada significa uma regressão no que diz respeito ao desenvolvimento da personalidade.

As figuras positivas e negativas do uróboro patriarcal proporcionam um dos motivos essenciais de problemas que, no nível pessoal, a psicanálise descreveu como a experiência feminina do complexo de Édipo. Mas, freqüentemente, o complexo de Édipo é apenas "secundariamente personalizado",[16] vale dizer, e a expressão do primeiro plano de uma constelação arquetípica. Freqüentemente a relação com o uróboro patriarcal está por detrás da fantasia do incesto com o pai pessoal, mas a imagem arquetípica com a qual a mulher experiencia a ligação vai além dos traços do pai pessoal, e muitas vezes os exclui completamente. Mas ser mantida cativa pelo uróboro patriarcal — como uma constelação arquetípica — não se restringe à psique da criança; pelo contrário, permanece um problema contínuo também para a mulher adulta que não superou esse estágio.

Uma das formas características pelas quais o uróboro patriarcal atua como um perigo — mas absolutamente não o único — é o do espírito-pai fascinante. As ações

[12]Heráclito de Éfeso, fr. 15, in K. Freemann, *Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers,* 1948.

[13]Ver abaixo, Ensaio II, "A Lua e a Consciência Matriarcal".

[14]Por outro lado, muitas evidências atestam que, tanto para o bem como para o mal, a pessoa criativa é mais agudamente consciente de sua dependência do corpo do que a pessoa comum. Não há dúvida de que isso se deve a um maior grau de sensibilidade e a uma consciência mais aguda de processos intimamente ligados. Mas, mesmo aqui, consistente com seu desenvolvimento, a consciência patriarcal tem tendência a começar como se fosse livre e a negar sua dependência de processos do inconsciente e do corpo.

[15]*Origens e história,* Index, s. v. centroversão.

[16]Ibid., s. v. complexo de Édipo.

desta forma fazem uma constelação da figura da "filha do pai eterno", isto é, uma mulher que, como virgem, permanece vinculada ao espírito-pai sob forma visível ou invisível. A mulher como profetiza e como freira, como "gênio" ou "anjo" pode ser uma expressão de sua fixação nesta fase arquetípica na qual ela se relaciona por meio de uma conexão intuitiva a uma força espiritual transpessoal, cuja magnitude transpessoal aparece quer dentro de uma estrutura religiosa como a divindade, quer personalizada como o grande homem poeta, visionário, poeta etc., a quem a mulher está vinculada. Neste caso ela vive como a "anima" do homem, isto é, como sua inspiradora, e conseqüentemente pode perder o direito à vida pessoal, que também tem qualidades terrenas, maternais e outras que deveriam ser desenvolvidas. Ela "vive acima de seus meios" e é inflada;[17] é identificada com uma figura arquetípica feminina que excede de muito seus limites meramente humanos e que, como Sophia, é a parceira do Espírito-Pai. Uma variante desta constelação é a "mulher sem sombra"[18] que é infecunda porque se desligou de seu lado terreno, de seu lado sombra.

A constelação permanece um componente intoxicante no relacionamento da mulher pequena com o grande indivíduo do sexo masculino, e portanto uma certa infantilidade e um certo sentimento de filha nunca é superado. Quando o cativeiro intuitivo no uróboro patriarcal leva à perda da terra — isto é, a uma perda do relacionamento com a realidade concreta — o Espírito-Pai freqüentemente aparece como um feiticeiro que fascina negativamente a mulher e a mantém prisioneira. Simultaneamente, porém, a hostilidade da Grande Mãe faz uma aliança com o

[17]Jung, "As Relações".

[18]Ver Hugo von Hofmannsthal, *Die Frau ohne Schatten* 1919, libreto, mais tarde reescrito como narrativa em prosa.

cativeiro da mulher no uróboro patriarcal e com a concomitante perda de sua conexão com a terra.

O desenvolvimento necessário do estágio de conservação do Self, vinculado à mãe, para a entrega do Self ao uróboro patriarcal inclui também um curto grau de hostilidade para com a mãe, pois a transição para uma nova fase sempre tem de lutar com a resistência da fase a ser superada, uma resistência determinada pela inércia da psique. Conseqüentemente, o poder tenaz da mãe, que agora parece terrível, trabalha contra a transição para o uróboro patriarcal. Mas, como todas as resistências correspondentes que surgem em virtude do arquétipo da fase a ser superada, isto não conduz à doença, e sim ao conflito. Todavia, se uma fixação caracterizada pelo predomínio do uróboro patriarcal se desenvolver nesta fase, aparece agora, juntamente com a figura negativa do pai como feiticeiro, também uma forma negativa da Grande Mãe, que se vinga da traição da filha. A figura da Grande Mãe regride à da bruxa mitológica que, por exemplo, em contos de fada, lança um encantamento na filha e a aprisiona.

Na fase da conservação do Self, a mulher pode funcionar plenamente de maneira feminina e natural, dominada pelo vínculo com a mãe, com o inconsciente e o corpo. Com a invasão do uróboro patriarcal, ela entra não somente numa nova fase de experienciar a si mesma como mulher, mas chega à experiência do espírito. Mas, caso se enquadre no uróboro patriarcal, torna-se possuída pelo espírito, e tão alienada de si mesma que perde até mesmo seu relacionamento físico com sua feminilidade.

Para a mulher, o vínculo positivo com a Grande Mãe também é sempre o pré-requisito psicológico para se tornar mãe, ser fértil e ter um relacionamento saudável com o próprio corpo e com a terra. Por outro lado, afastar-se da Grande Mãe leva à incapacidade de desenvolver as qualidades maternais e frutíferas de sua natureza femi-

nina, e, conseqüentemente, aos sintomas típicos de histeria de afastamento do corpo, e de fato, até mesmo de esterilidade.

Freqüentemente a possessão neurótica da mulher pelo animus é a expressão de sua incapacidade de diferenciar entre o Self e o Masculino. A mulher torna-se vítima de sua tendência à identificação e se aliena da sua própria natureza ao superdesenvolver o lado masculino, o lado do animus. Esta identificação com o espiritual e o Masculino pode encontrar expressão em conflitos verdadeiramente trágicos. Ao se identificar com o Masculino transpessoal que toma o lugar da entrega e devoção autêntica, a mulher abdica da própria natureza de terra,[19] e torna-se, desse modo, uma vítima indefesa dos poderes masculinos. Este perigo, que pode até levar à psicose, é também ocasionado pelo fato de que na sua entrega extrema ao Self, a mulher nunca chega ao ponto de assimilar o lado masculino que vive não somente em seu parceiro, mas também na sua própria psique, e, conseqüentemente, nunca desenvolve uma personalidade autônoma de direito próprio.

A natureza concedeu o apogeu ao mistério do feminino no relacionamento primal e na gravidez, um apogeu que ocasionalmente acontece mesmo sem consciência e mesmo que não seja expresso em ritual; o mistério masculino é o feito e algo a ser merecido.[20]

Muito embora a descoberta do Self da mulher como feminino seja uma condição original em contraste com a experiência masculina, a mulher que quer se tornar consciente deve também chegar à experiência da alteridade e dissolver sua totalidade original. Caso contrário, continuaria a ser "apenas" ela mesma, e nunca experienciaria o masculino, o lado consciente de sua personalidade, e seu desenvolvimento humano.

[19]Nesta acepção, considerar o problema do "espírito negativo" em meu "The Mythical Word and the Individual" (ver acima, n.10).

[20]*Origens e história*, especialmente a primeira parte "Os Estágios Mitológicos da Evolução da Consciência".

Quando falamos de consciência, queremos dizer uma consciência centralizada no ego e amplamente separada do inconsciente, cujo desenvolvimento arquetipicamente masculino, independente, apresentamos em outra parte. Mas sua forma — que tem se manifestado na consciência patriarcal, a base do pensamento científico ocidental — é um caso extremo. Ao lado dela, encontramos transições vivas entre o inconsciente e o consciente tais como a consciência matriarcal, especialmente característica para as mulheres.[21]

Para as mulheres, o relacionamento com o todo normalmente nunca é completamente substituído pela capacidade de relação consciente. Além de identificar seu ego com o ponto médio da consciência, a mulher sempre experiencia o Self do sexo feminino — que representa um ponto de vista que engloba a totalidade da psique — como poderoso e convincente num nível de sensação, ao passo que o indivíduo do sexo masculino identifica mais plenamente o ego à consciência e sua percepção do relacionamento primal recai em grande parte no inconsciente.

Conseqüentemente, a tendência masculina leva da dissolução dos vínculos do relacionamento primal a um estabelecimento do Masculino arquetípico como o elemento autêntico dele. Por contraste, o desenvolvimento feminino, ao se afastar do relacionamento primal, rumo à consciência, ocorre inicialmente por meio do "Tu" do sexo masculino, que desempenha o papel de consciência redentora para a mulher, quer seja experienciada de maneira impessoal ou transpessoal, interna ou externamente.

[21]Ver abaixo, ensaio II.

Portanto, na vida da mulher, o relacionamento com o Masculino é decisivo, mas de um modo diferente do relacionamento do homem com o Feminino. Com exceção de certas vicissitudes modernas, o desenvolvimento da mulher e sua assimilação à cultura estão muito intimamente ligados ao Masculino arquetípico. A filiação à forma patriarcal de nossa cultura permitiu que a mulher se separasse do estado natural no relacionamento primal e levou a seu relacionamento com o Masculino como pai e marido, animus e guia.

Exagerando: para a mulher, o Masculino caracteristicamente impele para diante; para o homem, as características do Feminino retêm. (Ambos encontram expressão no processo de individuação na segunda metade da vida.) Para a mulher, o Masculino significa redenção da consciência. A carência aparentemente maior da mulher no relacionamento com um homem e com o Masculino, e a independência aparentemente maior do homem para com a mulher e o Feminino estão relacionados com esta situação básica, mesmo se a projeção do Masculino da mulher sobre um homem desempenha um papel mais importante no desenvolvimento de sua consciência do que o próprio homem.

Embora a consciência da mulher seja diferente, em natureza e ênfase da consciência do homem, a mulher é forçada à alienação do Self a serviço do desenvolvimento da consciência. É compelida a desenvolver também o lado Masculino, sem o que não é possível a realização cultural.[22]

No protótipo mitológico de processos psicológicos, a libertação do Feminino em relação ao poder do uróboro

[22]Jung, "As Relações"; Emma Jung, "On the Nature of the Animus", in *Animus and Anima* (Analytical Psychological Club of New York, 1957); M. Esther Harding, *The Way of all Women* (New York, 1933).

patriarcal é tarefa do herói, que deve resgatar do dragão a virgem capturada. Em contraste com o uróboro patriarcal, o Masculino arquetípico agora aparece sob forma individual e pessoal, conduz o Feminino — como mulher ou como anima libertada dos poderes do uróboro paterno e materno — ao seu próprio domínio, o domínio do patriarcado.

Além dos incontáveis exemplos dos contos de fada de todos os povos, encontramos esta constelação mitológica, por exemplo, na história da vitória de Perseu sobre o dragão e na história da libertação de Andrômeda ou na libertação de Brunilda por Sigeufredo. No último caso, o poder impressionante é caracterizado por dois símbolos. Um é Wotan, que como uróboro patriarcal fascina sua prisioneira; o outro é o *Haberlohe*, o muro de chamas, que, como círculo urobórico, cerca Brunilda adormecida, e que o herói deve transpor.

O herói, o Masculino libertador, é tanto uma força "externa" como uma força "interna". Isto significa que o processo pode percorrer um trajeto no qual um homem e parceiro "verdadeiro" assume o papel libertador da luz da consciência e dissolve a velha forma de cativeiro no inconsciente ou, como alternativa, pode ser um Masculino "interior", uma força de consciência na própria mulher, cujo ato de libertação tem êxito. Normalmente, ambos acontecem de modo simultâneo, na medida em que a própria qualidade interior da mulher de consciência arquetipicamente masculina é projetada primeiramente sobre um homem externo. Mas em qualquer caso, para o ego da mulher este "agente" masculino aparece como algo "externo", "mais forte" e independentemente autônomo. O ego feminino tem a absoluta, e em certo sentido, correta, convicção de que não pode realizar este ato com a força do "próprio ego", e de que depende da ajuda do poder Masculino arquetípico para a "abrir" psiquicamente na

morte-matrimônio com o uróboro patriarcal e fisicamente no seu casamento real com um homem, de modo que também a sua libertação para a consciência está presa à pessoa do herói. Somente em formas posteriores e mais elevadas de desenvolvimento é que esta força arquetipicamente masculina pode ser experienciada e conhecida pelo que é, como algo interior, a tal ponto que a mulher atinge a "autonomia", isto é, uma relativa independência de seu parceiro externo.[23]

Na transição da fase do uróboro patriarcal para a do patriarcado, o herói masculino parece portanto ser necessário e um passo à frente para o desenvolvimento da consciência. O desenvolvimento da consciência apresentado em *As origens e a história da consciência* ocorre dentro de uma tensão de opostos criada pelo ego e pelo inconsciente, por cujo intermédio o ego pode se fortalecer, o sistema consciente pode ser formado, e a esfera pessoal pode ser delimitada da esfera impessoal. É por esse motivo que neste confronto há uma desvalorização do Feminino arquetípico, o qual, do ponto de vista masculino, parece estar vinculado e identificado aos poderes do inconsciente. O desdobramento patriarcal da mitologia da lua para a mitologia do sol — assim como a mudança de posição do Feminino como deusa por meio de quem a terra e a fertilidade das coisas vivas estão abrigadas, para a outra, como esposa, que governa somente o mais estreito círculo familiar, bem como a mudança, do predomínio do indivíduo do sexo feminino no grupo, para o Estado masculino — não pode ser conseguido a menos que o Masculino acentue negativamente o Feminino.

Mitologicamente este processo corresponde à fase da batalha entre o herói e o monstro devorador urobórico; sociológica e politicamente, é expressa no desenvolvimento de uma cultura patriarcal e leva, no desdobramento do relacionamento entre homens e mulheres, ao casamento patriarcal como a base da família e da vida patriarcal.

[23]Ver abaixo, pp. 57s.

A linha patriarcal do desenvolvimento da consciência leva a uma condição na qual os valores masculino-patriarcais são dominantes, valores esses freqüentemente concebidos em oposição direta aos do Feminino arquetípico e do inconsciente. Este desenvolvimento, dirigido pelo cânone cultural arquetipicamente condicionado e impresso no desenvolvimento de cada criança nas culturas ocidentais, leva à separação entre consciência e inconsciente, à evolução do sistema consciente independente com um ego masculino como seu centro, à supressão do inconsciente e a sua maior repressão possível do campo de visão do ego.

Estamos empregando "patriarcal" e "matriarcal" como termos psicológicos que devem ser aplicados apenas secundariamente a condições políticas, esferas de influência etc. Por conseguinte, uma cultura "patriarcal" e seus valores estão em oposição aos valores e atitudes válidos para uma consciência "matriarcal", que é, ela própria, uma forma "primária" de toda consciência e cuja representante preferida é a mulher. Neste sentido, é um passo à frente no desenvolvimento quando uma consciência patriarcal substitui uma consciência matriarcal. Mas quando se sabe das fraquezas e perigos psicológicos da cultura patriarcal, cuja forma extremada no Ocidente contemporâneo levou a uma crise que colocou em perigo a humanidade inteira, se evitará o erro de encarar a "consciência matriarcal" como apenas um legado arcaico e o Feminino arquetípico como "relativamente não-desenvolvido".

Entretanto, podemos penetrar o complexo problema da consciência ocidental moderna na sua forma patriarcal somente quando tivermos reconhecido a necessidade

do desenvolvimento da consciência ao "extremo patriarcal" e sua oposição à consciência matriarcal. Somente então podemos também captar a significação daquilo que, simbolicamente descrito como psicologia "masculina" e "feminina", determina o desenvolvimento normal, bem como o anormal, de pessoas modernas de ambos os sexos.

Como discutimos no ensaio seguinte, para a mulher a figura central da consciência matriarcal é o uróboro patriarcal como lua que a compele à entrega do Self, isto é, à sua renúncia à conservação do Self no relacionamento primal com a mãe. Mas enquanto esta entrega do Self traz a mulher à sua própria experiência de um nível profundo do Feminino, "a libertação da cativa pelo herói", a libertação do domínio do uróboro patriarcal pelo homem, coloca novamente em perigo sua essência, apesar de ser um desenvolvimento necessário. Este é o perigo da perda do Self.

Independentemente de o patriarcado ser primitivo ou altamente civilizado, quando a mulher é integrada nele e subordinada aos seus valores, o indivíduo do sexo masculino torna-se para ela o representante da consciência e do desenvolvimento da consciência. Isso dá ao homem uma preponderância psicológica que determina o "fenótipo"[24] do casamento patriarcal tanto quanto determina o lugar da mulher na vida.

O casamento na era patriarcal, que, em nome da brevidade chamaremos "casamento patriarcal", engloba inúmeras situações psíquicas nas quais os sexos se relacionam entre si. Sob a falsa aparência de formas patriarcais, uma multidão de complicações emocionais está escondida nesses casamentos, complicações essas que se encontram na raiz de um grande número de dificuldades modernas no casamento e na criação dos filhos.

[24]Neste contexto, fenótipo refere-se à aparência exterior, em contraste com "genótipo" que designa a verdadeira estrutura psíquica.

O fato de que as variedades do casamento patriarcal vêm preservando sua forma há milênios prova que, de certa maneira, oferecem modos de vida emocionalmente viáveis tanto para homens como para mulheres. Muito embora o casamento patriarcal represente um perigo considerável para o desenvolvimento da mulher, as chances que ela tem de realizar suas necessidades interiores dentro dele — mesmo que secretamente — são suficientemente grandes. Por esta razão, a forma patriarcal de casamento não foi obviamente abalada até os tempos modernos. Com bastante freqüência, porém, acontece que, examinado mais de perto, vemos que a aparência patriarcal constitui apenas a forma externa, por assim dizer, a *persona*, de um casamento por detrás do qual estão ocultas formas de relacionamento marital que se desviam do patriarcado ou se opõem diretamente a ele.

O casamento patriarcal é uma solução coletiva na qual o homem e a mulher, o Masculino e o Feminino, se unem num estado no qual cada um ampara o outro, de modo que conseguem uma simbiose que constitui a coluna vertebral da cultura patriarcal. A preservação desta instituição mais transpessoal — isto é, a da cultura patriarcal, e a segurança do indivíduo nela inserido — ergue-se como um significado transpessoal acima do relacionamento das partes envolvidas. Mitologicamente, a estabilidade da cultura patriarcal está refletida no relacionamento do céu e da terra em sua interdependência mútua, cuja certeza serve de garantia para a existência continuada do mundo. Espera-se que os parceiros no casamento correspondam a esta constelação: o homem simboliza o céu ou o paraíso e a mulher, a terra, como não apenas o mito, mas também o rito revelam claramente em inúmeros costumes referentes ao casamento. A fim de fazer esta identificação simbólica, ambos os parceiros devem renunciar à sua bissexualidade psicológica natu-

ral, cuja existência em versões modernas é mostrada, entre outras coisas, pelo fato de que o lado feminino do homem se constela como anima, e o lado masculino da mulher, como animus.[25] A identificação do indivíduo do sexo masculino com a estrutura da consciência e do ego, que deixa seu lado feminino inconsciente, facilita psicologicamente esta espécie de unilateralidade.

A conexão do homem com a mulher é agora determinada de maneira característica: a consciência *puramente masculina* dele se relaciona somente com a feminilidade da mulher em quem ele projeta sua feminilidade inconsciente sob a forma de anima. Do mesmo modo, a mulher se relaciona conscientemente como *puramente feminina* com a masculinidade do homem e projeta nele seu próprio lado masculino inconsciente sob a forma de animus. O fato de esta divisão de papéis aparecer no mito significa que o cânone cultural patriarcal, segundo o qual todo menino e toda menina são criados, coloca numa posição central e dá uma honra especial a esta limitada amplitude dos modos possíveis de relacionamento. Este alicerce sagrado, arquetípico, confere às instituições sociais erigidas de acordo com ele a inviolabilidade óbvia necessária à sua existência contínua. Isso significa que um homem "feminino" e uma mulher "masculina" — contrários à verdadeira estrutura psíquica de um sem número de indivíduos — são agora vistos como formas repulsivas de existência humana que são suprimidas logo de início, e esses indivíduos lutam para esconder o melhor que podem suas próprias naturezas desviantes.

O resultado desta situação coletiva é uma polarização do Masculino e do Feminino, homem e mulher, que parece criar uma situação inequívoca. Este caráter inequívoco conduz à sensação de segurança que diz respeito

[25]Jung, "As Relações".

à orientação da consciência na cultura patriarcal, na qual Masculino = homem e Feminino = mulher, e que exige como seu ideal que homem e mulher se identifiquem em termos desta inequivocabilidade.

Esta estrutura simbiótica constitui o fundamento da família e da cultura patriarcal, pois garante não apenas segurança e inequivocabilidade, mas também uma tensão inerentemente fértil dos opostos entre Masculino e Feminino, homem e mulher. Entretanto, graças a esta situação coletiva que parece ter sido originalmente suportável para um número relativamente grande de pessoas, todos estes componentes da natureza "bissexual" do indivíduo que não correspondem ao tipo ideal requerido são reprimidos ou suprimidos. Mas isto significa que todos estes componentes geram uma crescente tensão no inconsciente e, de modo semelhante, aos elementos de sombra reprimidos pela moralidade predominante[26] constituem as "reservas" psíquicas potenciais que, caoticamente, dão forma aos acontecimentos em tempos de tumulto e revolução.[27]

Quando, porém, um grande número de pessoas já se desenvolveu em direção à individuação, a tal ponto que já não pode suprimir o caráter "equívoco" de sua natureza humana em favor de um ideal coletivo baseado no arquétipo, acontece uma crise no casamento patriarcal e na estrutura patriarcal da cultura.

Mas, em qualquer caso, a simbiose cultural do casamento patriarcal atua de maneira muito menos favorável para o Feminino e as mulheres do que para o Mascu-

[26]Newmann, *Depth Psychology and a New Ethic.*

[27]O papel significativo que homens e mulheres "perversos" desempenham em revoluções, insurreições etc., deriva destes tipos na periferia da sociedade patriarcal, seus companheiros de viagem com grande reserva de poderes suprimida. Inumeráveis exemplos podem ser encontrados nas Revoluções Francesa, Nazista e Russa. Evidentemente, não deixaríamos de reconhecer o caráter muitas vezes heróico e positivo do revolucionário por esta razão.

lino e os homens. Em virtude da circunstância de as mulheres serem compelidas a abraçar uma feminilidade inequívoca, enquanto os valores da consciência numa cultura patriarcal são masculinos, elas permanecem não-desenvolvidas neste âmbito e dependem da ajuda dos homens. Mas é por isso que os homens se consideram superiores e vêem as mulheres como inferiores.

Os efeitos negativos do patriarcado para o Feminino e para as mulheres constituem um círculo vicioso no qual os homens (forçosamente) limitam as mulheres ao campo estritamente feminino, mas com isso a impossibilitam de participar autenticamente da cultura patriarcal e a obrigam a aceitar um papel no qual ela é considerada segunda colocada e inferior. Mas os homens baseiam sua justificação da desvalorização da mulher e do Feminino, e as mulheres baseiam sua suposta "inferioridade natural" no fato de que esta atitude coloca a mulher em um papel no qual o homem tem de tratá-la como se ela fosse uma sua filha menor de idade. Uma situação destas não pode ter senão conseqüências catastróficas para a criança do sexo feminino, que tem de acabar aceitando estes valores patriarcais, bem como a desvalorização de seu próprio Eu. A oração matinal diária do judeu que agradece a Deus por não ter nascido mulher, assim como a psicologia de Freud, baseada na "inveja do pênis", são expressões extremadas desta situação patriarcal e do perigo ao qual o Feminino e as mulheres estão expostos na simbiose cultural do patriarcado.

Mas onde esta simbiose de fato atua e a mulher no patriarcado suprime a própria natureza ou renuncia a ela, a mulher torna-se prisioneira e seu casamento acaba por ficar semelhante a um harém. Psicologicamente, isto significa que, neste tipo de casamento, não apenas sua consciência patriarcal continua não-desenvolvida, mas também que ela renuncia à consciência matriarcal que

lhe é específica como mulher, pois não corresponde aos valores patriarcais, ou se opõe a eles. A identificação com os valores patriarcais que ela não adquiriu por esforço próprio, mas apenas repete como um papagaio, leva a uma indolência e a uma danificação da consciência e coloca em risco o desenvolvimento psicológico da mulher. Ela continua numa forma de psicologia "filial" sob o protetorado do patriarcado, uma forma na qual o indivíduo do sexo masculino carrega a projeção do arquétipo do Pai, e a mulher permanece subordinada a ele, infantil e filial.

A despeito de estar correndo risco, esta mulher filial não é a pessoa criativa que emergiu no relacionamento com o uróboro patriarcal. No mundo patriarcal, os homens e o Masculino atribuem a si próprios as qualidades paternais e maternais; o homem dá segurança à mulher; ele é não apenas o gerador e portador do espírito ou da consciência, mas também o protetor e o provedor.

É desse modo que a esposa patriarcal sofre a limitação, na verdade, a atrofia do Feminino. Deixar para trás os estágios anteriores — relacionamento primal com a Grande Mãe, que constituiu a base do senso feminino do Eu, e o uróboro patriarcal, que estabeleceu o relacionamento dela com o campo transpessoal — é significativo na medida que garantir a interação viva, dinâmica, de forças que constituem o desenvolvimento progressivo. Mas fazer da mulher uma prisioneira do patriarcado detém o desenvolvimento ulterior. Sua vida e seus interesses são reduzidos àquilo que é meramente pessoal, de fato, ao mais estreito campo material; e agora, repetindo como um papagaio as palavras dos homens, surge uma psicologia do "animus", um sintoma de que ela caiu sob o poder do homem e do Masculino, que indica deterioração, em lugar do poder gerador matriarcal inerente ao Feminino e à mulher.

Mas, a despeito de tudo isto, temos de falar de uma simbiose cultural do patriarcado, pois, quando analisamos mais profundamente a situação, encontramos a imagem do poder do homem e do Masculino, compensada por uma inversão de longo alcance da "relação de poder".

A dominação externa por parte do homem e de sua psicologia encontra seu complemento na projeção da anima do homem sobre a mulher e na regressão que acompanha esta "perda de alma". Na situação patriarcal, a anima, a figura simbólica dos poderes do sexo oposto, arquetipicamente femininos da psique no próprio homem — é reprimida para o inconsciente; mas esta espécie de constelação conduz necessariamente à projeção do elemento reprimido (isto é, a anima) sobre o mundo exterior, o qual, neste caso, é a mulher. Deste modo, o homem "perde" a alma, e, por conseguinte, se perde inconscientemente para a mulher. Esta perda torna o homem emocionalmente infantil, taciturno, instável, suscetível, dependente da mulher em termos dos próprios sentimentos.[28]

Uma constelação deste tipo leva ao predomínio da Grande-Mãe, isto é, à regressão a um estágio anterior de consciência — no qual o homem se relaciona com a mulher como criança ou amante juvenil e vigoroso.

Tal situação se manifesta de diferentes formas no introvertido e no extrovertido. No nível mais baixo, esta perda de alma transforma o homem em um marido dominado pela mulher, que vive com ela como se ela fosse sua mãe, de quem ele é dependente em todas as coisas referentes a emoções e vida interior. Mas até mesmo o caso relativamente positivo, no qual a mulher é a senhora do domínio interior e mãe do lar que, simultaneamente, tem de lidar com todas as perguntas e problemas do homem ligados a emoções e vida interior, até isso leva a uma falta de vitalidade emocional e a uma unilateralidade estéril no homem. Ele descarrega somente os assuntos "externos" e "racionais" da vida, profissão, política etc. Por causa da perda da alma, o mundo que ele modelou torna-se um mundo patriarcal, que, por ser desalmado, representa um perigo sem precedentes para a humanidade. Neste contexto, não podemos nos aprofundar ainda mais na importância de um desenvolvimento completo do potencial feminino arquetípico para uma nova, futura sociedade.

Esse tipo de reversão no relacionamento psicológico de poder e dependência entre homens e mulheres com certeza pode ocorrer por detrás da fachada do casamento patriarcal e dentro de uma simbiose cultural "bem sucedida". Realmente, a força da simbiose patriarcal só faz se tornar maior por meio desta espécie de entrelaçamento inconsciente entre homem e mulher. Com extraordinária freqüência, a esposa inteligente sabe como esconder sua ditadura dos olhos do mundo e, com certeza, dos olhos do marido. Pois quanto mais patriarcal e tirânica for a persona de seu marido, mais ele é regido de dentro pela anima.[29] No patriarcado, todas as vezes que uma mulher que não a esposa carrega a projeção da anima que rege o homem — e se essa mulher não pode ser incluída na estrutura patriarcal que, na verdade, é fundamentalmente poligâmica tanto oficial quanto não oficialmente — segue-se a dissolução do casamento patriarcal estável, juntamente com uma transição para um estágio superior, mais complicado e mais consciente do relacionamento homem-mulher.

Uma outra forma pela qual os homens perdem a alma para o Feminino e para a mulher dentro da simbiose patriarcal é expressa de maneira um tanto oposta na ade-

[28]Jung, "As Relações".

[29]Ibid.

são fanática dos homens ao patriarcado que desvaloriza continuamente o Feminino. Assim o homem se relaciona tiranicamente com a mulher, até o ponto do sadismo sexual e do despotismo patriarcal, de modo que a mulher, como é típico sob a lei patriarcal, já não existe por direito próprio, mas é propriedade do homem. Mas, mesmo nesta situação, a dependência psíquica do indivíduo dominante do sexo masculino em relação à mulher que ele domina ronda no pano de fundo. A dependência masculina se expressa, por exemplo, no predomínio do arquétipo da mãe, arquétipo esse que pode freqüentemente ser demonstrado no predomínio da mãe pessoal ou da esposa como mãe dos filhos, como no casamento patriarcal judaico. Muito embora à primeira vista possa parecer paradoxal, uma outra forma pela qual o arquétipo da mãe pode dominar o homem se manifesta como a dependência dele em relação à mulher como objeto sexual. Pois o fato de ele ser dominado pelo sexo corresponde ao domínio da Grande Mãe sobre o filho-amante, o qual na verdade é para ela um instrumento que serve os objetivos coletivos da espécie.[30]

Visto que a simbiose patriarcal está baseada numa cisão — isto é, no isolamento de uma consciência unilateral do inconsciente que se opõe a ela — aqui também surge o perigo de doença psicológica. Enquanto a pessoa que estiver correndo perigo continuar a ser monopolizada e mantida cativa por uma solução coletiva — por exemplo, pelos valores do cânone cultural patriarcal —, o perigo é coletivamente minorado. Isto acontece de acordo com a ética antiga graças à ajuda da psicologia do bode expiatório,[31] a qual, neste caso, leva culturas patriarcalmente

[30]Em seu aspecto transpessoal, o complexo de mãe de Don Juan é um exemplo disso. Ver o capítulo "A Grande Mãe" in *Origens e história*, pp. 19-101.

[31]Neumann, *Depth Psychology and a New Ethic*.

informadas, tais como a judaico-cristã, a muçulmana e a hinduísta, a "reconhecerem" o Feminino e as mulheres como o mal. O Feminino e as mulheres são portanto suprimidos, escravizados, externamente eliminados da vida, ou até mesmo, como em julgamentos de feiticeiras, perseguidos e levados à morte como portadores do mal. Apenas o fato de que o homem não pode existir sem a mulher dificultou o extermínio, sob outros aspectos tão popular, deste "mau" grupo de seres humanos que tem de carregar a projeção do inconsciente pernicioso.

Quando uma avaliação coletiva como a patriarcal já não pode persistir em virtude da individualização progressiva da humanidade, tampouco é possível a psicologia coletiva do bode expiatório. Enquanto outrora a mulher era considerada a raiz de todo o mal humano e terreno, hoje em dia dificilmente alguém a considera a causa da Guerra Mundial. Agora a mente coletiva considera idéias ou imagens como agentes, como forças do destino. Culpa o capitalismo ou o bolchevismo por todos os nossos males, culpa a religião ou a falta dela, as condições sociológicas ou as constelações astrológicas, isto é, as condições na terra ou nos céus — chamadas, por exemplo, "os tempos", mas nunca a realidade do indivíduo.

Mas se persiste uma cisão psíquica, e nenhuma solução coletiva pode superá-la, ela deve ser experienciada individualmente em maior grau do que outrora e levar a doenças individuais — a neuroses. A presença de neuroses é freqüentemente a indicação de que estamos lidando com uma pessoa cujo desenvolvimento individual já não se encaixa no padrão antigo, coletivo, e que, conseqüentemente, adoeceu ou é compelida a encontrar novas formas de relacionamento.[32]

[32]Vice-versa, a incapacidade do indivíduo de se adaptar ao cânone moderno de valores coletivos pode levar a uma doença "atávica".

A mulher que é privada da própria vitalidade intelectual ou espiritual por meio da projeção do seu animus sobre o indivíduo do sexo masculino na simbiose patriarcal regride aos estágios pré-patriarcais do desenvolvimento psíquico. Isto pode levar, caracteristicamente, a um reforço do arquétipo da mãe na mulher e à identificação da mulher com ele. O relacionamento primal de Deméter e Coré é revivido, e se ela própria não for capaz de assumir o papel de mãe, o caráter do casamento supostamente patriarcal é determinado pela família da esposa. No caso extremo, a sogra do homem — a mãe de sua esposa — assume o controle. Mas na situação matriarcal, o irmão por parte de mãe, como a verdadeira autoridade, pode também governar a vida da irmã, mais do que o marido.

Uma outra forma de regressão é o retorno ao uróboro patriarcal. Em nível pessoal, isto se manifesta como um aumento de força da imago do pai à qual a mulher retorna. Por exemplo, após um breve período durante o qual o marido é forçado a desempenhar o papel patriarcal-paternal, os valores, opiniões e atitudes do pai da mulher tornam-se novamente decisivos para ela e minam o relacionamento dela com o marido. Para outro tipo de mulher ou outro nível de desenvolvimento, o uróboro patriarcal pode ser projetado sobre um conteúdo transpessoal. O relacionamento pessoal da mulher com o marido pode ser completa ou quase completamente reduzido a nada quando ela empenha sua fidelidade a um movimento, grupo, seita, grande homem, ou algo afim, ou fica fascinada por eles. Embora ela freqüentemente mantenha contato com os filhos, em casos extremos esses relacionamentos também podem desmoronar, em virtude de sua regressão. Quando isso acontece, o dragão da regressão conseguiu devorar-lhe "corpo e alma", uma expressão que caracteriza adequadamente tal situação arquetípica.

Complicações que surgem da simbiose patriarcal, e as tentativas para escapar desta situação coletiva e chegar a soluções e relacionamentos individuais provocam um número não desprezível de problemas matrimoniais modernos. Antes de delinearmos fases adicionais, mais individualizadas, do desenvolvimento da mulher, vamos analisar um sonho que ilustra como foi constelado o problema do cativeiro de uma determinada mulher moderna no patriarcado.

O sujeito do sonho, uma mulher judia na primeira metade da vida, que vivia em Israel, conheceu um árabe que queria se casar com ela e lhe prometeu uma vida magnífica, com a condição de que ela renunciasse à sua religião. Depois de algumas dúvidas, ela concordou e começou a viver uma vida paradisíaca no palácio do árabe. Mas aquela vida no paraíso era perturbada por um fenômeno que assim era descrito pelo sonho dela: Todas as noites, uma coruja aparecia e despedaçava uma águia. E todas as manhãs, ela era obrigada a ver os despojos da águia, pregados na parede. O sonho terminou quando a mulher começou a escrever uma carta à avó, na qual pedia desculpas por haver renunciado a sua religião.

Vamos tentar interpretar este sonho. O casamento da mulher com o árabe criou uma situação na qual o relacionamento dela com o homem era conforme exclusivamente ao princípio do prazer, de maneira infantil e impessoal. A mulher pagou por esse paraíso sensual do inconsciente com a renúncia à sua religião.

Uma vez que a sonhadora não era religiosa, o sonho não parecia estar tratando de algo essencial de que ela houvesse desistido. Mas abandonar o lado dela mesma que a diferenciava do árabe não deixava de ter conseqüências. O drama que estava sendo encenado aconteceu num nível mais profundo e impessoal, entre poderes, que, de início, pareciam nada ter a ver com a consciência e a

vida da sonhadora. Todas as noites, uma coruja estraçalhava uma águia. A águia é um símbolo arquetípico masculino do sol, dos céus e do espírito; a coruja, por outro lado, simboliza a noite e o Feminino arquetípico. Além disso, como símbolo da sabedoria do noturno, a coruja por si mesma não está associada a nenhum simbolismo negativo; é aquela que enxerga no escuro, isto é, sua intuição[33] funciona abrangendo os processos obscuros, inconscientes. Enquanto princípio da sabedoria feminina, a coruja é um símbolo tão positivo quando surge como a ave de Atena, quanto é negativo quando surge como a ave da bruxa, que utiliza a mesma sabedoria a serviço do mal.

O Feminino arquetípico, tão submisso e bem-comportado no harém, durante o dia, descarrega sua desforra do mesmo modo que a coruja noturna na águia arquetipicamente masculina. Enquanto a águia rege o dia e a consciência, a coruja precisa se esconder. Mas durante a noite, ela não somente rege como também destrói o princípio arquetípico masculino, o qual, é claro, desperta para uma nova vida todas as manhãs, com o sol.

O simbolismo do sonho revela não somente a reversão da posição de dominação patriarcal à qual já nos referimos e no qual o "lado interior" é representado pelo mundo noturno da coruja, mas também o efeito insidiosamente prejudicial que o Feminino arquetípico reprimido tem sobre o Masculino arquetípico. A oposição patriarcalmente reforçada entre Masculino e Feminino, dia e noite, consciente e inconsciente, leva a uma batalha oculta, porém mortal entre os sexos que vocifera por debaixo da superfície da dominação patriarcal e da simbiose masculino-feminino e das profundezas noturnas do relacionamento inconsciente.

[33]Jung, *Tipos Psicológicos*, CW 6, Definição 35.

A aceitação aparentemente inocente do paraíso do harém, por parte da mulher, e sua agradável prontidão em se subjugar ao homem têm conseqüências ocultas porém terríveis.[34] Em sua regressão para a hostilidade matriarcal para com o indivíduo do sexo masculino, simbolizada pela coruja como a Grande Mãe, o Feminino arquetípico vinga-se do Masculino arquetípico que o humilhou e abusou dele como um objeto de prazer. O bom Feminino arquetípico regenera o Masculino à noite, permitindo-lhe renascer com o novo dia; aqui, porém, o Feminino mau dilacera o Masculino, assim como, todas as noites, Penélope resistia a seus odiados pretendentes, destruindo o que tecera durante o dia.

No nível subjetivo, isto é, que se refere à psique da sonhadora, o feito da coruja significa mais do que a destruição do princípio do espírito arquetipicamente Masculino e mais do que a possibilidade ativada de vida arquetipicamente feminina, instintiva, noturna (isto é, inconsciente). Por seu casamento com o árabe, a mulher pagou o alto preço do sacrifício de sua religião, um princípio espiritual pertencente à sonhadora que é na verdade coletivo, mas que, não obstante, representa uma forma mais elevada de consciência do que o lado dominante, estrangeiro, instintivo, representado pelo árabe. Neste sentido, a coruja também representa um aspecto negativo, regressivo do princípio feminino na própria sonhadora que, todas as noites, repetidamente mata o lado arquetipicamente masculino da própria consciência, a águia.

A submissão ao patriarcado e o sacrifício de seu lado espiritual determinam a consciência da sonhadora. Isto

[34]É extremamente esclarecedor que a narrativa de Apuleio da história de Amor e Psique, a vida de Psique no paraíso sensual de Eros leva às mesmas conseqüências mortais. Mas, aqui, a invasão do poder feminino hostil é representada não pela coruja, mas pelas irmãs de Psique. Cf. Neumann, *Amor and Psyque*.

comporta duas conseqüências: uma delas é o paraíso sensual de vida instintiva; a outra é o drama da coruja e da águia no inconsciente coletivo. Interpretado no nível objetivo, onde ocorre entre a sonhadora e seu marido, entre Feminino e Masculino, o drama da coruja e da águia significa isto: a vingança do Feminino sobre o Masculino, regressão ao nível de hostilidade matriarcal para com os homens, isto é, derrota do Masculino, com a ajuda da própria vulnerabilidade ao instinto. É o padrão de Sansão e Dalila: a Grande Mãe com sua vitória noturna e a castração e a mutilação do Masculino arquetípico, com a ajuda dos impulsos aos quais o Masculino é vulnerável.

Todavia, no nível subjetivo, no qual a coruja e a águia são atitudes da própria sonhadora, eis o que o sonho significa: sua prontidão em sacrificar os seus bens espirituais, o relacionamento coletivo com o espírito-pai (religião) em troca de uma vida inconsciente de prazer conduz à dominação catastrófica da Mãe Terrível, que torna a pessoa inconsciente e traz prazer, mas que também aniquila todas as conexões com o princípio masculino, com a consciência, e com o lado espiritual da psique. Nas mulheres modernas, esta regressão é expressa negativamente, tanto interna quanto externamente. Na prática, isso causa danos ao marido e ao relacionamento dela com ele, tanto quanto ao próprio desenvolvimento dela, o qual não pode permanecer sem consciência, nem apenas noturno e semelhante à coruja.

Em contraste com a coruja que mutila,[35] que é o aspecto do Feminino arquetípico hostil ao dia, a avó da sonhadora é o aspecto humano da Grande Mãe. O processo pelo qual a sonhadora irá tornar-se consciente da situação faltosa, e ser redimida num mundo que a torna in-

[35]Aqui a coruja, símbolo positivo da sabedoria feminina, é negativamente regressiva, pois despedaça a águia "de maneira não natural".

consciente, começa com sua carta de desculpas à avó. A avó como Grande Mãe é o Self, que protege o indivíduo e os valores do Feminino arquetípico que afirmam a consciência necessária ao desenvolvimento da inteireza, e a qual, quando é chegado o momento, determina os problemas da vida, particularmente da segunda metade da vida, através dos quais a inteireza deve ser realizada no processo de individuação. Mas o processo de individuação pertence a uma fase do desenvolvimento da mulher que já superou a simbiose da cultura patriarcal.

Enquanto os problemas já mencionados são resolvidos no interior da simbiose do patriarcado, as forasteiras ao patriarcado já não pertencem a esse território particular. Como forasteiras, elas são, em grande medida, "precursoras". Claro, aquelas mulheres que permanecem fixadas no relacionamento primal como filhas eternas da Mãe, ou como filhas eternas do uróboro patriarcal (isto é, presas em estágios pré-patriarcais de desenvolvimento), não conseguem chegar a um casamento patriarcal nem a uma simbiose patriarcal. Mas, para as não-redimidas do patriarcado — isto é, para aquelas mulheres nas quais a decepção feminina com o patriarcado está se tornando visível —, a situação é diferente.

A necessidade e a prontidão do Feminino em deixar que o herói o redima das fases pré-patriarcais de desenvolvimento está ligada ao fato de que, arquetipicamente, o Feminino experiencia o Masculino como solar e transpessoalmente espiritual. O Masculino é identificado com a atividade, a vontade e a consciência, e o desenvolvimento rumo ao espírito masculino, assim como o é no desenvolvimento da consciência patriarcal, na qual o próprio masculino assume esta identificação. Mas todas as vezes que a mulher experiencia o homem individual como um mero representante coletivo desses valores — isto é, quando o homem corresponde a eles apenas na medida

em que já atravessou os estágios arquetípicos do desenvolvimento consciente, mas como pessoa e como indivíduo não os realiza de nenhuma maneira vital —, ela se decepciona com ele, pois ele corresponde apenas coletiva mas não individualmente ao arquétipo do herói redentor. Neste caso, a mulher que sofre por causa de um marido patriarcal que fracassa como parceiro antecipa interiormente a fase de "confrontação", que se caracteriza pelo encontro de dois indivíduos.

Visto que o casamento patriarcal é quase tão antigo como nosso conhecimento histórico — o conhecimento, como a história, somente é possível com o predomínio de uma consciência patriarcal —, as complicações que o cânone da cultura patriarcal acarreta para o Feminino são também muito antigas. Encontramos, por conseguinte, esses tipos de situação e suas soluções já prefiguradas na mitologia. Isto é particularmente observável na mitologia grega[36] que, em grande medida, é o precipitado de conflitos fundamentais desencadeados pelo choque entre a mentalidade pré-grega, matriarcal, e os povos gregos patriarcais invasores. Assim, a tragédia do encontro de Jasão com Medéia reside nisto: embora Jasão tenha realmente salvo Medéia do dragão, e a tenha libertado do mundo regido pelo pai dela, falhou, pois deveria ter desenvolvido um relacionamento individual com ela. Abandonou-a porque não era um antagonista à altura da individualidade e da paixão dela obviamente perigosas, que não podiam ficar contidas num casamento patriarcal. Deixada com a desilusão do fracasso do parceiro, Medéia regrediu à Mãe Terrível, que mata seus próprios filhos e vai-se embora na carruagem do dragão. Isto significa que

[36]A origem individual dos mitos, sua estratificação imbricada, as novas interpretações dadas a eles, nada têm a ver com esta constelação psicológica que representa uma parte desses poderes, uma constelação que edita e revisa os mitos enquanto tais.

a redenção pelo herói — aparentemente obtida pela vitória de Jasão sobre o dragão — ficou incompleta.

Encontramos o mesmo problema com Ariana e Teseu, mas sob forma diversa. Teseu também liberta Ariana, que o ajudara, do poder do pai dela, e então a abandona. Mas neste caso não ocorre regressão à Mãe Terrível; em vez disso, ela dá um passo muito mais positivo, progressista, em direção ao uróboro patriarcal, passo esse que se revela como uma transição de seu desenvolvimento. Dioniso encontra Ariana e a liberta. O fracasso do herói pessoal, terreno — Teseu — é eclipsado pelo relacionamento dela com o Masculino transpessoal capaz de redimir o Feminino.

No desenvolvimento da mulher moderna, isto significaria que seu desapontamento com um parceiro pessoal realmente leva à desistência do relacionamento pessoal com um homem em particular ou com os homens em geral, mas que esse mesmo desapontamento flui para dentro do desenvolvimento emocional e espiritual de um relacionamento redentor com o transpessoal, por exemplo, de uma forma religiosa. Neste caso, não devemos falar de uma regressão ao uróboro patriarcal; em vez disso, devemos encarar a figura patriarcal, urobórica, de Dioniso, como um símbolo progressista do desenvolvimento feminino.

Em contraste com este tipo de encontro positivo com o uróboro patriarcal, vemos outros encontros na mitologia nos quais esse poder é regressivo e destrutivo. Encontramos, por exemplo, o resultado catastrófico deste tipo de situação no mito grego das filhas de Mínias. Por causa de sua tendência a permanecer esposas boas e fiéis — isto é, a cumprir o cânone da cultura patriarcal, recusam-se a permitir que Dioniso as tome à força quando passa triunfalmente pela vizinhança. Mas a abordagem de um arquétipo — isto é, de um poder transpessoal que, como

Dioniso, significa morte, redenção, transformação, em especial para as mulheres — é decisiva, e seu poder avassalador não pode ser excluído da vida sem punição. Por conseguinte, para aquelas mulheres, a tendência constritiva artificialmente imposta da "boa esposa", para não admitir energias transpessoais prementes, leva à insanidade na qual elas perecem.

Até mesmo as doenças mentais das mulheres de hoje podem ser determinadas pelas atitudes de uma psicologia patriarcal tradicionalmente "fiel" e constritiva. O desenvolvimento rápido ocasionado pela invasão do transpessoal é excluído, nestes casos, e torna-se negativo. Neste sentido, o fato de colocar em risco, na verdade o colapso, do casamento simbiótico, patriarcal, pode constituir um dos diversos elementos necessários ao desenvolvimento da mulher. Sempre que o encontro entre o homem e a mulher é necessário — e aqui, estamos falando do relacionamento entre dois indivíduos — um casamento definido tão-somente pela simbiose patriarcal e por seu caráter coletivo deve ser rompido, esta é uma asserção corroborada não apenas pelo grande número de divórcios, mas também pela cura de muitas doenças neuróticas das mulheres modernas e por seu desenvolvimento.[37] A "fidelidade" é um problema central especialmente da psicologia feminina, pois, muitas vezes, a fidelidade não é um indício de um relacionamento vital com o parceiro, mas apenas a expressão de letargia psíquica, e tolhe o progresso necessário do ponto de vista do desenvolvimento para uma nova fase da vida. A quebra da fidelidade pode então ser um sintoma necessário da luta do herói, na qual um tabu que se tornou sem valor deve ser quebrado. A "fidelidade" é então revertida, sendo precisamente a atitude que faz aquilo que o destino exige, mesmo se isso

[37]Ver Neumann, *Depth Psychology and a New Ethic*.

não corresponde a um cânone tradicional de valores transmitidos — isto é, coletivos. Neste caso, a fidelidade à individuação, vale dizer, ao próprio destino e ao próprio desenvolvimento necessário, é mais significativa do que a fidelidade a uma atitude pré-individual. Mas o que realmente decide um conflito desse tipo, independentemente de como ele surge, é fatal e nunca subordinado a um julgamento coletivo que vem de fora.

Em contraste com o casamento coletivo, patriarcal que, em última análise, é contraído por clãs e famílias, o problema do relacionamento individual — isto é, do encontro — torna-se evidente quando o relacionamento se torna uma questão de amor individual, mais do que de ser impelido por forças externas coletivas, como por exemplo por grupos de energias interiores coletivas, tais como impulsos. Mas o relacionamento individual que toma seu lugar como casamento por amor ao lado do casamento patriarcal tradicional[38] pode ainda existir dentro da norma coletiva do casamento patriarcal.

A situação mudou somente nos tempos modernos quando todo o relacionamento entre o Masculino e o Feminino, homens e mulheres, se tornou problemático. Esta mudança se expressa não somente no relacionamento entre marido e mulher, mas também no interior da própria psique, já que o relacionamento do homem com o próprio lado feminino inconsciente, a anima, e da mulher com o seu masculino inconsciente, começa a entrar na consciência.

Aqui termina a psicologia do patriarcado e começa a psicologia do encontro, de entrega e devoção ao Self, da descoberta do Self feminino. São estas as duas últimas e mais elevadas fases do desenvolvimento psicológico fe-

[38]O protótipo arquetípico desta situação amorosa encontra-se no mito-conto de fada de Apuleio, a história de Amor e Psique.

minino. Sua descrição ultrapassaria os limites de nosso ensaio, pois os problemas desta fase englobam quase todos os problemas da mulher moderna, na medida em que ela é realmente "moderna", isto é, não apenas vive por acidente em nossos tempos. Ambas as fases pressupõem uma vitória interior sobre a simbiose do patriarcado. É igualmente possível, no processo, que o desenvolvimento feminino seja levado às últimas conseqüências no interior de um casamento que começou de maneira patriarcal e simbólica, ou que o processo leve ao rompimento do casamento e a um novo relacionamento. Mas toda transição de uma fase para outra somente pode se dar por intermédio de conflito psíquico, e a personalidade inteira deve ser envolvida.

Uma crise desse tipo, mesmo se ocorrer no interior de um casamento, tem de envolver ambos os parceiros, pois, para a mulher, uma mudança no relacionamento entre homem e mulher também supõe sempre uma transformação correspondente no parceiro. Uma causa extremamente comum de conflitos entre casais e de divórcios está no fato de que o desenvolvimento rumo a uma nova fase de relacionamento, vitalmente necessário para um dos parceiros, está tragicamente fadado ao fracasso em virtude da falta de compreensão do outro parceiro, ou de sua incapacidade de participar do desenvolvimento.

Em contraste com a polarização da simbiose patriarcal, um verdadeiro "encontro" ocasiona um relacionamento no qual homem e mulher se relacionam como estruturas conscientes e inconscientes, isto é, como pessoas inteiras. Em *A psicologia da transferência*, Jung discutia essa forma de relacionamento como um quatérnio arquetípico, isto é, como um relacionamento quádruplo no qual o consciente e o inconsciente de ambos os parceiros estão em contato. Isto engloba a natureza inteira de cada

pessoa, e por conseguinte, no caso do homem, não apenas sua consciência patriarcal masculina, mas igualmente seu lado feminino da anima. Mas isto não é projetado inconscientemente, de modo que o homem pareça, para si mesmo e para sua contraparte feminina, como puramente masculino; ao contrário, o homem e a mulher têm de se relacionar igualmente com os lados feminino e masculino do homem. Em termos humanos isso produz uma plenitude de complicações e problemas, pois o lado feminino da anima do homem é emotivo e de início ele não percebe isso, de modo que só indiretamente e por meio do sofrimento ele experiencia partes essenciais da própria natureza, facetas que experimentou primeiramente na parceira como algo estranho e Feminino. Estes problemas exigem, contudo, o maior esforço, não apenas do próprio homem, mas igualmente da mulher que, por sua vez, tem de testemunhar o colapso de sua imagem de masculinidade ideal, na medida em que vai se tornando consciente do lado feminino do homem.

Com complicações semelhantes, isso é válido também para a psicologia do animus da mulher, e sua crescente percepção dela. Também esse processo exige muitíssimo da compreensão e da tolerância mútua de ambos os parceiros. Conseqüentemente, nessa fase de encontros, a complicada multiplicidade de relacionamentos psíquicos entre homem e mulher é de fato incalculável.

Atender às exigências desse tipo de situação, contudo, não apenas garante um relacionamento vital e uma tensão de pólos opostos; mas ao mesmo tempo deixa que a essência única e individual de ambos os parceiros entre no relacionamento. Já que o inconsciente da pessoa e sua inteireza são envolvidos no processo de transformação da personalidade, deve-se renunciar ao aspecto exterior convencionalmente coletivo da personalidade, e o caráter único e singular do ser humano começa a dar seus efeitos

sem ser perturbado pela *persona*.[39] Mas só então as duas pessoas chegam a um verdadeiro encontro. Ali onde os níveis mais profundos da personalidade estão incluídos na *Auseinandersetzung* viva, as qualidades meramente individuais da personalidade da pessoa constituem o ponto de partida para experienciar o transpessoal em si mesmo e em sua contraparte. Esta forma de encontro é a forma mais elevada possível de um verdadeiro relacionamento entre homem e mulher.

Em princípio, para o homem a forma íntima de relacionamento, simbolizada no quatérnio de transferência e que engloba o inconsciente, parece difícil e importuna, como uma espécie de cativeiro, e parece estar de acordo com a tendência feminina de formar relacionamentos de identidade. Evidentemente, a tendência de criar relacionamentos de identidade constitui o fundamento da natureza formadora de comunidade do Feminino, que, na *participation mystique,* tenta, de quando em quando, restabelecer os vínculos e laços primitivos da humanidade. Para a mulher, o que carrega o sinal de vida não é o agir, e sim o estar em comunidade. Para ela, isso não é conversa durante as refeições, e sim a refeição compartilhada, não é discussão nem conversa, e sim estar juntos lado a lado que é decisivo.

Onde quer que isso verdadeiramente ocorra, conhecer ao outro sem palavras é uma forma de proximidade mais completa e mais essencial para o Feminino do que a postura face a face do Masculino, ego a ego e consciência a consciência, que divide com mais freqüência do que une.

Um grande número de conflitos no casamento e nos relacionamentos depende desse forte contraste entre a natureza masculina e a feminina, tornando a constelação entre homem e mulher tão extraordinariamente com-

[39]Jung, "As Relações".

plexa que até mesmo entre anima e animus aparecem os relacionamentos antitéticos que arquetipicamente distinguem o Masculino do Feminino. Fiel à sua natureza feminina, a anima, independentemente do ego masculino do homem, que busca distância, tende a criar um relacionamento de identidade emotivamente colorido que corresponde ao relacionamento primal. Por contraste, em sua feminilidade, a mulher tem de fato a intenção consciente de estar junto, de se unir na *participation mystique,* mas perseguida pelo lado do animus arquetipicamente masculino de sua natureza, não pode se refrear de ter "pontos de vista" separatistas e irritantes, nem de fazer observações críticas etc.; subseqüentemente, fica magoada e ferida quando isso perturba a união espiritual que ela tão ardentemente deseja com o marido.

Portanto, para ambos os participantes — homem e mulher — a fase do encontro encerra dificuldades extraordinárias. Elas surgem fundamentalmente do fato de que o problema do relacionamento se mostra inseparavelmente ligado ao problema da individuação, do desenvolvimento da totalidade. A criação de um relacionamento "quaternário", como o descrito em *A psicologia da transferência* de fato acontece em grande medida no inconsciente, apenas com a participação concomitante, ou completamente ausente por parte do ego. Mas, na realidade, o "relacionamento quaternário" é representado entre a totalidade de ambas as pessoas, isto é, entre a inteireza de ambos, que engloba consciente e inconsciente. Se o elemento psíquico contra-sexual de cada uma das pessoas, animus ou anima, é incluído no processo de integração que restabelece a bissexualidade primordial de cada indivíduo, a orientação para o mundo patriarcal de valores deve ser abandonada. Mas isso impele a pessoa a encontrar o próprio caminho, uma tarefa para a qual os preceitos coletivos já não podem oferecer nenhuma ajuda.

Mais uma vez, isso ressalta um contraste entre os problemas dos homens e das mulheres, contraste esse — com conseqüências para a adaptação da mulher moderna — que leva facilmente ao desenvolvimento de neuroses. A assimilação do lado feminino é realmente um problema decisivo na individuação do homem, mas continua a ser seu "assunto particular", pois a nossa cultura patriarcal não apenas não exige individuação, mas na verdade tende a rejeitá-la no indivíduo do sexo masculino. A assimilação do lado do animus arquetipicamente masculino da natureza da mulher, porém, é uma outra história. Nos tempos modernos, a cultura patriarcal, que já não a oprime nem impede sua participação cultural, motiva a mulher, a partir da infância, a desenvolver o lado oposto de sua psique. Isto significa que as mulheres são forçadas a um certo grau de alienação do Self em nome do desenvolvimento consciente. Inicialmente, exige-se mais dela do que do homem. A masculinidade e a feminilidade são, ambas, exigidas da mulher, ao passo que dele se exige apenas masculinidade. Estamos falando aqui de uma das complicações, mas também de uma das oportunidades inerentes à situação da mulher, para a nossa cultura, que levou a haver uma percentagem tão elevada de mulheres envolvidas no desenvolvimento da psicologia moderna, de maneira ativa, por meio de sua colaboração e passiva, por meio de seus conflitos.

Entretanto, uma conseqüência posterior da situação fundamental da mulher é que, na medida em que a "consciência" é formada pelas avaliações da cultura patriarcal, não desperta respostas entusiásticas nas mulheres, pois muitas vezes está em oposição aos valores do Self feminino como uma expressão da cultura patriarcal. A mulher nunca sente que é exatamente "ela própria" quando identifica seu ego à consciência patriarcal. Freqüentemente, tem a impressão de que se aliena de si mesma ao se tornar

consciente, pois sofre o conflito entre a estrutura simbolicamente masculina de sua consciência e a estrutura feminina de sua totalidade como se fosse uma disfunção. Mas o sofrimento dela é legítimo e a "dualidade" dela só é uma disfunção quando medida com a totalidade ingênua e a equivocabilidade da situação primitiva à qual ela deve renunciar.

Assim como os homens e as mulheres são naturalmente compelidos pela energia masculina arquetípica neles existente a abandonar o relacionamento primal e encontrar o caminho rumo ao ego e à consciência, ambos também são forçados por suas energias femininas arquetípicas inerentes a renunciar novamente a esta posição e seguir rumo a uma totalidade que abrange Masculino e Feminino. No caso da mulher, é a própria psique que a força a sair do mundo patriarcal e a entrar no que é propriamente dela; para o homem é a anima, e por detrás da anima, em última análise, também a totalidade da psique que o impulsiona a desistir de sua identidade puramente masculina. Para ambos, tornar-se sadio, inteiro, está no centro do processo de individuação, o desenvolvimento psíquico da segunda metade da vida.

Na fase mais elevada do desenvolvimento feminino, a individuação leva a mulher à descoberta do Self. Agora o encontro com o Masculino assume a forma de um encontro interior, no qual a mulher experiencia as próprias energias arquetipicamente masculinas. Ela se torna agora consciente das influências psíquicas que antes eram experienciadas de forma projetada no mundo exterior. Todos os símbolos e conteúdos característicos da primeira fase reaparecem, mas estão agora sob o signo da integração da personalidade completa e um desenvolvimento que tinha seu centro não no ego, e sim no Self, como o centro da personalidade unificada.

O significado e a importância de uma constelação arquetípica dependem da fase da vida nas quais aparo-

cem. Enquanto a fixação em, ou uma regressão a qualquer uma das fases de desenvolvimento do indivíduo é quase sempre negativa durante a primeira metade da vida, a reativação dessas fases tem normalmente uma significação progressiva, isto é, decididamente positiva para o desenvolvimento da mulher na segunda metade da vida, muito embora as fases ainda contenham aspectos perturbadores e aparentemente negativos. Portanto, uma fixação no uróboro patriarcal na primeira metade da vida constela uma incapacidade de relacionamento por parte da mulher no sentido do descontentamento com o marido, frigidez e recolhimento em uma vida de fantasia.

Mas a mesma constelação desempenha freqüentemente um papel inteiramente diferente no processo de individuação. Quando agora o uróboro patriarcal intervém, pode ter uma função redentora e tirar a mulher da constrição do terreno puramente pessoal, levando-a à experiência do transpessoal.

A interpretação do sonho que segue, de uma mulher moderna, pode servir para ilustrar esse ponto. A situação atual da sonhadora foi o resultado de um conflito existente havia muito entre dois homens: ela experienciava o relacionamento com o marido como algo insatisfatório e insustentável, ao passo que o relacionamento com o amigo era não somente muito positivo do ponto de vista sexual, como também repleto de vida espiritual e emocional. A riqueza do relacionamento expressou-se de várias maneiras, inclusive uma sensação de reciprocidade que se estendia a uma empatia telepática recíproca, no sentido da *participation mystique*.

A sonhadora encontra-se na casa de sua infância onde havia três quartos seguidos: o dela, o quarto do meio, e o de seu pai. No sonho, ela queria fazer uma escolha em favor do marido, e contra o amigo. Queria voltar a seu quarto, mas antes, como se fosse atraída por uma mági-

ca, tinha de entrar no quarto do pai, passando pelo quarto do meio, onde estava o amigo.

Ela viu uma menina de pé ao lado da escrivaninha do pai, mas a menina era um fantasma, uma sombra. Quando, muito assustada, ela exclamou: "O que você quer de mim?", sentiu como se houvesse sido traspassada por uma agulha e envenenada. "Uma coisa horrível aconteceu." Quando quis voltar a seu quarto, o amigo a descobriu no quarto do meio, e pensou que ela estivesse voltando para ele. Quando a estava abraçando, ficou enorme e se enrolou, cada vez com mais força, em volta dela. "A agulha me furava horrivelmente, ele se enrolava em mim; vejo partes de uma serpente enorme; sussurrando, ele me pergunta se vou ficar com ele para sempre." Quando ela concorda, com um aceno de cabeça, é tomada de tristeza pela perda de seu relacionamento com o marido, e perde os sentidos. Assim termina o sonho.

A fim de entender o sonho, é preciso mencionar que ela era fortemente ligada ao pai, que, segundo ela, não a havia amado. Não obstante, de alguma forma ela parecia ter corporificado a figura da anima dele, e ele tinha o hábito de, repentinamente e sem transição, fazer da filha sua confidente pessoal. O relacionamento da sonhadora com a mãe era muito negativo.

O que acontece neste sonho? Para ela é impossível escapar do amigo e voltar para o próprio quarto, pois a figura feminina no quarto do pai a atrai magicamente. A sombra espectral ao lado da escrivaninha, que a envenena, é ela mesma, em seu relacionamento com o pai. O vínculo inconsciente com o pai, vínculo esse cuja natureza não é pessoal, e sim transpessoal, isto é, arquetípica, e que ainda temos de explicar, determina também seu relacionamento com o amigo, relacionamento que completava seu casamento insatisfatório, não apenas no âmbito sexual. É precisamente esta unidade de elementos sen-

suais e místicos que caracteriza o relacionamento com o uróboro patriarcal.

Os aspectos perigosos e esmagadores deste relacionamento, que consistem em um vínculo regressivo e encoberto com o complexo do pai pessoal da sonhadora e com a figura arquetípica do uróboro patriarcal tornam-se aparentes na sua tentativa de se libertar do amigo. A transformação do amigo na grande serpente-dragão do uróboro patriarcal revela o veneno de seu vínculo espectral, espiritual com o pai. O abraço de seu amigo-dragão é apenas mais uma maneira pela qual o arquétipo dominador a envenena. A transformação de seu amigo humano nessa criatura transpessoal, não-humana, é uma clara expressão da eficácia do fundo arquetípico, que determina tanto seu relacionamento inconsciente com o pai quanto seu relacionamento com o amigo. Já assinalamos que, com relação à mulher, o dragão é muitas vezes o símbolo do uróboro patriarcal.[40] É particularmente significativa aqui a maneira pela qual o transpessoal ultrapassa o pessoal.

Um quadro que ela pintara da cena amplia sua condição de alguém que está sob o poder do dragão e amigo que lhe sussurra que agora ela irá permanecer eternamente com ele. É característico do quadro, no qual o amigo a abraça, que um não olha para o outro. Ambos parecem fixar o olhar em algum ponto distante, como que para deixar claro que estão fascinados por alguma coisa diferente do outro verdadeiro, cuja realidade nenhum deles percebe.

Reconhecemos a figura do homem com corpo de serpente, por exemplo, no mito grego dos Titãs e dos Gigantes; a parte inferior dos corpos era retratada como ser-

[40]Ver Neumann, *Amor and Psyque*, e também a referência ao desejo de morte in "The Psychological Meaning of Rituals" (ver acima, n. 10).

pentes da terra. O Titã que no mito se esforça para se apossar de poderes que estão acima dele, inclusive o Feminino mais elevado, representa um nível inferior de desenvolvimento, que corresponde ao centauro mais altamente desenvolvido, e no qual o indivíduo do sexo masculino tem um corpo de cavalo, em lugar de um corpo de serpente. O centauro também rapta a mulher e tenta dominá-la, isto é, deixá-la inconsciente, e levá-la embora para o Hades etc.

No mito, somente a intervenção de poderes heróicos pode quebrar o poder superior do uróboro patriarcal, que se manifesta em sua forma ctônica inferior. O poder heróico aparece como Teseu e como os lápitas em nível terreno e como Zeus e os deuses do Olimpo no nível celestial, e ambos simbolizam o lado patriarcal da consciência. Na história da humanidade, esta solução corresponde à substituição do uróboro patriarcal em seu agressivo anonimato pelo patriarcado e pelo homem. É isso que o sonho teria significado para a sonhadora, caso ela estivesse na primeira metade da vida, e achasse impossível criar um relacionamento com um parceiro por causa de seu vínculo com o uróboro patriarcal.

Mas aqui, estamos diante de algo diferente. Visto que ela é uma mulher adulta envolvida no processo de individuação, deve tornar-se consciente da figura do uróboro patriarcal e do perigo que ele representa para ela, independentemente da maneira em que seu relacionamento com um parceiro toma forma. Isto significa que ela deve chegar ao ponto de seu desenvolvimento interior no qual ela, como o herói solar, se liberta do abraço do dragão ou sofre a morte-matrimônio com o dragão, em entrega e devoção conscientes a fim de que — juntamente com o dragão — possa emergir transformada. Aqui também a tão citada história de Amor e Psique é paradigmática. Com a aceitação, por parte dela, do uróboro patriarcal, e

da transformação por ele trazida, uma esfera espiritual, de natureza transpessoal revela-se à mulher na segunda metade da vida, uma esfera que pertence de maneira muito profunda ao lado espiritual de sua própria natureza feminina, e que a torna intimamente independente dos valores e juízos do espírito patriarcal, arquetipicamente masculino, cuja essência é estranha a sua natureza.

A centroversão, que singnifica inteireza individual, irrompe durante a individuação, a fase do desenvolvimento na qual a mulher alcança o Self.[41] Começa então um processo de transformação da personalidade, que leva a uma nova síntese dos componentes da personalidade, e no qual o centro de gravidade muda do mundo externo — e do relacionamento externo — para o mundo interior.

C.G. Jung discutiu tantas vezes os processos de transformação válidos de maneira geral para a individuação que precisamos apenas nos referir a seu escritos.[42] Ademais, não é possível abordar os traços específicos da individuação feminina no presente ensaio. Por conseguinte, somente material extensivo sobre os casos poderia elucidar a conexão existente entre a individuação feminina e os estágios que a antecedem. Devemos pois nos contentar com um breve resumo de alguns dos problemas mais significativos do processo.

No decorrer da individuação, a mulher retrai-se em certa medida de seu relacionamento com um parceiro externo e experiencia dentro de si mesma e em nível mais elevado as autoridades ou os agentes aos quais teve de renunciar no início do próprio desenvolvimento. Assim, chega a uma experiência renovada do lado arquetipicamente masculino da própria natureza, que no início ela experienciara na maior parte externamente em projeção como herói e como uróboro patriarcal. O processo de transformação leva a uma confrontação com a divindade masculina interior em um plano mais elevado; o nascimento da criança divina e os outros desdobramentos, que, por exemplo, encontramos descritos no mito de Amor e Psique. Mas agora o relacionamento primal reaparece sob uma forma nova e mais elevada: como o encontro do ego da mulher e seu Self feminino. Agora o desenvolvimento é completado e forma uma unidade com o início, quando a mulher torna a se conectar com a Grande Mãe como Mãe da Terra, Sophia, e Self feminino. Quando emerge a imagem urobórica mais elevada do Self, na qual a figura da Grande Mãe e a do uróboro patriarcal do Grande Pai estão unidas, a mulher alcança uma renovação interior, uma forma de fecundidade emocional e espiritual especificamente sua, e da mais elevada experiência que ela pode ter da totalidade da psique.

Assim, além dos estágios do desenvolvimento masculino descritos em *As origens e a história da consciência,* há uma série independente de estágios correspondente à natureza feminina, pelos quais a mulher deve passar a fim de chegar ao Self na individuação. Nenhuma destas duas séries de estágios, porém, é um percurso autocontido de desenvolvimento no qual o indivíduo do sexo masculino se torna masculino e o do sexo feminino, feminino. Repetidas vezes, o princípio do relacionamento com o outro é o elemento decisivo em ambas. Muito embora chegar ao seu Self constitua a meta da individuação no ponto final do desenvolvimento da consciência e da personalidade, a inevitável interdependência do homem e da mulher como parceiros se estende a todos os estágios de desenvolvimento do homem e da mulher. Do estágio mais inferior até o mais elevado, do contenimento no

[41]Ver *Amor and Psyque.*

[42]Ver Jung, "As Relações"; *Psychology and Religion: West and East CW 11;* e "Concerning Rebirth", "A Study in the Process of Individuation", e "Concerning Mandala Symbolism", todos in CW 9, i.

inconsciente ao novo alcançar do Self na transformação, a pessoa experiencia o que é propriamente seu no outro e por intermédio dele. E é sempre o "inteiramente outro", oposto àquilo que a pessoa é na polaridade de homem e mulher, Masculino e Feminino, que prova ser o misterioso nume a partir do qual o desenvolvimento rumo a própria autenticidade se ateia e para o qual em última análise ele flui, quando a alteridade é superada de maneira conclusiva.

II

A LUA E A CONSCIÊNCIA MATRIARCAL*

1

Na história do despertar da consciência[1] pode-se traçar um desenvolvimento por estágios em que o ego se separa do contenimento no inconsciente, a situação urobórica primeva dos inícios[2] e se torna no ponto final do processo como o centro da consciência moderna ocidental, face a face com o inconsciente enquanto sistema psíquico separado. Nesse desenvolvimento que leva à libertação do poder superior do inconsciente, o simbolismo da consciência é arquetipicamente masculino, e o do inconsciente, arquetipicamente feminino, na medida em que o inconsciente faz oposição a essa emancipação do ego, como a mitologia e o simbolismo do inconsciente coletivo também ensinam.

A fase na qual o ego-inconsciência ainda é infantil em seu relacionamento com o inconsciente (isto é, relativamente deficiente em independência) é representada no

* "Über den Mond und das matriarchale Bewusstsein", *Eranos Jahrbuch*, volume especial, 1950; reeditado in *Zur Psychologie des Weiblichen*, tradução de Boris Matthews.

[1] Neumann, *Origens e História*.

[2] O uróboro é a serpente que segura sua própria cauda com a boca, símbolo de uma situação psíquica fechada, autocontida, a unidade original. Cf. *ibid*.

mito pelo arquétipo da Grande Mãe. Denominamos a constelação dessa situação psíquica de "matriarcal", assim como as formas nas quais ela é expressa e projetada; em contraste com isso, a tendência do ego para se libertar do inconsciente e dominar é o que designamos como "marca patriarcal" do desenvolvimento da consciência.

"Matriarcado" e "patriarcado" são por conseguinte estágios psíquicos caracterizados por diversos desenvolvimentos na consciência e na inconsciência, mas especialmente por diversos posicionamentos de um em relação ao outro. "Matriarcado" significa portanto não somente a predominância do arquétipo da Grande Mãe, mas, de maneira mais geral, uma situação psíquica total, em que o inconsciente e o Feminino são dominantes, e em que a consciência e o Masculino ainda não atingiram a autonomia e a independência.[3] Nesse sentido, portanto, um estágio psíquico, uma religião, ou uma neurose, mas também um estágio de desenvolvimento da consciência, podem ser designados como matriarcais; e o patriarcal não significa a autoridade sociológica soberana dos homens, mas antes, o predomínio de uma consciência arquetipicamente masculina que perfaz a separação entre os sistemas consciente e inconsciente, e está relativamente firmemente estabelecido em contraste, e em sua independência, em relação ao inconsciente. Por esta razão, a mulher moderna precisa também passar por todas as fases do desenvolvimento que leva até a formação da consciência patriarcal, típica e tomada como ponto pacífico na consciência ocidental e que é predominante na cultura patriarcal.

[3] "Masculino" e "Feminino" são utilizados aqui como termos simbólicos e não devem ser concretamente identificados a "homem" e "mulher", enquanto portadores de características sexuais específicas. O homem e a mulher são psicologicamente bissexuais, uma vez que, no inconsciente, ambos têm "autoridades" contra-sexuais, as figuras da anima no homem e do animus na mulher. Cf. C.G. Jung, "As Relações".

No entanto, ao lado dessa "consciência patriarcal", existe uma "consciência matriarcal", cujo modo de funcionamento, apesar de escondido, é significativo. A consciência matriarcal pertence ao nível matriarcal da psique, o nível operacional construtor-de-cultura no alvorecer da história humana. Anterior e posterior à aculturação da mulher moderna à consciência patriarcal, é característica da mentalidade da mulher; mas desempenha também um papel importante na vida do homem. Isto significa dizer que onde quer que a consciência ainda não for ou já não for patriarcalmente separada do inconsciente, a consciência matriarcal rege — no alvorecer da humanidade, assim como o faz ontogeneticamente, na fase correspondente da vida da criança, e nas crises emocionais e processos criativos do homem, por exemplo, quando sua anima, que representa o lado arquetipicamente feminino de sua psicologia, é ativada com maior intensidade.

O rápido esboço do desenvolvimento feminino por estágios, apresentado em outra parte,[4] oferece o complemento necessário para o entendimento da consciência matriarcal, cujas formas únicas fazem um forte contraste com o desenvolvimento masculino por estágios. O aspecto da consciência arquetipicamente feminina, associado ao uróboro patriarcal, é o que denominamos consciência matriarcal, uma consciência na qual — assim como o ego nesse mesmo estágio — não está desenvolvido no mesmo grau de independência que o ego e a consciência no patriarcado. Mas o mesmo símbolo arquetípico é característico do uróboro patriarcal e da consciência matriarcal: a lua.

O símbolo da lua é tão polivalente que, de início, parece impossível demonstrar sua relação inequívoca com o feminino, pois ele aparece tanto como feminino quanto

[4] Ver o ensaio anterior, neste volume.

masculino, e também como hermafrodita. No mito, encontramos o sol como esposa da lua; com maior freqüência, é a lua que é esposa do sol. A fase da lua nova pode ser vista como a morte da lua feminina no abraço do sol, bem como a morte da lua-homem no abraço do mal-sol-mulher; é interpretada como a morte do Feminino que se segue à satisfação do dar à luz, e como a morte do Feminino após abuso sexual, mas também como revivificação do lunar (macho), esfaimado pela mulher-sol que o alimenta. Quando o sol e a lua são irmãos, a lua pode ser uma vez macho, outra vez fêmea, e seu primeiro movimento para longe um do outro, e em seguida novamente para mais perto, é interpretado como a aspiração da lua macho pelo sol fêmea-irmã; mas pode igualmente significar a lua-fêmea fugindo do macho-sol que a persegue e o desejo da lua-fêmea pelo sol-macho.[5]

Há uma diversidade de associações: em um dos exemplos, a lua é vista como o Masculino se relacionando com o Feminino, e em outro, como o Feminino se relacionando com o Masculino; mas essa variedade também é expressa na circunstância de suas diferentes fases, quando pode ser vista como masculina (como fase crescente ou minguante da lua), ou como feminina (como a lua cheia).[6] Isto conduz à noção mitológica amplamente difundida de que a lua é hermafrodita.

Mesmo se tentarmos reconhecer um padrão nestas associações aparentemente arbitrárias, o simbolismo ri-

[5]Teria sido fácil amealhar evidências para cada um desses estágios mitológicos e para muitos outros, mas isto teria sido supérfluo, porque estamos interessados aqui em interpretar o fenômeno, não em colher material para amplificá-lo. Ver Hans Kelsen, *Society and Nature*, Chicago, 1943; Robert Briffault, *The Mothers*, 3 vols., Londres e Nova York, 1927; e Oskar Rühle, *Sonne und Mond im primitiven Mythos*, Tübingen, 1925.

[6]René Spitz e W. G. Cobliner, *The First Year of Life: A Psycho-analytic Study of Normal and Deviant Develoment of Objet Relations*, Nova York, 1965.

camente cintilante da lua nos ensina que nenhum símbolo é "absoluto", mas antes somente pode ser interpretado com referência a um mundo simbólico maior, e abrangente. Mas a ordem do mundo simbólico maior e abrangente é determinada pela fase de desenvolvimento da consiência na qual aparece e com a qual está relacionada. Portanto, devemos distinguir se o simbolismo da lua pertence a um mundo matriarcal governado pelo Feminino arquetípico e pelo inconsciente, ou a um mundo patriarcal regido pelo Masculino arquetípico, e pela consciência.

Quando assim o fazemos, precisamos nos libertar da noção familiar segundo a qual a lua recebe sua luz do sol, porque astronomicamente, em todas as suas fases, a luz da lua é somente reflexo da luz do sol. Este estado de relações, surgido em primeiro lugar entre os pré-socráticos gregos e ainda discutido por Agostinho,[7] não é o que sempre foi tomado como ponto pacífico. O reconhecimento astronômico relativamente tardio da dependência em relação ao sol é a expressão e o símbolo da humilhação da lua no mundo patriarcal, no qual o sol e o dia, bem como a consciência humana em sua expressão arquetipicamente masculina, assumiram autoridade soberana. Aqui, a lua é fêmea e o sol é macho, mas ao mesmo tempo, o Masculino solar é o criativo, doador de luz, mas o Feminino lunar é dependente, receptivo da luz solar. Ademais, as muitas identificações de deidades fêmeas com a lua (como, por exemplo, no Helenismo) são expressões dessa reavaliação patriarcal. Quase sempre se trata de uma questão de conferir um *status* secundário ou subordinado aos "consortes" que são regidos pelo deus sol, mas as histórias dessas deusas freqüentemente

[7]Ver Hugo Rahner, "Misterium Lunae", *Zeitschrift für katholische Theologie*, 63, Innsbruck, 1939.

revelam relacionamentos bem diferentes com os homens e com o sol.

Para o mundo do alvorecer do tempo, cada fase da lua é essencial; manifesta a essência da lua, do mesmo modo como cada fase da vida manifesta a natureza de um ser humano. As constelações psíquicas mutantes que são características da mulher, ou nas quais a mulher experiencia seu relacionamento com os homens, são projetadas sobre a lua.

Na fase patriarcal tardia, o sol pode ser macho e a lua fêmea; como irmãos, cada um pode assumir ambos os sexos, ou a lua pode, como no nível matriarcal, ser vista como masculina; mas o relacionamento sol-lua sempre é percebido mitologicamente como um fenômeno celestial digno de nota, e acima e além disso, é freqüentemente uma pintura simbólica do relacionamento entre os sexos. O tipo de relacionamento, no entanto, depende do nível psíquico no qual se desenrola. A ordem do mundo patriarcal é precisamente o inverso da antiga ordem matriarcal em que predomina o Feminino. A esse respeito, não faz diferença se o lunar é atribuído à noite enquanto deidade masculina no matriarcado, mas sendo ao mesmo tempo rebento e filho dela — muitas vezes mesmo, como na lua nova, seu filho moribundo — ou se o sol e o dia surgem como recém-nascidos. Em ambos os casos (cujas diferenças devemos ignorar neste contexto), a dependência do Masculino diante da maternidade parideira do Feminino noturno fica enfatizada. Neste estágio, como ocorre freqüentemente no Oriente,[8] a lua tem o caráter do mundo e da vida superiores; o sol, no entanto, porta o caráter do mundo subterrâneo e da noite. Não obstante, o Feminino, morrendo como lua nova, e na morte fecundada pelo sol, é o princípio regente.

A luz que provém do abraço do sol não é gerada pelo sol, nem tampouco tomada de empréstimo, apenas surge e é desencadeada por ele, pois o mesmo é válido para a feminilidade matriarcal da lua, e para a madeira fêmea, que por sua própria natureza contém o fogo dentro dela, que o fogo masculino perfura, apenas libertando pela perfuração, sem no entanto procriar nela.[9] No nível matriarcal isto significa que as fases da lua são entendidas como fases do ser fêmea, independente do sol, muito embora a lua fêmea morra na lua nova e entre num contato de vida e morte com o sol. As fases da gravidez,[10] por exemplo, também são entendidas dessa maneira. Pois uma das "equações" típicas entre a lua e o Feminino repousa em seu caráter de se dilatar e encolher em conexão com a fertilidade, com o que o Masculino nada possui de comparável.

Na fase matriarcal, a ênfase recai nos fenômenos do céu à noite — isto é, esta fase representa uma psicologia noturna e lunar. O mundo da consciência solar-diurna é menos enfatizado, porque, psicologicamente interpretada, a humanidade nesta fase ainda vive mais no inconsciente do que na consciência, e porque o desenvolvimento que atinge o seu zênite no ato de despertar da consciência para a consciência ainda não foi ultrapassado. Muito embora uma lua masculina tenha freqüentemente sido associada a um estágio matriarcal antigo e uma lua feminina, com um estágio masculino mais recente, seria demasiada simplificação afirmar que o simbolismo mas-

[8] A. Jeremias, *Handbuch der altorientalischen Geistekultur*, 2ª edição, Berlim, 1929; 1ª ed., 1913, p. 240.

[9] Tudo isto deverá ser apresentado detalhadamente no meu ensaio projetado *Psychologie des Weiblichen*. [Neumann não editou mais tarde o que teria aparentemente sido uma extensão do trabalho sobre a psicologia do feminino, embora tivesse tocado no tema do treinamento de incêndio em *The Great Mother*, B.S. XLVII, 1955, pp. 225 e 310-11. V. também Jung, *Símbolos de Transformação*, CW 6, index, s.v. fire-boring.]

[10] Ver Kelsen, p. 45.

culino da lua seria mais tarde substituído pelo simbolismo feminino.[11]

Mas, independentemente do estágio de desenvolvimento da consciência, e também sem levarmos em consideração se surge como fator dominante na psicologia de um homem ou de uma mulher, em sua essência, a lua está ligada ao arquétipo Feminino. Em todos os casos, pertence ao tipo de símbolos centrais do Feminino, seja enquanto uma lua masculina, que simboliza os componentes arquetípicos masculinos da vida de uma mulher no nível matriarcal, seja enquanto uma lua feminina, que simboliza os componentes femininos da vida de um homem no estágio patriarcal.

Talvez a diversidade da natureza masculina, feminina e hermafrodita da lua tenha sido estabelecido de modo mais belo no hino do deus lua de Ur, onde se lê:

> Poderoso Bullock de cornos espessos, e membros perfeitos, barba lazulínea, cheio de força e de exuberância,
> Fruto autogerado, de elevada estatura, magnífico de ser visto, cuja exuberância não nos fartamos de ver,
> Útero, matriz do universo, que ocupa uma morada resplandecente entre as criaturas vivas,
> Aquele que é misericordioso, Pai benévolo, que mantém a vida de toda a terra em sua mão.[12]

[11]O relacionamento compensatório entre a lua e o princípio da consciência — tal que uma lua-animus masculina arquetípica compensa uma consciência matriarcal feminina arquetípica, e uma lua-anima pertence à consciência patriarcal masculina — não é uma verdade sem exceção. Por exemplo, num estágio matriarcal, a natureza de fases da lua pode ser conceitualizada como arquetipicamente feminina, como vimos. E vice-versa, na psicologia patriarcal do judaísmo, o homem pode se experimentar como uma lua feminina, diante de um princípio divino masculino superior, se a consciência religiosa do homem se identificar com a lua-anima feminina. A identificação entre Jacó e a lua no midrash judaico é característica disso. Exemplos similares podem ser encontrados na Cabala. Relacionamentos simbólicos análogos são coletivamente válidos na identificação da igreja com a lua (v. acima Rahner, nota 7), e individualmente válidos lá onde, no misticismo, a alma individual assume um caráter lunar receptivo diante da divindade.

[12]A. Ungnad, ed., *Die Religion der Babylonier und Assyrer*, Iena, 1921, p. 165. [Cf. também uma versão virtualmente idêntica tirada de uma tábula encontrada em Nínive, trad. F. J. Stephens, *Ancient Near Eastern Texts*, ed. James Pritchard, Princeton, 2ª ed., 1955, p. 385.]

"Poderoso Bullock, de cornos espessos e membros perfeitos, com barba lazulínea, cheio de força e de exuberância" — esta imagem da lua como um garrote e como frutificador, como uma força fálica e dionisíaca que intensifica a vida, e que — enquanto jovem amante e enquanto esposo, enquanto propiciador de prazer e procriador —, ergue-se no ponto central da vida matriarcal arquetipicamente feminina, pertence ainda à fase da Grande Mãe e ao seu ritual de fertilidade que pretendia satisfazer às necessidades elementares da humanidade, particularmente às da comida. Enquanto senhor da periodicidade tanto cósmico-celestial quanto da feminino-terrestre (cujos 28 dias são análogos a seu ritmo celestial), a lua — cujas fases crescente, minguante e nova têm sido para a humanidade, desde tempos imemoriais os mais impressionantes dos fenômenos celestiais — é a mais visível, a correspondência mais baixa e terrestre com os processos superiores, celestiais. As áreas sujeitas à lua são múltiplas e, como veremos, de modo algum restritas ao domínio psicológico.

Assim como o símbolo do corpo celeste autotransformativo, que cresce e míngua, o lunar é o senhor arquetípico da água, da umidade e da vegetação, isto é, de tudo que cresce e vive. É senhor da vida psicobiológica, e portanto, senhor do Feminino em sua essência arquetípica, cujo representante humano é a mulher terrestre. Com seu domínio sobre o mundo psicobiológico da umidade e do crescimento, todas as águas das profundezas, correntezas, lagos, fontes, e sucos vivos estão sujeitas a ele. Este mundo é o mundo primevo do "uróboro alimentar" da aurora dos tempos, onde a vida, enquanto alimento e fertilidade, é a preocupação central da humanidade.[13]

[13]Ver *Origens e História*.

A fertilidade dos animais de caça, dos rebanhos, dos campos e do grupo humano se ergue no ponto central desse mundo, que conseqüentemente, numa ampla medida, é o mundo do Feminino, do dar à luz e do alimentar, isto é, o mundo da Grande Mãe, no qual a lua detém o poder.

O ritual de fertilidade, enquanto uma tentativa da humanidade, com o auxílio da mágica, para influenciar os poderes numinosos dos quais depende todo o alimento e portanto a própria vida, tem parte, desde o próprio começo, na fertilidade que a humanidade reverencia na mulher, enquanto senhora do útero fértil e do seio que nutre, senhora do sangue e senhora do crescimento. Por conseguinte, a fertilidade depende, em ampla medida, da atividade mágica da mulher,[14] sobre a qual a lua se ergue como poder transpessoal de orientação. Encantamento e magia, mas também inspiração, pertencem igualmente à lua e à mulher, que é xamã e sibila, profetisa e sacerdotisa.[15] As pesquisas de Briffault demonstraram que a lua e a mitologia da lua desempenharam um papel preponderante na alvorada da história humana, mas no contexto de nossa discussão, a evidência que ele tira do Feminino na história primeva e da subordinação da lua a ele (como o princípio masculino)[16] têm, no mínimo, igual importância.

Antes de tudo, podemos listar os seguintes aspectos arquetipicamente masculinos da lua, encontrados por todo o mundo: o lunar é visto como "senhor das mulheres"; não somente é seu amante como também seu legítimo esposo, perto do qual o homem terrestre efetivo somente aparece enquanto "co-esposo". O lunar é o senhor da vida feminina, em sua unicidade, que começa com a menstruação, o sangramento mensal. No entanto, a menstruação é causada pela lua, que ataca a mulher e, digamos assim, a "deflora espiritualmente".

[14]Ver acima, Briffault, nota 5.
[15]Ibid., vol. 2, pp. 502s.
[16]Ver M. Esther Harding, *Women's Misteries, Ancient and Modern*, Nova York, 1935; rev. 1955, com cujas conclusões concordo somente em parte.

Como a sabedoria arquetípica do inconsciente sustenta justificadamente, o defloramento espiritual é o momento decisivo do destino de uma mulher. Pela menstruação, a jovem se torna mulher — naturalmente, digamos assim, pela deidade, pela lua, como as pessoas costumavam dizer. Em comparação, o defloramento anatômico tem um papel secundário. Entre os povos primitivos, o intercurso sexual que resulta no defloramento anatômico começa freqüentemente na infância; em muitas culturas a defloração acompanhada de sangramento é entendida como magicamente perigosa e, por conseguinte, como negativamente sagrada, e é executada por agentes sagrados, sacerdotes ou estrangeiros, isto é, não pelos membros do grupo, que poderiam ser infectados pelo ato. Somente quando a mulher passou a ser vista como propriedade patriarcal, ou, mais precisamente, como um meio para adquirir propriedade, é que a virgem intocada e, por conseguinte, a defloração anatômica atingiram uma significação positiva, e desse modo, indiretamente, tornou-se também um evento importante para a mulher, do qual dependia a sua futura vida enquanto mulher.

Em todo caso — isto é, independentemente das avaliações e reavaliações culturais respectivas —, a menstruação, enquanto defloração espiritual, determina a vida da mulher. Como se sabe, a fertilização e a fertilidade não eram de início associadas às relações sexuais. Isto é compreensível, pois as relações sexuais se iniciam antes da época em que começa a fertilidade, e continuam depois que tenha terminado. Há casamentos sem filhos, e mulheres descasadas, com as quais ninguém acreditaria que um homem tivesse tido relações (como, por exemplo,

retardadas mentais, doentes mentais, deformadas etc.), que têm filhos. Embora a atividade sexual não esteja de modo algum ligada de modo óbvio à fertilização, a conexão entre o início da menstruação e a possibilidade da fertilização, bem como a conexão entre a gravidez e a interrupção da menstruação e entre a cessação da menstruação e o fim da fertilidade, são auto-evidentes à mentalidade dos povos primitivos.

Mas, psicologicamente, o fato de que o lunar, senhor da menstruação e da fertilidade, seja visto como frutificador da mulher, significa que as relações sexuais com homens de carne e osso são experienciadas num nível diferente de valor e de sentido do que a menstruação, a gravidez e o nascimento. É típico do nível matriarcal da psicologia da mulher que emocionalmente prevaleça uma total ou relativa falta de relação da mulher com o homem. Aqui a mulher experimenta a relação sexual como um fenômeno especial individual relacionado com o esposo pessoal. Nas culturas antigas, com sua promiscuidade sagrada geral ou periódica, demonstrável em muitos lugares, mesmo que não possa representar a situação sexual originária, a mulher experiencia a relação sexual como mutável e efêmera, e como um jogo de prazer ou de paixão. A ausência de relacionamento de amor individual e a predominância da situação social quanto ao contrato de casamento explicam o fato de que, no nível matriarcal da psicologia da mulher, a experiência de uma sexualidade sem objetivo e as experiências da menstrução, gravidez e nascimento — assim como mais tarde o relacionamento com a criança — estão ligadas muito mais firmemente à experiência interior da mulher do que ao seu relacionamento com um homem.

A situação básica nesse nível — o fato de que o relacionamento com um homem se manifeste mais enquanto fenômeno social do que enquanto emocional ou espiritual — leva a uma condição que não raro é encontrada nas neuroses das mulheres modernas: suas experiências interiores relacionadas à vida sexual não estão ligadas no marido e parceiro pessoal terrestre, e relacionadas com ele, mas são projetadas a distância, numa figura transpessoal e impessoal, e experienciadas como provenientes desta figura, como se fosse da "lua". Assim sendo, como senhor da defloração interior, o lunar é o senhor das mulheres, uma vez que a menstruação começa depois que ela dorme invisivelmente com ele; ele é o frutificador e o "verdadeiro" pai da criança, mas também é o senhor do êxtase e da excitação, tornando-se assim senhor da alma e de sua inspiração orgiástica.

Isto significa que a mulher pertence à lua à maneira de uma típica *participation mystique*; isto surge da identificação inconsciente da mulher com a lua. A mulher se sabe ligada à lua e identificada com ela, em todas as experiências essenciais de sua existência, dependendo dela e fundindo-se com ela. O relacionamento da mulher com a lua está representado pelo relacionamento da lua com a terra e com a vida. Como observou Bachofen,[17] o fato de que a lua seja vista como a terra celestial, e de que as deusas da terra de modo extraordinariamente freqüente sejam também deusas da lua, indica o caráter multinivelado da psique feminina, que se expressa na terra e na lua, em seu relacionamento mútuo. Considerada a partir do ponto de vista masculino solar, o "mundo sublunar" é o desprezível mundo matriarcal. Mas em grande parte o conteúdo e o simbolismo da consciência matriarcal repousam nesse caráter unitário do Feminino, para o qual o céu da noite e a terra formam o grande ovocircular do uróboro matriarcal, no centro do qual fica a lua, que en-

[17] Cf. Myth, *Religion and Mother Right: Selected Writings of J. J. Bachofen*, trad. Ralph Manheim, B.S. LXXXIV, 1967.

quanto ovo prateado representa e ilumina o ovo escuro, orbitando-o num nível superior.

"Fruto autogerado", "útero, ventre do universo", por mais estranho que possa parecer, esta terminologia é aplicada à lua, que pertence profundamente à tomada de autoconsciência do nível do matriarcado, em que a mulher se reconhece e celebra a si mesma como fonte da vida. "Útero, ventre do universo, fruto autogerado" — este é o apelo feito à Grande Deusa do alvorecer da humanidade, Deusa que, assim como o céu da noite, também é a própria lua, à qual deu nascimento como algo masculino.[18]

O relacionamento da mulher com o lunar, portanto, se estende muito além do aspecto da fertilidade biológica — isto é, fálico-ctônico. Já ressaltamos acima o fato de que o lunar também é senhor do encantamento e da fertilidade mágica, mas a importância da lua como espírito não se restringe ao relacionamento sagrado e seletivo da mulher, é uma importância que ela possui enquanto profetisa e sibila.

Elementos constitutivos essenciais da cultura dos primórdios foram criados pela mulher e pelo seu espírito inventivo. Realizações tão importantes quanto preservar o fogo, preparar a comida e as bebidas embriagadoras, fabricar roupas, fiar e tecer, bem como fazer cerâmica etc., fazem parte do domínio primevo da mulher. Originalmente, não se tratavam de feitos "técnicos" no sentido em que a consciência patriarcal utiliza o termo, mas sim rituais baseados em símbolos. Deveriam ser denominados mistérios primários, porque têm a ver com uma atividade inconsciente e simbólica, e ainda não com mistérios que envolvam cognição.

[18]A bissexualidade da lua encontra expressão já tardiamente, no mito platônico, onde os homens se originam do sol, as mulheres do [planeta] Vênus, e os hermafroditas da lua. Essa bissexualidade pertence à situação primal do uróboro, que contém o feminino e o masculino. [Cf. *Banquete*, 190b, onde, entretanto, se afirma que as mulheres descendem da terra.]

Mas, uma vez mais aqui, com espantosa consistência também, a atividade da mulher é eclipsada pela da lua, pois o lunar surge como tecelão e fiandeiro, senhor do pão, da cerâmica, da tecelagem, inventor da roupa e dos ornamentos do corpo, e também aqui prova ser o senhor da vida feminina.[19]

Muito embora inicialmente exterior, este é o ponto em que podemos mais facilmente entender o que para nós tem maior interesse: o significado da lua enquanto espírito. A atividade espiritual mais fundamental do inconsciente é a súbita aparição de algo que "vem até" a consciência com uma ausência de previsibilidade "lunática" — isto é, como a lua; isto se aproxima da produtividade espiritual ou intelectual não sistemática da humanidade e do Feminino, e pertence àquela atividade espiritual primeva. O pensamento súbito e a intuição são expressões da força espiritual do inconsciente, do *lumen naturae*,[20] do mundo da noite arquetipicamente feminina, cuja escuridão se torna subitamente luminosa, como que por inspiração.

Esse nume é experienciado por projeção sobre a lua, aquele símbolo do espírito no inconsciente, centralmente ligado ao Feminino que, por essa razão, vemos como a figura central da "consciência matriarcal". Assim sendo, na linguagem da psicologia analítica pareceríamos capacitados a dizer que a lua é o ponto central arquetípico do mundo feminino do espírito-animus. Esta formulação, entretanto, não basta quando diferenciamos o conceito

[19]Ver Briffault, *The Mothers*, pp. 624 e ss.

[20]"A luz da natureza é uma apreensão intuitiva dos fatos, uma espécie de iluminação." Jung, "Paracelso como um Fenômeno Espiritual", CW 13, par. 148.

de animus de modo mais elevado do que até agora, tarefa que passaremos agora a realizar.

Distinguimos três níveis ou camadas do mundo do animus que se coordenam a três diferentes estágios de desenvolvimento da psique da mulher: o patriarcado, o matriarcado, e o nível urobórico. A transformação que atinge a psique da mulher quando ela se desenvolve e sai de seu contenimento no uróboro materno na direção do matriarcado, e mais tarde sai deste estágio na direção da vida no patriarcado, também informa e modela a parte estrutural da psique que designamos como animus, o arquetipicamente masculino, o lado-espírito da mulher. Estes estágios podem ser demonstrados tanto nas projeções coletivas do mundo mítico, quanto nas projeções individuais da mulher moderna.

A camada mais superficial e mais recente do mundo do animus surge do patriarcado. Este mundo do animus expressa-se em opiniões e asserções que, vistas mais de perto, provam constituir-se como propriedade do espírito arquetipicamente masculino, patriarcal. Surgem do mundo da consciência e do espírito masculinos, que são extrínsecos e estranhos à mulher e ao Feminino. Expressam a soberania interior do patriarcado sobre a mulher. É por isso mesmo que este nível do animus de fato não pertence à natureza da mulher, mas à cultura masculina.

A forma mais elevada do animus no mundo patriarcal é o guia de almas, o psicopompo, que constitui a transição para a próxima camada, mais profunda, à qual ele "inicia". Pois, atrás ou abaixo desse mundo patriarcal do animus, encontramos o nível animus-espírito, com o qual o Feminino e a mulher estão ligados de modo mais antigo. Denominamos essa camada do animus-espírito urobórico patriarcal. Aqui, o Masculino é transpessoal e numinoso; tem caráter divino, demoníaco e divino-humano, e representa uma espécie de espírito da natureza que nada

pode tornar racional e próximo da consciência, mas no qual sentimentos e emoções, o demoníaco, a musicalidade sem palavras, e o erotismo são predominantes. Encontramos esse mundo-animus presente onde quer que a mulher sonhe, deseje, fantasie e esteja interiormente "consigo mesma". Este mundo é regido por criaturas perambulantes e orgiásticas, demoníacas e divinas, amorosas, em cujo ser terreno e celestial, qualidades super e subhumanas, formas angelicais, tanto quanto aspectos fora da moralidade são reunidos de uma maneira completamente irracional.

Seria errôneo ver a cativação exercida por esse mundo de floresta, ilha e lua apenas como negativo, muito embora seu fascínio sempre desempenhe um papel perigoso nas neuroses das mulheres, induzindo a mulher para fora da realidade e dos relacionamentos reais. Apesar de tudo, esse mundo interior secreto é um mundo de espírito criativo da vida feminina, e, quando alguém consegue anexar este estágio psíquico matriarcal com seu mundo do animus à vida de uma mulher, o resultado é um decisivo enriquecimento da produtividade. (Não discutiremos aqui o nível mais profundo, o nível do animus urobórico, no qual o Pai Divino e a Mãe Divina estão unidos.)

2

Antes de tentarmos uma compreensão psicológica mais profunda da "consciência matriarcal", vamos nos permitir um "interlúdio etimológico sobre a lua", para nos informar sobre particulares de sua estrutura arquetípica. Acontece que o aspecto psicológico do arquétipo oferece um ponto de unificação virtual para a coesão interna de raízes que até então têm sido vistas como linguisticamente independentes.

A etimologia[21] tenta distinguir duas raízes: uma delas é a raiz "lua", que com a raiz grega *men*, lua, o latim *mensis*, mês, e a palavra *medida*, pertencem à raiz *ma* e à raiz do sânscrito *mâs*: a outra é a raiz do sânscrito *manas*, do grego *menos*, do latim *mens*, mente etc., que representa a raiz por excelência do "espírito".

Um crescimento ricamente ramificado de sentidos essencialmente espirituais surge da raiz do sânscrito *manas*: o grego *menos*, espírito, alma, coração, índole, ardor; *menoinan*, pensar sobre algo, meditar, desejar; *memona*, ter em mente, pretender; *mainomai*, pensar, mas também perder-se nos pensamentos, delirar ou enfurecer-se, ao qual pertencem também *mania*, possessão, delírio, loucura, frenesi, e *manteia*, profecia. Outras ramificações do mesmo espírito-raiz são *menis*, *menos*, ira; *menuo*, anunciar, informar, revelar; *meno*, no latim *maneo*, permanecer, ficar, e em sânscrito *man*, hesitar, demorar, aguardar, permanecer firme, ou estável; *manthano*, aprender, em latim *memini*, lembrar-se, e *mentiri*, mentir. Todas essas raízes do espírito surgem da raiz sânscrita originária *mati-h*, pensamento, intenção.

Agora, sem qualquer justificação, encontramos a raiz da lua, *men*, *mensis*, mês, *mâs* (pertencente a *ma*, medir), justaposta a esta raiz. De onde surgem não somente *matra-m*, medida, mas também *metis*, astúcia, sabedoria, e *metiesthai*, meditar, ter em mente, sonhar. Para nossa surpresa, verificamos que essa raiz-lua — que supostamente está em oposição à raiz-espírito — derivou a partir da raiz sânscrita *mati-h*, medida, conhecimento, bem como a raiz-espírito.[22]

[21]Cf. os seguintes dicionários etimológicos: J. e W. Grimm, *Deutsches Wörterbuch*, 1852 e ss.; M. P. E, Littré, *Dictionnaire de la Langue Française*, 1863-1872; E. Boisacq, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque*, 1916.

[22]Boisacq, *Dictionnaire*.

Portanto, a raiz arquetípica unitária desses sentidos é o espírito-lua, expressado em todas essas ramificações lingüísticas, e que nos revela sua essência e seu sentido original dessa maneira. Aqui, um movimento emocional, intimamente ligado à atividade do inconsciente, emana do arquétipo da lua como espírito-lua. Numa erupção ativa é espírito fogoso, coragem, raiva, possessão e loucura; é a atividade de revelação que leva à profecia, a se pensar as coisas a fundo, projetar e conceber, e mentir, mas também a fazer poesia. Mas esta produtividade fogosa é acompanhada por outra postura, "mais comedida", associada à meditação, ao sonho, à espera, ao desejo, hesitação, demora, e com a memória e o aprendizado, e flui na direção da medida, da inteligência e da significação.

Já falamos da súbita emergência na consciência (em alemão *Einfall*) de uma idéia enquanto uma atividade espiritual original do inconsciente. A penetração de conteúdos espirituais na consciência, dotada do caráter de convicção intuitiva, e a capacidade que eles têm de dominá-lo, constitui provavelmente a forma original sob a qual o espírito apareceu na humanidade. Enquanto uma consciência em expansão, um ego reforçado introjeta esses conteúdos emergentes, e os compreende como manifestações internas da psique, que aparecem originalmente no ego como "vindos de fora", como revelação sagrada, e como mensagens numinosas dos poderes dos deuses. Mesmo se os denominar intuições ou inspirações, o ego que experiencia esses conteúdos provenientes do exterior assume uma postura receptiva diante desse fenômeno espontâneo do espírito, uma postura característica do estágio matriarcal da consciência. Hoje, mais do que nunca, continua sendo verdadeiro que a humanidade recebe as revelações do espírito-lua durante a noite, com sua estimulação do inconsciente, e sua concomitante introversão, mais facilmente do que à luz do dia.

É óbvio que a consciência matriarcal não está restrita à mulher; existe igualmente no homem, na medida em que seu consciente é uma consciência-anima. Isto é verdadeiro especialmente para a pessoa criativa: ainda assim, as pessoas em geral são dependentes da atividade do inconsciente para a inspiração e a intuição, bem como para o funcionamento dos instintos, e para prover a consciência de "libido". Mas tudo isto é governado pela lua; por esta razão, é necessário permanecer em harmonia com a lua e acompanhá-la, isto é, manter seu culto.

A importância da lua como cronômetro está no primeiro plano do culto da lua. Ela dirige a orientação temporal da humanidade primitiva; para toda a humanidade, o cálculo das luas, dos meses e do ano lunar deriva da lua. O tempo-lunar, no entanto, não é somente o tempo abstrato e quantitativo da consciência científica patriarcal. É antes um tempo qualitativo: suporta mudanças e ao mudar assume diversas qualificações. O tempo lunar é rítmico e periódico, crescente e minguante, favorável ou desfavorável. Assim como o tempo que governa o cosmos, ele governa a Terra, as coisas vivas e o Feminino.

A lua crescente não é apenas uma cronologia, é uma qualidade simbólica do mundo vivente e da humanidade, tanto externa como internamente, assim como o são a lua minguante, a lua cheia e a lua nova. Fazemos mais justiça às fases da lua do tempo lunar quando temos em mente o caráter arquetípico dessas fases enquanto corpos que emanam radiações. São centros de vibrações, de ondas, de correntes e de poder que permeiam o mundo e pulsam através da vida psicobiológica a partir de dentro como a partir de fora. O tempo lunar determina a vida humana. A lua nova e a lua cheia são os tempos sagrados mais antigos; a escuridão da lua nova, como vitória da escuridão da noite-dragão é o "primeiro" tempo típico da

obscuridade e do distúrbio. Mas semear e colher, crescer e amadurecer, e além disso tudo a boa e a má sorte de qualquer empreendimento e de qualquer atividade dependem das constelações do tempo lunar cósmico.

A eficácia do tempo lunar não se restringe à vida do mundo primitivo e às primeiras culturas; estende-se também até às épocas mais tardias da história grega, por exemplo, quando os lacedemônios (ou espartanos, como também eram conhecidos) não puderam chegar a tempo para a batalha de Maratona, porque não lhes era permitido lutar na primeira metade do mês. Esse padrão continua nos tempos modernos, nos quais — sob a forma do ano sagrado e do ano litúrgico, baseados na semana de sete dias — o tempo lunar cósmico ainda regula e governa nossa vida com seus dias de festa e dias de repouso.

Mas o lugar preeminente onde a lua e sua periodicidade se manifesta, é claro, é a mulher e o Feminino, que portanto os homens e o Masculino agora e sempre identificam com a lua. A mulher não somente está ligada à periodicidade da lua em suas transformações mensais — muito embora a sua periodicidade interior lunar tenha se tornado independente da lua exterior —, como também sua "mentalidade" é determinada pela lua, e o comportamento de seu espírito é moldado pelo arquétipo da lua como a essência da consciência matriarcal.

Ernst Cassirer[23] fala de tempo biológico-cósmico e do sentimento de fases inerente ao conceito mítico de tempo, sem no entanto reconhecer a dependência do primeiro em relação à experiência do lunar em seu íntimo relacionamento com o Feminino. O que está em questão é o fato de que não somente a humanidade experimenta os tempos sagrados e a sua própria existência como uma

[23]Ver Ernst Cassirer, *Philosophie der Symbolischen Formen*, trad. Ralph Manheim, vol. I, New Haven, 1953.

seqüência de fases (mais ainda, baseada no sete); é importante observar que esta experiência do lunar é uma categoria fundamental da consciência matriarcal e, portanto, do espírito arquetípico feminino.

A periodicidade da lua, com seu pano de fundo noturno é o símbolo de um espírito que cresce e se transforma em conexão com os processos obscuros do inconsciente. A consciência-lunar, que poderia também ser chamada de consciência matriarcal, jamais está separada do inconsciente, pois é uma fase, uma fase espiritual, do próprio inconsciente. O ego da consciência matriarcal não possui atividade livre e independente própria; ao contrário, espera, passivamente, afinada com o impulso do espírito que o inconsciente lhe traz.

"Favorável" e "desfavorável" é uma cronologia, na qual a atividade-espírito dependente da periodicidade do inconsciente volta-se para o ego, torna-se visível, e se revela, ou se afasta, torna-se obscura e desaparece. É tarefa do ego no nível matriarcal da consciência esperar e estar à espreita dos tempos favoráveis e desfavoráveis, colocar-se de acordo com a lua mutante e estabelecer uma harmonia, uma unanimidade com as oscilações que dela emanam.

Em outras palavras, a consciência matriarcal depende do humor, a concordância no humor com o inconsciente. Pode-se fazer uma avaliação negativa dessa dependência da lua, como inconstância e como capricho, mas, vista positivamente, dá à consciência um pano de fundo que funciona como uma caixa de ressonância, e enquanto tal representa uma peculiaridade especial e muito positiva da consciência matriarcal. Existe algo de fortemente musical a respeito desse caráter do humor e da congruência de humores em sua dependência com o ritmo, com os tempos e as ondas do crescente e do minguante, do crescendo e do decrescendo. Precisamente a respeito

de sua ênfase no ritmo, a música e a dança desempenham portanto um papel importante para a atitude e o estabelecimento da consciência matriarcal, e para a unanimidade entre o ego, o Feminino, e o espírito-lua que dá o tom da consciência matriarcal.[24]

Ainda que a qualidade musical não seja uma característica geral o "uróboro patriarcal", essa é uma forma freqüentemente encontrada nele. A natureza embriagadora e orgiástica da música pertence às fascinações e exaltações profundas da essência feminina. Aqui, um sentimento emocional, que leva a pessoa até o ponto de dissolução, e a experiência espiritual irracional da harmonia se combinam para agirem juntas de acordo com uma lei interna invisível. A experiência de ser transportado e levado estende-se desde a fascinação com a voz e o instrumento do flautista de Hamerlin, até à música extasiante de Dioniso, da força desintegradora na música do ritual orgiástico até o efeito da música na mulher moderna.[25]

Se constituirmos a lua como o lado espiritual do inconsciente — forma sob a qual aparece com freqüência

[24]Não é por acaso que o reduto das Musas — isto é, dos poderes femininos que regem todas "meditações": a música, o ritmo, a dança, a profecia, a adivinhação, e, em geral, tudo o que é criativo e artístico — está associado à lua, em seu relacionamento com os números nove e três (V. Kerényi, "Die orphische Kosmogonie, und der Ursprung der Orphik", *EJ* 1949). Igualmente associadas a ela são as figuras de Museu, de seu filho Eumolpo e de Orfeu, que haviam se tornado muito importantes para fazer prosseguir a consciência matriarcal nos mistérios órficos e eleusinos (J. J. Bachofen, *Das Mutterrecht*, (1ª ed., 1861), 3ª ed., vol 2, pp. 849, 856 e ss. [A obra citada na nota 17 acima não contém estas passagens.] Além disso, ainda podemos mencionar que na China a origem do teatro é atribuída à lua. Um imperador que havia visitado a lua, conta a lenda, ficara tão encantado pelas canções e danças festivas de lá, que depois de seu retorno à Terra ensinou aos jovens aquelas canções e aqueles passos, e assim fundaram o Teatro Chinês. Ver Juliet Bredon e Igor Mitrophanow, *The Moon Year: A Record of Chinese Customs and Festivals*, Shangai, 1927.

[25]A esse respeito, é claro, a música não é a única arte específica que existe no tempo; o simbolismo da lua como um todo, o conceito de tempo qualitativo, ritmo, fases etc., são decisivos para sua estrutura básica — e de modo algum se restringem à música primitiva.

no inconsciente das pessoas modernas —, de início, parece incompreensível por que deveríamos associar isto à periodicidade e ao fenômeno do tempo. Mas esta conexão também é muito informativa.

Uma miríade de fatos sustentam a visão segundo a qual, independentemente do sistema consciente e por direito próprio, o sistema psíquico inconsciente (que denominamos inconsciente coletivo) está algumas vezes ativo e animado, e em outras, aquiescente e em repouso, isto é, possui uma periodicidade interior. Este fenômeno começa com a alternância entre dia e noite, que está ligada a uma alternância dentro do sistema psicobiológico, e a uma alternância entre consciência e inconsciente. Portanto, o sistema psíquico e o relacionamento entre os subsistemas psíquicos da consciência e o inconsciente estão submetidos a uma periodicidade psicobiológica. Uma periodicidade desse tipo foi parcialmente demonstrada na doutrina dos períodos macho e fêmea.

Mas a dependência da vida psíquica em relação à vida da estação do ano, mais abrangente, também pertence a esse contexto. Psicologicamente, o outono e a primavera não apenas influenciam o desencadeamento de psicoses, que ocorrem em maior número nessas épocas, a vida sexual também está num relacionamento conspícuo com a primavera, cuja caracterização como "estação do amor" é confirmada pelo aumento do número de concepções, crimes sexuais e suicídios durante a primavera.[26]

No entanto, uma vez que a sexualidade é um núcleo central dos sintomas da vida psíquica em geral, podemos inferir a partir disto a extensão da dependência de nossa psique em relação a períodos cosmicamente determinados, provavelmente até nos detalhes de nossas vidas.

[26]V. Willy Hellpach, *Die geopsychische Erscheinungen: Wetter, Klima, Boden, und Landschaft in ihren Einfluss auf das Seelenleben*, Leipzig, 1917.

Nosso aspecto, não faz absolutamente diferença se conceptualizamos esse efeito como controlado pelos hormônios, ou de alguma outra forma.[27]

É fato bem conhecido que as pessoas criativas e sua capacidade de produzir estão sujeitas à periodicidade. Aqui os efeitos dessa periodicidade se estende por muitos anos. Mas onde quer que observemos a conformidade dos desenvolvimentos em direções similares, entre culturas existindo independentemente umas das outras, num certo período da história, desdobramentos que tenham sido verificados ou, no mínimo, tornados prováveis, então um pouco dessa conformidade parece sustentar a noção segundo a qual séries de desenvolvimento análogo surgem espontaneamente no inconsciente coletivo da humanidade em geral. Para mencionarmos somente um exemplo, é digno de nota o fato de que certos desenvolvimentos culturais da consciência na Suméria, no Egito, na Índia, na China e na América Central ocorreram durante o mesmo período de tempo, que comparado quantitativamente às centenas de séculos de desenvolvimento que os precederam, podemos francamente designar como plenamente contemporâneos, e que são inexplicáveis em termos de quaisquer influências externas.[28]

Mesmo que desprezemos todas as interpretações destes fatos, é compreensível que observações e experiências desse tipo tenham levado a humanidade a ver o mundo e o destino como um decorrer periódico de eventos, tal como encontramos, por exemplo, nas épocas de um milhão de anos dos hindus, no ano platônico, e finalmente no "eterno retorno" de Nietzsche. Assim sendo, há boas

[27]Podemos apenas aludir aqui à psicologia da astrologia, de cuja doutrina deriva toda a tipologia humana, bem como o curso do destino, a partir da condição do tempo da gravidez e do parto.

[28]V. Rudolph Otto, "Das Gesetz der Parallelen", in *Vishnu Narayana: Texte zur indischen Gottes-Mystik*, 1917, pp. 132s.

razões para se pressupor que existe uma periodicidade cósmica e psicobiológica e que o inconsciente coletivo é uma dentre várias dessas áreas de manifestação. Mas então, esse tipo de periodicidade determina não apenas o mundo, como também a história do desenvolvimento da mente e de seus produtos; forma constelações de conteúdos nas coletividades humanas, tanto quanto nos "Grandes Indivíduos",[29] que as representa, conteúdos que se manifestam forçosamente na produtividade do indivíduo e do grupo, e que portanto devem ser trabalhados no decorrer do tempo, freqüentemente atravessando gerações.

A época na qual uma pessoa vive, e a fase do curso supra-ordenado do destino no qual se localiza o desenrolar de uma vida pessoal não é apenas individualmente marcado pelo destino; o que determina a humanidade é o próprio *tempo*, é destino e o seu curso. A humanidade que sempre experienciou isso, e as deidades do destino são deidades do tempo, isto é, principalmente deidades da lua.

Inicialmente, o membro anônimo do grupo não tem tempo pessoal nem destino. Compartilha o destino e o tempo com o grupo. O destino pessoal vai se separando do destino coletivo com a individualização progressiva que ocorre somente com o despertar do Grande Indivíduo, que foi o primeiro a ter um destino e um tempo pessoais. Só então a estação cósmica e a época do mundo, decisivas de maneira geral, são reformuladas no tempo da individuação, na qual o presente do indivíduo lhe pertence irrevogavelmente, assim como seu ego, sua inteireza e seu destino. É somente no tempo da individuação que a lua se torna "lua interior", e que a totalidade cada vez mais visível do Self se torna um centro abrangente e simultaneamente orientador que é percebido; um centro ao qual

[29][Ver Neumann, *Origens e História*, e *The Place of Creation* (Ensaios, vol. 3), índices, s.v. Grande Indivíduo.]

até mesmo a lua está subordinada. Mas visto da perspectiva da consciência matriarcal, ainda há de fato um longo caminho até o estágio final.

A consciência matriarcal, ou consciência lunar, encontra-se no início do desenvolvimento da consciência humana; o que nos concerne aqui é esta, e não a sua recorrência na psicologia da individuação, que é um reaparecimento num nível superior, como sempre acontece quando, no curso de um desenvolvimento normal, encontramos novamente algo já experimentado.

Ainda assim, a conexão entre o tempo, o inconsciente e o espírito lunar pertence ainda mais profundamente à natureza essencial da consciência matriarcal do que ficou evidente em nossa discussão até aqui; e somente quando apreendemos adequadamente o caráter espiritual do arquétipo da lua podemos entender o que a consciência matriarcal e o "espírito feminino" significam.

O caráter de ataque e estupro que acomete a personalidade e a transporta ao êxtase, à loucura, à poesia e à sabedoria por intermédio do ato de ser tomado por uma idéia súbita, pela inspiração e pela embriaguez que emana do inconsciente, é um lado da atividade do espírito. No outro lado encontramos a dependência e o apoio na consciência matriarcal. Este é o apoio que toda intuição e inspiração têm nas emanações do inconsciente que emergem quando, como e onde quer que emerjam, de maneira misteriosa, que dificilmente poderia ser influenciável. Neste sentido, todo o xamanismo, e por extensão todo caminho para a profecia, é predominantemente um sofrimento passivo: sua atividade consiste mais em conceber do que em agir deliberadamente. Os feitos reais do ego repousam na prontidão da pessoa em aceitar os conteúdos do inconsciente e em chegar a um acordo com eles. Mas a lua aparece com tanta freqüência como o símbolo universal do inconsciente porque essa emergência é au-

tônoma e independente de consciência e tem a característica de todos os conteúdos inconscientes.

O fato de que o lunar seja senhor do tempo e de que este relacionamento entre a lua e o tempo seja uma das formas essenciais da consciência matriarcal somente fica claro quando buscamos a importância temporal da lua para além do reino dos processos cósmico-mitológicos, em seus efeitos na psicologia individual.

O desenvolvimento da consciência patriarcal culmina numa relativa libertação do inconsciente e numa independência em que o ego tem à sua disposição um sistema diferenciado de consciência, com uma certa quantidade de libido disponível, experienciada como vontade livre. Precisamos entender a importância da forma patriarcal de consciência mesmo se rejeitamos o auto-engano ilusionista inerente à noção de um sistema absolutamente livre, que esta forma de consciência se considera. A consciência patriarcal arquetipicamente masculina, como o demonstra o desenvolvimento do *homo sapiens*, é um órgão de adaptação e de processamento de informações muito importante, e excessivamente bem sucedido. Uma de suas vantagens está em sua contínua prontidão de reação, e na extraordinária rapidez de reação e de adaptação. Embora as reações instintivas mediadas pelos órgãos dos sentidos sejam rápidas, as realizações da consciência do ser humano moderno, em sua especialização, ainda são extraordinariamente superiores comparadas à rapidez do instinto. A rapidez da reação consciente (assunto que não podemos acompanhar neste contexto) é reforçada por aqueles processos que levaram à libertação da consciência patriarcal em relação ao inconsciente.[30]

Como passo mais recente desse desenvolvimento, encontramos os processos de abstração, com cujo auxílio os

[30]Ver *Origens e História*.

conceitos podem ser livremente movidos e aplicados; no tipo diferenciado de pensamentos, isto leva à manipulação de abstrações — por exemplo, como números na matemática, e enquanto conceitos na lógica —, que possuem um máximo de ausência de emoção, no sentido psicológico.

Enquanto a consciência patriarcal, por natureza, se movimenta rapidamente, e supera longos processos de transformação e de desenvolvimento da natureza com a ação arbitrária do cálculo experimental, a consciência matriarcal permanece sob o domínio do tempo de crescimento da lua. A sua luminosidade e seu conhecimento-luz estão ligados ao decorrer do tempo e à periodicidade, assim como a lua. Para esta forma de consciência, o tempo precisa amadurecer, e portanto, com ele, assim como as sementes colocadas na terra, o conhecimento amadurece.

No rito e no culto, "ter de esperar" e "esperar" são idênticos à procissão e à circumambulação. Como em muitos outros contos de fadas, a esposa do conto fantástico "A ninfa da lagoa"[31] precisa esperar até que a lua fique cheia novamente. Até lá, deve circundar silenciosamente a lagoa, ou então girar sua roca até preenchê-la. Somente quando o tempo for "preenchido" é que o conhecimento surgirá, como iluminação ou esclarecimento.

Da mesma forma que os mistérios femininos[32] primordiais: cozinhar, assar, levedar e destilar, os processos de maturação, prontidão e transformação estão sempre ligados a um período de tempo que se precisa esperar passar. O ego da consciência matriarcal está acostumado a permanecer quieto até que chegue o tempo propício, que o processo tenha decorrido, que o fruto da árvore-lua tenha amadurecido como a lua cheia, isto é, até que o

[31]*Grimm's Tales for Young and Old*, trad. Ralph Manheim, 1977, nota 181.
[32]Cf. acima, pp. 78s.

conhecimento nasça do inconsciente. Pois o lunar sempre é não apenas senhor do crescimento, como também o próprio crescimento, como árvore-lua e árvore da vida: "fruto autogerado".

O fato de que os processos da consciência matriarcal são completa, única e especificamente diferentes dos da consciência patricarcal, tem início no ato da "compreensão". Aqui, a compreensão não é, como o é para a consciência patriarcal, um ato do intelecto enquanto órgão que compreende rapidamente, que percebe, elabora e organiza[33]; significa, antes, "concepção". Todas as vezes que algo está para ser compreendido, é preciso que "entre" na consciência matriarcal e, para todos os efeitos, isso deve ser entendido no sentido simbolicamente sexual de uma fertilização, isto é, de uma concepção.

Mas este simbolismo feminino da consciência matriarcal vai mais além, pois aquilo que "entrou" tem de "ressurgir", *Aufgehen*. Com genialidade lingüística, *Aufgehen* — ato de "despertar", "nascer", ou "brotar" — capta o aspecto ambivalente da consciência matriarcal, para o qual a luz do conhecimento "desperta", da mesma forma que uma semente que brota.[34] Mas, uma vez que algo tenha "entrado" (*eingegangen*) e tenha "nascido"ou "brotado" (*aufgegangen*), esse "algo" reclama a psique inteira, que

[33]Quanto a isto e ao que se segue, focalizamos o pensamento apenas como o exemplo mais claro de uma função diferenciada cujo domínio é característico para a consciência patriarcal. Ver Jung, *Tipos Psicológicos*, CW 6,65, e Neumann, *Origens e História*.

[34]O verbo *aufgehen* tem uma série de nuanças de sentido. Em primeiro lugar, significa erguer-se, ascender, como fazem a lua e o sol. Em segundo lugar, quando associado a plantas ou sementes, *aufgehen* significa surgir ou brotar, germinar, dar brotos, desenvolver-se. Referindo-se a botões ou a flores, *aufgehen* significa abrir ou desabrochar. É o verbo utilizado quando se fala em levedar a massa do pão. Figuradamente, *aufgehen* ocorre na expressão "mir gehen die Augen auf", significando "vejo a luz", "a luz cai sobre mim", "compreendo". Na linguagem política ou de negócios, *aufgehen* pode ser traduzido por "fazer uma fusão". Estas acepções ecoam todas na utilização que Neumann faz da palavra, no presente contexto. [Nota do tradutor do original em inglês.]

agora está permeada pelo conhecimento amadurecido, que a psique busca — e de fato é compelida — a realizar com sua totalidade. Isso significa que, com o ato de compreender-conceber a consciência matriarcal experiencia uma mudança de personalidade. A pessoa como um todo é apanhada e movimentada pelo conteúdo, em contraste com a experiência da consciência patriarcal, na qual um conteúdo intelectualmente "compreendido" com freqüência é colocado numa das gavetas da mente sistematizada. Assim como é difícil, para uma consciência patricarcal realizar alguma coisa mais do que somente "compreendê-la magnificamente", uma consciência matriarcal acha difícil compreender algo que não possa tornar real. Mas aqui, "tornar algo real" significa "levar à frutificação", relacionar com o conteúdo da mesma maneira pela qual mãe e embrião alteram-se reciprocamente durante a gravidez.

O tempo qualitativo matriarcal é único e singular, tanto quanto o tempo da prenhez e da gravidez, contrastando com o tempo quantitativo da consciência patriarcal. Para a ego da consciência patriarcal, cada segmento do tempo é igual, mas no tempo lunar a consciência matriarcal experiencia o tempo individual do mundo, mesmo que não do ego. A qualidade única e inesquecível do tempo torna-se visível precisamente ao olho treinado em perceber o crescimento das coisas vivas, um olho que experiencia e visualiza a plenitude do momento, sua prontidão para o nascimento. No conto de fadas, um tesouro emerge das profundezas uma vez a cada cem anos, num determinado dia, numa determinada hora, e pertence àquele que o descobre no momento certo de seu próprio crescimento.[35] Somente uma consciência matriarcal, afi-

[35]Caracteristicamente, com freqüência se diz em inglês que o tesouro "floresce".

nada com o processo do inconsciente, reconhece esse elemento temporal individual, ao passo que uma consciência patriarcal, para a qual esse momento é um dentre os incontáveis momentos idênticos no tempo, está destinado a deixar que se escoe. Neste sentido, a consciência lunar é mais concreta e está mais próxima da realidade da vida, e a patriarcal é mais abstrata e mais distanciada da efetividade.

Assim sendo, simbolicamente, a consciência matriarcal não se situa habitualmente na cabeça, e sim no coração. Aqui, a "compreensão" significa também um ato do sentimento que compreende, e freqüentemente esse ato — como, por exemplo, no processo criativo — é acompanhado por uma intensa participação da afetividade, de modo que algo pode irromper na luz, e na consciência iluminada. Em contraste com isso, o processo de pensamento e de abstração, típico da consciência patriarcal, é "frio", uma vez que a objetividade de "sangue-frio" por ele exigida necessita o estabelecimento de distâncias que pressupõem uma cabeça fria.

Atribuir a consciência lunar ao coração é em geral válido para a parte da humanidade na qual a cabeça ainda não se tornou o centro da consciência patriarcal, separada que é do inconsciente. Do mesmo modo como no Egito o coração era visto como fonte do pensamento e do espírito criativo, na Índia, o coração — cosmicamente atribuído à lua — é considerado como local de um organismo psíquico e espiritual denominado *manas* (relacionado à raiz da palavra inglesa *men*, homem), e é onde o deus mais alto e auto-revelador se manifesta. O mesmo ocorre na China. "*Dö* (nos tempos antigos escrito apenas com o ideograma de "coração", isto é, capacidade espiritual ou intelectual, e com o ideograma que significa aquilo que está diretamente na linha de visão) significava originalmente o poder irradiador e mágico; depois, o poder místico do coração; em seguida, poder, utilidade, em geral; e, finalmente, virtude."[36] Este âmago da consciência matriarcal, que está ligado ao tempo qualitativo da lua, continua sendo a orientação em vigor para todos os processos de crescimento e de transformação. Também é típico no processo criativo espiritual, no qual os conteúdos estão numa constelação de desenvolvimentos lentos, no inconsciente, de maneira mais ou menos independente da consciência, e correm na direção de uma consciência não-sistematizada, e aberta, pronta para ser expandida.

Para mencionar apenas uma conseqüência desse simbolismo, o fato de que o coração, e não a cabeça, seja a sede da consciência matriarcal significa que o ego da consciência patriarcal — nosso conhecido ego-cabeça — muitas vezes nada sabe do que está acontecendo no centro mais profundo da consciência do coração.

É essencial que os processos da consciência matriarcal também estejam relacionados a um ego, e portanto não devam ser classificados como inconscientes. A atividade do ego na consciência matriarcal é, por certo, de um tipo diferente do que a do ego no sistema patriarcal de consciência que nos é familiar; entretanto, este ego e sua atividade participam dos processos da consciência matriarcal. Sua presença constitui a diferença entre o funcionamento humano antigo no nível matriarcal e uma existência totalmente inconsciente.

A identificação habitual de nosso ego com a consciência-"cabeça", e a correspondente extensa falta de relação com a consciência matriarcal freqüentemente levam a um estado em que nada sabemos do que está efetivamente

[36] *Lau-Dse: Führung und Kraft aus der Ewigkeit*, trad. Erwin Rousselle (nova edição, 1952). [A tradução de Rousselle do *Tao Teh Ching*. De acordo com o Dr. Rudolph Ritsema, Neumann evidentemente escolheu esta versão, em lugar da versão de Richard Wilhelm, porque Rousselle ressaltou um aspecto feminino e matriarcal de Lao-Tse.]

acontecendo conosco. Por exemplo, descobrimos somente mais tarde que coisas, situações e pessoas causaram uma profunda impressão em nós, uma impressão que nosso ego-cabeça absolutamente nem notou. Em sentido inverso, no entanto, pode-se observar uma aparentemente obtusa falta de reação num indivíduo — bastante freqüente numa mulher — cuja cabeça não é capaz de uma reação imediata, mas cujo coração-consciência percebeu. Que alguma coisa "atingiu o alvo" e foi percebida, é o que se evidencia na subseqüente frutificação das mudanças de personalidade. Aqui, a observação de Heráclito permanece verdadeira para a consciência matriarcal: "A natureza ama esconder-se".[37]

O momento da concepção é oculto e misterioso; o ego da consciência matriarcal o experiencia, muitas vezes sem que o ego-cabeça tenha notado algo. Mas uma introspecção mais profunda, que leve em consideração os sonhos, as imagens e fantasias, revela que aquele ponto no tempo e aquilo que então transpirou dele estavam gravados na consciência matriarcal, isto é, não ocorrem sem a participação de algum tipo de consciência.

Esse esfumaçamento, ou obscurecimento do momento existencialmente decisivo da concepção, é absolutamente significativo, porque o crescimento necessita de quietude e de retiro, e não de comoção nem de brilho; não é por acaso que nossa consciência patricarcal é simbolicamente uma consciência-solar e diurna. O fato de que esta lei é verdadeira tanto para o crescimento espiritual-emocional, quanto para o biológico, é confirmado por uma frase de Nietzsche, grande conhecedor dos processos criativos espirituais-emocionais: "Quando grávidos, escondemo-nos".[38]

[37]Heráclito de Éfeso, frag. 123, in K. Freeman, *Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers*, 1948.

[38]Nietzsche, *Nachgelassene Werke*, vol. II, 2 das *Nietzsche' Werke*, Leipzig, Naumann, 1901, par. 385, p. 305.

O processo criativo não ocorre sob os raios escaldantes do sol, mas à luz fria e refletida da lua, quando a escuridão do inconsciente é grande: é de noite, e não de dia, a hora de gerar. A escuridão e o sossego, a intimidade, permanecer calado, velado, são parte disso. Por esta razão, o lunar, enquanto senhor da vida e do crescimento, opõe-se ao caráter mortal do sol devorador. A umidade noturna da noite lunar é o tempo do sono, mas também o da cura e da recuperação. Por isso, o deus-lua Sin é médico, e como afirma uma inscrição em escrita cuneiforme, a erva que cura "é cortada depois do pôr-do-sol, e antes do nascer do sol, quando se tiver velado a cabeça e feito um círculo mágico de farinha em torno da erva que cura".[39]

Além do simbolismo do círculo mágico e da farinha, encontramos o "velar" como símbolo de mistério que pertence à lua, tanto quanto à noite, e ao seu caráter secreto. O recinto da cura e daquele que cura, da planta que cura e do crescimento que cura encontra-se neste contexto.[40] É o poder regenerativo do inconsciente que age durante o sono, na escuridão da noite, ou à luz da lua, como um mistério e dentro de um mistério, saindo de si mesmo, da natureza, sem a influência da consciência e sem o auxílio do ego-cabeça. Eis por que a pílula que cura e a planta que cura são atribuídas à lua, seu segredo é protegido e preservado por mulheres, ou melhor, pelo Feminino, que pertence à lua.

A vegetação que cresce deve ser entendida aqui no sentido simbólico amplo abarcado por todo símbolo, como a síntese das realidades tanto interiores quanto exteriores. O poder do sono que regenera o corpo e suas feridas e

[39]Jeremias, *Handbuch*, p. 242, n. 7 (v. acima, n. 8).

[40]Ver C. Kerényi, *Asklepios: Arquetypal Image of the Physician's Existence*, trad. Ralph Manheim, B.S. LXV, 3, 1959; 1ª ed., 1956, pp. 78; e C.A. Meier, *Ancient Incubation and Modern Psychoterapy*, Evanston, 1967; 1ª ed., 1949.

a restauração que ocorre na escuridão pertencem ao domínio noturno da lua curativa, bem como o que ocorre na alma, que deixa uma pessoa superar, "crescer para além" de uma crise insolúvel, por meio dos processos obscuros que são percebidos apenas pelo coração.

O fato de que o verde seja visto como a cor da lua[41] não se deve, como se supôs, ao fato de que no Oriente Próximo a lua muitas vezes pareça ser verde, mas sim à conexão entre a sua essência e a da vegetação, a respeito do que já se disse o seguinte: "Quando a palavra de Sin desce sobre a terra, brota o verde".[42]

O verde de Osiris, de Khidr, do botão de Shiva e da pedra verde da alquimia não é somente a cor do desenvolvimento físico, como também a do desenvolvimento espiritual-emocional. Como senhor da consciência matriarcal, o lunar está ligado a um corpo específico de conhecimentos e a um tipo particular de conhecer. É a consciência dissimulada, o espírito enquanto algo escondido, a luz como o nascimento a partir da noite.

O ato de conhecer como fruto pertence à essência da consciência matriarcal, a respeito da qual é válida a frase de Nietzsche: "Tudo a respeito da mulher é um quebra-cabeça, e tudo a respeito da mulher tem uma solução. É o que se chama gravidez".

Repetidas vezes, a árvore da vida é uma árvore-lunar, e o seu fruto é o fruto precioso da lua cheia. A bebida e a pílula da imortalidade, o mais alto conhecimento, o encantamento e a embriaguez são os frutos irradiantes da árvore lunar da transformação por meio do crescimento. Pois a lua também é o rei Soma da Índia; é o líquido embriagador, a quintessência da subsistência, do qual

[41]Não consideraremos aqui o símbolo da prata que pertence à lua, e a "Idade de Prata do Homem" de Hesíodo, associada a ele.

[42]Jeremias, p. 248, n. 3.

dizem: "Como rei Soma, o Self da nutrição, eu o reverencio".[43]

O lunar é o senhor da fertilidade e da magia da fertilidade. A magia associada à consciência matriarcal é acima de tudo a magia do crescimento que precisa ser intensificado ou assegurado, em contraste com a magia da vontade, que é dirigida a um objetivo, ao feito ativo de lançar um feitiço que — por exemplo, na mágica para a caça — pertence ao que é ativamente a consciência masculina, patriarcal. Processos transformativos, que constituem os processos de crescimento, estão sujeitos ao Eu e se espelham na consciência matriarcal que os sustenta e os acompanha com seu modo particular. Os processos formativos, no entanto, nos quais a iniciativa e a atividade permanecem com o ego, pertencem ao domínio do espírito masculino, patriarcal.

Levar a termo uma percepção ou uma realização e deixá-las amadurecer, como é típico da consciência matriarcal, também significa um ato de "tomar para dentro de si e sobre si". Esta espécie de tomar para dentro de si — forma típica da atividade feminina, que não deve ser confundida com uma rendição passiva ou deixar-se forçar ou ser impelido — ainda subjaz ao conceito de se "assimilar um conteúdo". O fato de que o ego da consciência matriarcal é mais passivo, se comparado ao da consciência patriarcal, não se deve à sua incapacidade para a atividade, mas sim ao fato de que está entregue a um processo no qual não pode "fazer" nada, mas onde deve "deixar" que aconteça.

Em todas as situações decisivas de sua existência, a mulher está exposta, ou melhor dizendo, "deixada à mercê" do numinoso da natureza e às suas obras, num grau muito maior do que o homem que é somente masculino.

[43]Paul Deussen, trad., *Sechtzig Upanishads des Veda*, Leipzig, 1897, p. 53.

Por esta razão, o relacionamento da mulher com a natureza e com a divindade tem algo de grande familiaridade e grande intimidade, e sua ligação com a dimensão transpessoal-anônima preexiste e opera de modo mais profundo do que seu relacionamento com seu parceiro masculino pessoal.

Muito embora a consciência matriarcal seja comum a todos os seres humanos, e também desempenhe um papel significativo no homem, e mais seguramente no homem criativo, a mulher é de qualquer modo a representante efetiva desta forma de consciência, ainda que hoje em dia ela comande uma consciência patriarcal, e se o conflito entre os dois modos de consciência que ela tem pertença aos conflitos fundamentais da mulher moderna. Desde os primórdios dos tempos, a mulher manteve a atitude fundamental de aceitação receptiva da consciência matriarcal; por natureza é algo que ela toma como ponto pacífico. Não é somente durante o período da menstruação que a mulher precisa dar o seu acordo à lua, pondo-o à frente da vontade e do planejamento de um ego-consciência masculino, para viver sabiamente. A gravidez e o parto trazem uma total alteração psicobiológica que demanda e pressupõe tanto manutenção quanto mudança de atitudes que existiram nela durante anos. A natureza desconhecida da criança, sua unicidade, seu gênero (de importância decisiva em muitas culturas matriarcais e patriarcais), seu estado de saúde, seu destino — em todas estas coisas a mulher está na dependência da graça e do poder da divindade, e condenada, como ego, à não-atividade, e a ser incapaz de intervir. De modo semelhante, numa fase mais tardia, a mulher é submetida ao poder superior de um relacionamento de amor, de modo diferente do que ocorre com um homem. Eis por que a inquestionável crença patriarcal masculina no ego e na consciência é estranha à mulher; de fato, parece aos olhos

dela um tanto lúdica e infantil. Esta é a origem do profundo ceticismo da mulher e, num certo sentido, de sua falta de interesse na consciência patriarcal e no mundo do espírito masculino que lhe está associado, especialmente quando a mulher, como ocorre freqüentemente, confunde o espírito com o mundo da consciência. O homem é cativo do ego e da consciência e se libertou intencionalmente de seu relacionamento com a natureza e com o destino, em cujas profundezas estão as raízes da consciência matriarcal. Mas a insistência patriarcal no ego, na vontade e na liberdade contradiz a experiência da mulher dos poderes do inconsciente e do destino, e da dependência da vida em relação ao não-ego e ao Tu.

Contrastando com a atividade do ego-cabeça, a atitude preferida de uma consciência observadora no nível matriarcal também corresponde a essa atividade alterada do ego. Esta é uma questão de se perceber com maior atenção, mais do que de um pensamento intencional ou de uma atividade de julgamento de consciência. A consciência matriarcal observadora não deve ser confundida com a função de sensação da consciência-ego masculina, nem tampouco com o distanciamento da consciência masculina que leva à ciência e à objetividade; a consciência matriarcal observadora é guiada por sentimentos concomitantes baseados em processos semiconscientes, e intuições que os acompanham, com o auxílio dos quais o ego se orienta em presença de tendências emocionais fortes.

A consciência matriarcal reflete os processos inconscientes, condensa-os e os dirige para dentro; isto é, assume uma posição de "espera", sem intenções deliberadas do ego. Para a consciência matriarcal, é uma questão de um tipo de percepção total, em que a psique participa como um todo, e em que o ego tem mais o encargo de dirigir a libido para os processos ou eventos da vida ob-

servada, intensificando-os, mais do que o de se abstrair deles para só então chegar a uma extensão da consciência. É típico dessa consciência observadora o ato de contemplação, onde as energias são guiadas na direção de um conteúdo, processo ou ponto central, enquanto o ego estabelece uma participação com o conteúdo emocionalmente colorido, deixando-o impregná-lo e permeá-lo. Isso difere da consciência extremamente patriarcal, que se distancia e se abstrai em relação ao conteúdo.

A natureza observadora do espírito-lunar que é mais ligado ao *Gemüt*, é representada em alemão pela raiz *Sinn*, que tem uma fileira de significados correlatos em português: sentimento, inclinação, disposição, tendência, têmpera; mente, inteligência, compreensão; sentido, faculdade, órgão da percepção. Um certo número de palavras compostas deriva de *Sinn*: *sinnieren*, perder-se em pensamentos, ruminar, ponderar; *im Sinn haben*, ter em mente; meditar, cismar; *sich besinnen*, relembrar, lembrar-se, trazer à memória, pensar; mas também, *Besinnung*, rememoração, consideração, consciência; *Sinnesart*, caráter, disposição; e *Gesinnung*, disposição, sentimento, forma de pensar; assim como *sinnlich*, material, físico; relativo aos sentidos; sensual, voluptuoso; senciente. E, finalmente, devemos não menos mencionar *Eigensinn* — obstinação, teimosia, aleivosia, premeditação —, que os homens geralmente empregam para as mulheres. A atividade mental meditativa e circumambulatória da consciência matriarcal não tem a diretividade a um objetivo de um *ato* de pensamento, de inferência ou de julgamento. O que corresponde à atividade mental da consciência matriarcal é a circumambulação em torno de um centro ou uma consideração (que Jung interpretou uma vez como "preenchimento como na gravidez", *trächtig machen*), não a diretividade do alvo de mira da consciência masculina, com o gume de seu poder analítico. A consciência matriarcal está mais interessada no aspecto sensorial-sensual dos sentidos (*Sinnhaftigkeit*) dos fenômenos, situações, ou pessoas, do que nos fatos e figuras, e, de acordo com o crescimento orgânico, está mais orientada pela teleologia do que pelo ponto de vista mecânico-causal ou causal-lógico.

Pois o conhecimento é para a consciência-lunar uma gravidez, e o seu produto é um nascimento — isto é, um processo do qual participa a personalidade como um todo — e o ato epistemológico permanece fora de argumentação, de justificação e de prova. Como um processo interno operado pela personalidade e intimamente ligado a ela, a consciência-lunar tem um tipo de poder de convicção intuitivo, que tende facilmente a fugir à discussão, porque o processo de experiência interior inerente a esse tipo de conhecimento não pode ser adequadamente verbalizado, e quase nem é comunicável a outra pessoa que não tenha passado pelo mesmo processo de experiência.

Para uma consciência masculina obtusa, a maneira pela qual a consciência matriarcal "conhece" aparece como incontrolável, arbitrária, e — especialmente — mística. E no sentido positivo, isto de fato capta sua essência. Aquilo que o misticismo e os mistérios autênticos chegaram a conhecer é desse tipo — isto é, verdades não-comunicáveis, mas transformações experimentadas que, portanto, necessariamente, têm validade apenas para aquelas pessoas que tenham experiências correspondentes. Aqui se aplica o aviso de Goethe:

> Não conte a ninguém, apenas aos sábios,
> Pois a multidão ridiculariza tal aprendizado.[44]

Isto significa que o conhecimento da consciência matriarcal não existe independentemente da personali-

[44] Goethe, *West-Eastern Divan*, trad. J. Whaley, Munique, 1979, p. 27.

dade que a tem; este conhecimento não é abstrato nem desprovido de emoção, pois a consciência matriarcal preserva a conexão com aqueles domínios do inconsciente a partir dos quais surge seu conhecimento. Portanto, freqüentemente se opõe ao conhecimento da consciência patriarcal, que consiste idealmente nos conteúdos isolados e abstratos da consciência, dos quais toda emoção foi extraída, e que são em geral válidos independentemente da personalidade.

A direção fundamental do desenvolvimento da humanidade ocidental tende a estender o domínio da consciência patriarcal, alimentando-a com o que quer que lhe possa ser incorporado. Apesar disso, a consciência matriarcal positivamente não é um modo antiquado de funcionamento, nem uma fileira de conteúdos que, simplesmente tendo saído da letargia, ainda não se desenvolveram a ponto de chegarem ao nível da consciência patriarcal. Pois a maior parte dos *insights* e dos conhecimentos do lado lunar da psique não pode ser apreendida pela consciência científica natural, pelo menos pela nossa psique contemporânea. Trata-se de *insights* a respeito da vida de um tipo genérico, que foram objeto dos mistérios e da religião desde tempos imemoriais, e que pertencem ao domínio da sabedoria, e não ao da ciência.

O espírito-lua sempre traz consigo também a cultura, mas sua importância não reside em ter historicamente levado até à matemática e à astronomia pela via da observação dos céus e da astrologia. Traz consigo a cultura como protótipo celestial, como "fruto autogerado", enquanto vencedor da morte, e enquanto aquele que traz o renascimento. Como senhor dos espíritos e dos mortos, o espírito lunar proveniente das águas das profundezas que ele domina é aquele que comanda as forças da natureza e do espírito do inconsciente para que surjam quando seu tempo tiver chegado, e assim concede ao mundo da humanidade não apenas o crescimento e o pão, como também a profecia, a poesia, a sabedoria e a imortalidade.

A consciência matriarcal experiencia os processos misteriosamente desconhecidos do vir a ser de um *insight* ou conhecimento como uma atividade na qual se empenha o Self como um todo. É um processo que se desenrola no escuro. O Self é dominante como a lua, mas acima e para além dela, o Self governa como a Grande Mãe, como a unidade de todas as coisas noturnas e do reino noturno. A própria afinidade entre a consciência matriarcal e o crescimento pressupõe que a consciência matriarcal jamais desista de sua conexão com a matriz de todo crescimento, a própria Mãe Noturna, assim como faz o ego masculino com o princípio e a decisão heróicos. Assim sendo, no símbolo da lua, a eficácia da lua masculina com freqüência se sobrepõe à da Grande Mãe. A participação do ego matriarcal com a lua ainda vai mais longe, como é verdadeiro também para a própria Grande Mãe, que é parceira do amante lunar, e quase se identifica totalmente com ele. A natureza hermafrodita da Grande Mãe se revela de duas maneiras: primeiramente, recebe o espírito lunar, seu senhor e amado, não somente enquanto uma mulher fora dela própria (como ela acredita, ao mesmo tempo com e sem razão); em segundo lugar, pelo fato de portar dentro dela própria o espírito lunar, enquanto seu próprio lado masculino, uma divindade que é simultaneamente filho-amante, pai e filho.

O ego da consciência matriarcal experiencia o poder frutificador da lua como o lado frutificador do inconsciente, isto é, como parte da Grande Mãe urobórica. Eis por que, em sua não-separação do todo, que se confronta com ele na imagem da Grande Mãe, o ego da consciência matriarcal experiencia a si mesmo na semelhança dela. Assim como ela, circunda o que recebeu, e também, como

ela, conhece aquele que procria como nascido dela própria, como filho e fruto do crescimento dela própria.

Assim, a lua manifesta-se na forma masculina, como centro do mundo espiritual da consciência matriarcal, bem como na forma feminina, enquanto a mais alta expressão do Self espiritual feminino, como Sophia, divina sabedoria. No entanto, essa sabedoria relaciona-se com a vida em sua unidade indissolúvel e paradoxal de vida e morte; natureza e espírito; tempo e destino; crescimento, morte, e vitória sobre a morte. Para esta figura feminina da sabedoria da vida, a ordem não se baseia nas leis isoladas e abstratas, em que corpos celestes mortos ou átomos orbitam no espaço vazio; é antes uma sabedoria que está e permanece ligada à terra, ao crescimento orgânico na terra, e à experiência dos ancestrais em nós. É a sabedoria do inconsciente e dos instintos, da vida e da afinidade.

Por conseguinte, a sabedoria da terra, do camponês e, por certo a da mulher, correspondem à consciência matriarcal. Os ensinamentos da China, especialmente os do *I-Ching* e de Lao-Tse, são a expressão dessa consciência matriarcal que ama a escuridão e as coisas escondidas, e que tem tempo. A renúncia ao sucesso rápido, a reações imediatas, e a efeitos visíveis pertence a esse domínio. Enfrentando mais a noite do que o dia, a consciência matriarcal tende a ser mais sonhadora e contemplativa do que alerta e ativa. De modo algum gosta do brilho, da claridade, e do foco direto da luz do dia na medida desejada pela consciência patriarcal, que por sua aversão ao lado lunar da vida está por demais disposta a disfarçar essa dependência de sua existência em relação à escuridão do inconsciente. Sua sabedoria é a sabedoria do paradoxo, que não deslinda nem justapõe os opostos com a clara separação da consciência patriarcal, mas antes une-os com um "ambos" e um "-e-".

Neste sentido — que não deve ser mal interpretado — a consciência matriarcal é relativista, pois se refere menos à univocidade absoluta da verdade do que a uma sabedoria que permanece cercada pelo sistema cósmico-psíquico de forças continuamente em mudança. Muitas vezes esta relativização também aparece como a hostilidade da consciência matriarcal para com o "absoluto", se nos for permitido classificar como hostilidade o que de fato é uma diferença de natureza e uma tendência à afinidade.

A consciência matriarcal depende de seu espírito lunar parceiro, e da coincidência com as fases da lua, e isto contém um elemento de eros, de dependência em relação ao Tu, que enquanto um amante-lunar é um parceiro. Isto distingue fundamentalmente a consciência matriarcal — como consciência da afinidade e do relacionamento — da consciência patriarcal. Ali onde a consciência patriarcal liberada e sem amarras é capaz de pensar quando, como e o que quer deseje, ficando auto-satisfeita que — ou melhor, ego-satisfeita — de seu modo afastado e abstrato, e é mestra no âmbito de seus conteúdos conscientes, a consciência matriarcal não é independente, uma vez que se relaciona e se refere à lua e ao inconsciente, do qual sabe que depende e que é governada por ele.

Eis por que a lua-sophia não tem o caráter abstratamente não-individual e em geral absoluto do espírito, que o indivíduo patriarcal do sexo masculino declara ser o último que ele reverencia como o espírito diurno-celestial-solar, e coloca acima do mundo lunar. O espírito lunar da consciência matriarcal é "somente" espírito lunar, apenas alma e eterno Feminino. Mas, ao invés de ter a qualidade de uma divindade "distante", a consciência matriarcal preserva a luz não-ofuscante e amenizada de um espírito humano. A sabedoria fêmea é não-especulativa, pois é próxima da vida e da natureza, ligada aos fatos e à

realidade viva. Seu olhar sem ilusões sobre a realidade pode chocar uma mentalidade masculina idealista, mas, por outro lado, acha-se unida a essa realidade pelo alimento e pela ajuda, consolação e amor, e dirige essa realidade para além da morte para uma sempre nova transformação e um nascimento sempre novo.

A sabedoria lunar de dar tempo a alguém, de aceitar e amadurecer, absorve todas as coisas em sua totalidade e transforma o que foi absorvido, ao mesmo tempo que a si mesma. Está sempre relacionada com a inteireza, com dar forma e realizar — isto é, criar — e não devemos jamais nos esquecer que por sua própria natureza a criação está ligada à consciência matriarcal, não porque a consciência seja criativa, mas sim porque o inconsciente o é, e porque toda realização criativa pressupõe todas as atitudes de gravidez e da afinidade que reconhecemos como sendo características da consciência matriarcal.

Mas, enquanto a completude cultural de uma pessoa — ao menos em sua expressão mais elevada — sempre é uma síntese das consciências matriarcalmente receptivo-gestativas, e patriarcalmente doadora de forma, o apego predominante da mulher à consciência matriarcal e à sua sabedoria contém perigos fundamentais que superam todos os seus benefícios. Ficar em silêncio e tornar real são mais importantes do que formular e tornar consciente, e isto é uma parte sábia e significativa do espírito lunar e do crescimento. Mas, no caso da mulher, a tendência para tornar real, que é um dos elementos criativos inerentes à consciência matriarcal, facilmente se deixa apanhar pelo que é simplesmente criatividade natural.

Na fase de auto-conservação,[45] estágio em que a mulher pode naturalmente permanecer sob a custódia da

[45]Ver o ensaio anterior.

Grande Mae, sem danos, o ego matriarcal está completamente alheio ao fato de ser dominado pelo inconsciente. Mas, mesmo que o ego da mulher atinja um nível de autoconsciência que o distinga da consciência matriarcal, continua ligado às condições básicas da existência que até agora levou, isto é, a de ser indiviso. Mesmo quando a mulher deve mudar da autoconservação para a renúncia ao Self (como já discutimos em outra parte), ela exige ser totalmente tomada pela emoção. Ela não se satisfaz, como o homem, com o preenchimento de uma estrutura parcial da psique, por exemplo, com o cumprimento da diferenciação de consciência do ego. A mulher deseja ser apanhada e transformada como um todo. No nível espiritual emocional, isto significa realização, atualização.

Mas aqui um dos "truques" da natureza da mulher muitas vezes entra em cena, e ao invés de realizar e de atualizar, ela concretiza, e por meio do processo natural da projeção, desloca o processo de gravidez para um objeto externo.

Isto significa que a mulher toma a fase da consciência matriarcal e o seu simbolismo ao pé da letra, e se apaixona, fica grávida, dá à luz, amamenta, cuida e se torna exteriormente feminina, mas não interiormente. Os poucos feitos intelectuais criativos visíveis da mulher, a ausência de obra (se comparada com a do homem) surge possivelmente desta tendência. Ser a origem da vida por meio da gravidez e do parto, e moldar a realidade próxima pertencente à sua vida, parece ser para a mulher suficientemente criativo.[46] Mas estaria ela errada? A cons-

[46]Como se em resposta à inveja do pênis, que os homens atribuem às mulheres, uma teoria psicanalítica da mulher sustentou — não sem justificação, e em todo o caso, não sem um certo humor — que toda a realização cultural do homem é somente uma compensação por sua incapacidade de dar à luz, concretamente, e portanto surge de certo modo de sua "inveja do útero". [Alusão a uma teoria postulada por Karen Horney; cf. seus estudos mais antigos, reditados in *Feminine Psychology*, Nova York, 1967.]

ciência matriarcal está "escrita na carne da mulher", e com seu corpo ela vive na realidade externa tudo aquilo que, para um homem, deve ocorrer, quando for o caso, como processo espiritual e emocional. A esse respeito, o homem está um passo adiante da mulher em seu desenvolvimento em direção à consciência patriarcal, pois por sua própria natureza pode experienciar a fase da consciência matriarcal somente como um estágio espiritual emocional, mas não de modo fisicamente concreto.

Se, por razões que estudamos em outra parte, a humanidade deve atingir a consciência patriarcal e uma separação do inconsciente, a consciência matriarcal, assim como o matriarcado — e com isso a lua —, significa algo negativo a ser superado. Para todo estágio e desenvolvimento que impulsiona para a consciência patriarcal — isto é, na direção do sol — o espírito lunar torna-se espírito de regressão, o espírito da Mãe Terrível e da Bruxa. Quer seja experienciada como masculina, ou como feminina, essa lua negativa tornou-se agora símbolo do inconsciente devorador. Especialmente como lua negra, torna-se sanguessuga, assassina de crianças, e canibal,[47] e simboliza o perigo de ser inundado pelo inconsciente como rabugice, sonambulismo e insanidade. O termo inglês *moon*, lua — ser apático, desperdiçar seu próprio tempo — mostra que "ser distraído" significa também ser atraído pela lua e pelo perigoso impulso do inconsciente.

Aqui como em toda parte trata-se de uma questão da importância de uma fase psíquica dentro de um estágio de desenvolvimento. A consciência lunar ou consciência matriarcal é criativa e produtiva enquanto começo e enquanto fim. A luz da lua é a primeira luz a iluminar o mundo obscuro do inconsciente, do qual nasce a luz e ao qual está ligada; e tudo o que é crescente, criativo e feminino permanece fiel a essa conexão e a esse débito para com o espírito lunar.

[47]Cf. Briffault, *The Mothers*.

Mas à medida em que o desenvolvimento prossegue, a ligação com o inconsciente se torna antitético ao que quer que possa denominar progresso. Como valor novo e superior, o mundo solar entra em oposição ao mundo lunar, assim como o patriarcado ao matriarcado, ambos entendidos como estágios psicológicos. Somente em estágios tardios de desenvolvimento, quando o patriarcado tiver atingido sua plenitude ou chegado a fins absurdos e perdido sua conexão com o terreno materno, é que ocorre uma reversão na fase de individuação. A consciência patriarcal solar reúne-se então àquilo que a precedeu, e juntamente com os poderes regeneradores das águas primordiais é que a consciência matriarcal — próxima à matriz primordial — e o seu símbolo central, a lua, se erguem das profundezas para celebrarem o antigo *hierosgamos* da lua e do sol, num plano novo e mais elevado da psique humana.

Como conclusão, permitam-nos lembrar uma vez mais as fases do desenvolvimento da mulher. Na fase da autoconservação, o relacionamento primal é completamente dominante, e o indivíduo do sexo masculino é subordinado, como um instrumento ou uma criança. À medida em que esse ego feminino tem suas experiências, ele o faz no contexto do Feminino arquetípico e da maternidade; Coré é Deméter; isto significa que o ego experiencia sua identidade com a totalidade da psique, totalmente isento de divisões. O princípio dos opostos não está desenvolvido e, por conseguinte, a consciência é estreita.

Um novo desenvolvimento pode ser discernido na fase do uróboro patriarcal. Os homens e o Masculino arquetípico são experienciados de modo esmagadoramente diferente, e desistindo de si mesma e se rendendo ao transpessoal Masculino, a mulher se experimenta como uma

fêmea num novo nível. Em primeiro lugar, deve sacrificar seu relacionamento primal com a mãe e o terreno materno, do qual o uróboro patriarcal a liberta, e agora ela experiencia o homem e o Masculino como esposa e filha, não como mãe experienciando algo que nasceu dela. Isto constitui uma nova fase de consciência, que caracterizamos como consciência matriarcal. Nessa fase, o componente espiritual masculino toma seu lugar como Senhor das Mulheres, como o lunar; vencida, a consciência o recebe e é impregnada por ele. Em ambas as conjunções, a cognição e o conhecimento não são algo feito pela consciência, mas sim algo que lhe acontece. A atividade permanece com o lado espiritual lunar do inconsciente, a parte da psique que mais tarde se tornará o mundo do animus. Seu modo de expressão é um mundo de recognições emergentes, e partes de conhecimentos que o ego espera, aceita e observa, numa certa medida, somente como "parteira".

Quando o aspecto espiritual lunar aparece para a consciência matriarcal sob a forma feminina, como Sophia, isto significa que o Self fêmea se tornou visível ao ego da mulher. Esta manifestação da deusa lunar Sophia corresponde a um processo de transformação do próprio Feminino arquetípico, no qual seu caráter espiritual inerente irrompe. Esse arquétipo de espírito fêmea transpessoal celestial está em oposição ao inconsciente terreno da arquetípica Deméter, que se recusa a se render à Coré, sua filha.

Ainda que esse estágio de Sophia do desenvolvimento feminino atinja sua clarificação final somente no processo da individuação, surge primeiramente na projeção mitológica na fase arcaica do uróboro patriarcal. Ali, o espírito lunar macho é experienciado como centro do mundo do animus, como a progenitura espiritual do filho de uma totalidade espiritual fêmea. Assim como para o

macho a anima é a filha da figura espiritual masculina, que representa a totalidade (a divindade masculina), o animus na mulher é o filho da figura espiritual feminina, Sophia, a divindade feminina que representa a inteireza.

Depois de ter vivido os vários estágios do patriarcado e do confronto, a mulher supera o patriarcado e a consciência patriarcal na fase final da individuação. Seu relacionamento primal com a Grande Mãe é restaurado num novo nível, mas — contanto que a consciência matriarcal não caia numa auto-alienação mórbida — ela experimenta também um reavivamento intensificado da consciência matriarcal, que continua operando ativamente seus efeitos nela, mesmo quando é ofuscada pela visibilidade diurna da consciência solar patriarcal recém-adquirida.

Mas, mesmo para o indivíduo do sexo masculino, cujo diferente curso de desenvolvimento leva a um distanciamento maior em relação ao inconsciente e à Grande Mãe, a consciência matriarcal está longe de ser um vestígio arcaico a ser superado. A diferenciação que alcança seu ápice na consciência patriarcal moderna também levou a humanidade moderna a se tornar neurótica, à auto-alienação, e a uma perigosa perda de vitalidade criativa da psique. Eis por que reconectar-se com o inconsciente é da maior importância precisamente para os homens. Mas no caso do homem, a reconexão ao inconsciente acontece por intermédio da anima, seu lado feminino, pela sua realização e corporificação daquela consciência matriarcal associada à anima. A única trilha que leva à síntese, ao novo conhecimento, que podemos chamar de iluminação ou esclarecimento, contrastando com uma consciência unilateral, é a re-conexão do homem com o mundo da anima da alma e a reconexão da mulher com o mundo do animus do espírito.

Em chinês, o ideograma *Ming*, iluminação ou esclarecimento, é o desenho da união das imagens do sol e da

lua.[48] Para os homens, como para as mulheres, a inteireza somente é atingível quando os opostos unidos, dia e noite, acima e abaixo, consciência matriarcal e consciência patriarcal, atingem a generatividade que lhes é peculiar, completando-se e frutificando-se um ao outro.

O Midrash judaico conta que no começo da criação a lua e o sol eram do mesmo tamanho, mas algo culposo aconteceu, e a lua foi diminuída, enquanto o sol se tornou o corpo celeste dominante. A promessa de Deus à lua, no entanto, fala da restauração da situação original no futuro:

> Nos dias por vir tu serás novamente grande como o Sol; e a irradiação da Lua será como a irradiação do Sol.[49]

[48]Ver Rose Quong, *Chinese Wit, Wisdom and Written Characters*, Nova York, 1944, fl. 14 (encarte).

[49]M. J. Bin Gorion, *Die Sagen der Juden*, vol. 1, Frankfurt, 1913, p. 16.

III

SOBRE A "FLAUTA MÁGICA" DE MOZART*

Para minha esposa

Entre as várias interpretações conflitantes do libreto da *Flauta mágica*, há uma que ainda é bastante lida, e lamenta o fato de que Mozart tenha precisado trabalhar a partir de um texto tão desconexo e confuso. Os críticos em geral concluem que a genialidade da música de Mozart conseguiu mais ou menos prevalecer, a despeito das incongruências e banalidades do libreto.

À primeira vista, as origens da *Flauta mágica* parecem confirmar essa opinião. A versão segundo a qual Emanuel Schikaneder, para compor o libreto, fizera uma compilação a partir de muitas fontes e versões, e que Mozart já havia composto metade da música, foi de repente inteiramente revertida e reformulada. Mozart deixou partes de sua composição como estavam; outras partes, recomeçou a fazer; e alguns críticos se dizem capazes de distinguir ainda as várias camadas e contradições de sua estrutura.[1] Mas a questão essencial, que nos interes-

*"Zu Mozarts Zauberflöte", in *Zur Psychologie des Weiblichen*. Tradução de Esther Doughty e revisão de Boris Matthews.

[1]Ver Otto Jahn e Hermann Albert, *W. A. Mozart*, vol. 2, Leipzig, 1924; em contraste quase incompreensível, v. Alfred Einstein, *Mozart: His Character, His Work*, trad. Arthur Mendel e Nathan Broder, Londres, 1945.

sa aqui, é a de como as mais profundas camadas de sentido conseguem ajudar precisamente os pontos em que as falhas ou incongruências surgem no libreto. Em certo sentido, estas incongruências podem ser comparadas a falhas na consciência: longe de prejudicar a integridade da obra, constituem efetivamente o fator que a coloca em contato com seus níveis mais profundos e evocam um sentido interno que inclui seus aspectos inconscientes.

A estrutura do libreto foi originalmente baseada na situação do conto de fadas, na luta entre a boa fada e o feiticeiro malvado; isto formou o contexto no qual os amantes, nos papéis principais, encenam seus sofrimentos e seu desenvolvimento. A transformação desse contexto básico — transformação que provavelmente se originou com o próprio Mozart — consiste na inversão de polaridade das figuras masculinas e femininas. A boa fada tornou-se a rainha da noite — apresentando o princípio do mal — e o feiticeiro malvado tornou-se o sacerdote da luz. Mantendo esse registro de valores, o simbolismo de mistério da maçonaria foi incorporado então, não apenas no libreto, como também se tornou efetivamente o conteúdo fundamental que guiou o desenvolvimento interno da trama. Foi somente com essa transformação que o drama de mistério em vários níveis (pois este é o modo como devemos considerar essa obra tardia de Mozart) emergiu a partir da ópera mágica original de conto de fadas.

Estava bem estabelecido até agora que *A flauta mágica*, assim como o *Requiem*, foram escritos na época em que Mozart tomou consciência da aproximação de sua morte, uma consciência claramente explícita em suas cartas. A transformação do conto de fadas original em uma ópera de iniciação marcada com os ritos do mistério maçônico traz o testemunho da orientação conscientemente maçônica da religião e da ética de Mozart. Parece-nos

que no estranho libreto que Mozart musicou, com sua combinação de tendências espirituais as mais diversas, estamos lidando com algo fundamentalmente outro do que com um agrupamento acidental de vários pedaços de texto, que ele quase não teria conseguido integrar. Somente quando compreendemos que as muitas camadas do libreto são análogas a um sonho, expressando muitos níveis do consciente e do inconsciente; e quando reconhecemos também como sendo essenciais aqueles conteúdos que, para além da intenção de criar um libreto unitário, até certo ponto se introduziram furtivamente e permearam o texto é que podemos apreender a profundidade de *A flauta mágica* e de seu texto subjacente.

Os contos de fada e as óperas de contos de fada sempre contêm uma grande quantidade de simbolismo inconsciente cujo sentido vívido repousa nos conteúdos humanos universais que têm muitas nuanças e, portanto, estão sempre abertos para interpretações diferentes, e as exigem. Os temas dos contos de fada são temas do inconsciente coletivo; são comuns a toda a humanidade, e podem ser encontrados com notável unidade e concordância entre os povos e culturas mais divergentes.[2] De modo contrastante, o "simbolismo maçônico" que Mozart utiliza em *A flauta mágica* é alegórico em seu todo, e por isso mais próximo do consciente. Os símbolos maçônicos são tomados pelos iniciados como indicadores de certos conteúdos conceitualmente compreensíveis. Muito embora tais conteúdos não sejam experimentados sem participação de sentimentos, falta-lhes a qualidade original de um símbolo: seu conteúdo de elementos principalmente inconscientes e irracionais.[3] Isto é, tais "símbolos"

[2]Ver C. Kerényi, Prolegomena to *Essays on a Science of Mythology* (com C.G. Jung; B.S. XXII, 1949; 1ª ed. 1942); Hedwig Roques von Beit, *Symbolic des Märchens: Versuch einer Deutung*, 2 vols., Berna, 1955-1967.

[3]Ver Jung, *Tipos Psicológicos*, CW 6.

correspondem a um código de moralidade diferente, ao qual o maçom é iniciado.

Como continuação do rosacruzismo e da alquimia tardia, a Maçonaria tem conexões apenas muito distantes e indiretas com os antigos cultos dos mistérios. Para o indivíduo da Antiguidade, a experiência religiosa de um rito de mistério diferia da ênfase iluminada pela razão da alegoria maçônica, bem como de sua atitude mística e extasiada. A orientação maçônico-ética de *A flauta mágica* se molda ao espírito da época de Mozart — humanista e "progressista" e, neste sentido, moderno. Entretanto, fragmentos de um simbolismo autenticamente arquetípico permanecem vivos dentro da alegoria maçônica, e em *A flauta mágica* a emoção e a paixão do gênio de Mozart revitalizam as camadas de simbolismo que formaram o núcleo original da alegoria agora abstrata, camadas que se perderam no decorrer da racionalização. Em nossa opinião, é especificamente a estranha mistura de conto de fadas com maçonaria que permite que elementos arquetípicos e simbólicos sejam revelados, sem que o libretista ou o compositor estivessem necessariamente conscientes desse processo.

Nossos comentários psicológicos a respeito do aspecto maçônico de *A flauta mágica* estão portanto voltados não para sua alegoria racionalista da iluminação, mas sim para seu pano de fundo arquetípico-simbólico. Uma das duas correntes interiores da maçonaria leva ao consciente racionalista e moralizante do Iluminismo, enquanto a outra leva à revitalização de uma experiência numinosa genuína, por entre símbolos arquetípicos. Uma tal revitalização é característica de *A flauta mágica* de Mozart, assim como é característica, por exemplo, de uma versão incompleta da segunda parte de *A flauta mágica* de Goethe, e de um certo número de obras românticas e no estilo de Goethe.

O ritual da maçonaria consiste de uma iniciação, cujo processo, como o de todas as iniciações patriarcais, ergue-se sob o lema: "Atravessando a noite para entrar na luz". Esse lema significa que o curso dos acontecimentos está determinado por um simbolismo solar, que reconhecemos como "a viagem noturna pelo mar", realizada pelo herói. Morrendo no entardecer do oeste, o herói-sol precisa empreender uma viagem pelo mar noturno do mundo obscuro subjacente e da morte, a fim de ressurgir como um novo sol, transformado e renascido, no leste.

Este simbolismo do sol é o padrão arquetípico de todo herói e também de toda trilha de iniciação, na qual o herói representa o princípio de uma consciência que deve ser alcançada, e posta à prova na batalha contra os poderes obscuros do inconsciente. Além do mais, nesta luta com as forças opostas à consciência, o herói deve libertar o tesouro dos novos conteúdos e da nova vida, tirando-os do mundo noturno do inconsciente, e é por meio desse processo que ele emerge transformado e "renascido" do conflito no qual arriscou a vida.[4] O exemplo mais conhecido de um ritual de mistério desse tipo é a iniciação nos mistérios de Ísis, exposto na obra de Apuleio, onde o iniciado reaparece "ensolarado", isto é, "iluminado" e irradiando luz, depois de ter viajado pelo mundo subjacente e sobrevivido à prova que o havia levado a uma trilha por entre os quatro elementos. Nesta iniciação, o iniciado torna-se Osíris, como o rei egípcio, que, analogamente, em sua "osirificação", representa uma tal iniciação.[5]

[4] Ver Leo Frobenius, *Das Zeitalter des Sonnengottes*, Berlim, 1904; Jung, *Symbols of Transformation*, CW 5; H. G. Baynes, *Mythology of the Soul*, Londres, 1940; Neumann, *Origens e História*; Joseph Campbell, *The Hero with a Thousand Faces*, B.S. XVII, 1949.

[5] "Transformação, ou Osíris", *Origens e História*, pp. 220 e ss. [Ver também Neumann, *Amor and Psyche*.]

O simbolismo egípcio de *A flauta mágica*, assim como o simbolismo maçônico, são, neste sentido, completamente "autênticos", ainda que diluídos por elementos rosacruzistas e alquímicos. O reconhecimento do Egito como terra das religiões de mistérios, que já prevalecia na Antiguidade, não é de todo infundado, na medida em que os mistérios de Ísis e de Osíris estão entre os poucos cultos antigos de mistérios dos quais se tem algum conhecimento.

O "prêmio" obtido pela iniciação, seu sentido e seu propósito, encontra-se na extensão da personalidade que, uma vez que implica a iluminação, inclui também uma extensão da consciência. Assim, o símbolo do tesouro encontrado — quer seja interpretado como uma vida "superior", como a imortalidade, quer como sabedoria, e mais tarde, como "virtude" — deve ser sempre entendido no sentido de uma transformação da personalidade.

Já caracterizamos esse modelo de iniciação de desenvolvimento como "patriarcal"[6] porque (como é típico no Ocidente) o alcance da consciência está ligado ao simbolismo do Masculino, e as forças antitéticas à consciência, especialmente representadas pelo mundo instintivo do inconsciente, estão conectadas ao simbolismo do Feminino. Esta associação leva inevitavelmente a uma desvalorização do Feminino, o qual — para o Masculino e para o tipo de consciência associado a ele — representa aquilo que é perigoso e negativo: o lado noturno da consciência. Entretanto, não se trata de uma questão de associação "voluntária", mas sim de uma associação arquetípica. Isto significa que, muito embora uma tal avaliação do Feminino pelo Masculino seja objetivamente falsa, ela não cederá seu lugar até que o autoconhecimento psicológico do Masculino (e daqueles que se identificam com ele) seja capaz de ver que está envolvido numa projeção de símbolos arquetípicos. O Feminino está ligado ao inconsciente, não somente porque é o nascedouro da consciência, e portanto, a Grande Mãe; além e acima dele, aqueles que se identificam com o Masculino também experienciam no Feminino o aspecto instintivo "perigoso" de sua própria natureza; assim, o Feminino (e o que quer que se associe com ele) surge como o perigo *par excellence* de se cair no inconsciente.

Se olharmos o libreto de *A flauta mágica* sob esse prisma, poderemos obter um *insight* do caráter interior das forças em oposição representadas pela rainha da noite, de um lado, e do outro, pelo sacerdócio de Sarastro. A rainha da noite representa o lado escuro; incorpora aquilo que a concepção de virtude do masculino moralizador experiencia como o "mal". Na ação da ópera, ela se torna a representante de todas as afecções perigosas, particularmente a "vingança",[7] e o "orgulho".[8] Além disso, ela se ergue como princípio do poder do mal, que num assassinato toma a forma da morte,[9] e procura de modo sacrílego apossar-se do lado luminoso e do sol, princípio do "bem".[10] Assim, o Feminino torna-se sedutor; por meio de burlas, superstições e enganos,[11] desempenha o papel do diabo e arma ciladas para o mortal que, enganado pelo mal, perece no desespero.[12]

Não somente a advertência do coro de sacerdotes comprova que "a morte e o desespero" ameaçavam o herói em perigo; como a própria rainha da noite proclama,

[6]*Origens e História*, índice onomástico, s.v. "patriarchate". [E o ensaio anterior, neste volume.]

[7]*The Magic Flute*, I, 19; II, 10. [As citações se referem aos atos e cenas do libreto.]

[8]I, 24; II, 1.

[9]II, 3, 10.

[10]II, 10.

[11]II, 28.

[12]II, 4.

"a morte e o desespero grassam em torno de mim"; e quando diz, "dentro do meu coração a vingança do inferno fervilha e vocifera",[13] ela parece estar revelando o segredo mais profundo de sua natureza. Como rainha da noite, em contraste com Sarastro, princípio da luz, ela simboliza o mundo subterrâneo e o inferno, o perigo aborígene que acomete o Masculino em seu caminho para a autorealização. Isto quer dizer que a rainha da noite representa a Mãe Terrível, o aspecto de deusa noturna da Grande Mãe,[14] que o herói mitológico deve vencer na luta com o dragão, que é uma de suas provas.[15] Neste sentido, a questão é resumida com a frase:

> Preveni-vos contra os artifícios da mulher.
> Este é o primeiro dever da Confraria.[16]

Este aspecto do Feminino, que o Masculino experiencia como extremamente negativo, é bem mais visível na segunda parte de *A flauta mágica* do que na primeira, na qual o aspecto "positivo" da rainha da noite, característico do libreto original, parece ter sido ainda parcialmente mantido. Evidentemente, esses aspectos duplos podem ser reduzidos a uma questão de "fragmentos remanescentes"; mas uma explicação superficial desse tipo não poderá satisfazer a todos, especialmente quando se compreende plenamente a facilidade com a qual Mozart deve ter tido uma visão do curto texto e assim quão óbvias devem ter sido para ele as inconsistências efetivas da caracterização.

A contradição entre a primeira[17] e a última[18] auto-revelações da rainha da noite poderia ser plenamente explica-

[13]II, 10.
[14]II, 8.
[15]"O Mito do Herói", *Origens e História*, pp. 131s.
[16]II, 4.
[17]I, 9.
[18]II, 10.

da se encararmos a primeira como uma "ilusão para desviar a atenção" e como engano consciente, do qual Tamino, o herói confiante, torna-se necessariamente vítima.

Mas essa interpretação não se sustenta diante do fato de que o estranho instrumento mágico que dá seu nome à ópera, a flauta mágica, assim como o[s] sistro[s] de Papagueno, são presenteados pela rainha da noite; por conseguinte, a natureza "má" da Rainha não deixa de ter ambigüidades. E ainda há outro ponto: a questão de legitimidade do branco-e-preto que caracteriza a descrição de Sarastro torna-se particularmente problemática, se nos lembrarmos que a ação começa com um estranho ato de violência por parte deste, o rapto de Pamina.

A violência desse rapto está indiscutivelmente em direta e irreconciliável contradição com os discursos piedosos e carregados de virtudes feitos por Sarastro, cheios de ternura, sabedoria, gentileza e amor fraterno. Ele explica que fora obrigado a arrebatar a filha à sua orgulhosa mãe porque os deuses haviam-na destinado a Tamino.[19] No entanto, essas palavras carecem particularmente de crédito, tendo-se em vista o fato de que a rainha da noite também havia prometido Pamina a Tamino, caso este a libertasse. Uma vez mais, aqui, a psicologia profunda está em posição de esclarecer as contradições do texto, que, assim como o texto de todo sonho, resultam não somente de uma falta de clareza na consciência ordenadora, mas são também a expressão de conflitos profundos e profundamente assentados, que surgem do pano de fundo inconsciente e são agrupados pela situação.

A situação da abertura, o relacionamento entre a rainha da noite e Pamina, corresponde à constelação arquetípica que aparece no mito de Deméter e Coré, e no rapto de Coré, e se torna um problema central na psicolo-

[19]II, 1.

gia do Feminino e por conseguinte, da "psicologia matriarcal" em geral.[20] O laço íntimo entre mãe e filha, o rapto da filha pelo Masculino, e os protestos da mãe despojada, ainda dão origem a consideráveis conflitos no desenvolvimento contemporâneo das mulheres, um desenvolvimento no qual a participação no mundo matriarcal da mãe, ou no mundo patriarcal do pai, ou no mundo do encontro com o amado ainda é decisivo.

Assim, o lamento da rainha da noite pela perda da filha é inteiramente verdadeiro do ponto de vista arquetípico:

> Para sofrer fui escolhida,
> Não mais verei minha filha
> Com ela foi minha felicidade tomada;
> Um demônio do mal fugiu com ela.[21]

E seu lamento continua:

> Ainda vejo seu tremor
> Ansiedade e frêmito,
> Tremendo aterrorizada,
> Lutando timidamente,
> Tive de assistir quando a levaram.
> E socorro! foi o único grito que ela conseguiu dar.[22]

Essa descrição é plenamente confirmada pelo comportamento de Pamina, que, de modo algum tranqüilizada quanto às boas intenções de Sarastro, acha-se encerrada em seus muros, abandonada ao poder do mouro cruel, Monostatos.

Uma explicação que pressupõe que Mozart deixara intactas as figuras da versão original (a rainha da noite como boa fada e Sarastro como mago feiticeiro) e falhou ao alinhá-las às tendências da última versão teria que

[20]Ver Kerényi, Prolegomena (cf. nota 2 acima), e Neumann, *Amor and Psyche*.
[21]I, 9.
[22]Ibid.

estar baseada na pressuposição de uma atitude superficial, de fato, uma total falta de seriedade, da parte de Mozart. Por outro lado, ainda que não acreditemos que Mozart tenha aceitado de bom grado o texto com suas contradições, uma coisa deve ser dita: a intensidade e a opulência equilibrada desta última de suas obras englobam com muita consciência os muitos lados da vida, com todas as suas contradições e, portanto, estaremos plenamente justificados ao pressupormos que o "duplo sentido" de todos os elementos desse texto de camadas múltiplas cooperou de modo eminente com o seu gênio, ainda que sem seu conhecimento consciente.

A extensão englobante do sentimento musical de Mozart talvez se expresse mais plenamente em *A flauta mágica* do que em qualquer outra de suas obras. Elementos de música folclórica e de comédia estão ao lado do mais elevado lirismo. Alegria e horror, instintivismo sensual e solenidade reverente inspirada pela morte e pelo além seguem-se e se alternam uns aos outros. De fato, a cada vez que a obra atinge um clímax espiritual e musical, podemos estar quase certos de que terá imediatamente início um movimento em contrário, uma alternância que evita que a emoção e o lirismo se tornem "românticos" e que a "elevada seriedade" se torne trágica. O trigésimo quinto ano de vida — idade em que Mozart compôs essa obra — é o momento típico da "meia-idade", o "momento da virada".[23] Em torno dessa época, freqüentemente parece que algo na psique faz afluir a plenitude da primeira metade da vida e busca o início de um novo caminho, que finalmente se manifesta como o começo da *via nuova*, e uma via de transformação.

Neste sentido, *A flauta mágica*, ao retratar de um rito de iniciação, é uma obra típica de meia-idade; mas,

[23]Ver Jung, "Os Estágios da Vida", CW 8; 1ª ed., 1931.

ao mesmo tempo, esta última criação de Mozart aos 35 anos tem a profundidade e a qualidade transcendente de uma obra da idade avançada. E assim sendo, o caráter único de *A flauta mágica* reside (entre outras coisas) nesta verdadeira união de plenitude e juventude, por um lado, e por outro, de maturidade e de proximidade da morte. A união harmoniosa desses opostos está expressa não apenas na obra como um todo, mas também no inter-relacionamento de cada detalhe, na complementariedade das personagens polarizadas, que, em nossa opinião, constituem a verdadeira "unidade de personagem", quando tomadas em conjunto.

A unilateralidade de um elemento encontra continuadamente equilíbrio no contraste antitético. O exemplo mais importante desta peça de personagens opostos, com exceção do relacionamento entre Tamino e Papagueno (que será discutido mais tarde), está em Sarastro e no mouro Monostatos, que representa de modo tão conspícuo o "lado obscuro" do palácio de Sarastro. O Mouro pertence à figura masculina positiva do sacerdote, como sua sombra. Não é no interesse dos deuses que ele se apodera de Pamina para outra pessoa; ele o faz inteiramente para si mesmo, e como sacrifício para sua própria instintualidade. A afirmação notável e aparentemente sem sentido que Sarastro faz a Pamina,

> Pois muito embora eu não questione,
> O segredo de seu coração bem posso ver;
> Você ama um outro muito profundamente.
> Não a forçarei a me abraçar
> Mas tampouco a libertarei.[24]

poderia parecer um remanescente da versão anterior, na qual o feiticeiro rouba a virgem para ele próprio. Mas

[24] I, 24.

de fato, faz pleno sentido quando Monostatos é visto como sombra de Sarastro, do mesmo modo como Papagueno é a sombra de Tamino, e Papaguena a sombra de Pamina.

Enquanto no nível consciente o rapto de Pamina deveria preencher os requisitos dos deuses, a intenção original e egoísta de Zarastro tornou-se inconsciente e foi desviada para Monostatos, cuja presença na companhia de Sarastro se torna significativa nesse aspecto (e somente nesse aspecto). Ao reconhecer o duplo sentido das personagens de Sarastro/Monostatos, pode-se também entender que a acusação e o ódio da personagem de mãe rainha/Deméter deixam de ser totalmente injustificados. Pois estamos vendo um genuíno "rapto de Coré", no qual o mouro Monostatos é tão claramente o "irmão negro" de Sarastro, quanto Hades, raptor de Coré, é o "irmão negro" de Zeus.

No caso dessas personagens, o "lado oposto" adquire realidade exterior como um papel separado no drama. No entanto, o outro lado da terrível Rainha da Noite, a boa Deméter, também está presente, mas não adquire um papel externamente separado. Em seu caso, a duplicidade é expressada pelas alternâncias de sua personagem e no pano de fundo arquetípico de suas aparições no primeiro e no segundo atos.

O relacionamento entre a rainha da noite e sua filha Pamina corresponde à tendência de "segurar com firmeza" que arquetipicamente rege mãe e filha durante a primeira fase do matriarcado. Na importante cena entre as duas, que desmascara o aspecto terrível da Grande Mãe, ela é vista como a Mãe Terrível, que de fato jamais deseja desistir da filha. Então se torna claro que seu "amor" é ao mesmo tempo a expressão de uma vontade do poder que não permite que a vida da filha chegue à autonomia, mas antes que explora sua filha para seus próprios propósi-

tos. "Você pode agradecer ao poder pelo qual você me foi arrancada, por eu ainda me chamar sua mãe."[25]

Isto significa que se a filha houvesse deixado a mãe por livre e espontânea vontade, o vínculo mãe-filha teria sido imediatamente dissolvido e anulado. A rainha da noite fala como se isto fosse óbvio. A Deusa Terrível age de acordo com o princípio do tudo-ou-nada; ela não tem relacionamento com o aspecto pessoal e individual da filha; pelo contrário, sua conexão existe ou desaparece de acordo com sua exigência de uma obediência absoluta, que no entanto significa completo contenimento da filha na mãe. Isto se torna claro na decisiva segunda autorevelação da rainha da noite nesta cena. Aqui, a Rainha, incitando Pamina a assassinar Sarastro, lhe diz:

> Dentro do meu coração a vingança do inferno vocifera
> e se enraivece,
> Morte e desespero incendeiam tudo à minha volta!
> Se Sarastro não perecer por tuas mãos,
> Então não serás nunca mais minha filha.
> Serás abandonada para sempre e desamparada.
> Cada laço e vínculo natural será dado a outros
> Se a vida de Sarastro não for tomada por ti!
> Ouçam! Deuses da vingança,
> escutem a maldição de uma mãe!

Subitamente, aparecem as antigas figuras mitológicas: as Eríneas, deusas da vingança, representantes da Mãe Terrível, guardiãs do matriarcado. Uma vez mais, defrontamo-nos aqui com o conflito entre o matriarcado, o reino da Grande Mãe, senhora da lua e da noite, e o patriarcado, reino do mundo do pai, do dia e do sol. Após milhares de anos, a inimizade entre o princípio masculino e o mundo da mãe, temeroso da traição do masculino, explode com a maldição da rainha da noite, com a mesma

[25]II, 10.

selvageria que pode ser reconhecida nas amazonas, as representantes mitológicas do matriarcado que odeiam os homens.

Todas essas figuras são apenas alusões, mas ainda assim é espantoso como estão presentes de maneira tão clara quando se recorda o fato de que nem o libretista nem o compositor poderiam ter tido nenhum conhecimento das realidades arquetípicas que determinam a ação como um todo. Em nenhuma circunstância a rainha da noite se deixa comandar, como Sarastro tenta fazer. Enquanto ele é um sacerdote, ela é de fato uma deusa, e toda a ação de *A flauta mágica*, ao menos no primeiro ato, é determinada pelos movimentos dela, que são mais do que páreo para os dele. Ela escolhe Tamino como libertador; designa Papagueno para ajudá-lo; é a fonte dos instrumentos mágicos; e tanto as três jovens quanto os três meninos que mais tarde pertencem ao reino de Sarastro estão sob seu comando. E quem quer que ainda não se tenha convencido de que uma divindade feminina originariamente supradeterminada está presente na rainha da noite deveria ser persuadido pela magnífica música de Mozart, que acompanha ambas as suas aparições arquetípicas.

O sentido dos comentários de Sarastro a respeito da rainha da noite e o orgulho que ela ostenta devem ser entendidos no contexto desta oposição entre um mundo matriarcal autodeterminante e um mundo patriarcal que domina o Feminino e se sente superior a ele. O sentido patriarcal do eu, toda a arrogância do patriarcado e do Masculino para com o Feminino fala pelas palavras dele:

> Um homem precisa guiar teu coração corretamente,
> Pois por si mesma cada mulher tende
> A ultrapassar sua própria esfera.[26]

[26]I, 24.

As declarações do sacerdote, "A mulher faz pouco e fala muito; em verdade é esse o quinhão da mulher",[27] ou as de Tamino: "Bisbilhoteiras, as mulheres sempre repetem", e "Ela é uma mulher, tem uma mente de mulher",[28] são expressões da presunção do Masculino e dos homens, que pode ser demonstrada em cada nível do patriarcado, no bar e na fraternidade, assim como no modo unilateral masculino de filosofar e, na avaliação psicológica que o masculino faz do Feminino e das mulheres.[29] Mas essa atitude preconceituosa dos homens no nível pessoal é determinada arquetipicamente, e necessária ao desenvolvimento do homem e, portanto, psicologicamente válida. Aqui devemos ressaltar o que já começamos a desenvolver no início deste ensaio, a saber, o simbolismo patriarcal do "caminho" do herói, que determina o desenvolvimento da consciência, e no qual os símbolos do inconsciente que ele deve superar — muito embora de modo pleno de sentido e de compreensão — são projetados no Feminino e na mulher. O caminho maçônico de ritos de mistério e de iniciação, que determina o desenvolvimento de Tamino, é construído com base neste simbolismo patriarcal de mistério. Somente com esse pano de fundo é que o simbolismo da "masculinidade", que desempenha um papel tão importante em *A flauta mágica*, pode ser plenamente compreendido.

O motivo do caminho da iniciação reside nas palavras dos meninos, que dizem a Tamino:

> Por este caminho o objetivo alcançarás;
> Mas, rapaz, precisas vencer com audácia máscula,
> Então ouve estas palavras que ensinamos:
> Sê silencioso, inabalável, paciente.

[27]I, 19.
[28]II, 5.
[29]Cf. A atitude de Freud para com as mulheres em *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis*, Standard Ed., vol. 22; 1ª ed., 1933.

E novamente:

> Sê silencioso, inabalável e paciente!
> Considera: sê apenas um homem!
> Então vencerás, pela audácia máscula.[30]

Esta passagem torna claro o fato de que o caminho de iniciação a que se refere é análogo ao dos ritos de iniciação masculina com os quais estamos familiarizados desde as culturas primitivas.[31]

Já vimos que a vitória sobre a rainha da noite — encarnação da Mãe Terrível — significa a vitória sobre o lado afetivo e instintivo do inconsciente, e que o herói masculino, sob a imagem do sol, deveria travar a mesma batalha. Assim, quando Tamino se pôs à prova na primeira metade de seu ordálio, e que a cena está portanto na "semi-obscuridade", ouvimos:

> A sinistra noite leva embora o rico esplendor do sol;
> Logo nosso jovem sentirá uma nova vida.[32]

O decorrer do caminho de transformação alquímico é análogo à jornada marítima noturna do herói, da qual se podem encontrar alguns traços nas partes marcadas maçonicamente na obra. De modo muito simplificado, os estágios alquímicos de transformação levam do negro do caos e da noite, por entre o prateado da lua, para o áureo do sol. Assim sendo, não é acidental que os três meninos, mensageiros da luz, com cujo anúncio "a serpente desaparece",[33] fazem sua primeira aparição[34] trazendo nas mãos "palmas prateadas". Da mesma maneira se fala do bosque de palmeiras que surge no início do segundo ato, o ato da iniciação, que "as árvores são feitas de prata e têm folhas de ouro".

[30]I, 17.
[31]Ver *Origens e História*.
[32]II, 21.
[33]I, 12.
[34]I, 17.

Depois que a "obra" de transformação se completa e o Mal é lançado na noite eterna, a última parte da peça se passa sob o signo do ouro. Seu final toma a forma do motivo vitorioso de Sarastro: "A glória radiosa do sol venceu a noite", e das palavras do coro de sacerdotes: "Vivas aos iniciados! Vós passastes pela noite".[35]

Assim como os ritos de iniciação dos primitivos tinham por objetivo fortalecer o ego do iniciado ou noviço, e o propósito dos antigos mistérios era reforçar a inteireza da psique para que ela deixasse de ser vulnerável aos efeitos fragmentadores de algum poder da escuridão, aqui, o critério do desenvolvimento masculino é encontrado na estabilidade do homem que deve provar sua invulnerabilidade diante dos poderes de sedução do Feminino. "Másculo e paciente",[36] é o que um homem deve ser; "Um espírito reto governa o homem; ele pesa suas palavras antes de falar."[37]

Aqui, o autocontrole e o ater-se ao próprio pensamento — como em incontáveis contos de fadas e rituais — são a expressão da força da consciência e da estabilidade do ego, de que todas as coisas dependem. A sedução pelo Feminino — aqui corporificado pelas três jovens — pode consistir em "boatos" das mulheres, ou, igualmente, em fala de "massas vulgares", contrastando com o poder mental taciturno do homem, inabalável diante da tentação. Essa masculinidade se expressa tanto pela estabilidade de ego de sua mente quanto por sua vitória sobre o medo e sua rejeição da tentação dos instintos, diante das quais Papagueno se mostra tão superado que é considerado incapaz de ser iniciado. Mas todo esse mundo da tentação está sob o signo de Maya, cuja corporificação é a Grande Mãe, como rainha da noite.

[35]II, 38.
[36]II, 22.
[37]II, 5.

Estamos interpretando as personagens do drama no nível subjetivo, isto é, enquanto aspectos intrapsíquicos do sujeito. Assim, por exemplo, a "mulher que odeia o homem" também é o inconsciente no homem. E a "fúria do matriarcado" representa a própria camada da psique masculina que é inconsciente e hostil à consciência, e contra a qual a consciência do homem deve prevalecer em sua jornada heróica, do mesmo modo pelo qual os jovens, durante a sua iniciação, que devem demonstrar que são páreo para tudo o que houver de feminino, incluindo esses traços que são interiores a eles próprios. Neste sentido, as linhas que precedem ganham nova significação: na luta contra o "orgulho feminino", é dito que:

> Um homem precisa guiar teu coração corretamente,
> Pois por si mesma cada mulher tende
> A ultrapassar sua própria esfera.

Em última análise, isto também está relacionado com o controle do lado emocional e inconsciente do homem por meio de sua própria consciência. Nesse sentido, "ultrapassar sua própria esfera" significa uma autonomia potencial das forças femininas no homem, que poderiam colocar em risco sua consciência.

É óbvio que essa situação interna é experienciada e vivida exteriormente como uma projeção exterior; esta é a base de toda representação dramática "objetiva". Na medida em que represente uma dramatização externa inconsciente de acontecimentos interiores psíquicos, as constelações psíquicas internas se transformam em constelações externadas. Entretanto, essa dramatização ocorre não somente entre a esfera superior da iniciação e a esfera oposta da Mãe Terrível, como também entre as forças "superiores" e "inferiores" dentro do próprio indivíduo.

O movimento ascendente dos valores "elevados" é continuamente compensado pelo movimento contrário dos

"inferiores" (e vice-versa), uma estrutura por cujo intermédio Mozart alcança uma representação dramática da inteireza da vida na unidade do superior e do inferior. Na ironia soberba de Mozart, o lado inferior e primitivo da natureza humana sempre mantém seus direitos no decorrer da solenidade ritual, e na invocação do "humano ideal". Assim sendo, em particular, a personagem de Papagueno, com seu realismo terreno, complementa a solenidade de iniciação de Tamino, e da extramundanidade idealista, num franco contraponto mefistofélico. Papagueno é a sombra primitivamente sensual, o filho da natureza, a voz "inferior", discordante, diante da voz idealista e emocionalmente "mais elevada" de Tamino. Assim como as cartas de Basiléia são documentos do lado primitivo, natural e animal de Mozart, assim também Papagueno desempenha o papel à la Sancho Pança de Mefistófeles, para uma personagem de Tamino à la Fausto-Dom Quixote, e ambos são aspectos do ser de Mozart.

E vejam só o que *A flauta mágica* fez com o par de palhaços que davam cambalhotas nas antigas óperas! A unidade entre Tamino e Papagueno é uma das melhores representações da duplicidade de lados do espírito humano que Goethe descreveu em *Fausto*, com as seguintes palavras:

> Duas almas, ai de mim, residem em meu peito!
> Uma quer deixar a outra;
> Uma, com órgãos de garras, se liga à terra
> Com grosseira e vigorosa lascívia
> A outra se ergue poderosamente da poeira
> Na direção da região dos grandes ancestrais.[38]

Mas Papagueno não representa apenas o lado espontâneo e instintivo; tem dentro de si um coração, e uma

[38] *Fausto*, Parte I, cena 2.

forma básica de humanidade, um primeiro fundamento a partir do qual Tamino, o seu aspecto mais elevado, pode começar sua ascensão. Visto desta perspectiva, revela-se o sentido de cenas, que de outro modo seriam estranhamente incompreensíveis, como, por exemplo, a cena em que Pamina e Papagueno cantam o grande dueto em louvor ao amor, que antecipa a parte central do rito de iniciação e a *coniunctio*:

> Não há bem maior do que o homem e a mulher;
> Mulher e homem, homem e mulher
> Alcançam o ápice da vida de bem.[39]

O que o homem primitivo, Papagueno, cuja versão do amor não é enobrecida por nenhuma esfera mais elevada de iniciação, teria a ver com esta canção? A própria Pamina dá a resposta: "Os homens que sentem a doce emoção do amor jamais deixarão de ter um coração gentil".

Quando Papagueno celebra o amor que opera "no reino da natureza", esse amor, forte em todos os sentidos, é o milagre da natureza e a base de todos os seres elevados. Por essa razão, o contraponto da iniciação bem sucedida de Tamino e Pamina, "Vitória! Vitória! Nobre Casal!",[40] é a canção de Papagueno e Papaguena a respeito das "queridas criancinhas":

> É o maior de todos os sentimentos
> quando muitos/as, muitos/as Papaguenos/as
> trazem bênçãos aos seus pais.[41]

Inquestionavelmente, o caminho da iniciação nos ritos de mistério é o caminho do herói, mas seu ímpeto ascético e idealista sob a rubrica da virtude e da sabedoria estão em contraste natural diante do senso comum

[39] I, 16.
[40] II, 33.
[41] II, 36.

anti-romântico de Papagueno, do qual depende a continuidade do mundo material. Ele representa o temor e o desejo de conforto naturais de toda pessoa que se esquiva de todo ascetismo e da fome. Quem poderia ficar indiferente aos protestos de Papagueno: "Diga-me, senhor, por que devo sofrer todos esses tormentos e horrores? Se os deuses realmente escolheram uma Papaguena para mim, por que devo me arriscar a tantos perigos para merecê-la?"[42]

Diferentemente do herói, ele não tem qualquer intenção de enfrentar a escuridão e os perigos mortais em nome de "objetivos mais elevados"; horrorizado, recusa até a sugestão de que tenha algum "espírito",[43] mas mantém-se fiel a seu "coração cheio de sentimentos". Diz ele: "Para dizer a verdade, tampouco peço por sabedoria. Sou apenas uma criatura da natureza que se satisfaz com sono, comida e bebida. E se uma vez eu pudesse tomar uma esposa bonitinha..."[44]

E quando responde ao pronunciamento cheio de menosprezo: "No entanto, você jamais experimentará os prazeres celestiais dos iniciados", com as palavras: "De qualquer modo, existe mais gente como eu no mundo",[45] certamente traz a maioria das pessoas dotadas de saudável senso comum para seu lado. Ainda assim, a despeito de sua naturalidade e primitividade, Papagueno experiencia, ainda que num nível inferior, a iniciação, o caminho do herói, que Tamino deve enfrentar num plano superior, com plena consciência e boa vontade.

A experiência da morte faz parte de uma iniciação genuína, e no mistério de *A flauta mágica* o perigo da iniciação é ressaltado mais de um vez.[46] Muito embora

[42]II, 7.
[43]I, 16.
[44]II, 3.
[45]II, 25.
[46]II, 1, 3.

na própria ópera as provas, assim como os perigos, sejamos todos apenas indicados ou aludidos, o caráter solene e ominoso da música nesses trechos[47] garante a autenticidade daquilo que está sendo dito e sentido. E assim como na cena do suicídio Pamina tem de experienciar a morte como uma forma genuína de viver seu amor,[48] o mesmo ocorrerá com Papagueno. Embora a cena do suicídio de Papagueno seja plena de humor, do início até o fim, seu lamento:

> Agora estou doente e cansado de viver.
> A morte porá fim ao amor
> Ainda que meu coração ainda esteja ardendo,[49]

na verdade constitui o contraponto cômico do sofrimento de Pamina. Em ambas as cenas expressa-se a mesma experiência, mas em níveis diversos. Por conseguinte, os três meninos vêm salvar Papagueno, além de Pamina.[50]

Utilizamos anteriormente as descobertas de Bachofen[51] em nossa interpretação do texto; baseados nelas, traremos agora o aspecto de pássaro de Papagueno para a interpretação. Papagueno é um homem-pássaro, e enquanto tal, pertence obviamente ao reino da rainha da noite. Como sabemos a partir de Bachofen, uma divisão fundamental ocorre no reino simbólico dos pássaros. Há elevados "pássaros do espírito", cuja característica predominante é sua morada no ar. Basta lembrarmos a águia e suas significações: "o Masculino", "o espírito", "o Sol". Mas, além deste, há um grupo de pássaros relacionados ao masculino que pertencem mais às regiões aquáticas e

[47]II, 1, 3, 23, 31.
[48]Ver abaixo, pp. 143s.
[49]II, 34.
[50]II, 35.
[51]J. J. Bachofen, *Das Mutterrecht*, 1ª edição, 1861; 3ª ed., Basiléia, 1948, vol. 2.

ao pântano. Tais pássaros — inclusive a cegonha, com a qual estamos mais familiarizados, mas também o ganso, o cisne, e o pato — têm caráter fálico masculino, e sua função fertilizadora subjaz ao comando do Feminino e a ele permanece subordinada.

O homem-pássaro Papagueno pertence a esta espécie "inferior" de pássaro masculino; não é capaz de compartilhar do vôo altivo do espírito que Tamino empreende, mas aceita seu lugar no reino inferior da natureza. Mesmo em sua transformação — e ele, assim como todas as personagens ativas de *A flauta mágica,* sofre uma transformação — não ultrapassa a esfera inferior à qual pertence; mas atinge sua plenitude em seu próprio plano, por meio de seu relacionamento com sua parceira Papaguena, do mesmo modo que Tamino com a dele, excetuando-se o fato de que, para este último, toda a ação transcorre num plano mais elevado.

Faz parte da grandeza de Mozart ter reconhecido que o mistério mais elevado da iniciação está repleto do mesmo poder de amor que o mundo menos elevado de Papagueno. Assim como o templo maçônico da Sabedoria da ópera se ergue entre a natureza e a razão, da mesma forma seu amor e sua sabedoria abarcam ambos ao mesmo tempo. Ele aceita a sabedoria da esfera superior do amor, mas também aceita o amor e a sabedoria menos elevados do mero mundo natural, sem pensar que estejam abaixo dele.

Assim como a rainha da noite é o inconsciente, especialmente no aspecto de Mãe Terrível, e Papagueno é a sombra de Tamino, assim também Pamina é não apenas a amada (exterior) a ser obtida por Tamino, como também o símbolo da alma dele, a ser alcançada por meio da prova, isto é, a figura de sua anima.[52] Em termos maçônicos, ela é um objeto que precisamos atingir pelo esforço e com zelo.[53] A natureza de Pamina, enquanto uma figura típica da anima, isto é, uma imagem interior do Feminino que vive dentro do homem, fica claramente discernível a partir do modo como ela e Tamino se encontram pela primeira vez. A famosa "área do retrato"[54] é a forma típica do encontro com a anima, no qual o homem tropeça em sua própria imagem interior da anima.

Mas, na situação ordálica, o herói precisa provar sua inflexibilidade diante da sedução, não somente da mãe, como também da própria anima. Tamino mantém a ordem de silêncio imposta a ele até o ponto de arriscar-se a perder Pamina por causa disso. Assim como no mundo do matriarcado o mundo das mães pede uma decisão da filha, que deve se opor ao Masculino — até mesmo sob a forma do homem que ela ama — em adesão à mãe, e assim sendo, o mundo patriarcal do pai — representado por Sarastro e pelos sacerdotes — requer do herói que opte por ele, contra o Feminino, ainda que seja a mulher amada. (Não podemos discutir aqui os perigos que envolvem essas exigências extremas.) Uma vez mais, o texto demonstra aqui sua profundidade inesperada, quando o silêncio inflexível de Tamino deixa Pamina desesperada.

No centro da concepção original da ópera mágica, ergue-se o casal de apaixonados, e também aqui a tarefa arquetípica do herói é libertar sua amada capturada pelos poderes do mal. Originalmente, essa constelação também havia sido mantida em *A flauta mágica*, ao menos no primeiro ato. Mas os acontecimentos do salvamento de Pamina tornaram-se pano de fundo, obscurecido pelo caminho iniciático maçônico que Tamino deve percorrer, que leva desde a serpente do mal do início até o pôr-do-

[52]Ver Jung, "As Relações".

[53]I, 1.
[54]I, 7.

sol, ao final. De fato, até parece que a questão da libertação de Pamina entra em conflito com o desenvolvimento de Tamino.

Mas a solução para esse problema está bem à mão: consiste na ligação entre Tamino e Pamina. De maneira a mais engenhosa, ela é simplesmente incluída na jornada de purificação, e, ao invés de um herói, temos então dois para passarem pela prova. Pode-se até aceitar o fato de que Schikaneder tomou consciência dessa solução por si próprio, e provavelmente Mozart também. Mas vejam o que o inconsciente — ainda que somente por meio de sugestão — fez dessa "solução prática"!

Embora seja típico dos mistérios patriarcais que a mulher, como portadora do simbolismo do aspecto negativo, seja excluída dos ritos, na ação de *A flauta mágica* encontramos não somente uma quebra desse princípio básico, como também a introdução de um novo mistério, no qual a *coniunctio*, união entre o Masculino e o Feminino, ocupa o mais alto nível do simbolismo, para além de uma identificação unilateral matriarcal ou patriarcal.

Indubitavelmente, esse princípio da *coniunctio*, cujo primeiro aparecimento ocorre no Ocidente no conto de Psique, de Apuleio,[55] desempenhou um papel de relevo, senão decisivo, na alquimia antiga e medieval.[56] Mas na alquimia o princípio do amor entre os dois iniciandos jamais acontecia como essência do mistério, porque a ação sempre era desenvolvida sob a forma de uma projeção em substâncias materiais em que se experimentava a união das potências masculina e feminina. O surgimento de uma "irmã" mística no trabalho dos alquimistas, fenômeno freqüente, mas não enfatizado, é sem dúvida o precursor mais próximo desse rito de mistério a dois, que C.G. Jung introduziu entre nós em uma de suas formas modernas em seu *A psicologia da transferência*.

[55]Cf. *Amor and Psyche*.

[56]Cf. as obras de Jung sobre alquimia (*Psicologia e Alquimia*, CW 12, Estudos *Alquímicos*, CW 13, *Mysterium Coniunctionis*, CW 14, e *A Psicologia da Transferência*, in CW 16).

Existe uma importância profunda e central no fato de que os mistérios de *A flauta mágica* estejam associados à dupla figura de Ísis e Osíris, um dos mais elevados casais de deuses e amantes, muito embora de início pareça que sua inclusão na ópera, bem como toda a camada de alegoria e simbolismo egípcios, seja apenas um verniz maçônico em voga na época.

Enquanto os rituais de *A flauta mágica* chegam a uma inesperada significância moderna por intermédio da introdução do princípio da *coniunctio*, é ainda mais espantoso ver-se como Pamina, de uma princesa que aguarda ser salva, é transformada em parceira e merecedora de iniciação, em pé de igualdade com Tamino.

O "ritual de iniciação" por meio do qual Pamina prova seu valor, mas que aqui assume a forma não de um simples ritual, mas de uma experiência direta, é o ritual da "morte-matrimônio". Para Pamina, assim como no simbolismo maçônico, a morte é a "chave" da iniciação a um estágio mais elevado do ser. Quatro anos antes de sua própria morte, Mozart escreveu a seu pai moribundo: "Como a morte, quando a pensamos detidamente, é o verdadeiro objetivo de nossa existência, nos últimos anos travei relações tão íntimas com essa verdadeira melhor amiga da humanidade, que sua imagem deixou de ser aterrorizante para mim, e de fato se tornou suave e consoladora! E agradeço a meu Deus por me dar a oportunidade (o senhor sabe o que estou querendo dizer) de aprender que a morte é a *chave* que abre a porta para nossa verdadeira felicidade".[57]

[57]*The Letters of Mozart and His Family*, ed. Emily Anderson, Londres, 1938, 4 de abril de 1787 (vol. 3, p. 1351).

O efeito do silêncio de Tamino, por meio do qual ele precisa provar sua inflexibilidade diante de Pamina, enquanto sua anima, foi o de deixar Pamina na solidão e desesperançada por seu amor, que nesta situação, pela primeira vez, prova ser um "amor até a morte". Enlouquecida pelo desespero, Pamina desfere sua punhalada: "É assim que você quer ser meu noivo", e "Seja paciente, meu amado, sou sua; logo estaremos unidos para sempre".[58] Somente por alusão somos lembrados do mito feminino da morte-matrimônio que — desde a história de Apuleio até a "Morte e a Virgem" de Schubert — faz parte dos mistérios de iniciação em que a mulher se volta para si mesma ao se distanciar de sua conexão original com sua mãe, e se render ao homem e à morte.[59]

O passo decisivo para a libertação da filha em relação à mãe consiste no fato de ela deixar o mundo matriarcal por amor do homem, e se entregar livremente a ele na morte-matrimônio. Mas esta submissão ao homem, apesar de libertadora para a mulher, é vista pelo princípio matriarcal como uma traição. O conflito entre essas duas forças arquetípicas, o Materno e o Masculino, sempre constitui o pano de fundo trágico da morte-matrimônio. No tencionado suicídio de Pamina, a adaga simboliza o masculino; devido a cuja rudeza (aparente) de coração ela deve morrer. Mas, para além disso, o suicídio é uma regressão, uma vez que a forma de suicídio da morte-matrimônio não é um símbolo progressivo da união genuína com o amado numa *Liebestod*, um amor-morte, a adaga também simboliza o aspecto negativo do Feminino, a Mãe Terrível, vingando-se com a morte dos seus traidores. Até mesmo essa característica arquetípica encontra expressão em *A flauta mágica*. Pois a própria

[58]II, 30.
[59]Cf. *Amor and Psyche*.

Pamina revela o sentido de seu suicídio, ao dizer: "Vós, minha mãe, me fazeis sofrer, e vossa maldição me persegue agora".[60]

Somente a intervenção dos três meninos, que sempre se erguem como princípio da graça e da mercê, dentro do princípio da luz, impede o suicídio de Pamina. Mas a tentativa de suicídio é reconhecida como uma demonstração genuína de amor da parte do Feminino, uma genuína morte-matrimônio, e inconscientemente aceita — com certeza de modo totalmente estranho à consciência de Mozart — mas ainda validamente, enquanto ritual de iniciação. Então ouvimos que: "Uma mulher que desdenhou a morte, merece e será ordenada".[61] Uma vez que Pamina experienciara que a morte era a chave, no caminho apropriado a ela enquanto mulher, do mesmo modo como Tamino fizera em seu caminho masculino, ambos cumprem a prova e são iniciados como iguais e como parceiros plenamente válidos em seu amor, assim como em sua plena e igual qualidade de membros da raça humana.

Não é acidentalmente que as duas figuras divinas, Ísis e Osíris, como símbolos mais elevados da *coniunctio*, presidem o ritual de iniciação que os amantes devem atravessar nas três cenas do segundo ato.[62] O antigo "tema da apoteose" dos ritos de mistério, proclamado por três vezes na ópera, é realizado nos próprios amantes.

Muito embora exteriormente *A flauta mágica* seja dividida em dois atos, de fato, é estruturada segundo o número três, número maçônico sagrado, que ressurge nos três templos,[63] na figura da pirâmide e seu número nove,[64]

[60]II, 30.
[61]Ibid.
[62]II, 31-33.
[63]I, 17.
[64]II, 1.

as três entradas dos três meninos,[65] bem como musicalmente, no solene tema da iniciação repetido três vezes na abertura e no início do segundo ato. De fato, o segundo ato finda na cena 20 e pode-se distinguir, e isto deveria ser feito em certo sentido, um terceiro ato, para esclarecer a estrutura — assim como o final de *Fausto* foi descrito precisamente como "Terceira Parte".

Na última parte, que se inicia com o coro dos sacerdotes: "Oh, Ísis e Osíris! Maravilha sagrada! / A noite melancólica pela luz é rompida",[66] Tamino já não está enfrentando a prova e a iniciação sozinho; neste "terceiro ato", o mistério da *coniunctio* de Tamino e Pamina se realiza com a imagem do casal divino, que como Ísis e Osíris opera para além e por detrás de toda a ação.

A única divisão interna tripartida pouco disfarçada da obra é representada em seqüência ascendente na figura da pirâmide, um símbolo favorito da maçonaria, e que tem uma função muito importante na estrutura da ópera. A base da pirâmide é formada pelo primeiro ato, dirigido pelos poderes ctônicos da rainha da noite. No segundo ato, o ato do processo de iniciação, e setor médio da estrutura, é apresentada a batalha entre a escuridão e a luz. O "terceiro ato" forma o ápice da pirâmide: nele se celebra a união entre o Masculino e o Feminino como o segredo de Osíris e Ísis. Se aceitarmos esta seqüência, a estrutura simétrica da peça e suas correspondências tornam-se muito mais claras. Assim como no primeiro ato na cena 9, a rainha da noite é revelada como a Boa Mãe, e no segundo ato, cena 10, como a Mãe Terrível, do mesmo modo encontramos entradas em cena correspondentemente simétricas dos três meninos, que trazem seu concurso no primeiro ato, cena 17. Sua natureza, enquanto

[65]II, 17.
[66]II, 21.

unificadores dos reinos superior e inferior fica clara a partir do fato de que, no plano mágico inferior do primeiro ato, eles introduzem o tema da sabedoria e prova do segundo, e no plano elevado orientado pela sabedoria do segundo ato, introduzem os instrumentos mágicos do primeiro. Uma vez mais, contudo, no "terceiro ato", tanto a flauta mágica quanto os três meninos desempenham seu papel mais significativo, e, em correspondência com o ápice, mais elevado.[67] De modo similar, as três ocasiões em que o tema da apoteose aparece encaixam-se na estrutura geral de três níveis da ópera. Na grande cena do primeiro ato, entre Papagueno, o "homem natural", e Pamina, a filha ainda virgem, onde celebram o princípio do amor na natureza, ouvimos esse tema pela primeira vez: "Esposo e esposa, esposa e esposo, alcancem as alturas da vida divina".[68]

No começo da cena da iniciação, sob o signo de Sarastro, ouve-se novamente o tema, desta vez num plano mais elevado. Estamos agora tratando do paraíso da razão, onde a humanidade, voltando do plano inferior, redescobre seu estado originariamente "divino":

> Quando a virtude e a integridade
> Tiverem adornado o caminho com glória
> Então a Terra será um Paraíso
> E os mortais serão iguais aos deuses.[69]

Mas o mesmo tema se faz ouvir pela terceira vez — e desta vez no nível mais elevado — no início da última parte, onde o mistério da *coniunctio* dos amantes é levado a se completar:

> Oh, tranqüilidade que desce do alto,
> Adentra novamente o coração humano;

[67]Ver abaixo, p. 151.
[68]I, 16.
[69]I, 26. A cena de encerramento do primeiro ato é em seu todo, ao mesmo tempo, prelúdio para todo o segundo ato.

Então a Terra se torna paraíso,
E os mortais se tornam iguais aos deuses.[70]

Aquilo que fora representado no contexto da natureza no estágio inferior, e na sociedade humana no estágio intermediário, agora se volta para o centro do indivíduo, o coração humano. O símbolo desse paraíso é "a paz abençoada". Esta paz, que estava entre as posses interiores originárias da humanidade e que foi perdida na "queda", é novamente alcançada no estágio mais elevado.

A série de três estágios que conduzem até à semelhança com os deuses é o único indício na ópera para o sentido dos três templos: o templo da Sabedoria entre os opostos, templo da Razão e templo da Natureza.[71] O paraíso do amor, que está enraizado na natureza, o paraíso da razão humana e o paraíso da sabedoria do coração são os locais dos templos em que ocorre a apoteose do ser humano. Mas dos três, o templo da Sabedoria do Coração representa o santuário central, o mais elevado, e ao mesmo tempo o mais interior.

No entanto, este mais sagrado dentre os sagrados somente pode ser alcançado por meio de uma série de julgamentos que os amantes devem sofrer, que se manifesta como o próprio caminho de sua *coniunctio*. A jornada deles por entre os elementos purificadores está tanto sob o signo da morte quanto sob o do renascimento. Com as palavras "Nenhuma força no mundo pode dilacerar nossas vidas, ainda que a morte possa ser nosso fim",[72] ambos estão prontos para enfrentar seus julgamentos, testar o seu amor, bem como morrer juntos. Permanecem lado a lado como parceiro no último trecho da estrada que passa pelo perigo; o Feminino também está preparado para morrer, não — como ainda é o caso, na alquimia, por exemplo — como o Masculino. Enquanto ali o Feminino aparece no processo de transformação da alquimia como a Mãe Terrível, no qual o Masculino se dissolveu, aqui, a figura da anima, a parceira feminina enquanto companheira humana, já foi libertada da figura da mãe, da rainha da noite. Mas Pamina não passa apenas pelo teste com Tamino: uma vez mais, aqui o estranho texto nos oferece uma nova e quase imperceptível surpresa: no momento decisivo, em que estão sendo ameaçados pelo maior perigo da jornada através dos elementos, é Pamina quem assume a liderança. O que dá a Pamina o poder para agir sob o signo de Ísis em seu mais elevado mistério do renascimento (a *coniunctio*) não é apenas a maior conexão com a natureza, característica do Feminino, mais apto a encontrar o caminho por entre a água e o fogo, mas também sua grande afinidade com o princípio do amor que, enquanto princípio do coração, conduz à sabedoria, o estágio mais elevado.

Onde quer que o caminho nos possa conduzir,
Estarei ao seu lado
Eu mesma o guiarei
Pois o Amor é o meu guia.[73]

Mas o auxílio decisivo no caminho da iniciação provém da flauta mágica. Ela também tem uma conexão estreita com Pamina. Não é apenas porque Pamina pede a Tamino para tocar a flauta: "Ela nos guiará neste curso temível";[74] a flauta é invocada em última instância por ambos como um deus, como de fato o "poder divino" em si mesma: "Vagamos com o poder da doce música / com alegria por entre a noite mais escura da morte".[75]

[70] II, 29.
[71] I, 16.
[72] II, 31.
[73] II, 32.
[74] Ibid.
[75] Ibid.

Para entender o que é esse poder divino invocado pela anima e identificado com o amor, precisamos observar o estranho símbolo representado sob a forma da flauta mágica.

Uma das mais espantosas incongruências do libreto é sem dúvida o fato de que a rainha da noite, supostamente princípio do mal, é quem dá a Tamino a flauta mágica redentora, à qual a ópera deve seu título, e quem dá também os sistros a Papagueno. Isso é particularmente desconcertante, se olharmos principalmente a rainha da noite como representante do aspecto inconsciente e instintivo. O fato de que a figura-sombra, Papagueno, provém dos domínios dela, confirma essa associação, mas também atesta o enraizamento de Tamino e de sua masculinidade "inferior" neste reino da natureza.

Ao determinar o lugar dos instrumentos mágicos no interior da ópera, pode-se menosprezar os sistros de Papagueno, uma vez que são um duplo da flauta mágica, sem significado próprio. Lá onde não são utilizados simplesmente para realizar desejos, possuem o mesmo poder da flauta mágica de transformar os sentimentos das pessoas, como no encantamento do malvado Monostatos. Referindo-se a eles, as três damas dizem:

> As paixões humanas eles transformam
> Ensinarão o homem mais triste a sorrir;
> O coração mais frio arderá de amor.[76]

O primeiro ato da ópera se passa sob o signo dos obstáculos do mundo "inferior" da rainha da noite; é ela quem desencaminha Tamino, induzindo-o a emoções de vingança e de hostilidade. A iniciação somente começa no segundo ato. E como a estrutura do segundo ato é em muitos aspectos paralela à do primeiro, da mesma forma

[76] I, 12.

Tamino e Papagueno recebem ambos duas vezes os instrumentos mágicos. No primeiro ato, as Três Damas da Rainha conferem as dádivas da flauta e dos sistros (I, 17); no segundo ato — com exata correspondência — elas são trazidas do palácio de Sarastro pelos seus três meninos (II, 17).

O tema de Orfeu da flauta mágica — do encantamento dos animais, análogo à transformação dos afetos negativos em sentimentos positivos — já desempenha um papel significativo no primeiro ato. Mas a significação mais profunda da flauta mágica torna-se clara em um momento, em particular, quando Tamino toca a flauta pela primeira vez e grita:

> Se ao menos eu pudesse demonstrar minha gratidão;
> Tal como de meu coração ela flui
> Deuses Todo-Poderosos, com cada nota
> Em vossa honra eu a faria ressoar![77]

Enquanto nesse momento ele atrai apenas os animais (isto é, revelando a conexão entre seus sentimentos e a natureza), a flauta tem um efeito mágico mais significativo no segundo ato. Nele, o som da flauta acalma os leões que ameaçavam Papagueno (II, 20); torna-se um instrumento de domínio sobre o mundo animalesco agressivo dos afetos.

Esta função da música e do instrumento musical — quer em relação ao bem, quer ao mal — é um tema arquetípico. O flautista de Hamelin, assim como violinos, flautas, gaitas de fole, e harpas, desempenham papel similar nos contos de fadas — bem distinto daquele da lira de Orfeu — e têm um significado similar.[78] A inclusão de tantos temas arquetípicos num todo espiritual abrangente,

[77] I, 20.

[78] Ver *Origens e História*, p. 161; V.C.C. Collum, "Die schöpferische Muttergottin der Völker keltische Sprache", *EJ* 1938.

tomando a forma dos mistérios do desenvolvimento humano, torna *A flauta mágica* única. Enquanto o tema de Orfeu já é crucial no primeiro ato, no plano mais elevado do segundo ato a flauta mágica desempenha papel ainda mais significativo. Com suas notas, Tamino chama Pamina e a conduz, sem que ele próprio o saiba, para o destino dela. Pois o encontro que então se segue, no qual Tamino permanece impassível diante das súplicas de Pamina, deixa-a no desespero e diante do suicídio, mas então a dirige para além deles, para o "matrimônio mais elevado", da iniciação compartilhada.

Mas, no "terceiro ato", da *coniunctio*, a flauta mágica torna-se o mais importante de todos os participantes. Seus sons possibilitam ao casal passar por entre os elementos, que são unidos em pares de opostos formados por fogo e água. O poder da flauta mágica para dominar todas as coisas da natureza fica claro em todos os níveis nos quais ela age. Como a canção de Orfeu, é o símbolo da própria música, que harmoniza o selvagem e o resistente na natureza — o elementar, bem como o animal e o humano — numa unidade mais elevada. Mas esse poder da música, ao mesmo tempo, é o poder dos sentimentos e do coração que, como Tamino diz em seu grito aos deuses, "transforma as paixões".

Assim sendo, a música, que na cena da prova Pamina chama de "divino poder", torna-se um símbolo do amor e da mais alta sabedoria, que aqui está sob o signo de Ísis. Assim como Ísis, a divindade suprema, conduz seu irmão e consorte pelo vale da morte até o renascimento,[79] também Pamina, no plano terreno, mas em analogia com o ato da deusa, conduz seu amado — e a si mesma — ao objetivo mais alto, à união de Ísis e Osíris, tornada possível pelo amor de Ísis. Por essa razão, ouvimos nesse momento — e somente neste momento: "A alegria de Ísis nos foi concedida!", e

> Vitória, vitória! Nobre casal!
> Vencestes todos os perigos
> A benção de Ísis agora está convosco
> Vinde! Subi ao santuário do templo![80]

Enquanto o Eterno Feminino no *Segundo Fausto* aparece de forma personalizada como a Madona, ele age em *A flauta mágica* como poder espiritual invisível, como música. Mas esta música é expressão do próprio amor divino, que une lei e liberdade, o acima e o abaixo, na sabedoria do coração e do amor. Enquanto harmonia, oferece divina paz à humanidade, e rege o mundo como divindade suprema.

Desde os tempos mais remotos, a mágica e a música permaneceram sob o domínio do Feminino Arquetípico, que também nos contos de fadas e nos mitos é a senhora da transformação, da embriaguez e do encantamento pelo som. Assim é compreensível que seja precisamente esse princípio feminino que outorgue os instrumentos mágicos. O tema órfico da domesticação das energias dos animais por meio da música pertence a esse princípio, pois enquanto senhora dos animais, a Grande Deusa rege o mundo selvagem tanto quanto o das criaturas domesticadas. Ela pode transformar coisas e pessoas em animais, amansar o animal, e encantá-lo, porque, assim como a música, é capaz de tornar o manso selvagem e o selvagem manso, com o poder de sua mágica. Contrastando com a *imago* patriarcalmente colorida que Sarastro faz dela, em que a rainha da noite simplesmente representa o feminino como negativo, um conjunto essencialmente positivo de qualidades da rainha e deusa da

[79]Ver *Origens e História*, pp. 220 e ss.; "Transformação, ou Osíris".

[80]II, 3.

noite é afirmado tanto no texto quanto na ação de *A flauta mágica*.

Temos um caso bem semelhante a esse, muito embora bem diluído, na atribuição das três damas à rainha da noite e dos três meninos ao reino de Sarastro. As três damas não são as únicas a intervir contra a mentira e em favor "do amor e da fraternidade",[81] quando oferecem a flauta mágica; os três meninos, que indubitavelmente pertencem ao reino de luz de Sarastro — mesmo musicalmente sua qualificação enquanto tal não tem qualquer ambigüidade[82] —, são oferecidos como guias[83] a Tamino e a Papagueno pela rainha da noite. Isto ocorre na mesma cena em que as três damas trazem a flauta mágica e os sistros como presentes da rainha da noite. Mas isto significa que Tamino efetivamente começa sua iniciação, sua série de provas, como uma missão para a rainha da noite.

Assim como a hostil Hera, na trama de Hércules e a deusa Afrodite, no correspondente caminho de iniciação de Psique,[84] incorpora o terrível aspecto da necessidade sem a qual nenhum desenvolvimento é possível, assim também somente poderá haver jornada marítima noturna do herói se houver noite, ou pôr-do-sol se houver escuridão, e as séries de provas para Tamino se houver rainha da noite. Por conseguinte, Apuleio está certo ao dizer que o iniciado vê "os mais baixos e os mais altos deuses"; realmente, ambos são necessários para seu desenvolvimento, e são fundamentalmente o mesmo.

A unilateralidade patriarcal do sacerdócio de Sarastro pode desprezar essa conexão básica, mas na completude de *A flauta mágica*, tudo acaba encontrando o seu devido lugar. A jornada noturna se inicia com a entrada

[81]I, 12.
[82]Jahn e Albert, *W. A. Mozart*, vol. 2, p. 793 (v. acima, nota 1).
[83]I, 12.
[84]*Amor and Psyche*.

em cena da serpente pela esquerda,[85] e enquanto a viagem de Tamino parece à primeira vista receber o apoio do aspecto obscuro, ao mesmo tempo ele deve se desembaraçar desse lado obscuro e finalmente vencê-lo, no desenvolvimento do segundo ato.

O aspecto negativo da rainha da noite, seu desejo matriarcal de poder, que utiliza o Masculino principalmente como meio para expandir seus domínios, pode ser uma vez mais esclarecido contrastando-se o relacionamento dela com o pai de Pamina, consorte da rainha da noite, e o vínculo bem diverso existente entre Pamina e Tamino.

Nada ficamos sabendo sobre o pai de Pamina na versão da ópera que é encenada hoje em dia. Ele é apenas mencionado numa passagem à qual logo voltaremos — isto é, no relato de Pamina sobre a origem da flauta mágica. Entretanto, numa conversa com a filha,[86] no libreto não condensado,[87] a rainha da noite oferece algumas informações importantes sobre ele, sobre o relacionamento dele com Sarastro, e o misterioso símbolo dos "sete círculos do sol".

Este símbolo de mandala dos sete círculos do sol foi herdado do pai de Pamina por Sarastro e pelos iniciados. Mas, a partir de então, o poder da rainha da noite "foi para o túmulo", como ela própria diz na conversa. Com a transferência do "poderoso círculo do sol" para Sarastro, que o traz sobre o peito como sinal de seu ofício, fica finalmente estabelecido o domínio da linha patriarcal pelo sol, consorte da deusa noturna lunar. Ele comenta: "E agora, basta de palavras; não procurai pelas coisas que a mente feminina não pode alcançar. O vosso dever é render-vos, vós própria e vossa filha, à direção dos sábios

[85]Os lados "esquerdo" e "direito" no libreto deveriam ser invertidos, uma vez que se trata de uma rubrica para "os Atores".
[86]II, 10.
[87]*Die Zauberflöte*, versão integral, Ed. Reclam, Leipzig.

homens", inteiramente no "estilo patriarcal" arrogante, com o qual já estamos familiarizados.

Estamos diante de dois problemas, nesta altura do texto. Por que se diz que os sete círculos do sol são "devoradores de tudo"? E por que é justamente a morte do consorte dela que leva ao desenvolvimento do patriarcado e à "repressão" da rainha da noite, que, como Sarastro nos informa, "vagueia pelas salas subterrâneas do Templo, armando vingança contra mim e contra a raça humana"?[88]

Logo antes de sua grande ária, "Nestas câmaras sagradas a vingança permanece desconhecida", Sarastro diz a Pamina, no texto original, o que compreensivelmente foi suprimido: "Somente tu verás como eu me vingarei de tua mãe".

Esta desconcertante justaposição de afirmações opostas é não apenas compreensível psicologicamente, mas é de fato "correta".

Os sete círculos do sol, símbolo do espírito patriarcal masculino, são não somente "todo-poderosos" como também "devoradores de tudo", isto é, guerreiros e mortais, agressivos e cruéis, vingativos e destrutivos. É somente pela concepção equivocada de si mesma que a mente masculina menospreza esse aspecto "ardente" do sol, que surge na forma correspondente como o perigo do mortífero carneiro do sol na fábula de Amor e Psique.[89]

No mito egípcio, esse aspecto mortal é representado pela serpente Uros do disco do sol, originariamente um atributo da grande Deusa Mãe, que mais tarde se tornou atributo do deus-rei patriarcal. O que significa que o poder "devorador de tudo" dos sete círculos do sol corresponde ao lado da sombra do mortalmente masculino do espírito patriarcal de tipo guerreiro. Isso torna possível a

[88]II, 13.
[89]*Amor and Psyche.*

interpretação do segundo problema: especificamente, por que o poder da rainha da noite chega ao fim com a morte de seu consorte.

Enquanto houver um relacionamento de amor entre o Masculino e o Feminino, o poder subterrâneo do aspecto feminino noturno estará resguardado, mas, ao mesmo tempo, o poder masculino do sol será não somente moderado, mas sem o saber, será amplamente submetido ao domínio do Feminino. (Uma vez mais, aqui, existe um paralelo surpreendente na história de Apuleio,[90] na qual Psique se apodera do velo de ouro do mortífero carneiro solar quando o sol está se pondo e se voltando para o Feminino noturno.) Com a morte do esposo da rainha da noite, chega ao fim o relacionamento pessoal entre o Masculino e o Feminino, o sol e a lua, e seu lugar é tomado por uma fraternidade anônima de homens iniciados, liderados por Sarastro. Mas o surgimento de uma ordem espiritual patriarcal impessoal significa que a esfera de influência e de poder do Feminino está realmente rompida, e é precisamente neste ponto que o Feminino se torna regressivo, hostil aos homens e um "mal".

Na tentativa da rainha da noite para incitar Pamina a matar Sarastro e roubar o símbolo do sol, e no seu esforço para manipular Tamino por intermédio de seu amor por Pamina, reinstaurando assim o poder do Feminino, surge a vontade de poder negativa do matriarcado quando não ligado a um parceiro. O caminho de sofrimento e redenção de Pamina está em total contraste com isso: sua relação de amor nada tem a ver com o poder; ela supera o matriarcado pelo auto-sacrifício do matrimônio-morte, e na existência pessoal de um encontro com um outro indivíduo fora dela mesma atinge uma genuína *coniunctio* de amantes.

[90]Ibid.

Com a separação entre Pamina e sua mãe, o Feminino se tornou independente num sentido mais elevado, e se diferenciou. Pamina agora se ergue como uma figura genuinamente mediadora entre o mundo superior feminino de Ísis — onde a música, o coração e a mente vêm juntos — e o reino mágico obscuro e inferior da rainha da noite. Enquanto "imagem divina", ela não somente é a figura da anima de Tamino, como também desenvolveu-se como uma pessoa de pleno direito, um ser humano que ama e é amado, isto é, como um parceiro genuíno na *coniunctio*. Uma transformação análoga acontece com a própria flauta mágica.

Durante a prova final, quando Pamina atrai a atenção de Tamino para a flauta mágica, cujos sons lhe permitirão superar o perigo, a flauta já não pertence ao reino da rainha da noite, mas atingiu uma consagração mais elevada em virtude do mundo de Sarastro. Por esta razão é que a flauta é dada a Tamino uma segunda vez, de modo que até certo ponto ela agora leva a marca dos dois mundos, a do inferior e a do superior. Esta natureza dupla da flauta mágica é confirmada pela história que Pamina narra quase ao final da ópera:

> Meu pai, numa hora mágica,
> Escavou-a no próprio cerne
> De um antigo carvalho de cem anos,
> Enquanto os raios clareavam e o trovão rugia.[91]

Assim é que o efetivo criador da flauta mágica é o pai de Pamina, esposo da rainha da noite, do qual quase nada se sabe, uma vez que ele — assim como Osíris, o consorte — "morreu". Essa constelação, na qual o pai desempenha um papel subalterno, evidentemente devido ao relacionamento dominante entre mãe e filha, nos é

[91]II, 32.

familiar, tanto pelo mito quanto pela realidade interior da mulher. Aqui também, a rainha da noite — a quem se dirigem diretamente como se fosse uma deusa — demonstra sua natureza mitológica enquanto Grande Deusa, o lado obscuro de Ísis.[92]

No mito e no culto, bem como nos contos de fada, a "árvore" e o "abismo" são os símbolos sob os quais o Feminino Arquetípico é adorado, e as horas da noite são dedicadas a sua honra. Essas imagens confirmam uma vez mais o pano de fundo arquetípico-mitológico deste texto notável.

O feito do herói sempre consiste no "roubo" de alguma coisa pertencente às profundezas do inconsciente, cujo símbolo é a Grande Mãe, e no trazer aquilo que roubou para o mundo da consciência diurna, a fim de conferir-lhe o reconhecimento ou dar-lhe forma; e, obviamente, temos tal feito na história do pai de Pamina. A flauta mágica se diferencia dos outros símbolos bem conhecidos deste tesouro, pois não somente é algo trazido para fora do reino do Feminino, onde foi criada, como também esse algo recebe o poder de fazer música. O silêncio da noite e do inconsciente, o reino obscuro dos sentimentos, encontra voz própria na flauta mágica, símbolo da música. Aqueles amados pelo Feminino, pela rainha da noite, são poetas e cantores, músicos do coração, que não somente trazem o silêncio da escuridão feminina para a luz do reconhecimento e iluminação racionais, como também fazem com que soe e faça música.

No ritual de iniciação de *A flauta mágica,* a desvalorização do Feminino leva a rainha da noite a se tornar efetivamente a incorporação do mal por meio da sua afirmação arrogante de vontade de poder. E, embora seja verdade que a irmandade patriarcal masculina de Sa-

[92]*Origens e História.*

rastro, com sua glorificação da virtude e da amizade, permaneça associada ao sol e à sua vitória, a virtude por ele proclamada se expressa mais e melhor nas tarefas e julgamentos por ele estabelecidos do que na assistência que se faz necessária ao cumprimento e à resistência a eles. Essa assistência chega até os amantes pela flauta mágica, que combina em si mesma o Masculino e o Feminino. Assim, a música — a arte em que as profundezas do inconsciente alcançam sua mais misteriosa fusão com a forma através do espírito — torna-se um símbolo da graça. E, nas palavras dos amantes, "Avançamos pelo poder da doce música, com alegria através da noite lúgubre", a música da flauta mágica se torna a mais alta revelação da união entre o Feminino e o Masculino, sob o signo de uma sabedoria do coração que aponta para o mistério de Ísis e Osíris.

IV

O SIGNIFICADO DO ARQUÉTIPO DA TERRA PARA OS TEMPOS MODERNOS*

1

Quando falamos sobre um arquétipo, devemos lembrar em primeiro lugar que estamos empreendendo o que é virtualmente uma tarefa impossível. O fato é que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre os arquétipos, a não ser do ponto de vista de nossas mentes conscientes, as quais são sujeitas a certas limitações herdadas. Paradoxalmente, porém, o arquétipo é uma força cuja realidade intrínseca atua além do escopo das mentes conscientes e de suas limitações. Para nossas mentes conscientes, o âmbito arquetípico aparece em termos da diferenciação de grupos ou opostos simbólicos; não há outro modo de descrever e entender as formas nas quais ele nos aparece. Ao mesmo tempo, porém, esta experiência está continuamente assinalando para nós que o modo e a maneira pela qual o âmbito arquetípico se torna visível não corresponde à natureza essencial de sua realidade, a qual está além dos limites de nossas mentes conscientes, e só pode ser apreendida por intermédio de um conceito limítrofe

* "Die Bedeutung des Erdarchetyps für dis Neuzeit", *Eranos Jahrbuch 1953*. A Parte 1 foi traduzida por Eugene Rolfe (baseado num rascunho de Madeline Lockood, editado por Ruth Ludgate); a Parte 2, traduzida por Cullingworth.

que limita nossa experiência, mas implica algo além. É em termos de opostos e da multiplicidade de qualidades que experienciamos aquilo que realmente existe "em si" sob a forma de uma unidade de opostos para além de todas as qualidades. É por essa razão que, quando estamos falando sobre um arquétipo, somos constantemente compelidos a nos referir a outro arquétipo, o qual do nosso ponto de vista constitui seu oposto; e é somente fazendo uma tentativa séria de não perder de vista a natureza unitária do arquétipo como ele existe além da diferenciação de nossas mentes conscientes que podemos ter esperança de incluir nossa própria natureza unitária, isto é, a totalidade de nossa psique, no âmbito de nossa investigação.

Segue-se que, quando falamos do arquétipo da Terra, estamos também inevitavelmente nos referindo ao arquétipo do Céu, e à relação entre os dois. Aqui também é o fato de diferenciarmos nossa mente consciente que dissolve primeiro a unidade urobórica dos Pais do Mundo, entrelaçados de perto, que no mito estão encerrados na roda de Calabash. É a intervenção da mente consciente filial a primeira a separar o Céu da Terra, e só depois que nos próprios tomamos nas mãos esta separação entre aquilo que está acima e aquilo que está abaixo a coordenação é válida; de acordo com ela, o Céu está arquetipicamente ligado ao simbolismo daquilo que está acima, e que é leve, claro, masculino e ativo, e a Terra, com aquilo que está abaixo e é pesado, escuro, feminino, e passivo.

Só gradualmente começamos a compreender que um grande número de idéias que usamos para entender o mundo quando estamos pensando é apenas uma extrapolação abstrata de imagens, cuja natureza arquetípica faz que aquilo que absolutamente não é evidente por si mesmo e óbvio assim o pareça.

Desse modo, para a humanidade como um todo, em alguma medida até o presente, os símbolos reunidos em redor do arquétipo da Terra incluem não apenas aquilo que está abaixo e que é escuro, feminino e passivo, mas também aquilo que é deste mundo, corpóreo, tangível, material, estático, ao passo que o simbolismo oposto do Céu está ligado àquilo que é do outro mundo, incorpóreo, intangível, espiritual e dinâmico.

Quando passamos a considerar a significação do arquétipo da Terra e as mudanças na significação desse arquétipo nos confrontamos constantemente com a congruência interior desses símbolos e conceitos profundamente enraizados na psique humana, e ao mesmo tempo temos de entrar em acordo com as contradições entre os grupos simbólicos do Céu e da Terra, Espírito e Natureza. O fato é que, com a ajuda desses opostos nos símbolos primordiais da psique dos conceitos deles derivados, nossas mentes conscientes obtêm conhecimento que ainda não nos dá nenhuma indicação de quanto este conhecimento arquetipicamente condicionado é adequado à realidade que experienciamos. Essa dúvida torna-se ainda mais séria e inquietante quando vemos que a história do desenvolvimento da consciência é repetidamente marcada por uma mudança na significação — e o que vem a dar no mesmo — uma mudança na nossa avaliação daquilo que esses símbolos representam.

À primeira vista, nossa inquietação pode parecer ridícula, pois para o homem ocidental com educação científica a experiência em termos de símbolos e imagens arquetípicas ostensivamente pertence ao que, para ele, é um atavismo há muito fora de moda. Mas mesmo se o cientista moderno já não se orienta por categorias simbólicas de Terra e Céu, pode nossa consciência moderna prescindir de conceitos tais como Natureza e Espírito, estático e dinâmico? E não são eles, em última análise,

apenas abstraídos das imagens arquetípicas opostas de Terra e Céu? Para a psicologia profunda, para a qual a experiência arquetípica é experiência humana válida, este problema surge precisamente porque a discrepância entre a experiência de opostos da mente consciente e multiplicidade e a realidade unitária do arquetípico é um dos problemas quase insolúveis da epistemologia da consciência humana.

Quando falamos do caráter projetivo de uma imagem arquetípica, queremos dizer que ela está relacionada com a saúde psíquica do indivíduo, do grupo, ou da época que está experienciando em termos desta imagem arquetípica. Neste sentido, o significado da imagem é relativo à psique na qual aparece. Isto absolutamente não contradiz o fato de que o arquétipo como tal sempre representa também uma verdade "objetiva"; isto é, representa também um fragmento do mundo real. O arquétipo pertence tanto à psique que experiencia quanto ao mundo de realidade que deve ser experienciado; senão, a orientação por seu intermédio não seria, em todo tempo e lugar, um fator de redenção pelo contrário, mas nos mergulharia no caos. Validade e relatividade não são termos mutuamente excludentes. No entanto, como o arquétipo conduz somente ao conhecimento dentro de seu relacionamento com a psique na qual aparece, a experiência arquetípica é sempre somente a experiência única e própria do indivíduo.

A posição do arquétipo da Terra como uma expressão da relação do homem com a terra é naturalmente, em última análise, uma expressão de seu relacionamento com sua Terra e seu Céu. Devemos também entender como projeção arquetípica uma imagem do Cosmos, teológica, astrológica, científica, ou qualquer outra que nos forneça informações sobre a humanidade, e ademais sobre aquilo que a Terra e o Céu efetivamente significam para o

homem. Somente muito tarde, se é que um dia isso acontece, na história da humanidade, tornou-se visível um mundo que já não estava recoberto por projeções arquetípicas das imagens da psique.

Durante a Idade Média, a imagem patriarcal cristã da Terra era, sem nenhuma ambigüidade, negativa, ao passo que o arquétipo positivo do Céu era dominante. Isto significa que a Terra, como o escuro e o feminino, era encarada como o corpo grosseiro, sensual, tangível, material, deste mundo, um corpo mau, que é uma prisão e um perigo, a ser associado ao nível mais baixo do mundo, à noite e ao inferno. Na medida em que este mundo da Terra é experienciado como "animado", é contrastado com o Céu e oposto a ele, e é animado apenas como o mundo do Diabo, que é, evidentemente, o "Senhor deste mundo". O vínculo com a Terra e tudo o que é ligado a ela, tanto arquetípica como simbolicamente, é o vínculo com o espírito sedutor cujo poder hostil demoníaco, expresso na natureza e neste mundo, como a mulher e como o corpo, como instinto e alegria no esplendor deste mundo, deve ser vencida em nome da salvação da alma. Pois somente a parte decaída e inferior da alma pertence ao mundo da Terra; sua verdadeira essência é o "espírito" e se origina do lado celestial masculino de "Deus", ou do Mundo Superior. A concepção medieval da natureza humana em termos de opostos certamente é derivada das imagens da Criação do Antigo Testamento, do alento celestial de Deus entrando no corpo de Adão, o qual foi feito da terra *Adamah*, mas a concepção que ainda é atual no Judaísmo, da pureza da Natureza criada, foi totalmente invertida neste caso. O lado terreno tem de ser sacrificado em nome do Céu, porque a Terra "humana" é, desde o princípio, a Terra decaída e corrupta. E a Terra, a Serpente da Terra, a Mulher e o mundo dos instintos, representados pela sexualidade, são maus, sedutores e amaldiçoados, e

o Homem, que em virtude de sua natureza essencial realmente pertence ao Céu, é aquele que é somente seduzido e enganado.

Esta interpretação da história da Criação do Antigo Testamento torna-se então a base para a autonegação do homem, negação essa que desperta em nós não apenas espanto, mas quase horror, na qual a natureza humana como terrena, e o terreno, e com ele o feminino, são caluniados como repulsivos e envenenadoramente maus.

Talvez as palavras mais crassas sejam aquelas do Papa Inocêncio III em "De contemptu mundi" ("Do desprezo por este mundo", onde ele declara claramente sobre a humanidade:[1]

Formatus de spurcissimo spermate, conceptus in pruritu carnis, sanguine menstruo nutritus, qui fertur esse tam detestabilis et immundus, ut ex ejus contactu frudes non germinent, arescant arbusta... et si canes inde comederint, in rabiem efferantur. (Formada do esperma mais imundo, concebida no prurido da carne, alimentada pelo sangue menstrual, que é considerado tão nojento e imundo que depois de ter contato com ele, as frutas dos campos já não germinam, os pomares secam... e os cães, se dele comem, ficam raivosos.)

Exemplos de fontes muçulmanas, judaicas e cristãs, isto é, de antigas autoridades "pneumaticamente" patriarcais, com sua ênfase no Espírito e no Céu, podem ser multiplicados *ad libitum,* como já é sabido. Em toda parte, um grupo arquetipicamente idêntico de símbolos foi reunido em redor do centro do Céu ou da Terra, e os portadores da projeção desse simbolismo negativo, por exemplo mulheres, sofrem o mesmo destino negativo. Pois já que o corpo, a Natureza e o mundo pertencem à esfera daquilo que é pura e simplesmente terreno e ilusório, é sempre a tarefa do espírito celestial, especialmente, é claro, daquele que está vivo no homem, fugir asceticamente do perigoso abraço da Terra.

Depreciação da terra, hostilidade para com a Terra, medo da Terra; são todos, do ponto de vista psicológico, a expressão de uma consciência patriarcal fraca que não conhece outro modo de ajudar a si mesma a não ser fugir violentamente do domínio fascinante e avassalador do Terreno. Pois sabemos que a projeção arquetípica do masculino experiencia, não sem justiça, a Terra como o Feminino criador de inconsciente, embaralhador de instintos e, portanto, perigoso. Ao mesmo tempo, a projeção da anima masculina[2] é mesclada à imagem viva do arquétipo da Terra no inconsciente do homem, e quanto mais unilateralmente masculina for a mente consciente do homem, mais primitiva, não confiável, e portanto perigosa, será sua anima. Mas o arquétipo da Terra em compensação com a divindade do arquétipo do Céu e do Pai, que determinava a consciência do homem medieval, funde-se à imagem arcaica da Deusa Mãe.

Contudo, na sua luta com a Deusa Mãe, a mente consciente, em seu desenvolvimento histórico, tem tido grande dificuldade para se afirmar a fim de alcançar sua independência patriarcal.[3] A insegurança desta mente consciente — e temos uma profunda experiência de quão insegura a posição da mente consciente ainda é no homem moderno — está sempre vinculada ao medo do inconsciente — e nenhuma teoria bem intencionada "contra o medo" será capaz de livrar o mundo dessa ansiedade

[1]Segundo Johan Huizinga, *O Declínio da Idade Média* (tradução de Augusto Abelaira), São Paulo, Verbo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978. [O texto a partir do qual foi feita a tradução em inglês, *The Waning of the Middle Ages* (Londres, 1924), omite este trecho, embora Huizinga apresente material semelhante no capítulo 11, "A Visão da Morte."]

[2]Jung, "As Relações".

[3]Neumann, *Origens e História.*

profundamente enraizada, que em diferentes épocas foi projetada sobre diferentes objetos. Quer essa ansiedade se expresse sob uma forma religiosa, como o medo medieval dos demônios ou bruxas, quer politicamente, como o medo moderno de guerra com a nação que está atrás da cortina de ferro, em todos os casos estamos tratando com uma projeção, muito embora ao mesmo tempo a ansiedade seja justificada. Na realidade, nossa pequena consciência do ego está, justificadamente, com medo do poder superior das forças coletivas, tanto interna quanto externamente.

Na história do desenvolvimento da mente consciente, por razões que não podemos buscar aqui, o arquétipo do Céu Masculino é ligado positivamente à mente consciente, e as forças coletivas que ameaçam e devoram a mente consciente tanto por dentro quanto por fora são vistas como Femininas. Uma avaliação negativa do arquétipo da Terra é portanto necessária para uma mente consciente patriarcal masculina que ainda é fraca. Mas essa validade aplica-se somente em relação a um tipo específico de mente consciente; ela se altera à medida que a integração da personalidade humana avança e a mente consciente é fortalecida e estendida. Uma mente consciente unilateral, tal como aquela que predominava na ordem medieval patriarcal, é com certeza radical, até mesmo fanática, mas, em um sentido psicológico, absolutamente não é forte. Como resultado da unilateralidade da mente consciente, a personalidade humana se envolve numa oposição igualmente unilateral ao seu poder inconsciente, de modo que na verdade acontece uma cisão. Mesmo se, por exemplo, o princípio Masculino se identifica ao mundo do Céu, e projeta o mundo mau da Terra para fora, sobre o princípio do Feminino estranho e estrangeiro, ambos os mundos ainda são partes da personalidade, e o mundo espiritual masculino repressor do Céu e dos

valores da mente consciente é continuamente minado e ameaçado pelo lado oposto, reprimido, mas constantemente no ataque. É por isso que o fanatismo religioso dos representantes do Mundo patriarcal do Céu não chegou ao clímax na Inquisição e nos julgamentos de bruxas, no momento exato em que a influência do arquétipo do Céu, que regera a Idade Média e o período que a precedeu, começou a desaparecer e a imagem oposta do arquétipo da Terra Feminina começou a emergir.

Já nos referimos, em outro trabalho,[4] a este processo, que começou por volta da época do Renascimento e foi entrando em todos os departamentos da cultura ocidental por essa mesma época. A obra de Bosch, com a de seu contemporâneo, Leonardo da Vinci, é típica deste desenvolvimento, embora num sentido totalmente oposto. Bosch olhava para trás, moldado e possuído pelos poderes negativos e demoníacos da Terra. Sua fuga desesperada através deste mundo, e fora dele, é a fuga do Filho pródigo, que, como o Filho Gnóstico do rei, abandonou a casa paterna e agora vaga, perdido e sem teto, por uma terra demoníaca, má e estrangeira. Para Bosch, como para os primeiros Padres cristãos, "Terra" e "Mundo" ainda são símbolos do "distanciamento moral de Deus", e ainda é verdade que "o Diabo entrou de corpo e alma na Terra" e ele, assim como a Terra, é dominado pela doutrina cristã do Espírito Profano", que é o "Espírito da Terra", o "Príncipe deste Mundo", que deve ser expulso pelo Espírito Santo.[5]

E contudo, o poder avassalador e o perigo mortal desta dimensão terrena demoníaca é tão grande e quase irresistível precisamente porque, para Bosch, este mundo

[4]Neumann,"Art and Time" in *Art and the Creative Unconscious* (Essays vol. 1).

[5]Hugo Rahner, "Earth Spirit and Divine Spirit in Patristic Theology" (publicado originalmente em 1945) in *Spirit and Nature* (PEY I).

está adornado com todas as cores da beleza terrena que, nesta disputa, encantaram primeiramente os olhos e o coração, não do homem medieval, mas do homem da Renascença e do homem moderno.

Em contraste com Bosch, a obra científica e artística de Leonardo, antecipatória e voltada para a frente, é uma expressão não apenas da beleza desta terra, mas também do novo espírito. Para ele, a libertação e a espiritualização do arquétipo da Terra libera também o princípio feminino, o qual agora, assim como o arquétipo da Terra,[6] lhe revela sua face criativa e psico-espiritual. Pois a nova ênfase no arquétipo da Terra também corresponde a um novo movimento "descendente", mas de modo algum apenas a isso. Quando Leonardo observa: "Você deve frisar em seu tratado que a Terra é uma estrela como a Lua, e assim provar a mobilidade de nosso mundo",[7] está especificamente interessado em liberar a Terra de sua posição sublunar, onde ela ocupava o lugar mais baixo e mais desprezível no arranjo hierárquico da figura do mundo do final da época clássica, do início da Idade Média, e era o esgoto para o refugo do resto do mundo, e encontrar para ela um novo lugar como uma estrela entre estrelas num cosmos infinito de reluzentes corpos celestes.

Antes da Renascença, a Terra ficava "de fora" no centro do mundo, e acontecimentos religiosos a envolviam, de modo que o mundo se fechava ao redor da Terra como uma esfera. Esta posição central quase híbrida da Terra era contrabalançada pela depreciação da Terra e do homem, o qual, como decaído, representava ao mesmo tempo o elemento "imprestável" neste sistema de mundo. Mas com a revolução copernicana na Renascença, a Terra caiu

[6]Neumann, "Leonardo da Vinci and the Mother Archetype" in *Art and the Creative Unconscious.* (Essays, vol. I.)

[7]MS. F., fol. 56r, in *Leonardo da Vinci, der Denker, Forsher, und Poet,* ed. Marie Hertzfeld, 4ª ed., Jena, 1926, p. 59.

de sua posição central no mundo. O globo fechado do mundo abriu-se com força e a Terra e seus habitantes — vistos de fora — tornaram-se uma partícula reviravoltoante de poeira dentro de um imenso espaço cósmico, o qual, aberto e circulando numa dinâmica prodigiosa, liberava um número infinito de mundos, que emergem e desaparecem em âmbitos inimagináveis de tempo e espaço.

E todavia, a compensação psíquica da reviravolta copernicana, com seu destronamento externo do homem, foi não apenas o reforço do arquétipo da Terra, mas também um reforço correspondente da significação da consciência do ego e do indivíduo como um "Filho da Terra". Estes fenômenos inter-relacionados são evidentes em todos e em cada um dos departamentos da cultura, em eventos sociais, bem como em arte, religião e filosofia, tanto quanto nas ciências em desenvolvimento.

O predomínio do arquétipo da Terra e a desvalorização do homem como criatura decaída com a Terra implica a não-realidade do posto de observação humano *per se,* mas ao mesmo tempo a incapacitação de sua consciência do ego e de sua experiência individual. A revelação e a tradição eram as únicas fontes da verdade; na filosofia escolástica, o princípio de dedução era amplamente dominante, e mesmo em epistemologia, tomava o mundo superior, o Céu, e a idéia com seu ponto de partida, pois isto era encarado como a única certeza, e olhava para baixo, para a realidade da Terra, quando olhava, com certa falta de respeito. O fato de que o homem "decaído", irrevogavelmente "decaído", estava no centro do quadro do mundo pré-moderno, envolvia um solapamento teológico tão potente da auto-estima do homem que este choque terrível só podia ser compensado por algum ato suprapessoal de graça. Há aqui um círculo vicioso psicológico. Quanto mais essa consciência humana insegura

está imbuída de medo, mais o homem experiencia o risco de sua posição, e é levado a uma confirmação sempre renovada de seu "estado de decaído".

Uma reviravolta veio com a Renascença, quando o homem se viu pela primeira vez em um mundo mudado, mas no contexto dessa mudança, e superando-a, conseguiu uma experiência completamente nova e mudada de si mesmo. A experimentação, que era o início do pensamento científico moderno, no qual se descobriu o mundo como um mundo naturalmente ordenado, que já não era pensado em termos teológicos e hierárquicos, apareceu em Leonardo da Vinci — um dos primeiros pioneiros, embora absolutamente não seja o único — como a expressão da maioridade da consciência humana. A infatigável curiosidade de Leonardo, seu espírito alerta, sua irreverência, que se estendiam a todos os âmbitos da Natureza, assim como a sede de viagens do mais recente Paracelso, são uma expressão da nova descoberta, por parte do homem, de sua presença numa terra que era ainda um torrão natal desconhecido e enigmático. O descobrimento, nesta época, de continentes desconhecidos, era uma indicação externa da mesma necessidade no homem de já não desvalorizar a Terra e entendê-la de maneira equivocada, como um amaldiçoado escabelo do Céu, nem a ele próprio como o homem primitivo decaído como os anjos e expulso do paraíso celestial. Libertada desta maldição, a Terra torna-se uma estrela entre estrelas, torna-se natureza, um mundo que aguarda ser descoberto, e aparece em toda sua riqueza de criatura viva, que já não está em oposição com um Espírito-Céu da divindade, mas na qual a essência divina realmente se manifesta.

Aqui também, foi o singular Leonardo cuja visão intuitiva incluía aquilo que estava emergindo, como uma nova criação e um novo reino, do inconsciente do homem

ocidental, na imagem arquetípica da Mãe e Sophia.[8] Aquilo que ele criou em sua arte também descobriu como a base para seu trabalho em ciência — a terra, isto é, como Mãe Natureza, que não abandona o homem[9] e "não desobedece suas próprias leis,[10] e em quem "a sábia fonte da lei vive e é despejada em toda sua medida".[11] Aquilo que C. G. Jung disse de Paracelso, o cientista que estava em tão grande medida nas garras da mágica, que a autenticidade da experiência que a pessoa tem da natureza contra a autoridade da tradição era um tema básico do pensamento paracelsiano,[12] é ainda mais verdadeiro em se tratando de Leonardo. O fato de que todo o período da Renascença, do humanismo e da Reforma esteve ocupado com a autenticidade do homem e, por conseguinte, da consciência humana, talvez tenha sido mais lindamente ilustrado no discurso de Pico della Mirandola que é, muito apropriadamente, intitulado *De hominis dignitate*[13] (Sobre a dignidade do homem).

"Ao final dos sete dias da criação, Deus criou o homem, a fim de que ele pudesse observar as leis do universo, sua beleza, e admirar-lhe a grandeza. Deus não o vinculou a nenhum lugar fixo, a nenhuma ação específica, nem a necessidades rígidas, mas deu-lhe flexibilidade e livre-arbítrio. O Criador disse a Adão: "Coloquei-te no centro do mundo para que possas olhar mais facilmente ao teu redor e ver tudo o que lá está. Criei-te como um ser que não é nem terreno nem celestial, nem mortal nem imortal, a fim de que possas ser teu próprio escultor livre

[8]Neumann, *Art and the Creative Unconscious*.
[9]MS. A., fol 77r, in Hertzfeld, p.63.
[10]R 3, MS.W, AN IV, fol 163r, in Hertzfeld, p. 3.
[11]MS. C., fol 23r, in Hertzfeld, p.12.
[12]Jung, "Paracelsus as a Spiritual Phenomenon", CW 13, par. 149.
[13]Jakob Burckhardt, *The Culture of the Renaissance in Italy*, trad. S.G.C. Middlemore. Oxford, 1945, IV, 8, Fim.

e o conquistador de teu destino. Podes te degenerar, tornando-te um animal, ou nascer de novo como um ser semelhante aos deuses. Os animais trazem do útero tudo aquilo que precisam ter, mas os espíritos mais elevados são desde o início, ou tornam-se, logo após, aquilo que permanecerão por toda eternidade. Só tu tens um desenvolvimento e um crescimento de acordo com o livre-arbítrio. Tens as sementes de uma vida interior dentro de ti".

Somente quando nos tornamos consciente das contradições existentes entre estas palavras e aquelas de Inocêncio III é que podemos compreender o que a libertação do fardo da culpa e a reconquista de sua dignidade significam para o homem moderno.

Entretanto, a maioridade do homem envolve principalmente, em primeiro lugar, a maioridade da sua consciência, e, como é demonstrado pela evolução do Ocidente, isto significa predominantemente o desenvolvimento de uma consciência extrovertida, voltada para o mundo. Em contraste com o predomínio medieval da introversão, que projetara o Céu interior e a hierarquia interior de imagens sob a forma de ordem cosmológica, emerge agora uma extroversão relacionada ao mundo físico objetivo e a uma função de sensação que grava os dados do mundo por meio de um processo de observação e registro. Não se deve interpretar de forma equivocada este comentário. Sua tipologia unilateral é apenas uma tentativa de ilustrar o caso em termos de um posicionamento extremado. Assim como na Idade Média pessoas extrovertidas eram criativas, também pessoas com uma atitude introvertida estão contribuindo para nosso desenvolvimento moderno. Mas, assim como na Idade Média, os extrovertidos também tiveram seu papel no desenvolvimento da figura interior do mundo do cristianismo, também no início da era moderna os introvertidos deram sua contribuição à nova experiência do mundo exterior. Deste modo, a

direção da filosofia introvertida, por exemplo, na teoria do conhecimento, guardou sua orientação no sentido das ciências naturais até os dias de hoje — isto é, em última análise, rumo à extroversão do espírito ocidental que começou com a Renascença. Foi somente no século passado que se afirmou um contra movimento, que culminou na psicologia profunda, com uma orientação de tipo muito diverso.

Houve certamente uma libertação da consciência humana por meio do declínio do predomínio do arquétipo do Céu como a verdadeira viga mestra da cultura patriarcal ocidental e do surgimento da imagem da Mãe Terra em oposição a ele, mas, ao mesmo tempo, isso levou a um perigo extremamente grave. O homem com uma consciência de tipo ocidental se experiencia como um "Filho da Terra" e se orienta, em grande medida, para esta imagem, e baseia-se nela. Ao mesmo tempo, porém, o homem moderno perdeu algo que o homem pré-clássico e o medieval possuíam, a saber, uma orientação em direção ao espírito.

Uma das dificuldades naquilo que estou tentando hoje provém do fato de sermos constantemente confrontados por imagens arquetípicas e idéias referentes a elas, idéias essas que não podem ser explicadas "à medida que avançamos". Por exemplo, para mim seria impossível definir o que se quer dizer aqui com "Espírito". Mas aqueles que conhecem os relevantes volumes de Eranos e os trabalhos de Jung sobre o assunto terão alguma idéia do que se trata. Não obstante, farei uma tentativa de explicar o ponto essencial em poucas sentenças.

O arquétipo do Céu está intimamente ligado ao simbolismo do Espírito, na verdade à primeira vista parece que Céu e o Espírito são termos arquetipicamente idênticos. Esta identidade é reforçada pela formação de opostos no interior do simbolismo arquetípico ao qual nos re-

ferimos no início desta palestra. Se tudo aquilo que se move invisivelmente do alto está simbolicamente ligado ao Céu e tudo aquilo que resiste visivelmente de baixo está ligado à Terra e estas coisas são de fato experienciadas desse modo, então não sobra "Espírito" positivo para a Terra. E, contudo, aquilo que é experienciado como "Espírito da Terra" é dispensado como negativo pelos representantes do "Espírito do Céu". Não é por acidente que as bruxas da Idade Média são também representantes de um Espírito, e na verdade, seu "vôo" é uma expressão simbólica para isso; mas seu Senhor espiritual é o Diabo.

Veremos mais tarde em que medida esta concepção é objetivamente justificada. Mesmo no inconsciente do homem moderno, este Espírito da Terra está conectado a um simbolismo que muitas vezes coincide com o simbolismo atribuído ao Diabo na Idade Média. Aqui também temos de entender que interpretações que acabam sendo falsas e perigosas em um estágio posterior de desenvolvimento são psicologicamente necessárias em um estágio anterior. Por exemplo, mesmo para nossa consciência moderna, o simbolismo do Diabo como Espírito da Terra ainda conserva sua validade, mas agora nossa avaliação é diferente daquela da Idade Média, e na verdade quase sua antítese.

Como já frisamos, desde a Renascença, a consciência do ego tem desempenhado um papel cada vez mais forte no desenvolvimento da consciência do homem ocidental, ao passo que o Espírito do Céu e do Ar tem desempenhado um papel cada vez mais insignificante. Não podemos acompanhar agora este processo, e pessoalmente seria bastante incapaz de delinear todo este processo de evolução à luz, por exemplo, do desenvolvimento da ciência e da filosofia.

Mas talvez seja suficiente indicar que o espírito que de agora em diante será buscado e encontrado é um espí-

rito de terra e de humanidade, não um espírito de Céu e de teologia, e isto é totalmente independente de o nosso ponto de vista ser de variedade idealista ou materialista. Mesmo se um idealista desejar buscar um plano espiritual de desenvolvimento, tomará os materiais que usa para ilustrar sua tese da terra a partir da realidade humana, não a partir dos dados de uma revelação ou de um espírito celestial transmitido pelas tradições. Quando entendemos o significado fundamental deste fenômeno, as concepções e interpretações aparentemente opostas se aproximam muito umas das outras, muito mais, em qualquer caso, do que parece aos representantes das variedades opostas de interpretação idealista ou materialista. Quer interpretem um fenômeno cultural em termos sociológicos extrovertidos ou psicológicos introvertidos, quer o derivem de condições externas transpessoais do coletivo ou de condições internas transpessoais do coletivo — isto é, do inconsciente coletivo —, o fundamento comum que permanece a despeito dos opostos que é, em todo e qualquer caso, o ponto de partida são as realidades terrenas da constelação humana. O ponto de vista do homem moderno é, acima de tudo, clara e exclusivamente determinado por seu relacionamento com a verdadeira realidade dada, isto é, com a terra.

O homem, como uma criatura sobre a terra, humanidade em toda sua diversidade, e em toda a diversidade de suas culturas, é em toda parte determinado pela diversidade dos ambientes terrenos aos quais está se adaptando — é sempre uma pergunta da história desta humanidade na terra. Se, 150 anos atrás, a Grécia representava quase o princípio e os persas já representavam a fronteira bárbara da história, e a Bíblia era celebrada como uma visão rápida primordial da mais antiga revelação da humanidade, desde aquele tempo a história da humanidade vem sendo recuada, não em milhares de anos, mas em

centenas de milhares, e até milhões de anos e mais. A Terra, que, segundo a cronologia judaica, foi criada por Deus há cinco mil anos, tem uma antiguidade, pelos nossos cálculos, da ordem de 30 milhões de anos; a pré-história do homem data de um milhão de anos e a história das criaturas vivas, com as quais estamos ligados pela história e pela evolução, pode ser pesquisada até cerca de 20 bilhões de anos atrás. Portanto, nós mesmos estamos ligados e infinitamente emaranhados com esta terra de uma maneira da qual até mesmo agora não sabemos nos dar conta. A história e a arqueologia, a antropologia e a etnologia, a biologia e a zoologia, e precedendo a elas, a química e a física, tudo isto é a história da terra, tudo isto é "nós próprios", tudo isto é a raiz da qual nos originamos.

O arquétipo da Terra, que emergiu durante a Renascença, e com dificuldade atirou para longe as cadeias com as quais fora banido para o Inferno por um Céu hostil, hoje enche nossos horizontes. Não há nada para além dele, e a Terra, que acima de tudo significa libertação e libertação para o homem escravizado pelo Céu, agora representa, ela própria, um perigo na imensa superioridade de seus poderes.

Do mesmo modo que, antes da Renascença, o homem fora sobrepujado pelo Céu, assim também, nos tempos modernos, está sendo sobrepujado pela Terra. A Mãe que abraça tornou-se a Mãe que devora, e a descida do homem ao submundo do arquétipo da Terra, embora necessária, não é menos perigosa do que sua alienação anterior da Terra, provocada pelo Céu.

Não é fácil descrever o "em-terramento" psicológico do homem moderno, pois essa não é uma questão de ele ter se tornado "materialista" no sentido primitivo da palavra, muito embora em grande medida esse tenha realmente sido o caso, e seja de fato uma parte integrante do

sublime de seu "em-terramento". O que é mais vital é o afogamento da consciência humana em fatos e dados — o modo como está sendo assoberbada e inundada por fatos em inúmeras áreas que uma consciência não pode possivelmente coordenar num esquema unitário, menos ainda assimilar. A situação conhecida de todos nós, na qual a realidade foi dividida em inúmeras disciplinas e especializações, levou a um estado de coisas no qual o homem moderno já não tem um quadro unificado do mundo,[14] mas se contenta, e aparentemente tem de se contentar, com um estranho conglomerado de fragmentos de antigas filosofias, novos *insights*, concepções não comprovadas etc. A imensa amplitude de fatos descobertos, à qual cada década e cada ano acrescentam inovações imprevistas e revolucionárias, em nenhum lugar permite que uma orientação abrangente pareça ser possível, particularmente se cada indivíduo é obrigado a aceitar de boa-fé tudo aquilo que não acontece no pequenino setor que cabe no âmbito de sua própria experiência.

A orientação do significado do todo se perdeu em tal medida que hoje é quase proibido colocar o problema do significado; é a questão. Não há religião nem filosofia capaz de nos dar uma resposta abrangente ao total de nossos problemas, e o abandono e o isolamento do indivíduo a quem não é dada resposta alguma, ou apenas respostas inadequadas à sua pergunta, levou a uma situação na qual se buscam e se dão, cada vez mais, respostas vulgares e óbvias. Como em toda parte e em todos os âmbitos da vida, há escolas e partidos contraditórios, e um número igual de respostas contraditórias, uma das reações mais freqüentes é que o homem moderno pára de

[14]Os numerosos esquemas programáticos nos quais se faz uma tentativa de produzir esse quadro do mundo apenas demonstram, por sua natureza contraditória, que esse quadro uniforme do mundo não existe em parte alguma, exceto em ditaduras.

fazer perguntas e se refugia numa concepção que considera apenas os aspectos mais óbvios e superficiais, e se torna cético, niilista e egocêntrico. Ou, como alternativa, tenta solucionar todos os seus problemas mergulhando de cabeça numa situação coletiva e numa convicção coletiva, e desse modo busca se redimir.

Evasões deste tipo tornam-se mais fáceis à medida que a humanidade é cada vez mais reduzida ao nível de massa. Juntamente com os crescentes milhões da população humana da terra, a redução da comunidade ao nível de massa vem constituir em um fator novo. Somente quando a humanidade consegue desenvolver a inteligência e a personalidade ocultas nesses milhões, pode conseguir também vencer a tendência descendente que automaticamente acompanha o aumento estatístico da massa, e que resulta numa queda dos padrões humanos. Todos esses fenômenos juntos são uma expressão daquilo que já definimos antes como "em-terramento" do homem moderno. O indivíduo se experiencia como pequeno e em última análise supinamente inferior em face de uma realidade terrena que o torna indefeso e o aniquila com sua infinita multiplicidade e diversidade. O horizonte do indivíduo não pode englobar a amplitude e a variedade daquilo que sempre prova ser novo e diferente da "terra" sobre a qual ele vive. Este horizonte, que constrange o indivíduo enquanto uma partícula da massa, é suplementado por uma orientação coletiva vinda do alto, que reduz, e ela própria é reduzida, ao nível da massa; aquilo que está "acima" é neste caso não apenas ditadores e estados ditatoriais, mas também a imprensa, o rádio, os filmes, a publicidade, independentemente da fonte da qual emanam esses meios de comunicação de massa.

Entretanto, se pronunciarmos "do alto" tão distintamente quanto o sentido requer, talvez sejamos toma-

dos de repentino temor. "Do alto" — parece que é isto que trocamos por "do Céu" o que certamente violentava o homem medieval, mas ao mesmo tempo lhe dava luz. Não se pode negar que a despeito de todo o desenvolvimento posterior da consciência ocidental nos tempos modernos, quando vemos o homem coletivo despojado de espírito e degradado — em toda parte, não apenas do outro lado do rio — entendemos então que o fato de que a Grande Mãe sempre foi experienciada em mitologia também como a Mãe terrível que devora e castiga é a razão pela qual isso acontece.

Claro, tem havido no Ocidente não apenas protestadores individuais, mas também contra — movimentos ideológicos que tentaram deter esse processo de "em-terramento". Entretanto, todos eles fracassaram, pois esse "em-terramento", e até mesmo a queda do homem moderno em e sobre a terra, é um processo inevitável e irreversível.

De início, a situação não se torna consciente no coletivo, mas no indivíduo, no qual todos os problemas coletivos futuros anunciam sua presença e compelem ao seu reconhecimento. Neste contexto, podemos abreviar, pois estamos tratando de um desdobramento para o qual se tem chamado freqüentemente a atenção, em particular pela psicologia analítica. A virada radical da consciência, rumo ao assim chamado mundo externo objetivo, levou a uma separação progressiva entre mente consciente e mundo do sujeito, o "Mundo Interior", a qual culminou no isolamento do indivíduo e na neurotização do homem moderno. Este movimento contrário, que começou no século passado, atingiu o clímax com o surgimento da moderna psicologia profunda, levando de Freud e Adler a Jung, com seu caminho interior. Aqui, a primeira redescoberta foi o que poderíamos descrever como um "lado terreno interior" do homem moderno.

Até agora, nossa abordagem foi cultural e psicológica; podia apoiar-se na evidência de todo o trajeto da cultura nos tempos modernos. No que se segue, tentaremos também desenvolver o aspecto cultural e psicológico, mas de agora em diante dependeremos em grande medida de manifestação de indivíduos. Isto significa que de agora em diante nossa tentativa de examinar a significação do arquétipo da Terra já não será capaz de nos dar indicações para o destino coletivo do homem moderno. Mas isto não implica que nossos achados a respeito do indivíduo não possam nos fornecer indicações para o futuro do coletivo; talvez na verdade estejam destinados a isso.

Quando o arquétipo da Terra da Grande Mãe aparece novamente no inconsciente do indivíduo, reaparecer implica que ele emergiu antes na história da humanidade, por exemplo na mitologia e na religião. As imagens mitológicas da Grande Mãe são numerosas, como numerosos também são os estágios da revelação do ser dela, mas a forma mais difundida e conhecida de sua manifestação, a forma que define fundamentalmente sua essência, é a da Terra Mãe.

Como a Mãe boa e Terrível, ela mostra o que chamamos seu caráter elemental, no qual ela aparece positivamente — como a Mãe parideira, protetoramente contenedora, e negativamente — como a Mãe possessiva, que aprisiona, priva e devora. Essa fenomenologia acontece nela como a deusa da terra e da fertilidade que determina a vida elemental do homem antigo e a nossa, na medida em que somos criaturas naturais condicionadas pelo alimento e na reprodução sujeitas ao significado da espécie. Em seu caráter elemental, a Grande Mãe Terra rege a vida coletiva da espécie, e toda vida individual é adaptada e subordinada a ela.

Se nos voltarmos brevemente para o grupo de símbolos que caracteriza este arquétipo da Mãe Terra, em

contraste com o arquétipo do Céu, observamos com alguma surpresa que nas manifestações dela o lado escuro parece nitidamente predominar. Somente quando apreendemos a natureza desta "escuridão" de um ponto de vista psicológico, podemos compreender a significação deste arquétipo para a história da humanidade e entender porque o fenômeno do medo está envolvido nele, e finalmente reconhecer o que significa quando se diz que a situação do homem moderno é constelada por esse "enterramento" e pela "descida sobre a Terra e para dentro dela".

O aspecto puramente mitológico do arquétipo da Terra parece a princípio ser simples e óbvio. A terra é a Mãe Escura, seu útero produz todas as coisas vivas, plantas, animais e o homem, mas em sua qualidade de Mãe Terrível, a Grande Mãe devora tudo o que nasce, e o engole desapiedadamente, mandando-o de volta para dentro de si. Seu útero de morte é um estômago devorador de escuridão e como o túmulo, o sarcófago devorador de carne humana, o inferno e o mundo subterrâneo, ela é a entranha da terra, o escuro abismo de tudo o que vive. Por esta razão, como a Sombria, ela é a Deusa da Noite, que é venerada e saciada todas as noites, no mundo subterrâneo, em cavernas, com o sangue de suas vítimas. Mas ela não é apenas, como um abismo, o buraco devorador da morte, é também selvagem e voraz como parideira e assassina. O símbolo desta voracidade é mais uma vez o sangue, que a fertiliza, com o qual ela dá alimento, e com o qual ela alimenta a vida que vai nascer. É por isso que a terra deve ser saciada com oferendas de sangue vivo. A terra exige sangue, e como a bebedora de sangue, ela é a senhora não apenas da morte, mas da matança, em sua qualidade de deusa da guerra e da caça. Os instintos de agressão e sexualidade, o amor e o desejo de morte, estão todos inseparavelmente unidos nela, em proximidade pri-

mordial. A fecundidade dos vivos está baseada não somente na sombria instintualidade que impele as criaturas vivas para o sexo, mas toda a vida no âmbito do mundo animal está voltada para o alimento, pelo ato de devorar e dominar a presa; isto é, mesmo aqui, está de novo intimamente ligada ao derramamento de sangue, e portanto à morte.

Mas por que a Grande Mãe Terra da Noite é não somente a Terrível Mãe da Noite do túmulo e da morte, mas ao mesmo tempo a Mãe da Iniciação? *Inire* (entrar, adentrar) no sentido de iniciação significa originalmente, ao que parece, penetrar na terra, e o lugar dessa iniciação era a caverna, o útero da Grande Mãe, esta imagem primordial do lugar sagrado, do templo e da casa.

No centro de toda iniciação cuja importância criativa última não é nossa preocupação neste contexto, há sempre o perigo mortal representado pela Mãe Terrível. Ela é o Ocidente devorador, o lugar da morte na trilha do herói, que é uma parte essencial de toda iniciação. A confusão do labirinto, o monstro devorador, o dragão do caos, a morte, o mundo subterrâneo, e o inferno, são apenas alguns dos símbolos desfavoráveis que expressam a escuridão do terrível feminino primal. E reunidos em torno deste lugar central de má fortuna, estão os poderes tentadores, cativantes, enganadores, desencaminhadores, destrutivamente demoníacos, que aparecem sempre de maneira diferente, e em formas novas tais como animais, monstros, feiticeiras e bruxas, fadas e duendes, que são a expressão do perigo mortal que ameaça o candidato à iniciação, o herói. Mas todo este mundo de animação sobrenatural pertence à terra, por mais estranho que isso possa nos parecer inicialmente. O horror do inferno cristão é somente um rebento posterior desta situação arquetípica, na qual a humanidade tem animado a terra em toda parte com suas monstruosidades mortais de seu medo e seu

terror. Mas esta terra animada é sempre um mundo interior, e o mundo interior desta humanidade tem povoado com sua própria animação interior o oco da caverna que é o inferno. Hoje, chamamos a este processo projeção do inconsciente, e a sombria Terra Mãe aparece, na psique da humanidade, como a unidade do escuro útero que carrega a vida, o qual como *uróboro* material e *prima materia* é o animado caos no qual as criaturas se devoram e se geram, e dá a luz a ele.

É o mundo do afeto, dos instintos e das emoções, da exuberante energia do caótico, do demoníaco e do mal nas profundezas e nos ocos da humanidade, que parece ter sido liberado aqui. Quem foi tomado de terror diante da história manchada de sangue da humanidade, na qual raças e povos, nações e tribos, cidades e aldeias, lutam a fim de se combater e exterminar mutuamente, pode ficar dominado por um horror ainda pior se visualizar o mundo de deuses e demônios que esta humanidade adotou como as supremas autoridades que regem sua existência. E mesmo se uma humanidade supostamente culta povoar o mundo do céu com poderes menos horríveis, a face do lado oposto reprimido do mundo não é menos distorcida do que o mundo do inferno cristão, que representa o lado mau da terra, trai de maneira suficiente.

Por que o candidato à iniciação tem de descer a este mundo medonho, assustador, e por que nunca pode haver ali, em nenhum tempo ou lugar, algo de heróico e iluminado na humanidade, sem uma batalha e sem uma fatal imersão no útero da morte no mundo subterrâneo?

Uma explicação, que permanece no nível mitológico de projeção, é óbvia e simples. Segundo ela, é por causa da vitória, é por causa da conquista do mal, o qual é representado pela Mãe Terrível, e por todas as figuras simbólicas negativas reunidas em torno dela. O herói tem de ousar fazer a descida ao perigo do dragão, a fim de pro-

var que é mais forte que o poder aparentemente esmagador da temível escuridão. Em outro local, tentamos descrever o que isto significa psicologicamente.[15] Se dissermos, usando a linguagem dos clichês, que o herói sempre representa o consciente, e a Mãe Terrível, o inconsciente, isso capta o esquema básico da situação. Mas isso é tudo, e agora nossa tarefa é preencher psicologicamente este esquema, tanto quanto possível.

Por que a "Terra" é o símbolo predominante do inconsciente? Afinal, sabemos que fogo, água e inúmeras outras coisas são também símbolos básicos deste perigoso inconsciente. O que significa aqui a "vitória" do herói, e como, finalmente, esta constelação está ligada à situação do homem moderno e ao que chamamos seu "emterramento"?

Deparamos aqui com o fenômeno óbvio, mas significativo, de que no simbolismo do inconsciente, a terra, independentemente de qualquer teoria cosmológica a seu respeito, e também das formas que o homem lhe atribui, sempre ocupa um lugar predominante. O que aqui aparece como terra independe de se o homem a encara como parte do chamado mundo "externo", como sendo plana ou um cubo, uma esfera ou um ovo. No simbolismo do inconsciente, a terra é o útero de tudo aquilo que dela se origina, e está viva na fantasia do homem, isto é, no inconsciente dele. Neste simbolismo, a terra não conta como um elemento que ocupa por assim dizer um quarto lugar, juntamente com o fogo, a água e o ar, mas representa o todo, como na realidade de nossa linguagem simbólica, quando falamos de "nossa" terra. O fogo vive dentro da terra, a água emana dela, e o oceano de ar flutua ao redor dela. Alcançamos aqui a concepção matriarcal básica do inconsciente, uma visão do mundo segundo a qual a

[15] *Origens e História.*

terra é a Grande Mãe, em oposição ao princípio masculino patriarcal. Um tal simbolismo matriarcal pode, na verdade deve, ter nele algo de perigosamente herético e pagão, para um mundo patriarcal, em particular quando lembramos que a terra amaldiçoada significava como que a quintessência do mal para o mundo patriarcal que era dominado pelo Céu.

Enquanto o herói pôde ser interpretado patriarcalmente, no sentido de que tem de conquistar o mundo matriarcal de mal e escuridão, tudo está em ordem. É bem verdade que dentro desta ordem uma cisão irreconciliável prevalece entre o bom mundo Masculino mais elevado do Céu e da consciência, e a terra má inferior Feminina, que representa o inconsciente. O mundo e a humanidade são despedaçados, tornando-se uma parte superior e outra, inferior, e não pode haver reconciliação entre ambas.

Identificar-se com a parte superior, do espírito celestial, significa experienciar a si mesmo como não-terreno e absoluto, como se a pessoa "realmente" fosse puro espírito. O homem caiu na matéria inferior e está aprisionado nela como em algo não autêntico, mas este caráter terrestre permanece "estranho à sua natureza", "inteiramente outro", é mau e amaldiçoado embora a pessoa sofra por isso, e contra as intenções do Céu participe disso. Esta posição torna-se extremamente clara na figura do mundo da gnose, mas na verdade é operacional em todas as concepções radicalmente patriarcais. O fato de esta "terra má" ter sido criada e existir continua a ser um problema insolúvel para este modo de pensar, como é comprovado várias vezes por discussões sobre a "origem do mal". Mas, se considerarmos seriamente o surgimento do arquétipo da Terra e a transformação do homem ocidental, como devemos, porque isso diz respeito ao nosso próprio destino e ao futuro do homem moderno, teremos en-

tão de admitir que aqui um elemento está anunciando sua chegada e ganhando aceitação, e temos de passar por esta experiência, ponderar e entender o porquê, do modo que cabe a um acontecimento numinoso. Isto significa que devemos nos relacionar com ele em um sentido "religioso", que Jung resumiu como a "cuidadosa e escrupulosa observação do numinoso."[16]

Mas então não se fez mais nada pelo homem moderno no sentido de conquistar o mundo matriarcal do mal. Somos forçados a entrar em acordo com este mundo de um modo mais profundo e perigoso. Inegavelmente, um espírito livre vulcânico, que pode também ser caracterizado como o Diabo, vive no centro da terra emergente. Vive como um elemento emocionalmente explosivo tanto no núcleo da terra psíquica do homem quanto no próprio núcleo da matéria, e de dentro e de fora ficamos pegos numa confrontação com este lado terreno cujo caráter fatal é absolutamente claro. Todo o mundo patriarcal está baseado em banir este elemento titânico de volta ao útero matriarcal primordial do mundo subterrâneo, um elemento que é sempre considerado mitologicamente como o filho mais velho da Mãe Terra primitiva. Por conseguinte, este mundo patriarcal orgulha-se em retratar a si mesmo colocando o pé sobre a cabeça do conquistado dragão das profundezas.

O surgimento do elemento luciferino do dragão, com sua hostilidade para com o Céu, está envolvido com o surgimento do arquétipo da Terra; e como o meio patriarcal de graça, por cuja ajuda poderíamos nos identificar ao lado celestial, já não está à nossa disposição, somos obrigados, para o melhor e para o pior, a chegar a uma composição com este lado do diabo, ou melhor dizendo, com o lado que até agora foi considerado por nós como o

[16]Jung, "Psicologia e Religião", CW 11, par. 6.

Diabo. Como resultado, gradualmente vai-se tornando cada vez mais clara uma estranha transformação de valores, de acordo com a qual a verdadeira meta parece ser não a conquista do mal, e sim sua redenção, não uma vitória patriarcal, mas sim uma transformação dos mundos inferiores.

Isto é lindamente explicitado em um mito herético cabalístico do século XVII que nos foi relatado pelo professor Scholem. O mito pode ser encontrado no livro de Zwi Natã de Gaza, discípulo de Sabbatai, e é caracteristicamente intitulado "Tratado sobre os Dragões". Cito diretamente do relato de Scholem, com algumas omissões de pequena monta:

> "No início do processo cósmico, En Sof puxou de volta sua luz para dentro de si mesmo, e o espaço primordial emergiu no centro de En Sof, no qual nascem todos os mundos. O espaço primordial é cheio de poderes hílicos informes, as chamadas "conchas de poder". O processo do mundo consiste em dar forma a esses poderes informes, fazendo alguma coisa com eles. Até que isso aconteça, o espaço primordial, particularmente em sua parte inferior, é o bastião da escuridão e do mal. É a profundeza do grande abismo na qual as forças demoníacas fazem sua morada. Quando, após a "dispersão dos receptáculos", algumas centelhas da divina luz que irradiava de En Sof caíram no abismo, para criar contorno e forma no espaço primordial, a alma do Messias também caiu, e ela tinha estado engastada na luz divina original. Desde o início da criação, esta alma permanecia nas profundezas do grande abismo, na prisão das conchas de poder, o reino da escuridão. Juntamente com esta alma muito santa no fundo do abismo, as serpentes fazem suas moradas; elas a atormentam e tentam seduzi-la. A "serpente sagrada", o Messias, é entregue a essas serpentes (e a palavra hebraica para serpente não tem o mesmo valor numérico da palavra Messias?). Na medida em que o processo de Tikkun, a restauração de todos os mundos, a separação do bem e do mal é realizada nas profundezas do espaço primordial, assim também o Messias é libertado de suas cadeias. Quando é com-

pletado o processo de perfeição, no qual a alma trabalha da sua prisão, e pelo qual ela luta com serpentes e dragões (confessadamente, isto não acontecerá até o completamento final da restauração), e então o Messias sairá de sua prisão, e se revelará ao mundo numa encarnação terrena.

É um assunto do maior interesse [e continuo a citar Scholem] que encontremos o antigo mito gnóstico do destino da alma do Redentor nos escritos de um moço do gueto de Jerusalém do século XVII. Se realmente não encontrássemos a matéria-prima desta doutrina no Zohar e nos escritos de Lurjah, poderíamos ser tentados a adotar uma conexão fundamental, embora para nós obscura, entre este antigo mito sabbataiano e o mito da antiga escola gnóstica dos ofitas ou Naassenos, que colocam o simbolismo místico da serpente no centro de sua Gnose.[17]

A imagem arquetípica da serpente redentora com certeza está colocada aqui em oposição às serpentes do mal, que lutam contra ela. Mas por que ambas têm a mesma forma, se há apenas oposição entre elas? O que quer dizer o fato de ambas morarem no mesmo lugar, a profundeza do grande abismo? Não poderiam ser dois aspectos de uma mesma coisa?

Conhecemos esta imagem da serpente redentora não apenas da Gnose e do mito sabbataiano, mas temos conhecimento da mesma serpente que surge do mundo inferior, redimindo e devendo ser redimida, como a serpente Kundalini, na Índia, e finalmente da alquimia, como a *serpens Mercurii,* a serpente ambígua, cuja significação foi esclarecida para nós primeiramente pelas pesquisas de Jung.[18]

Desde o trabalho de Jung sobre a alquimia, sabemos duas coisas. A primeira delas é que no seu "magnum opus",

[17]Gershom Scholem, *Major Trends in Jewish Mysticism,* Nova York, 1946, p. 297.

[18]Jung, *Psicologia e Alquimia,* CW 12, e "The Spirit Mercurius", CW 13.

a alquimia lidava com a redenção da própria matéria. A segunda é que, *pari passu* com a redenção da matéria, era realizada uma redenção da psique humana, não apenas de maneira inconsciente, mas era também uma intenção consciente. Como se sabe, a serpente é um símbolo primitivo do Espírito, tão primitivo e ambíguo quanto o próprio Espírito. O surgimento do arquétipo da Terra da Grande Mãe traz consigo o surgimento da companheira dela, a Grande Serpente. E, estranhamente, parece que o homem moderno está diante de uma curiosa tarefa, uma tarefa essencialmente ligada àquilo que a humanidade, acertada ou equivocadamente, mais tem temido, a saber, o Diabo.

Aquilo que tem de ser redimido do inferno da Terra e da matéria, bem como do inferno da psique humana, na qual redenção é sinônimo de transformação, parece ser nada mais nada menos do que "o Espírito da Terra".

2

A descida para o interior da escuridão da terra, que encontra no centro de toda iniciação, é representada no homem moderno, coletiva e individualmente, como um encontro com o mundo subterrâneo, um encontro que completa a psique humana. Claro, em todas as épocas houve invasões e erupções do consciente que em epidemias espirituais, tais como religiões, guerras de religião, perseguições raciais, de classe, e religiosas, transformaram homens em monstros. Os incontáveis milhões de sacrifícios humanos feitos pelas religiões, quer diretamente sobre seus altares como oferendas de sangue, quer indiretamente, em guerras pelo verdadeiro Deus, pela verdadeira fé, pela verdadeira doutrina — aquelas montanhas de cadáveres não são mais baixas do que aquelas

resultantes de sacrifícios feitos por raças, nações, estados e partidos a fim de estender uma fronteira, ou garantir uma posição de poder ou ainda o escoadouro para suas mercadorias.

Neste sentido, a situação exterior do homem moderno não parece muito diferente do que sempre foi. A variação proporcionada por uma guerra nuclear, que ameaça uma humanidade contada em milhões, talvez não seja mais significativa do que foi, para centenas de milhares de pessoas, o uso do ferro para matar, ou, para milhões, o uso bélico da pólvora. Não obstante, sustentamos que a configuração interior do homem moderno é diferente e fundamentalmente nova. Mas, estranhamente, este estado de coisas, prenhe como é com o futuro, é o resultado de uma perda que pode anunciar tanto um desaparecimento quanto um novo começo.

Até agora, a humanidade assassina, entregue ao próprio inconsciente, sempre encontrou desculpas e justificativas sagradas. Foi precisamente não ao próprio inconsciente que esta humanidade foi entregue, ou se entregou, todas as vezes que matou, travou uma guerra, queimou, torturou ou trucidou. Pelo contrário, foram os deuses — na verdade, o próprio Deus Todo-Poderoso — que exigiu essas ações. Era uma questão dos mais elevados valores, e as guerras travadas eram, em todos os casos, guerras santas.

É bem verdade que ainda usamos as antigas palavras, os antigos valores e bandeiras, como camuflagem, mas estes símbolos tornaram-se desgastados para nós, no sentido de que para nós é difícil não considerar seu uso como uma impostura, e não nos deixamos enganar por eles. Todo aquele que rejeita esta piedosa camuflagem considera que seus feitos são feitos humanos, e talvez até gostaria de impedir esses acontecimentos "sagrados": esta pessoa já não é vista como um livre pensador,

um cético ou um herege. Sabemos a respeito de motivos ocultos, ilusões auto-enganadoras, e instintos agressivos dentro de nós. Se considerarmos que tudo isso é mau, já não vamos achar que os deuses são responsáveis por aquilo que vem acontecendo, mas entenderemos a sombra e o instinto assassino dentro de nós como forças impulsionadoras.

Mesmo se o indivíduo sucumbir repetidamente ao contágio da doença coletiva, sabe, na medida em que é um indivíduo (e todo mundo o é, pelo menos uma vez), da culpa humana e das raízes terrenas dos acontecimentos, raízes essas que penetram em nossas profundezas mais íntimas. Reconhecemos essa força impulsionadora em nós como algo esmagador, contra cujo poder coletivo ainda não conhecemos remédio, mas pelo menos estamos começando a experimentá-lo como uma verdadeira doença, um autêntico horror, e a deixar de dignificá-lo com o nome de "doença sagrada", como temos feito até agora.

Mas a transformação da situação e da trilha heróica do homem moderno, que já não deseja reprimir e suprimir esse conhecimento de sua maldade, é agora a tarefa de indivíduos. Visto que o *insight* coletivo fica inevitável e perigosamente para trás em comparação com o *insight* dos indivíduos, o fardo é carregado por indivíduos que ousam fazer a descida ao âmago da escuridão, e que não são poupados da iniciação no interior da terra escura da psique humana.

A Terra e o Mundo Subterrâneo vistos como uma descida, e também como um processo de transformação, não apenas correspondem à experiência de muitos indivíduos em processo de individuação, mas também se pode demonstrar que se trata de um evento coletivo da cultura moderna como um todo. A análise deste estado de coisas foge do escopo do presente estudo, e já foi parcialmente realizada em outro trabalho. A tarefa que nos resta

é investigar se e como houve uma mudança na significação do arquétipo da Terra na experiência individual profunda, e quais suas implicações.[19]

A submissão à escuridão, à sombra, a aceitação dos aspectos negativos de anima e animus, o lado afetivo e instintivo à natureza, e a assimilação do inconsciente no sentido da integração da personalidade, são, como se sabe, algumas das expressões mais significativas que caracterizam o início decisivo do desenvolvimento psíquico do homem moderno. Mas, até mesmo nos dias de hoje, a sentença alquímica ainda paira como um lema sobre este processo de transformação: "*visitetis interiora terrae*" (visitar as partes interiores da terra). Ainda somos todos "descedores", se nos aventuramos no interior do inconsciente, o qual, por essa mesma razão, é designado topograficamente também como subconsciente; partimos da cabeça, da camada externa da consciência, e descemos às camadas mais profundas de nossa psique e de nosso corpo simbólico, e, ao fazê-lo, o símbolo da profundidade, válido ainda hoje, é derivado do arquétipo da Terra, desfiladeiro e "profundezas do abismo".

Como na história religiosa, o habitante arquetípico dessas profundezas femininas é a cobra. Assim como em Creta, na Grécia e em Natã de Gaza, ainda hoje a serpente do abismo, o Diabo, vem ao nosso encontro ali; ela é, ao mesmo tempo, a cobra de Mercúrio, o princípio espiritual

[19]Uma tentativa de chegar a uma afirmação que seja válida não apenas para o indivíduo é portanto difícil, pois a experiência do indivíduo é determinada por sua equação pessoal. A significação do arquétipo da Terra para um intuitivo introvertido, que por natureza é relativamente distanciado da terra, é completamente diferente do que é, por exemplo, para uma sensação de tipo extrovertido, que, como representante típico de nossa época é completamente governado por este arquétipo da Terra e fundamentado nele. Contudo, apesar de todas as variações individuais, a determinação coletiva da era é tão grande que atrai todos os tipos na mesma direção — muito embora de maneiras diferentes. Por esta razão, a tentativa de chegar a uma afirmação que tenha uma certa validade abrangente, em princípio, não é impossível.

que anima as profundezas, o "Espírito da Terra". Ver o companheiro-cobra da Grande Mãe num sentido fálico, como um símbolo de sexualidade, corresponde a uma das infinitas possibilidades e realidades de interpretação. No nível mais elevado, somos muitas vezes obrigados a interpretá-lo deste modo, mas nunca somente assim. Até Hermes, o guia da alma, que é o mesmo Deus que o Mercúrio dos alquimistas, tem um aspecto fálico, de cobra. Mas todo aquele que toma equivocadamente esta cobra pelo pênis, e o desfiladeiro pela genitália feminina — e sem dúvida é uma questão do ventre da terra — ofende os deuses inferiores, bem como os deuses superiores, ao restringir seu campo de eficácia e transformação.

Ter de descer dentro da terra realmente significa cair no inferno, e muitos sonhos, imagens e fantasias do homem moderno mostram o caráter de feiticeira da terra, e a natureza diabólica do espírito que esquarteja, ferve, assa, tortura e atormenta aqueles que se tornam suas presas. Pular para dentro do inferno de suas paixões e do lado emocional da natureza subjacente da humanidade é verdadeiramente um destino que deixa claro, de uma vez por todas, a todo aquele que passou por essa experiência, por que a ansiedade do homem quanto à consciência tem feito de tudo para denegrir este aspecto da terra, para alertar quanto a ele, e marcá-lo como "a quintessência do perigo".

Há somente uma resposta à pergunta do porquê em nome de Deus ou de todos os Diabos — mesmo assim o homem moderno ainda se expõe a esse horripilante perigo, a saber, que o homem moderno já não consegue evitá-lo. Essa não é uma ação arbitrária, mesmo quando é, em certa medida, realizada voluntariamente, vale dizer conscientemente, mas em todos os casos é destino reconhecido ou, por outro lado, destino não-reconhecido. Todo aquele que, conscientemente, se recusa a aceitar o problema da terra que arde em nós e do *deus absconditus* que arde

nele termina no mesmo abismo, por intermédio do "emterramento" coletivo do homem moderno. Acontece que ele mergulha como um cordeiro do rebanho ou como um lobo da matilha no vertiginoso escorregão rumo à catástrofe humana coletiva que caracteriza nossa época. Externamente, internamente, ou ambos: em todos os casos, nenhum homem moderno possui uma ilha feliz de segurança, um paraíso medieval, infantil ou idealista. O fogo que tomou conta do homem moderno o corrói, quer ele saiba disso ou não, em explosões atômicas, guerras, câmaras de gás, em crises, neuroses ou psicoses. Ele o agarra na arte moderna, e na vida social, passa dos limites em todas as direções; não há saída.

Mas todo aquele que experiencia este terrível caráter da psique como sua Terra interior, com a mãe primordial de tudo o que está vivo nele, também experiencia mudança e transformação. Ferver na retorta do cativeiro de cada um, dentro de cada um, leva a uma ruptura na qual a mãe contenedora, bem como aquele que está aprisionado nela, é fundamentalmente alterado. Com isso, a pessoa chega ao que se poderia chamar de iniciação ao mistério matriarcal, no qual a Terra revela, para além de seu caráter maternal elementar, sua natureza de Grande Transformadora. Agora, a Terra Mãe revela que é a Grande Criadora que, como Nut do Egito, é também o escuro firmamento da infinidade, onde ela, como a lua cheia, ilumina sua própria escuridão, e pela manhã dá a luz ao sol e ao dia. Isto porque a Grande Transformadora é também a fonte de luz, e como mãe exaltada também engloba os céus, exatamente como Rilke formula numa carta da juventude: "Mas toda terra que vive irradia seu próprio sol, e lança noites estreladas para bem longe na eternidade".[20]

[20]Carta a Lou-Andreas Salomé, 8 de agosto de 1903, in *Letters of Rainer Maria Rilke*, trad. de Jane Bannard Greene e M. D. Herder Norton, vol. I, Nova York, 1947-1948.

Neste ponto, gostaria de citar uma pequena passagem da imaginação ativa de um paciente, na qual o fenômeno que me ocupa aqui é, possivelmente, esclarecido. A deusa com a espiga de trigo, o símbolo primitivo da Deusa Mãe, aparecia ao paciente, na sua fantasia, à noite, numa torre, e sem que ele soubesse o que isso significava, entregava-lhe a espiga. O texto então continua:

> os céus se apagaram como de chofre, e, olhando do alto da torre, de repente, vi as estrelas das profundezas da Terra — subindo — uma impressão pasmosa e avassaladora. Lentamente, a terra foi se adornando com todas as constelações do céu e o dossel das estrelas tornou-se o manto da terra. Mas isso não é certo, pois as constelações não brilhavam sobre a terra, mas sim dentro dela, em diferentes profundidades. Do mesmo modo que o céu as carregava em diferentes profundidades, agora a terra o fazia. E lá estava ela radiante diante de mim, não uma massa inerte, mas uma essência animada, totalmente espiritualizada, prenhe de estrelas.

Como a Grande Criadora, o feminino não é receptáculo e passagem para um Outro masculino e estrangeiro que condescende com ela, entra nela e a beneficia com sua semente da vida. A vida origina-se *nela* e sai *dela*, e a luz que aparece projetada no céu noturno, que é ela mesma, está enraizada em suas profundezas. Pois ela não é apenas a *protomantis*, a primeira e grande Profetiza, mas também aquela que dá a luz ao Espírito-Luz, o qual, como a consciência e a iluminação que surge na transformação, está enraizado na sua eficácia criativa. Ela é a Terra criativa, que não apenas produz e engole a vida, mas que, como aquilo que transforma, também permite que aquilo que morreu seja ressuscitado, e leva o inferior ao mais elevado. Todos os desdobramentos e transformações que levam do simples e insignificante, passando por todas as gradações da vida até o complexo e intricadamente diferenciado enquadram-se na soberania da terra. O mundo

matriarcal é geocêntrico: as estrelas e os signos do zodíaco são o cinturão celestial da Deusa Terra, e estão dispostos em torno dela como o verdadeiro centro em redor do qual tudo gira.

O que parece simbólico aqui e quase mitológico ainda marca de tal maneira, sustentamos, o ser do homem moderno e o nosso próprio *insight*, que devemos pelo menos tentar elucidar este fenômeno. Para nós, não é difícil compreender o caráter psicologicamente negativo da Terra Mãe. Está muito claro que, e quanto, o lado afetivo e instintivo está envolvido com a imagem dela. Também já aprendemos a entender que este arquétipo da Terra da Grande Mãe é o local do nascimento da consciência: a história das origens da consciência, e os problemas de trazer à consciência e perder da consciência esclareceram para nós a dependência da consciência em relação ao inconsciente.

Mas na imagem da constelação na terra muitas coisas mais, e diferentes, estão indicadas.

Depois que fiz a primeira parte desta conferência em Tel Aviv, e antes da segunda parte, isto é, antes que o tema das estrelas na terra tivesse surgido, fui informado por uma mulher do auditório do seguinte sonho, acontecido após a primeira conferência.

> Nas profundezas da terra. Num edifício abobadado, incomensurável, tão enorme, camadas ordenadas estão colocadas em arcos umas sobre as outras. Sobre esses arcos, brilham fontes espalhadas de luz, que muito embora pareçam pequenas individualmente, são tão potentes em relação à abóbada que permitem percebê-la na escuridão. Eu mesma estou envolvida por tudo aquilo, sou um pedaço de terra. Ao mesmo tempo observando, mas como o interior, luz e escuridão. Digo: assim como os vaga-lumes tem uma luz interior, também a escuridão ilumina a si mesma.

Esta visão é uma das muitas que apontam na mesma direção. É uma questão das mesmas centelhas, faguIhas na terra, as quais, como Jung frisou,[21] eram comparáveis aos arquétipos no trabalho do alquimista Khunrayh e ao firmamento interior de Paracelso. Vale dizer, a visão contemporânea está relacionada ao mesmo fenômeno da "luz na escuridão" do qual Jung fala quando escreve sobre "o inconsciente como uma consciência múltipla". É uma questão do reconhecimento de uma luz interior no inconsciente, que se torna distinta no decorrer do processo de transformação, e leva à iluminação da individualidade pelo *lumen naturae*. Mas este *lumen naturae* deve ser concebido numa escala muito mais ampla do que era, por exemplo, na obra de Paracelso, a fim de podermos fazer justiça a todos os conteúdos e conceitos que aparecem no homem moderno, juntamente com esta transformação nas manifestações do arquétipo da Terra.

Em "Sobre a natureza da psique", Jung indicou as relações existentes entre luz interior, *lumen naturae,* alma do mundo, *anima mundi*, e o "Espírito Santo" e escreve: "A alma do mundo é uma força natural responsável por todos os fenômenos da vida e da psique".[22] Com o decorrer do tempo, a ênfase vem recaindo, de maneira cada vez mais forte e decisiva, na autonomia desta força natural. Em Paracelso, a luz que aparecia na "experiência interior" está em conflito com a luz da revelação divina[23] — um conflito que ele próprio não conseguiu penetrar. No desenvolvimento do homem moderno, porém, a luz divina da revelação tornou-se ainda mais fraca, e a luz terrena da experiência humana, cada vez mais forte. O posto de observação do homem moderno retirou-se de um céu que já não derrama luz sobre ele e retornou à terra e a ele mesmo, e precisamente por causa desta luz que brilha no

[21]Jung, "Sobre a Natureza da Psique", CW 8, par. 338 ed. Revista e aumentada de "O Espírito da Psicologia" = "Der Geist der Psychologie", EJ 1946.
[22]Ibid., par. 393.
[23]"Paracelso como um Fenômeno Espiritual", CW 13.

alto sobre a escuridão e das profundezas está se tornado cada vez mais valioso e significativo para ele. Se agora consideramos as imagens emergentes, numinosas, com o cuidado religioso adequado, esta luz é uma luz feminina proveniente da terra, uma luz de Sophia. Mas esta luz de Sophia é idêntica a um "Espírito da Terra", recentemente emergente.

Como demonstraram os inúmeros trabalhos de C. G. Jung sobre alquimia,[24] o movimento alquímico — pois deve-se dar esse nome a um desenvolvimento que vem durando 2.000 anos — representa uma corrente espiritual subterrânea na qual o arquétipo da Terra começou a emergir e a se afirmar de maneira compensatória. No entanto, aquilo que Jung designa como a "projeção do psíquico sobre a matéria", como ele próprio acentuou mais de uma vez, não é apenas a intuição dos conteúdos transformacionais da psique humana, mas também os da "alma do mundo", da *anima mundi*. Vale dizer, o processo de desenvolvimento (o teor destas experiências) estende-se para além do humano e chega ao cósmico. O conhecimento da equação macro/microcosmo, da correspondência da inteireza humana com a inteireza do extra-humano, leva a uma nova consciência, na qual se torna visível um novo continuum total homem-mundo.

A terra que sofreu a Queda juntamente com o homem é experienciada como um mundo que permaneceu inconsciente junto com a humanidade inconsciente, isto é, não redimida. A humanidade que foi criada inconsciente é contudo "sem culpa-culpada". Numa interpretação do mundo que em parte é semelhante ao gnosticismo, a trilha do desenvolvimento do homem começa com o aparecimento da cobra, "o mais inteligente dos animais", isto é, do instinto para a consciência, que leva a pessoa ao co-

[24] *Psicologia e Alquimia*, CW 12, e "The Spirit Mercurius", CW13, et al.

nhecimento do princípio da contradição, do bem e do mal, e a induz a ele. Por intermédio do homem, esta é também a trilha do desenvolvimento do mundo rumo a um conhecimento mais elevado, consciente, e já não meramente instintivo.

De acordo com a tradição, o aspecto perigoso deste espírito-cobra é ainda freqüentemente experienciado pelo homem moderno sob a forma do "Diabo". A título de exemplo, gostaria de apresentar o sonho de uma mulher moderna, embora sem entrar na sua significação, isto é, sem discutir nesta altura a significação da epifania do Diabo para a mulher moderna, nem do simbolismo "cristão" para a mulher judia moderna.

Uma figura masculina de características simétricas, forte, vigoroso, alto e esbelto, aparece diante de mim. Está usando uma malha inteiriça justa de seda preta, da qual parecem se salientar painéis alternados de retângulos rombóides pretos grandes e brancos pequenos feitos de cetim brilhante. Pequenos retângulos de cor vermelha crua e suja e verde e amarelo berrantes estão espalhados entre eles, formando uma diagonal. Caminho muito perto até a figura graciosa, que está vindo com firmeza em minha direção. A uma certa distância, seu traje parecia apenas um dominó branco e preto. Só quando chego bem perto dele é que vejo os pequenos retângulos coloridos que estão espalhados por sua roupa. Olho solene e calmamente o rosto inteligente, estreito e pálido, com seus lábios finos e nariz aquilino e estreito. Olhos negro-esverdeados, penetrantes, frios e cintilantes me fitam. Encontro aquele olhar que é como uma verruma. Mas aqueles olhos desdenhosamente frios não permitem que meu olhar penetre, e o refletem como vidro espelhado. Ele é muito mais alto do que eu, de modo que tenho de olhar para cima. O nível dos meus olhos chega à altura de seu peito. E, de repente, vejo que no

lugar do coração há um espaço oco, forrado de seda verde brilhante, de uma cor de veneno. Está cheio de uma bruma cinzenta e espessa. Daquele espaço onde seria o lugar do coração, a bruma sobe como um pilar por detrás da figura, indo ao infinito. Quando olho com atenção, observo uma contínua mudança de cores. Os retângulos negros transformam-se em brancos e somente os espantosos pequenos retângulos multicores mantêm suas cores sombrias; por um segundo, brilham, lustrosos. As pernas, perfeitamente formadas e fortemente ágeis, estão relaxadas e ligeiramente abertas; entre elas, torna-se visível uma longa e sedosa cauda de macaco, que se move o tempo todo, balançando para lá e para cá. A cauda dura e negra termina numa ponta fina, no final da qual há uma bola bem redonda, com um brilho fosco, e que parece feita de granito. Agora sei que a figura triste, ambígua, que muda continuamente de preto para branco, é o Diabo. Não sinto medo algum, apenas surpresa diante da tristeza que cobre aquela figura híbrida. Toda vez que os grandes rombóides ficam brancos, uma tristeza que penetra em tudo emana de seu brilho de purpurina, como um tormento incompreensível, inevitável e crescente. Pergunto-me se ele é realmente mais ambivalente do que mau sem ambigüidade. Um longo tempo se passa antes que eu perceba uma alta figura feminina de pé por detrás dele, completamente nas sombras: a enlutada Mãe de Cristo (de "Cristo na Cruz", de Eugène Carrière). Mas ela não está pranteando o filho, que não está lá, e sim o Diabo, e ouço suas palavras fracas e atormentadas: "Ele também é meu filho" — tudo em mim resiste a essa imagem. Não quero escrevê-la, mas ela não me deixa pegar novamente no sono — até que a escrevo. Aí, então, há paz. Eu queria resistir pela força à substituição de Cristo pelo Diabo, mas a imagem era irresistível.

A Maria deste sonho é inteiramente terrena — como demonstra a associação que o sujeito faz entre Maria e um quadro moderno —, mas o fenômeno arquetípico de seus dois filhos, Cristo e o Diabo, a cujo parentesco arquetípico como irmãos Jung se referiu repetidamente,[25] indica igualmente a natureza arquetípica de Maria. O aspecto dual — Cristo, a cobra perfeita e o Diabo, a cobra venenosa — corresponde ao caráter dual da cobra mercuriana. Este caráter ambivalente da cobra do Espírito da Terra pertence à essência do próprio arquétipo da Terra.

Devo pedir desculpas antecipadamente por ter sido capaz de apontar somente por meio de palpites o que este novo aspecto do arquétipo da Terra talvez possa significar. Visto que estamos todos envolvidos neste processo de manifestação, não podemos dizer nada de conclusivo a respeito. Mas, por outro lado, deve-se sempre fazer uma nova tentativa de orientação — por mais que possa ser prematura —, pois só assim aquilo que, entre outros conteúdos do inconsciente, deseja se fazer inteligível para nós pode ser trazido à discussão.

Gostaria de abordar o problema do Espírito da Terra como um espírito da Sophia em duas direções, e de tentar traduzir em nossa linguagem conceitual aquilo que inicialmente é encontrado em imagens mitológicas. Uma indicação está relacionada ao "conhecimento externo" do qual tratamos no ano passado, neste mesmo local.[26] Parece que em níveis mais profundos daquilo que chamamos psique, ou melhor ainda, em um nível no qual a cisão da psique e do mundo, de terra e céu, em opostos, ainda não tem, ou já deixou de ter, efeito, vai se encon-

[25] "Uma Abordagem Psicológica do Dogma da Trindade", CW 11.

[26] Isto é, na conferência do autor na série de conferências Eranos em 1952: "The Psyche and the Transformation of the Reality Planes", in *The Place of Creation* (Essays, vol. 3).

trar o conhecimento da realidade total do mundo. Esta realidade tem um caráter espiritual e ordenado que vai até a própria essência do arquétipo, e que, por um lado, determina nosso ser e o ser daquilo que parece para nós o "Mundo", e, por outro lado, aparece como imagens mentais para a nossa psique. Mas um caráter espiritual e ordenado quer dizer que parece que o mundo deriva sua verdadeira organização deste Espírito e, para nós, não parece apenas ser organizado "em espírito". Esta realidade espiritual e ordenada do arquetípico, que em certa ocasião designamos como o terreno arquetípico e o terreno do Eu que o rege, é não obstante nosso mundo real. Este mundo total, que nos transcende nas duas pontas de nosso ser, como psique e mundo externo, não está dentro, nem fora, mas em toda parte. Estamos tão completamente emersos nele que somente podemos apreendê-lo como a realidade determinante em situações não habituais. Geralmente, porém, a humanidade o experiencia, por um lado, como mundo arquetípico, isto é, como o mundo das imagens de deuses, demônios e arquétipos, mas também, por outro lado, como "coisa concreta", como mundo externo, material.

Aqui chegamos à outra indicação do que significa "Espírito da Terra", que está ligada o mais intimamente possível ao que acabamos de dizer, mas é provavelmente mais fácil de entender. A questão aqui é que somente somos capazes de ter experiência com a ajuda da psique. Esta psique tem o seu efeito e aparece em arquétipos, isto é, em símbolos naturais, que determinam nossa consciência e nossa concepção global do mundo.[27]

[27]Em sua *Philosophy of Symbolic Forms*, E. Cassirer descreveu o surgimento da consciência a partir do mundo dos símbolos. Um tratamento do tema pela psicologia profunda teria sem dúvida, de ir mais longe — e mais fundo — que estes achados; teria, não obstante, que usá-lo como referência em muitos aspectos. (Ver acima, ensaio 2, n. 23).

Mas o símbolo natural, sem que estejamos suficientemente conscientes do fato, é idêntico à realidade do mundo que aparece para nós, pois cada objeto do mundo natural é ao mesmo tempo uma realidade simbólica para nós. A psique com certeza não usa um "objeto" da natureza como "símbolo", mas a experiência de um "objeto" já é sempre uma experiência simbólica. A estrela ou a árvore dentro de nós não é menos simbólica nem menos real que uma experiência corpórea. Pois cada possibilidade de experiência ou pressupõe uma atividade espiritualmente formadora, isto é, simbólica, ou é idêntica a ela. Isto é, tudo aquilo que é espiritual aparece para nós primeiramente não apenas na natureza mas como natureza; ou poderíamos igualmente formular a idéia ao contrário: tudo aquilo que é natural, quer seja interno ou externo, aparece para nós como uma imagem, vale dizer como espírito formado. Somos rodeados, interna e externamente, por imagens, mas ao mesmo tempo, formados e determinados em todas as nossas experiências pelo símbolo natural, como se fosse por uma realidade unitária natural-espiritual, pois nosso sistema psíquico apreende apenas aquilo que aparece para nós como o mundo real por intermédio do mundo do simbolismo natural.

O mundo conceitual da ciência é um mundo de abstração. Na realidade, porém, também ele é apenas uma distilação daquilo que é primordialmente dado no símbolo natural. O que encontramos na ciência numa ponta, por assim dizer, externamente como um objeto, encontramos na outra ponta, internamente na psique, como o numinoso. Mesmo aqui, qualquer afirmação sobre o numinoso, se quiser fugir do simbolismo natural, no qual está primariamente enraizado, é uma tentativa desesperada de abstrair, isto é, um esforço em última análise vão para escapar do mito e do símbolo. Pois no momento em

que acontece a experiência de vida, ela é uma experiência da psique formadora.[28]

Por esta razão, a imagem como um símbolo natural sempre se refere a um "objeto" da natureza que era venerado como o numinoso, fosse ele mineral, vegetal ou animal, água ou raio, sol ou lua, ou algo abrangente, como por exemplo o céu ou a terra. O espiritual e simbólico é idêntico a tudo aquilo que é dado na natureza. Mas esta correlação elementar, que enquanto correspondência entre o acima e o abaixo e como a assinatura das coisas, desempenhou um papel significativo no pensamento da Antiguidade e no pensamento medieval, torna-se uma experiência decisiva somente para o homem moderno. Tudo aquilo que experienciamos a partir da imagem em percepção da imagem interior, da cadeira visível à visão do divino é espírito-psique formador e formado. Neste sentido, se analisarmos nossa experiência, não há matéria que seja oposta ao espírito, esteja livre dele, ou seja estranha a ele. Em seu ser dentro deles mesmos e como eles mesmos, assim como em seu ser-para-nós, o orgânico e o inorgânico, as coisas ostensivamente mortas da física tanto quanto a unidade mental, sensual, do orgânico e do psíquico são uma unidade na qual o espírito físico é ao mesmo tempo visível e invisível.

A humanidade vem abordando a realidade total de diferentes direções. Cientificamente, tenta encontrar as leis do espírito "na" matéria — mas os campos de força daquilo que o homem tem chamado de matéria são espírito ou natureza? A fórmula matemática é adequada ou inadequada? E é não apenas a unidade daquilo que aparece como real com aquilo que é concebido matematicamente a verdadeira "natureza espiritual" inteiramente

[28]Neumann, "The mytical World and the Individual", trad. de R. M. Jacobson, *Quadrant* 14 (outono1981). [Original *EJ 1949* e in Ud. M., vol 1.]

no sentido em que Goethe diz: "Todo aquele que trata do Espírito deve pressupor a natureza, e todo aquele que fala da natureza deve pressupor o Espírito, ou então implicá-los silenciosamente"?[29] Acredita-se numa abordagem do mundo unificado do real não somente em ciência, mas igualmente na veneração do real como o numinoso em religião, nas configurações da arte, mas sobretudo na associação inconsciente de cada pessoa com o próprio mundo mundano, com seus fenômenos e suas coisas.

Se estamos envolvidos em imagens, estamos também envolvidos em formas, no espírito, que é natureza e na natureza, que é espírito. Diária e continuamente nos associamos, sem o saber, a este mundo unificado de natureza e espírito. Mas somente a pessoa para quem esta associação já se tornou clara entende o que se quer dizer quando se fala de Sophia como uma terra intensificada e espiritualizada. Mas esta formulação também já é distorcida. A terra absolutamente não mudou, não está intensificada nem espiritualizada; permanece sendo aquilo que sempre foi. Somente a pessoa que experiencia este Espírito da Terra se transformou, só ela foi mudada por esse Espírito, e talvez tenha sido intensificada e espiritualizada. Mas também ela permanece sendo aquilo que sempre foi, e somente se tornou, juntamente com a terra, mais transparente para si mesma em sua própria realidade.

Aqui também devemos fazer uma distinção entre a realidade de nossa existência total e as formulações diferenciadoras de nossa consciência. Com certeza, nossa consciência tenta separar um mundo espiritual do mundo natural e vê-los em oposição, mas esta divisão mítica e oposição da terra e do céu prova ser mais e mais impra-

[29]Citado por Paul Schmitt, "Natur und Geist in Goethes Verhältnis zu den Naturwissenschaften", EJ 1946.

ticável. Se, no processo de integração, a consciência se alia aos conteúdos do inconsciente, e a interpenetração mútua de ambos os sistemas leva a uma transformação da personalidade, segue-se uma volta ao simbolismo primordial. Acima e abaixo, céu e terra, espírito e natureza, são novamente experienciados como *coniunctio*, e a cabaça que os contém é a totalidade da própria realidade.

Internamente a psique, assim como externamente a *physis*, a realidade da terra aparece agora para nós como *coniunctio* da terra visível e de um céu invisível. Todo símbolo natural da psique, assim como todo pedaço de matéria, é ao mesmo tempo dois-em-um. Mas o *coniunctio* dos primeiros pais, unificados um ao outro, e do uróboro exaltado, já não será projetado para fora como a origem do mundo. Assim, a terra que é transfigurada e se torna transparente não é apenas experienciada internamente e fisicamente, mas também no fato da realidade externa. A meu ver, uma parte significativa da nova religiosidade do homem moderno consiste precisamente nesta experiência da transparência e da transcendência da terra.

Quer entendamos essa transparência como o caráter do além pertencente a este mundo ou como o caráter do outro mundo deste mundo, ou como ambos, dá na mesma, mas em nenhum dos casos continua válida a separação. A cisão entre terra e céu, espírito e natureza, é resolvida por uma terceira posição, na qual sua interdependência primordial retorna e é compreendida em sua primordialidade. Mas isto presume que o próprio homem retorne à sua primordialidade. O que é descrito psicologicamente como tornar-se íntegro no processo de individuação significa também esta terceira posição, na qual este estado fundamental de oposição se transcende.

Homem, Coisa, Terra. São estes os grandes objetos por cujo intermédio o homem moderno, sabendo ou sem o saber, se confronta. E este confronto é religioso precisamente porque ele já não fala, ou raramente fala, do divino. Assim como *homo* e *humus*, Adão e *adamah* — isto é, Homem e Terra — essencialmente formam um todo, assim também uma *humilitas*, uma humildade, é apropriada para este Filho da Terra. Esta humildade pertence à essência de sua nova humanidade, e apenas lhe permite fazer afirmações a respeito do humano.

Gostaria de ilustrar para vocês o ponto que alcancei, por meio de dois extensos exemplos. Um deles é um trecho de *Guerra e Paz*, de Tolstoi, e o outro, um trecho de uma das cartas tardias de Rilke.

> A própria pergunta que o atormentara, aquilo que ele continuamente tentara encontrar — o sentido da vida — deixara de existir para ele agora. A busca do sentido da vida não havia pura e simplesmente desaparecido temporariamente — ele sentia que, para ele, ela havia deixado de existir e não poderia voltar a se apresentar. E esta mesma ausência de um sentido dava-lhe o completo e jubiloso sentimento de liberdade que, na época, constituía sua felicidade.
>
> ...e de repente em seu cativeiro, ele aprendera, não por meio de palavras nem de raciocínio, mas por sentimento direto aquilo que sua ama lhe dissera, anos atrás: que Deus está aqui e em toda parte. Em seu cativeiro, ele aprendera que em Karataef Deus era maior, mais infinito e inimaginável do que no Arquiteto do Universo reconhecido pelos Maçons. Sentia-se como um homem que, depois de forçar a vista para enxegar a distância, encontrara aquilo que procurava bem ali, aos seus pés. Durante toda a vida, olhara por sobre as cabeças dos homens ao redor, quando simplesmente deveria ter olhado diante de si, sem forçar a vista.
>
> No passado, nunca conseguira encontrar aquele *algo* grande, infinito e inescrutável. Apenas sentira que devia existir em algum lugar, e o buscara. Em tudo aquilo que estava próximo e era compreensível, vira somente aquilo que era limitado, mesquinho, comum e desprovido de sentido. Equiparava-se com um telescópio mental e examinava o espaço remoto, onde a mesquinha mundaneidade que se

ocultava na distância enevoada lhe parecera grande e infinita simplesmente porque não era vista com clareza. Agora, porém, aprendera a ver o grande, eterno e infinito em tudo, e portanto — vê-lo e gozar sua contemplação — ele naturalmente jogou fora o telescópio através do qual havia até então olhado fixamente por sobre as cabeças dos homens, e olhou com prazer a vida ao seu redor, em constante mudança, eternamente grande, inimaginável e infinita. E quanto mais de perto olhava, mais tranqüilo e feliz se sentia. A assustadora pergunta "Para quê?" que anteriormente havia destruído todos seus edifícos mentais, para ele já não existia.[30]

O novo, que não deve ser interpretado equivocadamente de maneira panteísta, está contido em todas as partes da citação. Nem se deve ter nenhuma dúvida de que o que Pierre chama de "Deus" já não tem muito a ver com o que foi chamado de "Deus" até então e que, como Deus da Revelação e do paraíso, dera seus mandamentos ao homem decaído sobre a terra amaldiçoada. E talvez não se esteja reivindicando demais ao sugerir que este sentimento existencial que se expressa por intermédio de Pierre poderia até mesmo renunciar igualmente à palavra "Deus", como por exemplo no Zen-budismo, assim como apoiar-se nela.

Em Rilke, ela parece diferente, mas ainda com o mesmo sentido, quando ele fala da terra e sua transformação, na qual a correlação Morte-Espírito-Invisível é válida para ele. Mas Rilke é muito mais consciente do novo que está em questão. Em conexão com as *Elegias de Duíno*, ele escreve:

> *A afirmação da vida* e da *da morte aparece como uma única coisa nas "Elegias".* Conceder uma sem a outra é, como aqui se aprende e se celebra, uma limitação que no fim deixa de fora tudo aquilo que é infinito. *A morte* é o *lado da vida* que é afastado de nós, que não brilha sobre

[30]Tolstoi, *Guerra e Paz*, livro XV, capítulo 5.

nós: devemos tentar alcançar a maior consciência de nossa existência que está à vontade em *ambos os âmbitos ilimitados, alimentado de maneira infatigável por ambos...* A verdadeira figura da vida estende-se por ambas as esferas, o sangue da mais poderosa circulação flui através de *ambas; não existe nem um aqui nem tampouco um além, mas a grande unidade* na qual os seres que nos ultrapassam, os "anjos", estão em casa. A transitoriedade em toda parte mergulha em um ser profundo. E assim todas as configurações do aqui e agora devem ser usadas não apenas de maneira limitada pelo tempo, mas, tanto quanto formos capazes, ser colocadas naquelas significações superiores nas quais temos uma parte. Mas *não no sentido cristão* (do qual estou me afastando, mais e mais apaixonadamente), e sim numa consciência puramente terrena, profundamente terrena, ditosamente terrena, devemos introduzir aquilo que é visto e tocado aqui na órbita mais ampla, na mais ampla das órbitas. Não em um além cuja sombra escurece a terra, mas em um todo, *no todo*. A natureza, as coisas de nossas relações e de nosso uso, são provisórias e perecíveis; mas são, enquanto estivermos aqui, *nossa* propriedade e nossa amizade, co-proprietárias em nosso infortúnio, em nossa alegria, assim como já o foram de nossos antepassados. Assim, é importante não apenas não destruir e degradar tudo aquilo que aqui está, mas exatamente em virtude de seu caráter provisório, que compartilha conosco, estes fenômenos e coisas devem ser entendidos e transformados por nós no sentido mais fervoroso. Transformados? Sim, pois é nossa tarefa marcar esta terra provisória e perecível de maneira tão profunda, paciente e apaixonada em nós que sua realidade ressurgirá em nós invisivelmente. Somos as abelhas do invisível. *Nous butinons éperdument le miel du visible, pour l'accumuler dans la grande ruche d'or de l'Invisible. "Colhemos aqui e ali, perdidamente, o mel do visível, para acumulá-lo na grande colmeia do Invisível".*

...A terra não tem outra saída a não ser tornar-se invisível: *em* nós que, com uma parte de nossa natureza temos algo do invisível, temos (pelo menos) parte nele, e podemos aumentar nossa posse do invisível, durante nossa estada aqui — somente *em* nós pode ser consumada esta conversão suprema e duradoura do visível em invisível já

não dependente de ser visível e tangível, pois ao mesmo tempo nosso destino torna-se continuamente MAIS PRESENTE E INVISÍVEL em nós...

e para resumir:

> *Somos — deixe-me enfatizar mais uma vez — no sentido das Elegias, somos esses transformadores da terra; nossa existência inteira, os vôos e mergulhos de nosso amor, tudo nos qualifica para esta tarefa* (além da qual não existe, essencialmente, nenhuma outra).[31]

A posição do homem moderno é infinitamente diferente de qualquer coisa que o numinoso do céu lá no alto e a da terra aqui embaixo jamais significaram para o homem. Mas o que é a transformação no invisível senão transformação no espírito, no céu, ainda que sem criar nenhum tipo de oposição à terra. Caso contrário, o homem, que transforma a terra e assim transforma a si mesmo, torna-se o ponto no qual o céu e a terra unem-se novamente; mas, neste processo, a transformação vinda de baixo para cima ganha em realidade, na medida em que, como "mais presente", torna-se também, ao mesmo tempo, invisível. A fraqueza da terra, e, com ela, a do homem, é aqui precisamente o começo decisivo dos acontecimentos, pois não é a perfeição de um mundo espiritual e celestial, mas a limitação e a transitoriedade do terrestre que é o trampolim necessário ao salto para dentro de um "ser mais profundo".

Esta atitude essencialmente religiosa está livre de todo vínculo convencional ou confessional. Mas a atitude anticristã de Rilke não deve ser equivocadamente interpretada como sendo mais anti-religiosa do que o nosso comentário sobre o ato de Pierre de dar nome a Deus. É apenas uma questão de evitar a linguagem conceitual da

[31]Rilke, Carta a Witold van Hulewicz, 13 de novembro de 1925, in *Letters*, vol. 2 (ver acima, ensaio 2, n. 20).

teologia, mas de modo nenhum de evitar a verdadeira experiência numinosa. Precisamente porque o homem moderno se experiencia como um "Filho da Terra", instintiva ou inconscientemente, evita as velhas terminologias que escancaram violentamente a oposição entre a terra e o céu, e, ao fazê-lo, roubam o espírito da terra. Somente quando se vislumbra esta tendência inconsciente a uma nova santificação da experiência real, mesmo no mais enfadonho do empirismo e do pragmatismo contemporâneos, é que se pode lidar com os juízos de valor ainda parcialmente inconscientes do homem moderno.

Para ele, cujo destino inevitável tem sido tomar a passagem através da Grande Mãe Terra e experimentá-la como aterradora assim como Mãe Transformadora dos Vivos, seu próprio ser, bem como o do mundo, tornou-se algo diferente. A realidade da vida se resolveu a partir da oposição entre a terra e o céu e um terceiro elemento mediador humano tomou seu lugar. Quando tentamos descrever uma experiência psíquica que ainda é nova, somos continuamente compelidos a nos prender às velhas imagens mitológicas nas quais ela acontece. E assim, nossa contemplação, que tem seguido o caminho do Mysterium matriarcal por meio de uma necessária obediência interior, termina com o símbolo que está na extremidade criativa, a extremidade que se manifesta desta rota; o símbolo da criança.

O quadro mítico do mundo matriarcal conhece o Espírito-Progenitor como uma masculinidade transpessoal, invisível, mesmo quando o feminino se experiencia como um princípio criativo. Mas a ressaltada posição central que se eleva acima da oposição da tendência patriarcal e matriarcal é a Criança Divina, nascida do Feminino.[32] Nela, o acima e o abaixo, o masculino e o feminino, o céu

[32]Jung, "A Psicologia do Arquétipo da Criança", CW 9, i.

e a terra são unificados em um "completamente Outro" e "Novo".

Mas o que está implicado no fato de que o aparecimento desta criança no inconsciente do homem moderno vai desempenhar um papel tão enfático?[33] Como se sabe, a imagem da criança aparece freqüentemente no centro da mandala, e Jung a formula como segue:

> Visto como uma instância especial do motivo do "tesouro difícil de obter", o motivo da criança é extremamente variável e assume todos os tipos de formas, tais como a jóia/pedra preciosa, a pérola, a flor, o cálice, o ovo de ouro, o quatérnio, a bola de ouro, e assim por diante. Pode ser intercambiado com estas imagens e outras semelhantes, de maneira quase ilimitada.[34]

Em conexão com isto, devemos salientar um aspecto da mandala, para o qual não se chamou suficiente atenção, e que é de particular importância para nosso estudo.

A mandala faz uso de símbolos naturais, e é uma localização terrena para a manifestação daquilo que chamamos Eu. Isto não significa que a mandala é terra, mas se caracteriza como uma posição a meio caminho entre a terra e o céu, o consciente e o inconsciente. É a típica "terceira posição" da função transcendente,[35] na qual os opostos são contidos e superados. O símbolo humano dominante desta manifestação terrena da terceira posição entre o masculino e o feminino, contudo, é a criança, que pela própria natureza é hermafrodita.[36] Não é nosso propósito aqui acrescentar algo à incomparavável apresentação do Arquétipo da Criança, feita por Jung; queremos apenas tentar esclarecer o que o aparecimento deste arquétipo realmente significa para o homem moderno e para sua experiência do mundo e do Eu.

[33]A enorme expansão do interesse na psicologia infantil e a prova da significação obrigatória da infância para o desenvolvimento da personalidade são sintomas exteriores do aparecimento desta imagem externa.

[34]"A Psicologia do Arquétipo da Criança", par. 270.

[35]Jung, *Tipos Psicológicos*, CW 6, pars. 825-28.

[36]"A Psicologia do Arquétipo da Criança", pars. 292-97.

A criança, que ainda não teve de dividir sua inteireza, vive no mundo ainda não dividido. O terreno é não-terreno e o não-terreno, terreno. Ela ainda não foi compelida a separar, e Deus é Pai para ela e o pai é Deus, a mãe é o mundo, e mundo e mãe são ainda uma só e mesma coisa para ela. Aqui, a transparência do terreno vive em sua inteireza originária. Tudo o que é natural "significa" e é simbólico, tudo que é simbólico é experienciado como natureza e realidade cotidiana. Mas esta criança é, ao mesmo tempo, única e sozinha em sua inteireza, e o caráter irrepetível da vida criativa, que revela a pureza do mundo original de inteireza, em cada momento totalmente compreendido, está contido precisamente na prontidão de seu ser-no-presente.

A contemporaneidade da criança indica um mundo realizado, assim como o fato de focalizar apenas o futuro, seja ele um paraíso ou uma era messiânica, é o sintoma de um espírito voltado para o céu, e para qual a terra é incompleta e decaída. Pois o sentimento de experienciar a unidade do mundo visível com o céu invisível mas efetivo, a contemporaneidade é ao mesmo tempo "plenitude do tempo". Um tempo que não passa na sucessão tripartida de presente, passado e futuro pertence à criança, bem como ao adulto iniciado no mistério da Sophia-Terra. Aqui, é experienciada uma sincronia na qual o passado — os ancestrais — e o futuro — as crianças — estão vivos no presente imediato, que é o significado do símbolo. Pois o símbolo vivido e experienciado é tão real quanto é primordial e está eternamente no futuro. Esta sincronia do símbolo sentido — provavelmente mais bem conhecida de vocês por meio dos símbolos da arte — é a expressão de um mundo criativo e ao mesmo tempo significativo. Visto que o naturalmente existente está ata-

do, de forma inseparável, ao que é simbolicalmente significativo para a criança, sua vida é realizada e criativamente viva. Pois aquilo que chamamos "vida simbólica" não é uma forma de vida complicada e posterior, mas sim uma forma de vida original deste mundo, consistente com a realidade.

O mundo que é dado originalmente e que permanece transparente para a criança é o mesmo que o homem moderno alcança momentaneamente, no processo de transformação e permanentemente, no nível mais elevado quando, ao se tornar ele próprio transparente, a terra transfigurada torna-se transparente como o caráter de outro mundo de céu e terra. Este mundo simbólico que pertence à criança, a qual vive como símbolo no centro da mandala, é a própria mandala — a mandala como a Mãe-Espírito, como Sophia. A Sophia-psique, juntamente com a criança, são formas experienciais de vida terrena, de uma vida neste mundo. Mas este mundo, enquanto um mundo terreno, contém em si todas as fulgurantes constelações do céu em sua realidade. Pois este céu cheio de estrelas não é um lugar físico, mas sim psíquico, e se ele é o "local celestial" dos arquétipos, então esses arquétipos parecem para nós impressões totalmente espirituais de nossa experiência em conexão com nossa determinação terrena. O homem moderno não está em posição de experienciar este mundo celestial nem a própria infinitude, exceto na mais íntima ligação com sua finitude.

Ser devorado pela terra como Mãe Terrível, e sofrer por isso, pertence à inevitabilidade de nossa existência. Mas se nos damos conta disso e já mergulhamos externa e internamente num abismo terreno que parece ser uma escuridão sem luz, precisamente naquele momento, a figura da Terra Mãe se transforma e se revela como a terra transparente e transfigurada, que é idêntica à Sophia, a portadora da luz, o Espírito-psique do real.

A imagem da virgem com a espiga dourada — a espiga de trigo é o aspecto celestial das estrelas ou o aspecto terreno dos mistérios de Elêusis? — é a mesma imagem de Sophia e da criança. Esta Sophia-psique como a terra original e a terra transfigurada, como unidade de natureza e de espírito, é, ou assim nos parece, a última transformação, até aqui, do arquétipo da Terra nos tempos modernos. Ela transcende o homem, mas, não obstante, é nele que se localiza. Mas com o último símbolo, aquele do filho de Sophia, que só é realmente visível para nós na beira do nosso horizonte, se estivermos perseguindo a transformação do arquétipo da Terra nos tempos modernos, vale dizer em nós mesmos — com esta imagem nasceu algo cuja significação ainda não está à vista para o homem moderno, a saber, nada mais nada menos que o "Espírito Santo" da terra.

V

O MEDO DO FEMININO*

"O medo do feminino" é um tópico que engloba tantos fenômenos da existência humana que devemos limitar nossa discussão a circunscrever o âmbito deste medo e a citar suas manifestações individuais apenas como pistas ilustrativas. Isto porque nossa tarefa não é meramente elucidar alguma coisa da origem deste medo, mas, na medida do possível, também reconhecer aquilo que esses fenômenos dizem a respeito da essência do medo.

Nossa tarefa torna-se ainda mais complicada, pois em muitos pontos é difícil ou até mesmo impossível distinguir o "medo do feminino" do "medo do masculino" que o complementa. Pois também é verdade, quando o assunto é o medo, que a constelação consciente é sempre compensada por uma constelação oposta no inconsciente. Por conseguinte, sempre encontramos um vínculo consciente extremamente forte, por exemplo, com a mãe, compensado por um medo inconsciente dela como "medo do Feminino"; mas ele também pode ser acompanhado por um "medo do pai", isto é, por um "medo do Masculino". Parece óbvio que não repetidamente chegamos ao ponto em que nosso tema se cruza com o medo do Masculino quando recordamos que a própria figura arquetípica do Grande Feminino é "urobórica"[1] em sua forma indiferenciada, vale dizer, os opostos ainda estão conjugados nela, o Masculino e o Feminino formam uma unidade ainda não dissolvida como a "Grande Mãe Terrível". Mitológica e simbolicamente, esta figura também possui características masculinas, e seus atributos podem ser até mesmo órgãos genitais masculinos e barba masculina.[2] Por esta razão, estas atitudes e efeitos que geralmente são atribuídos ao masculino — fazer guerra, matar, caçar etc. — também pertencem psicologicamente à figura do Grande Feminino Terrível, e "os consortes" aparecem posteriormente ao lado dela como titulares dessas funções. Por conseguinte, o "medo do Feminino" inclui também o "medo do Masculino" onde quer que ele apareça como medo do Feminino arcaico, da Grande Mãe. Somente numa fase posterior, mais altamente diferenciada, é que se desenvolve a oposição entre Masculino e Feminino, e então o medo de um pólo entra em oposição com o medo do pólo oposto.

Em outro trabalho, apresentamos o extenso material simbólico e mitológico pertencente à imagem da Terrível Mãe urobórica.[3] Aqui, estamos interessados na reação psíquica a esta imagem, o medo do Feminino, e devemos descrever e entender o aparecimento desse medo no desenvolvimento normal, bem como no desenvolvimento anormal de homens e mulheres.

* "Die Angst vor dem Weiblichen", in *Die Angst*. Tradução de Boris Matthews (ver a Nota Introdutória).

[1] Neumann, *Origens e História*.
[2] Neumann, *The Great Mother*.
[3] Ibid.

A. O MEDO E O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

I. A origem do medo

1. A importância do relacionamento primal com a mãe no desenvolvimento do medo

Somente se tivermos entendido a significação e toda a gama de implicações do estágio inicial de desenvolvimento específico dos humanos, o relacionamento primal com a Mãe, é que podemos captar a essência do medo humano e sua gênese. A compulsão de fugir, isto é, a contínua prontidão para fugir e o estado de medo a ela subjacente são uma característica do mundo animal.[4] Muito embora esta observação seja correta, não decreve toda a existência animal no mundo, uma existência em grande medida "garantida" por seu vínculo com o instinto. Este é justamente o ponto no qual a elucidação psicológica deve começar, colocando uma pergunta e respondendo a ela: "O medo está associado ao instinto de fuga, e caso esteja, em que medida? Mas, de qualquer maneira, uma descrição do contínuo "estado de incerteza" do animal é eminentemente adequada para ressaltar a diferença entre a situação humana como e fundamentalmente "humana" e a condição existencial do animal.

O relacionamento primal com a Mãe, e conseqüentemente a decisiva primeira fase da infância e do desenvolvimento humano, repousa num fenômeno que Portmann descreveu e provou ser tão decisivo para a condição humana.[5] A condição psicobiológica humana que precede

[4]H. Hediger, "Die Angst des Tieres", no simpósio *Die Angst* (ver a Nota Introdutória).

[5]Adolf Portmann, *Zoologie und das neue Bild vom Menschen*, Basiléia, 1956.

toda cultura humana é mais decisiva que o uso do fogo, a primeira realização significativa da humanidade. A constelação com a qual a humanidade se confronta e que nos separa do reino animal consiste nisto: o primeiro ano da vida humana é vivido no relacionamento primal com a mãe, no que pode ser chamado um "ano embriônico", isto é, somente no final desse "ano embriônico extrauterino" o bebê humano atinge o grau de maturidade específico da espécie que os animais — até mesmo macacos antropóides, intimamente aparentados com ele — já atingiram ao nascer. Isto significa que o bebê vive psicologicamente "dentro" da mãe durante seu primeiro ano de vida, como viveu fisicamente antes do nascimento. É característico desta constelação especificamente humana que o relacionamento interpessoal — sob a forma do relacionamento primal com a mãe, e por meio dela com a comunidade humana e com o grupo do qual a mãe faz parte — é um fator psíquico e cultural co-determinante essencial da fase embriônica do primeiro ano do desenvolvimento humano que anula o fator biológico.

O fenômeno do relacionamento primal com a mãe durante o primeiro ano de vida consiste basicamente nisto: mesmo após o nascimento, a criança vive "dentro" da mãe "como algo que é contido" e é totalmente dependente do "caráter positivo elementar da mãe"[6] como aquela que provê alimento, calor, proteção e ternura em todos os setores da vida. Somente após o completamento do primeiro ano o bebê tem aproximadamente o grau de desenvolvimento específico da espécie que lhe dá a relativa estabilidade do ego, liberdade de movimento, inteligência etc., que permitem a independência que os animais mais próximos do homem geralmente já atingiram ao nascer.

[6]*The Great Mother.*

A incapacidade inicial do bebê e, por conseguinte, a total dependência da mãe no relacionamento primal dão a ela uma posição transpessoal, "arquetípica". Não importa como o bebê possa experienciá-la fisicamente, ela é objetivamente o mundo que o cerca, no qual e do qual ele vive. Porque ela regula a existência física do bebê, no prazer e na indiferença, na dor ou na fome, está simultaneamente dentro e fora, mesmo se esse tipo de distinção existe apenas para a nossa consciência, e não para a do bebê. Mas esta unidade de uma estrutura transpessoal que engloba dentro e fora é "arquetípica", e neste sentido a experiência que o bebê tem da mãe é arquetípica, independente de quão inarticulada e inconsciente possa ser. Isto significa que a mãe do relacionamento primal, como aquela que engloba, contém, e dirige a vida, é ao mesmo tempo *Mundo* e *Eu* numa só.

No entanto, o que determina o relacionamento da criaturinha pequena, dependente — a criança — com a grande doadora da vida — a mãe — é a situação fundamental da segurança e ausência de medo como a base da existência do bebê. Isto significa que a segurança do bebê — mas também sua ausência de medo — é parte da verdadeira base da existência humana. Spitz assinala que o bebê normal que não passou por um trauma de nascimento e dorme tranqüilamente após o nascimento mostra imediatamente uma forte reação de medo se alguém de repente retirar o apoio no qual ele descansa.[7]

Para entender a condição humana e seus símbolos, é importante ver que cada situação de vida é simbólica e que todo símbolo "representa" uma situação de vida. Sempre que falamos de base e de fundação, de calços de uma situação, não apenas empregamos uma expressão simbólica "imaginária", mas também o *insight* inconsciente

[7]René Spitz, *The First Year of Life* (ver acima, ensaio 2, n.6)

da significação de uma situação real, existente. Assim como a remoção real do colchão desencadeia medo no bebê, a perda de qualquer coisa que podemos designar simbolicamente como "base" também produz medo. A mãe do relacionamento primal é a base, o fundamento e a fundação da existência do bebê; ele existe vinculado a ela em segurança e na ausência de medo, na medida em que sua existência é natural. Mas isto significa que para a criança e, conseqüentemente, para o ego humano, a situação normal, primária, de segurança é garantida pela mãe — isto é, por uma qualidade feminina — caracterizada pelo relacionamento primal com o Feminino.

O fato de que a vida da criança pequena na primeira fase de desenvolvimento é determinada pela mãe significa que esta primeira fase é tipicamente matriarcal. É regida pelo arquétipo da mãe e cada mãe pessoal desempenha sua função de típica mãe humana dando ao filho ou filha segurança e amor, alimento calor e proteção, e, como o mundo contenedor, permite o desenvolvimento embriônico pós-parto de seu bebê. Cada instância de "muito" ou "muito pouco" que transgride os limites da quantidade "específica da espécie" tem efeito negativo sobre a criança.

O ponto de partida para o desenvolvimento da criança é sua existência na unidade psíquica com a mãe, que, como mundo e como Eu, continua a carregar a criança recém-nascida "dentro dela", por assim dizer, e permite que ela se desenvolva. Esta fase de *participation mystique* entre mãe e filho é o criadouro para o incipiente desenvolvimento do ego da criança, a qual, à medida que cresce, avança na direção da experiência da posição polar da realidade. Normalmente a experiência fundamental da criança é de proteção e segurança como uma pequena criatura numa proximidade com Grande Mãe que a abriga, e de quem a criança é completamente dependente. Mas à

medida que o ego se desenvolve, a criança começa a perceber a posição oposta, negativa, contida na experiência fundamental. Em toda parte onde houve segurança e proximidade, agora também estão presentes a insegurança e a solidão, do mesmo modo que saciedade e satisfação se alternam com a fome e a carência, e ternura e calor com abandono e frio. Como acontece com toda transição no desenvolvimento psíquico, esta experiência dos opostos está relacionada com a formação da ansiedade normal. Mas enquanto a criança vive no relacionamento primal da fase matriarcal, sua ansiedade é sempre rapidamente dissipada pela intervenção da mãe. É justamente esta regulação materna da vida da criança, uma regulação que reside na mãe e não na própria criança, que nos permite dizer que, para esta fase, a mãe representa o Eu da criança. Como acontece com toda exigência, a criança alerta a mãe sempre que surge a ansiedade, e normalmente a mãe intervém imediatamente a fim de dissolver a ansiedade da criança, regulando a situação e tornando a dissolvê-la na atmosfera protetora da unidade mãe-filho.

Devemos fazer aqui uma importante ressalva sobre o desenvolvimento da criança e o desenvolvimento de seu medo. Mesmo quando a mãe pessoal desempenha seu papel perfeitamente e com total dedicação, ela pode não ser capaz de dar à criança dependente toda a proteção e segurança de que esta necessita. Muito embora a mãe seja tudo para a criança pequena, o "mundo" dela, ela própria, como um ser humano individual, é parte integrante de seu grupo, de seu tempo, e de seu destino. Se a mãe estiver cheia de medo e ansiedade, em virtude de fome, guerra, doença e perseguição, ou por outras razões, freqüentemente pode não ser capaz de suprimir a ansiedade e o medo da criança que corre para ela em sua total dependência.

A mesma coisa acontece quando a criança sofre anormalmente, isto é, acima do nível tipicamente médio, por

causa de fatores de constituição ou destino — por exemplo, doença ou dor. Nesses casos, a mãe pessoal "falha" em termos das exigências da criança, de segurança no relacionamento primal. Embora pessoalmente ela não seja culpada, a criança necessariamente a experiencia como a mãe negativa, "terrível", que não lhe proporciona segurança.

Porque a criança pequena vive num mundo mais arquetípico que pessoal nos estágios do desenvolvimento do pré-ego e do primeiro-ego, não tem possibilidade de entender que a mãe é inocente; em vez disso, experiencia sua exposição e vulnerabilidade ao mundo negativo como se fosse à "mãe negativa". Visto que a mãe é ainda arquetipicamente "mundo", o "mundo negativo" é experienciado exatamente como a "mãe negativa", e o inverso, quando a própria mãe é uma "mãe negativa", isto é, quando um relacionamento primal foi constelado e a criança experiencia o mundo positivo como "negativo". A criança experiencia a mãe como o mundo que a cerca e a contém, em quem o lado de dentro e o de fora estão unidos de maneira que não se pode distinguir entre eles. A criança "espera" que a mãe amenize toda insatisfação e todo medo, mas é incapaz de distinguir se a insatisfação e o medo provêm de uma porta batida com força ou da explosão de bombas, da fome natural que antecede a próxima refeição ou da fome trazida pela escassez de alimentos, ou da fome porque ele está doente e não consegue assimilar o alimento. Em cada um dos casos, é à mãe que a criança dirige sua demanda de remoção do medo, e quando o medo não é removido, a mãe é percebida como a mãe "terrível" que recusa.

O mesmo é válido para o medo que surge do inconsciente da criança, pois nesta fase ela não sabe distinguir o que é mundo "externo" e o que é inconsciente "interno"; ambos estão contidos na *Gestalt* da mãe como Tu e como

Não-Eu que aborda a criança. Mas não vamos aqui mergulhar mais fundo nestas constelações "atípicas". Elas são desvios da norma, pois "na média", isto é, normalmente, a mãe é capaz de tirar o medo da criança. Mais tarde, falaremos do medo como um fenômeno de um desenvolvimento infantilizado, "patológico", em conexão com o complexo da mãe. Mas a nossa preocupação presente é com o desenvolvimento humano normal e com o papel que nele desempenha o medo do Feminino.

O desenvolvimento orgânico do indivíduo é assegurado por sistemas suprapessoais de órgãos que são ativados e desativados independentemente do ego e da consciência do indivíduo e que asseguram e "forçam" os estágios de maturação. Porque o desenvolvimento é transpessoal e específico da espécie, dizemos que, por exemplo, a puberdade ou o climatério é "prematuro" ou "atrasado", ou que um indivíduo é "jovem demais" ou "velho demais" para a idade. Embora a maneira como os estágios de desenvolvimento são experienciados e expressos varie de cultura para cultura, por exemplo, como se espera que um jovem ou um velho aja, o fenômeno básico de transformação de um estágio a outro da vida independe da cultura.

Uma transformação deste tipo é sempre biofísica, isto é, simultaneamente física e psíquica; e assim como o desenvolvimento físico e a maturação, o desenvolvimento psíquico também é dirigido por dominantes transpessoais específicas da espécie que chamamos arquétipos. Por conseguinte, no desenvolvimento normal, o primeiro estágio, chamado matriarcal e governado pelo arquétipo da mãe, é seguido pelo estágio patriarcal, no qual o arquétipo do pai é dominante. A expressão "estágio patriarcal" significa que a criança alcançou agora um nível de desenvolvimento do ego e da consciência no qual se dá uma importância crescente à vontade, à atividade, ao aprendizado e aos valores, à integração da criança ao cânone cultural tradicional de seu grupo, transmitido pelo mundo dos homens. Por natureza, toda criança recém-nascida é "onipotente", isto é, capaz de aprender qualquer língua e se adaptar a qualquer grupo, em qualquer nação ou raça. Normalmente, a criança pode se apropriar de cada cânone cultural e adotar os valores desse cânone, isto é, pode tornar-se um guerreiro numa nação guerreira, um camponês numa nação agrícola e um estudioso numa nação intelectual. Enquanto a criança é natureza e se desenvolve como natureza na fase matriarcal, sua tarefa na fase patriarcal é conseguir integração na comunidade do seu grupo particular, e aos valores culturais do grupo, e adaptar sua individualidade às exigências deste coletivo em particular, com ou sem sacrifício.

Este desenvolvimento já está em andamento na fase matriarcal, pois, é claro, as fases de desenvolvimento se superpõem. Assim como nos referimos, de maneira sumária, como puberdade ao período no qual está em processo a transição de criança para adulto, todas as outras fases do desenvolvimento psicológico também são contínuas e nelas, às vezes lenta e sem imposição, outras vezes, de repente, os efeitos de uma constelação — por exemplo, o arquétipo da mãe — são substituídos pelas atividades de outra — por exemplo, o arquétipo do pai.

Por volta do final do primeiro ano de vida, se não antes, o germe do ego da criança começa a se preparar para sua subseqüente autonomia. Inicialmente esse desenvolvimento é, também ele, protegido pela mãe, que apóia e favorece a independência crescente da criança, bem como seu aprendizado da marcha e da fala. Se este primeiro ano pós-natal, embriônico, ainda está sob o signo da unidade inconsciente entre mãe e filho no relacionamento primal, no qual a mãe é simultaneamente mundo e Eu, a "migração" (como a chamamos em outro local)

do Eu da mãe à criança começa gradativamente. Com este segundo nascimento ao final do primeiro ano de vida, e com o "período pós-natal, embriônico", o desenvolvimento do ego da criança e sua independência crescente tornam-se evidentes.

O caráter "heróico" do desenvolvimento do ego, demonstrável em todas as fases, talvez seja mais impressionante aqui no início.[8] Visto que todo novo desenvolvimento está ligado ao fato de se desistir da segurança, arriscar e assumir o perigo e o sofrimento requer um ego "heróico". A independência crescente da criança e seu êxodo da fase matriarcal, dominada pela mãe, está sob signo da perda de segurança, da separação da proteção que a mãe prometeu e deu tão abundantemente, por tanto tempo. Por detrás da conseqüência deste conflito entre a tendência a permanecer na segurança no relacionamento primal com a mãe pessoal, e a necessidade de se desenvolver a partir dessa segurança, reconhecemos também uma força transpessoal, arquetípica, que guia. Sem a separação que leva para longe da mãe, a criança não irá se desenvolver e se tornar um adulto. É por isso que alguma coisa na própria criança — o arquétipo da totalidade, o Self — incita a este movimento para diante, e, se necessário, o realiza com uma força inexorável.

Este fator central — o Self, que determina todo o desenvolvimento humano, não somente o da criança — pode ser visto claramente num quadro simbólico trazido por um analisando no início de seu desenvolvimento. Neste quadro, o ego do analisando estava de pé, no degrau mais baixo de uma pirâmide. No topo, porém, dominava a figura de um elefante que estava de pé, ereto, uma espécie de Ganesha indiano que segurava um objeto flamejante numa das mãos, uma espécie de esfera de fogo,

[8] *Origens e História.*

mas havia jogado uma esfera semelhante atrás da figura em pé lá embaixo. Para escapar do perigo da bola de fogo que ia explodir por detrás dele, havia somente uma possibilidade: a ascensão.

Na transição da fase matriarcal para a patriarcal, parece inicialmente que a criança foi envolvida num conflito representado entre os arquétipos da mãe e do pai. Mas a situação é ainda mais complexa, pois as atividades do Self, que dirige o processo e impulsiona para o desenvolvimento, são sempre decisivas. Ao classificar estes tipos de fenômenos, é muito útil entender uma das leis fundamentais da psique: o Self sempre se "disfarça" ou se "veste" como o arquétipo da fase para a qual o progresso deve avançar. Ao mesmo tempo, o arquétipo dominante anteriormente é constelado de tal modo que seu lado "negativo" aparece. Em termos da criança em desenvolvimento, assunto do presente trabalho, o Eu aparece no arquétipo da fase em cuja direção o ego tem de evoluir, isto é, o arquétipo do pai; o arquétipo da fase a ser superada, porém, aparece como a "Mãe Terrível".

Esta constelação, na qual o medo do Feminino *normalmente* aparece como medo da Mãe Terrível, a bruxa, é válido para crianças de ambos os sexos, pois o progresso da fase matriarcal para a patriarcal é uma necessidade específica da espécie para o desenvolvimento do ego e da consciência, pelo menos na medida em que podemos julgar hoje em dia. A mãe que provoca medo aparece aqui como "terrível", porque representa o elemento que "reprime" ou "detém", que dificulta o desenvolvimento necessário e agora "devido". Este "caráter terrível" é arquetípico, isto é, até mesmo independente do comportamento correto da mãe pessoal.

É difícil sair da segurança para entrar no perigo, da unidade inconsciente com um Tu para entrar na solidão de uma independência e autonomia que se torna cons-

ciente de si mesma. Entretanto, algo na criança e em seu ego — a saber, sua inércia psíquica — corresponde à proteção e à segurança prometidas pela mãe. Ser reprimido pelo arquétipo da mãe, e querer permanecer com ela é uma só e única coisa; somente juntas elas constelam o aspecto aterrador do dragão. E o propósito da luta de herói do ego é vencer o dragão.

2. O Dragão como símbolo do Feminino

Neste ponto surge uma pergunta: Por que o dragão é um símbolo do Feminino, e não é também um símbolo do Masculino? A resposta é que de fato o dragão pode aparecer como um símbolo do Masculino, pois por natureza ele é freqüentemente urobórico, isto é, carrega ao mesmo tempo significado masculino e feminino. Assim, numa certa fase do desenvolvimento feminino, o Masculino avassalador aparece como um dragão do sexo masculino, do mesmo modo que o elemento patriarcal-paternal aparece como pai dragão naqueles casos ilustrativos nos quais deve ser superado.[9] Isto indica que um símbolo somente pode ser interpretado corretamente da perspectiva do estágio específico de desenvolvimento da consciência do ego, como já discutimos em outro trabalho.[10] Não obstante, podemos dizer que o dragão é habitualmente um símbolo do Feminino.

O relacionamento primal com a mãe é não apenas o primeiro relacionamento, mas também a imagem e o protótipo das relações em geral. Carrega esta significação especialmente no sentido do relacionamento como vínculo. Quando surge a forte necessidade genética de "ir

[9]Ibid., pp.122ss (a batalha com o dragão).

[10]Neumann, "The significance of the Genetic Aspect for Analytical Psychology", tradução de R. F. C. Hull, in *Current Trends in Analytical Psychology* (Atas do Primeiro Congresso de Psicologia Analítica, 1958, publ. 1962), pp. 37ss.

embora da casa da mãe", o relacionamento primal passa a simbolizar a vinculação também no sentido de servidão e fixação, o que, como o Feminino Negativo, é parte daquilo que designamos como seu "caráter elementar".[11]

O ego e a consciência que se desenvolve com ele agora entram em oposição com aquele aspecto do Feminino que prende ou detém. Enquanto o elemento matriarcal-maternal da psique humana pertence simbolicamente ao Feminino e ao inconsciente, o ego em ambos os sexos — no seu caráter heroicamente ativo de desenvolvimento, e agressivo, que impulsiona a se tornar consciente — é simbolicamente masculino. A oposição entre o ego heróico masculino e o Feminino Terrível é intensificada, pois o Feminino do relacionamento primal está ligado ao simbolismo do lar, do paraíso, e a realidade unitária original. Para o ego em desenvolvimento, porém, este mundo matriarcal é o "mundo proibido". Seu atrativo está em oposição com a necessidade inata, específica da espécie, de desenvolvimento do ego, de progredir rumo ao paternal, rumo à cultura e à comunidade, de se desembaraçar da *participation mystique* e se descobrir como diferente e diverso de outros, isto é, descobrir a própria individualidade.

O desenvolvimento do ego e da individualidade tem o caráter de movimento e ascensão.[12] Neste movimento de baixo para cima, do inconsciente para a consciência, o âmbito matriarcal assume o caráter daquilo que tem de ser superado: o inferior, infantil, e arcaico, mas também o abissal e o caótico. Todos esses símbolos estão ligados ao Feminino Terrível, o "Dragão do abismo" devorador e feminino.[13]

[11]*The Great Mother.*

[12]*Origens e História,* pp. 220ss.; *The Great Mother,* pp. 232ss (o símbolo da escada).

[13]*Origens e História,* índice remissivo, verbete Terrible Mother.

Neste sentido, o Feminino Terrível torna-se a antítese da energia ascendente do desenvolvimento do ego; torna-se o símbolo de estagnação, regressão e morte. Mas esta morte que o dragão símbolo do Feminino Terrível significa arquetipicamente não é apenas uma coisa passiva; ao contrário, como algo devorador, é também uma força fascinante, sedutora, que puxa a pessoa para baixo. Como o movimento ascendente da consciência do ego está heroicamente ligado ao sofrimento e à realização, o poder do dragão de inibir, deter e cativar pode se combinar com um desejo de paz expresso como cansaço, desistência e até mesmo suicídio. A tendência regressiva aparece como um impulso negativo, como incesto mortal com a Mãe Terrível. O perigo que surge do inconsciente negativamente constelado, o Feminino Terrível, corresponde ao impulso regressivo "para trás" de desejar soltar, cair e, ativamente, de se atirar no abismo. O perigo é a base daquilo que Freud tentou interpretar como o instinto de morte.

Na batalha heróica, o dragão do Feminino Terrível tem um aspecto dual. Num dos aspectos, o dragão aparece francamente para o ego como uma imagem negativa da psique, como a face aterradora do inconsciente que — como impulso e afeto, como letargia e covardia, e a tendência a desistir da luta — ataca o ego de dentro em todas as fases e em formas sempre novas ao longo da trilha de seu desenvolvimento. Mas esta fisionomia terrível-hostil aparece não somente sem disfarce como medo do inconsciente, mas também, indiretamente, como medo do mundo. Isto porque, na constelação do dragão, o mundo é também um aspecto do Feminino Terrível gerador de ansiedade, que ameaça devorar o ego-herói e levá-lo de volta aos braços da Mãe Terrível que está dentro dele, e que em seu abraço incestuoso promete a paz da morte por meio da rendição do eu.

Esta "retirada" tem muitas formas: aparece como doença e como medo, mas, por exemplo, também como escapismo, no qual a pessoa simplesmente suporta o mundo do dragão num conforto e numa normalidade que evita a batalha. Individualmente, assim como coletivamente, as conseqüências muitas vezes são que a pessoa, sem perceber, é devorada pelo dragão. Coletivamente, isto pode ser expresso externamente por uma guerra não evitada, ou uma ditadura não evitada etc.; individualmente, porém, pode levar à regressão, à renúncia ao mundo, e doença. Regressões deste tipo, nas quais a força superior do Feminino Terrível é aparente, dão origem não somente a neuroses típicas de ansiedade, e a fobias, mas também, e especialmente, a vícios, e, se o ego for destruído de maneira extensa, a psicoses.

II. Manifestações do medo do Feminino

Voltando agora nossa atenção para as manifestações do medo do Feminino, como nos deparamos com ele particularmente no trabalho terapêutico, devemos distinguir três grupos. Um é o medo do Feminino na infância, um capítulo no qual podemos tocar apenas de maneira breve, pois basicamente faz parte da psicologia da infância. O outro grupo é o medo do adulto, que devemos tratar como dois grupos diferentes de fenômenos, visto que temos de considerar o medo do homem e o medo que a mulher tem do Feminino. Pois, muito embora o fenômeno do medo do Feminino desempenhe um papel essencial na psicologia masculina, reações normais extremamente importantes, bem como reações patológicas nas mulheres permanecem incompreensíveis se deixarmos de esclarecer a significação que o medo do Feminino tem também na vida da mulher.

1. O medo do Feminino na infância

Já enfatizamos que o aspecto "negativo" do arquétipo da fase a ser superada é sempre constelado na transição arquetípica necessária durante o desenvolvimento da criança do mundo matriarcal ao mundo patriarcal. Independentemente de quão positiva e corretamente ela se comporte pessoalmente, a mãe do relacionamento primal tem de se transformar numa bruxa, pois o primeiro vínculo do filho com ela é, é claro, um poder restritivo e, por conseguinte, "enfeitiçador" na própria criança, e a criança tem de superar em prol de seu desenvolvimento progressivo do ego, vale dizer, o matricídio, que está entre as tarefas do herói, é exigido da criança. Mas este ego é heróico porque realiza a mais difícil das tarefas: mata o que lhe é mais querido, o relacionamento com a mãe, sob o disfarce do dragão que o segura com força.[14] Compreensivelmente, esta façanha do ego está ligada à emergência de sentimentos de culpa, e os sentimentos de culpa que tendem a impedir essa morte pertencem às "armas" do dragão com quem o ego tem de lutar.

A atitude da mãe pessoal diante desta transição arquetipicamente necessária é extremamente importante. O que é mais fácil do que aumentar o crescente sentimento de culpa da criança, pedir à criança que seja "boazinha" e assim fortalecer seu vínculo agora regressivo com a mãe! Em contraste com isto, uma "boa" mãe na mesma situação entende que no desenvolvimento do ego da criança ela deve necessariamente "se tornar uma bruxa", ser vencida e libertar seu filho ou filha. É precisamente sua habilidade não apenas de proteger, mas também de "entregar" seu filho ou filha no momento certo em termos de desenvolvimento e expô-lo(a) conscientemente a perigos

[14] *Origens e História.*

necessários ao desenvolvimento de sua autonomia que caracterizam a "boa" mãe. Por outro lado, a verdadeira bruxa provará que é a bruxa de "Joãozinho e Maria", com sua casa feita de bolo e açúcar, mas que devora a criança que está lá dentro. A ansiedade da mãe em relação à criança, como o fato de mimá-la, são obstáculos, ao passo que a boa mãe, como a mãe animal, mas em um nível mais elevado, mais consciente, irá morder a criança que conseguiu autonomia num determinado estágio, a fim de fazê-la seguir seu caminho. A mãe negativa, que não se desprende do filho e o prende intensifica o sentimento de culpa da criança que procura se libertar dela, o passo que a boa mãe, de acordo com o Self que impele rumo ao desenvolvimento, afirma o progresso da criança, mas também o movimento que ela faz para se afastar.

Aqui fica evidente como o entrelaçamento e a colaboração de fatores pessoais e arquetípicos sempre determinam o destino do indivíduo. A progressão da fase matriarcal para a fase patriarcal é transpessoal; como um *Anlage* arquetípico, ela é um processo necessário de maturação engastado na estrutura específica da espécie de cada criança. Em contraste, o papel da mãe pessoal, que apóia ou tolhe este progresso pertence à constelação única e pessoal de cada criança.

Mas os sentimentos de culpa surgem inevitavelmente. Precisamente porque o Self — o valor mais elevado — e os vínculos emocionais extremamente intensos ligados a ele tiveram a aparência do arquétipo que agora deve ser superado, matar o dragão sempre significa matar um dos valores "mais elevados" e conseqüentemente incorrer em culpa. O combate heróico do ego sempre indica que uma velha forma da divindade tem de ser superada, isto é, "morta", em prol do novo nível, do novo arquétipo, do novo disfarce e da nova aparência do Self, do novo deus. Nenhum ego, porém, pode tomar sobre si o ato de matar

uma divindade, muito embora isto possa ser necessário e exigido, sem que surjam sentimentos de culpa que devam ser aceitos e tornados conscientes como componentes da luta com o dragão.

No entanto, um ego de criança normalmente desenvolvido, reforçado pela segurança do relacionamento primal, será capaz de superar tais sentimentos de culpa, especialmente se eles não forem fortalecidos por uma mãe que se prende ao filho, e se a criança puder se apoiar numa figura paterna que lhe der apoio em sua evolução rumo à independência, e por conseguinte à relativa libertação em relação à mãe.

O medo patológico que a criança tem do feminino, a "bruxa" do verdadeiro complexo da mãe, faz um contraste com seu medo normal ligado à transição para o desenvolvimento. Esquematicamente, podemos distinguir três formas principais de expressão deste complexo. A primeira é a prisão do ego pela "Mãe", evitando assim a progressão necessária ao desenvolvimento. A segunda, é que há uma tendência regressiva no ego, isto é, uma perturbação do ego da criança na qual a tendência progressiva não é suficientemente forte ou foi desviada por uma tendência instintiva, regressiva, a sair em busca da fase matriarcal. Em terceiro lugar, porém, pode estar presente uma constelação na qual um desenvolvimento já realizado, progressivo, do ego é destruído.

Uma preponderância do elemento feminino-matriarcal que se manifesta como "inconsciente" pode ser determinada constitucionalmente, isto é, devemos pressupor que há indivíduos nos quais os arquétipos do inconsciente, por exemplo, são particularmente fortes, de modo que a *priori* a atividade do inconsciente é mais intensa do que o normal. Este tipo de constelação pode se mostrar patogênica e constituir a base de uma neurose posterior, ou especialmente de uma psicose, na qual a consciência do ego não

consegue alcançar o nível normal de desenvolvimento da solidez característico da pessoa saudável e necessária a ela e à sua adaptação ao mundo. Quando ponderamos que este tipo de superativação constitucional do inconsciente atrasa, desde o início, o desenvolvimento normal do ego, entendemos mais facilmente as possibilidades de doença que se aproximam de ambos os lados: do inconsciente exageradamente forte e da força subdesenvolvida do ego. Aqui o medo do feminino se manifesta nos estados de ansiedade do ego fraco quando colocado diante de um inconsciente esmagador que ele não consegue penetrar. Em nossa discussão, porém, não importa se o "excesso de atividade" do inconsciente se deve a impulsos ou afetos ingovernáveis, a uma inundação de imagens arquetípicas ou a uma mistura desses fatores.

Por outro lado, como já salientamos, uma intensificação do fator do mundo negativo que excede a tolerância da criança também leva a uma intensificação não natural do Feminino Terrível nela. A guerra, a fome, situações angustiantes internas ou externas, a doença e todo tipo de infortúnio que afeta a mãe, a família ou a própria criança e perturba ou destrói a situação necessária e específica da espécie de segurança e proteção da criança permite o surgimento da ansiedade. Mas, no relacionamento primal isso aparece como medo do Feminino Terrível, que até mesmo a consciência adulta experiencia na imagem da "natureza malvada" ou do "destino perverso". Todas estas condições negativas levam a uma preponderância do matriarcal, da "Grande Mãe", que abrange o inconsciente e o mundo, ao qual o ego se sente "abandonado" em seu medo.

Se este tipo de predomínio constitucional ou fatal do matriarcal não assumir uma forma extremada, pode ser compensado, em certa medida, pela intervenção equilibradora de uma "boa" mãe pessoal. Mas, inversamente,

mesmo se por temperamento a constituição da criança garante uma situação matriarcal específica da espécie como sendo "normal", a constelação negativa do destino, sob a forma de condições familiares ou de grupo, pode levar a uma quebra do desenvolvimento do ego, que vai de ligeira a catastrófica. Por conseguinte, na progressão da fase matriarcal à fase patriarcal uma anormalidade no sentido de uma força ou de uma fraqueza excessiva do pai ou da mãe pode ter um efeito perturbador ou patogênico. Evidentemente, a progressão rumo à fase patriarcal é dificultada por uma mãe excessivamente forte, do mesmo modo que por um pai anormalmente fraco, cuja presença normativa como representante do patriarcado da família é de importância decisiva. É sempre uma questão do equilíbrio relativo das figuras da mãe e do pai, e de sua elasticidade, que se adapta às necessidades do desenvolvimento da criança quer recuando ou então enfatizando sua influência. Muito embora casada com um pai normal, a mãe excessivamente forte que prende o filho e domina a situação da família obviamente inibe o progresso tanto quanto uma mãe normal em presença de um pai especialmente fraco (sem que ela tenha culpa, e independentemente das causas). A ausência de uma figura paterna tem efeito destruidor no desenvolvimento do ego da criança, independentemente de se a causa dessa ausência está numa fraqueza de caráter ou numa doença, de se ele é atraído para fora de casa pelo trabalho ou por um caso extraconjugal, ou está "ausente" em virtude de morte ou de guerra. O efeito sobre a criança é sempre negativo, visto que a situação familiar específica da espécie não é atendida.

Mas uma reversão desta constelação é igualmente destruidora; isto é, pelo seu predomínio assustador, um pai dominador, "ameaçador" inibe o progresso da criança em sua direção, e uma mãe excessivamente fraca que não

proporciona a proteção necessária na situação matriarcal primária da maneira específica da espécie exerce um efeito negativo, pelo fato de suscitar na criança o medo do patriarcal e fortalecer, com sua fraqueza, uma tendência regressiva.

Vemos aqui claramente que o medo do Feminino nem sempre pode ser separado do medo do Masculino. Por exemplo, o medo do elemento masculino, paterno, pode ativar também a imagem do "Feminino Negativo", da bruxa, reforçando a tendência da criança à regressão. Isto porque, onde é impedida, a progressão é uma necessidade do desenvolvimento, e até mesmo quando isso é compreensível, permanecer com a mãe é hostil ao desenvolvimento.[15] Mas em cada instância na qual há uma preponderância do elemento matriarcal — por razões pessoais em vez de constitucionais — o elemento materno é algo que vincula, isto é, como o Feminino Terrível, coloca em perigo o curso do desenvolvimento normal.

Somente a análise da situação individual da criança pode revelar a direção na qual a ênfase deve ser deslocada, isto é, o que deve ser feito terapeuticamente. Pois a progressão para o patriarcado somente pode ser conseguida quando o senso de segurança no âmbito matriarcal foi restaurado por intermédio de um terapeuta como uma "boa" mãe; por outro lado, porém, uma "boa" figura paterna pode ser útil e necessária para superar o medo da progressão rumo ao patriarcal. Mas muitas vezes ambas

[15]Em outras culturas uma constelação parental diferente pode ser "natural" e em outros casos ilustrativos pode acontecer que a adaptação da criança ao cânone cultural, que em princípio deve ser "natural", seja perturbada todas as vezes que um dos pais não assume a função plena que, de acordo com a tradição, deve desempenhar para o desenvolvimento da criança. Ademais, somente como exceções encontramos constelações nas quais a progressão do matriarcal ao patriarcal não precisa se dar. Mas a situação familiar patriarcal típica de nossa cultura absolutamente não é a única a assegurar esse tipo de progressão.

as trilhas são naturais e viáveis, e a constelação da "boa mãe" não está restrita à mulher, e nem a do "bom pai" é exclusiva do terapeuta do sexo masculino.

Mas estamos diante de algo completamente diferente na terceira situação, na qual a progressão para o patriarcado e a separação do maternal parecem bem sucedidas, mas um "ataque" da mãe-dragão vence e castra o ego que se tornou "masculino". Em relação à idade, não estamos preocupados aqui com perturbação do desenvolvimento das crianças, e sim de adolescentes, particularmente perturbações no período da puberdade. Correspondente a isto, encontramos na mitologia um grande número de confrontos trágicos entre a Mãe Terrível e o "jovem/apaixonado", confrontos que terminam na castração, morte, no esquartejamento ou insanidade dele.[16] Nas chamadas culturas primitivas, os ritos de iniciação sob a proteção dos rituais acontecem durante a puberdade, porque este período é particularmente significativo, mas também perigoso; neles, o jovem é conclusivamente libertado do âmbito materno e introduzido no âmbito paterno. Em contraste, em nossa cultura, que possui apenas remanescentes desses ritos de iniciação, esta importante "fase de transição" — a caminho rumo a uma masculinidade fortalecida e às tentativas iniciais de chegar a um acordo com a sexualidade, o(a) parceiro(a) e o mundo — é estigmatizada por uma abundância de queixas neuróticas, até mesmo pelo aparecimento da hebefrenia, uma doença típica deste período. Durante esta fase do desenvolvimento, o ego enfrenta uma multidão de tarefas novas e difíceis, pois a puberdade se caracteriza não somente pelo desafio do mundo sob a forma do coletivo, que agora parece pela primeira vez, mas também, e em maior grau, por uma ativação natural do inconsciente. O avanço da

[16] *Origens e História.*

sexualidade e a ativação psíquica dos arquétipos idênticos à ativação dos instintos são típicos desta fase do desenvolvimento — tanto em seus aspectos bons quanto nos maus; e em ambos os sexos, mas de maneiras diferentes, o ego púbere tem de entrar em acordo com esta ameaça numa nova batalha com o dragão.

O medo do Feminino desempenha um papel decisivo, mas agora também consciente, nas lutas espirituais e emocionais normais deste período, assim como nas doenças ligadas a ele. Para o menino, o medo do Feminino aparece predominantemente como medo da parceira, a menina, ao passo que para ele o medo do Masculino é secundário. Para a menina, porém, o medo do parceiro como medo do masculino é importante, é claro, mas além dele, e não menos importante, é o medo que ela tem do Feminino, o medo que ela tem de aceitar seu destino como mulher. Mas vamos, em primeiro lugar, examinar o problema do indivíduo do sexo masculino e seu medo do feminino.

2. O homem e seu medo do Feminino

Tentamos elucidar a importância que tem para a criança o relacionamento primal com a mãe. É um relacionamento de alguma coisa dependente, pequenina, com alguma coisa grande e abrangente, alguma coisa que contém segurança e proteção, bem como incerteza e medo, isto é, vida e morte. Inicialmente, o relacionamento da criança — e também da criança do sexo masculino — com o caráter elemental do Feminino, no qual aparece o elemento materno, está sob o signo do pertencimento, da "especificidade", independentemente de ser bom ou mau. Inicialmente, a *participation mystique* com o elemento materno vai tão longe que poderíamos dizer que a mãe representa o Self da criança, o qual apenas gradualmen-

te migra para a criança, à medida que a consciência do ego amadurece. Esse sentimento de pertencimento à mãe como pertencimento à "especificidade" da pessoa é tão forte que normalmente a diferenciação e a separação entre ela e a criança também se dá sob a proteção da mãe.

Mas o relacionamento do indivíduo do sexo masculino com aquilo que chamamos o caráter "transformador" do Feminino é diferente.[17] Em contraste com a estabilidade e com aquilo que a garante, o indivíduo do sexo masculino experiencia o Feminino em seu caráter transformador como algo que pressiona e traz mudança, tanto no bom como no mau sentido. O relacionamento com a contraparte feminina como com algo estranho e outro é o que se manifesta claramente no caráter transformador do Feminino, por conseguinte legitimamente se constela para o homem como uma "figura da anima".[18] Esta qualidade de "estranho", "outro" do caráter transformador do Feminino é perigosa, não, como no caso do caráter elementar, pois prende o indivíduo do sexo masculino e o fixa numa dependência infantil, na falta de autonomia, e na inércia, mas antes precisamente porque ela inquieta o indivíduo do sexo masculino como o elemento de inspiração, "animação" e loucura.

No início, a criança experiencia a qualidade da anima na mãe, especialmente, quando, como a boa mãe, ela afirma a mudança na criança. Mas o desenvolvimento do relacionamento com a anima (do qual não podemos nos ocupar aqui) leva para longe da mãe, e a um relacionamento com uma mulher da mesma idade que já não pode ser identificada com a mãe, mas inicialmente com a irmã.

A essência do "caráter transformador" do Feminino repousa num *status* de igualdade com o indivíduo do sexo

[17]*The Great Mother.*
[18]Jung, passim.

masculino como parceiro. A tarefa do homem adulto é entrar num relacionamento com sua contraparte como um "tu" feminino inteiramente desenvolvido, mas essencialmente diverso. Somente quando um homem relacionado com seu Self pode colaborar com a estranheza e a alteridade de outro Self, e entrar em conflito com elas, ou com uma faceta diferente de seu Self representada por uma mulher, é que um relacionamento pode dar o fruto do autêntico encontro de dois indivíduos.

Freqüentemente, porém, tanto no desenvolvimento masculino como no feminino, o caráter transformador do Feminino ainda está vinculado ou fundido com o caráter elementar do elemento materno, e uma das tarefas da batalha do herói é extrair e libertar o Feminino como um tu autônomo e independente da dominação da mãe no relacionamento primal. O Feminino entrelaçado com aspectos elementares não-humanos como duende da água, mulher-cobra, centauro-mulher etc., ou sob forma humana como os "príncipes cativos", sob o poder do dragão que o herói tem de vencer, são apenas variações da mesma constelação.[19]

Em todo caso, faz parte do desenvolvimento normal do ego masculino como herói que ele tenha êxito em resgatar o Feminino da dominação materna. Não importa se o próprio Feminino permaneceu idêntico à mãe do relacionamento primal e não se tornou capaz de se tornar um parceiro, ou se a imagem masculina do feminino, sua anima, ainda está tão completamente moldada pela imagem da mãe e por seu apego a ela, que o próprio homem ainda não é capaz de ser um verdadeiro parceiro. Em ambos os casos, a libertação da anima, o Feminino, em seu caráter transformador, da mãe com seu caráter reten-

[19]Neste contexto não podemos discutir a constelação na qual o dragão se refere a um indivíduo paterno do sexo masculino.

tor e elementar é necessário para o desenvolvimento.[20] Esta diferenciação e esta libertação são o pré-requisito para o *hierosgamos* com o Feminino, o casamento fecundo num relacionamento do Eu com um Tu enquanto não-Eu. Este relacionamento é sagrado, porque, para ambos os parceiros, constitui o pré-requisito para o desenvolvimento do Eu no qual os opostos estão contidos e a inteireza pode ser obtida. Mas a libertação da anima pressupõe uma outra batalha com o dragão, independentemente do conteúdo ao qual está associada a figura do dragão, e naturalmente, o ego receia essa batalha.

Assim, o segundo medo importante do Feminino, que aparece ao lado do medo da mãe, é o medo da anima como medo da transformação à qual irá forçá-lo a libertação da anima do âmbito do dragão e a confrontação com a alteridade independente do Feminino.

Todas as vezes que o desenvolvimento do ego masculino é perturbado e que ele não alcançou a independência, por exemplo, quando seu ego permaneceu infantil em virtude de uma fixação na mãe e não alcançou a "combatividade" necessária ao ego heróico — cada exigência de "transformação", cada exigência de desenvolvimento rumo a algo desconhecido e distante de tudo que proporciona segurança, é respondido com medo e na defensiva. Visto que o caráter transformador sempre pede algo novo e não habitual, a anima é o lado da psique masculina associado ao Feminino que atrai o homem à aventura, à conquista do novo. Mas está também associado negativamente a tudo aquilo que significa ilusão e desilusão, e, de fato, como loucura significa um perigo real. Assim como o herói não pode existir sem a conquista do perigo, o indivíduo do sexo masculino não pode se desenvolver sem entrar no perigo incalculável que a transformação exige.

[20] *Origens e História*, pp. 122ss (a batalha com o dragão).

Enquanto a libertação da anima, e o fato de se tornar consciente dela são necessários para a individuação como o desenvolvimento da inteireza individual, as exigências do cultural não podem ser completamente opostos à necessidade da individuação. Por conseguinte, a adaptação à cultura patriarcal também pode ser alcançada enquanto se evita o aspecto transformador do Feminino; isto é, a estabilização do desenvolvimento psíquico após a primeira parte do processo de transformação específico da espécie, que termina com a puberdade, é absolutamente desejável para a preservação do patriarcado. Aqui autoridades sob a forma do arquétipo do pai, do cânone da cultura patriarcal e o superego estão envolvidos de maneira a assegurar uma estabilidade relativa da cultura, ao excluir em grande medida o caráter transformador, inquietante, da anima e o desenvolvimento individual. É por isso que o processo criativo que está necessariamente vinculado ao medo do caráter transformador do Feminino é "empurrado" sobre aqueles que vivem nas margens, os criativos, que englobam os marginais da cultura.

Esta limitação do desenvolvimento produz uma mutilação do *Anlage* automórfico da pessoa que por sua natureza individual é criativa, e que cai doente quando não alcança a verdadeira individuação. Isto é especialmente válido para a segunda metade da vida porque, todas as vezes que a pessoa não realiza este potencial automórfico, a adaptação coletiva conseguida já não confere um significado pleno à vida da pessoa que está envelhecendo. Em virtude dessa omissão, na cultura ocidental, um grande número de pessoas que são "adultas", mas não "maduras", cai doente. Mas acima e para além disto, segue-se um solapamento da própria cultura ocidental, a qual já não é capaz de satisfazer às necessidades existenciais interiores das pessoas que nela vivem. Esta constelação

é válida até mesmo para o adulto "normal" de nossa cultura patriarcal, para quem a obtenção de um desenvolvimento automórfico autêntico — isto é, da individuação, somente é possível por meio de graves crises e doenças.

Se olharmos para a meta normal do desenvolvimento que a criança do sexo masculino tem de atingir em nossa cultura, podemos reduzi-la à seguinte fórmula abreviada: o desenvolvimento do ego e da cultura culmina na adaptação ao coletivo, no sentido que o indivíduo torna-se ajustado para fazer um trabalho por meio do desenvolvimento de sua habilidade de ser parceiro.

Um fator fundamental é a capacidade para um relacionamento sexual que se mova entre os extremos de potente e impotente, mas no nível humano — e isto é característico, precisamente em contraste com o mundo animal — a capacidade para um relacionamento sexual é inseparável da capacidade de se relacionar com os outros em geral e com uma mulher em particular. A capacidade humana para um relacionamento também oscila entre dois pólos amplamente separados que talvez possam ser melhor caracterizados como "estar perto" e "estar distante". Acima e para além da capacidade para um relacionamento que engloba os opostos masculino-feminino, há uma outra forma, uma forma suprema, de "habilidade de ser parceiro", que poderíamos chamar de relacionamento integral. Já não estamos falando do encontro de dois parceiros de sexos diferentes, mas do encontro de dois seres humanos cuja parceria engloba a totalidade de suas individualidades masculina-feminina, das quais suas qualidades de gênero e as qualidades relacionadas a ele representam apenas uma faceta.

As perturbações produzidas pelo medo do Feminino no homem adulto são caracterizadas essencialmente pela fixação do medo à mãe (complexo da mãe) ou pela fixação do medo à anima (complexo da anima). O complexo da

mãe é o mais precoce e aquele que tem efeitos mais profundos, ao passo que uma perturbação que se limita à anima pressupõe um certo grau de desenvolvimento bem sucedido, e, por conseguinte, uma maior possibilidade de adaptação.

Uma fixação total na mãe pode portanto levar a uma falência completa do desenvolvimento, isto é, a uma falta de autonomia que impossibilita não somente o relacionamento com um parceiro, mas até mesmo o desenvolvimento profissional adequado. Aqui encontramos, por exemplo, solteiros e excêntricos que ainda moram com a mãe, homens que não conseguem se separar da mãe, e que, muito embora estejam perto dos 50 anos, desmoronam completamente depois que ela morre. Não somente sua capacidade de se relacionar com uma parceira está, em muitos casos, tolhida, mas, freqüentemente, eles tampouco foram capazes de atingir o nível de desenvolvimento profissional possível com base nas capacidades inatas e em seu talento.

Aqui o vínculo consciente com a mãe corresponde a um medo exagerado do Feminino como medo da mulher e medo do mundo, nenhum dos quais pode ser "conquistado". O homem não confia na própria masculinidade. O medo inconsciente do Feminino devorador e castrador é muitas vezes acompanhado por um medo igualmente pronunciado do masculino, como medo edipiano da castração pela figura da autoridade paterna.

Aqui, o masculino ameaçador volta-se não apenas contra o relacionamento pessoal com a mãe; ao contrário, muitas vezes é arquetipicamente fundamentado, e representa o pano de fundo transpessoal do complexo de Édipo. Nele, o elemento paterno não apenas "castra" e proíbe categoricamente o Feminino, mas exige a renúncia à mãe precisamente porque o elemento masculino paterno exige virilidade do filho, isto é, seu heroísmo e a

renúncia à mãe e a seu apego a ela, que é a pré-condição para a autêntica — e coletivamente exigida — masculinidade individual. Mas por debaixo desta camada de medo do pai arquetípico, há quase sempre um medo pré-edipiano do Feminino, como a Mãe Terrível, que não solta e cuja "reivindicação de propriedade" o indivíduo não desenvolvido do sexo masculino como filho não ousa contrariar.

Entretanto, esta espécie de falência total é menos comum que as muitas formas de falência relativa causadas pelo medo do Feminino, como a Mãe Terrível. Um grande grupo de homens prejudicados deste modo pode, por exemplo, completar seu desenvolvimento cultural por meio da adaptação ao trabalho e da integração ao coletivo. Sua debilitação se manifesta somente na incapacidade de entrar em qualquer relacionamento com um parceiro, ou constituir apenas um relacionamento parcial. Vamos apontar aqui somente algumas das constelações que surgem desse modo.

Nesta categoria encontramos aqueles homens inteiramente capazes de lidar com um emprego, mas que são impotentes ou fixados numa perversão específica, ou que somente são capazes de manter um relacionamento homossexual. É fácil demonstrar o complexo da mãe dominadora, e o medo do Feminino em grande número de homossexuais. Aqui a amplitude vai de uma capacidade total de relacionamento físico e espiritual com um parceiro do sexo masculino, inclusive o emocional, até outras instâncias nas quais a homossexualidade pode ser associada à capacidade para um relacionamento altamente desenvolvido, mas exclusivamente espiritual, com mulheres. Estamos falando aqui de um desenvolvimento parcial da anima, no qual o aspecto sexual natural continua preso, em certa medida, à imagem da mãe. O medo do Feminino é concentrado no medo do corpo feminino, quer porque o

próprio corpo é tabu, quer porque as mulheres, especialmente a genitália feminina, são temidas como a terrível e castradora "vagina dentata".

Outra forma não incomum de falência, uma variante que Freud foi o primeiro a descrever, é aquela do homem que é incapaz de experienciar e tolerar a mulher em sua totalidade.[21] O medo é tão avassalador que resulta numa divisão da mulher em feminidade inferior e superior, e o homem pode ter um relacionamento com apenas um aspecto de cada vez; vale dizer, por um lado, o homem venera a mulher e consegue ter com ela um relacionamento de amizade supinamente valiosa, mas, por outro lado, um relacionamento sexual somente é possível, quando o é, com uma prostituta ou uma mulher de condição social inferior. Aqui, também, trata-se sempre de uma questão de "medo do Feminino", de um "medo da mulher" que é experienciado como tão avassalador em sua totalidade que o indivíduo não completamente desenvolvido do sexo masculino sente que não é páreo para tais medos.

Entre as falências relativas que se aproximam daquilo que se costuma chamar de normalidade, encontramos o tipo Don Juan, que não apenas é potente, mas também tem uma capacidade relativamente forte de relacionamentos. Sua falha está em sua incapacidade de se comprometer com uma mulher, e sem dúvida o medo do Feminino está por detrás dessa incapacidade. Toda forma de autoproteção masculina — até mesmo, por exemplo, a ideologia patriarcal do "Feminino negativo" à qual voltaremos mais adiante — repousa na insegurança do Self, em um sentimento de não ser páreo para o Feminino — isto é, em um desenvolvimento insuficiente do masculino, seja

[21] Freud, "Contributions to the Psychology of Love" (1910-1917), Standard Ed., vol. II.

porque o indivíduo do sexo masculino teme o caráter vinculador, repressor, do Feminino predominante na mãe, ou o oposto, o caráter transformador incorporado na anima que não vai "deixá-lo em paz".

Nunca devemos nos esquecer de que, para o homem, o Feminino como o "inteiramente outro" significa e deve significar algo numinoso, e sem o confronto inevitável com este numinoso, com esta outra metade do mundo, nenhuma vida pode alcançar seu potencial de maturidade e inteireza (e isto, é claro, é igualmente válido para a mulher). Mas só é possível confrontar-se e chegar a um acordo com este numinoso, se a pessoa arriscar toda sua personalidade sem reservas, tal como pode ser expresso numa superestimação ou numa subestimação autoprotetora do Feminino e da mulher.

Em um outro tipo comum de homem, a "normalidade" do relacionamento e do compromisso com a mulher parece, inicialmente, ter sido completamente alcançada. Estamos falando aqui do homem que se casa com uma mulher que é "a imagem da mãe", e reconhece e ama a esposa essencialmente como mãe de família. Este homem separou-se da mãe pessoal; seu ego e sua adaptação estão plenamente desenvolvidas; ele é sexualmente normal e capaz tanto de relacionamento como de compromisso com a esposa. Em que medida ainda podemos falar de medo do Feminino? Isto nos traz a um tópico válido para a situação dos nossos dias que poderíamos chamar de "normalidade patriarcal como uma forma de medo do Feminino".

Em certo sentido, o casamento com a figura de uma mãe ou de uma filha é quase a fórmula receitada para um casamento patriarcal, uma inferência que surge não somente do fato de que o marido e a mulher muitas vezes se tratam de "pai" e "mãe". A estabilidade da família no casamento patriarcal é assegurada precisamente pelo fato

de que ela garante a masculinidade inequívoca do homem e a feminilidade inequívoca da mulher.[22] Para o homem, isto significa que ele pode de fato superar sua fixação inicial na mãe, mas no seu desenvolvimento do ego ele não pode projetar a anima sobre sua parceira no casamento patriarcal. Vale dizer, todos os "casamentos por amor" são não-patriarcais neste sentido. O casamento patriarcal clássico era e é não-individual, e é feito por famílias exercendo seu poder sobre suas mulheres. Pode parecer que esta forma clássica de casamento patriarcal já foi superada, mas um exame mais detido permite reconhecer sem dificuldade que a ativação do animus ou da anima que leva ao moderno "casamento por amor" representa habitualmente um momento fugidio do relacionamento pré-conjugal, e chega ao fim quando, no casamento, o homem se identifica com a figura paterna e a mulher, com a figura materna.

Mas, nesse caso, a anima com seu caráter transformador é "deixada de fora". Ela é excluída e traz um perigo para o casamento. E mais, ameaça todas as constantes do patriarcado, tais como família, segurança e posição no mundo. Assim, a anima se transforma numa destruidora de casamentos e numa sedutora por excelência, e em um novo nível encontramos novamente a tentativa de superar o medo do Feminino dividindo o Feminino e a mulher, com a qual o homem não sabe lidar na sua inteireza. Incontáveis dificuldades matrimoniais estão baseadas nesta situação fundamental, na qual a oposição do casamento patriarcal e do relacionamento extraconjugal da anima se transforma em conflito. Mas este conflito freqüentemente continua quando o velho casamento é dissolvido e o homem se casa com a figura da anima. Surge um novo casamento patriarcal, no qual o homem se

[22] Ver o primeiro ensaio deste volume.

apega à sua posição exclusivamente masculina, e a mulher é forçada a retornar a sua postura exclusivamente feminina.

É claro que esta simplificação fundamental do patriarcado também é conseguida quando o homem se casa com uma "filha". Deste modo, a autonomia e a transformação do Feminino torna-se mais difícil, e a superioridade patriarcal do homem é garantida, o que lhe poupa sua própria transformação.

Toda uma ideologia do patriarcado que fundamentalmente concebe o Feminino como "Feminino negativo" é coletivamente parte integrante desta posição defensiva, na qual o homem resiste ao caráter transformador do Feminino — isto é, se defende da necessidade da própria transformação. Nesta ideologia patriarcal, o homem identifica-se com o "acima", com o céu, com o espírito, isto é, com o arquétipo do Pai. Esta identificação é compreensível: realmente, parece inevitável quando recordamos que o desenvolvimento heróico-patriarcal do ego é um desenvolvimento que se faz por "ascensão" e deve ser orientado para o arquétipo do Pai.

Este tipo de identificação é ritualizado na puberdade e em suas iniciações, e faz da fórmula simbólica "Eu e o Pai somos um" o fundamento da existência patriarcalmente masculina.[23] Conseqüentemente, a desvalorização do Feminino deve ser entendida como uma tentativa de superação do medo do Feminino e de seu aspecto perigoso como a Grande Mãe e como a anima.

Mas isto significa que, no patriarcado, o inconsciente, o instinto, o sexo e a terra — enquanto "coisas deste mundo" — pertencem ao "Feminino negativo", ao qual o homem associa a mulher, e que em todas as culturas patriarcais, até o presente, a mulher e o Feminino têm so-

[23] *Origens e História.*

frido sob a atitude defensiva e o desprezo masculinos. Entretanto, esta avaliação negativa não se aplica apenas ao caráter elementar e ao aspecto matriarcal, mas igualmente ao caráter transformador, à anima. Para o masculino "superior" ela se torna a feiticeira, a sedutora, a bruxa, e é rejeitada em virtude do medo associado ao Feminino irracional. O homem está igualmente pronto a denunciar o Feminino como sendo escravizador, e como algo que o prende às coisas terrenas, e ao mesmo tempo a acusá-lo — como algo confuso e sedutor — de colocar em risco a estabilidade da existência. O espírito-homem de todos os tons, que é característico do patriarcado, rejeita o Feminino especialmente porque ele o prende no casamento, na família e na adaptação à realidade, e, por conseguinte, o confunde quanto ao seu "chamado", o qual, no ascetismo masculino, ele gosta de conceber como "superior" e "espiritual".

Entretanto, este mesmo tipo pode negar e cindir a mulher "terrena" a fim de ser estimulado por figuras de *femme inspiratrice*. Em ambos os casos, a ideologia patriarcal está baseada em se manter a anima inconsciente, e em um conflito no qual o Feminino e a mulher são experienciados não como uma unidade, mas como dois pólos opostos. Desta maneira, a mulher e o Feminino aparecem quer como uma força negativa, que puxa para baixo, como mulher-pântano, ou duende da água, quer como uma força positiva, que ergue, como anjo ou deusa. Mas visto que o indivíduo patriarcal do sexo masculino é dominado pelo elemento espiritual superior, foge da realidade da terra em um idealismo ascético, e prefere ascender rumo ao céu. Nunca lhe ocorre que o arrebatamento para o céu pode ser também uma sedução. O resultado desta postura patriarcal unilateral, demonstrável em todos os setores da vida, é um homem não integrado que é atacado por seu lado reprimido e em muitas

oportunidades sobrepujado por ele.[24] Isto transpira não apenas no destino do homem individual como sedução por uma anima "inferior", mas igualmente, por meio da sedução de uma ideologia compensatória, por exemplo, o materialismo, ao qual os homens "de espírito" são especialmente suscetíveis.

O homem quer continuar a ser exclusivamente masculino e por medo rejeita o contato transformador com uma mulher de *status* igual ao seu. A negativização do Feminino evita que o homem experiencie a mulher como um Tu de *status* igual mas diverso, e portanto entre em acordo com ela. A conseqüência da altivez patriarcal do indivíduo do sexo masculino para com as mulheres leva à incapacidade de fazer qualquer contato genuíno com o Feminino, isto é, não apenas com uma mulher real, mas também com o Feminino em si, com o inconsciente. No entanto, todas as vezes que um relacionamento integral com o Feminino permanece não-desenvolvido, isto significa que, em virtude de seu medo, o indivíduo do sexo masculino não consegue romper a própria inteireza que também engloba o Feminino. Assim, a separação da cultura patriarcal do Feminino e do inconsciente torna-se uma das causas essenciais da crise de medo em que agora se encontra o mundo patriarcal.

Antes de nos voltarmos para o problema da superação do medo e do relacionamento integral do indivíduo do sexo masculino com o Feminino, devemos ainda esboçar um outro aspecto do medo do Feminino; o medo do Feminino e a mulher.

[24]Não vamos abordar aqui a questão de saber em que medida a desvalorização e o valor negativo atribuídos ao Feminino aumenta o medo que o homem tem do Feminino.

3. A mulher e seu medo do Feminino

No que diz respeito ao relacionamento primal com a mãe, isto é, à primeira fase da infância, as mesmas condições são válidas para o menino e para a menina. O sentimento básico de segurança é experienciado nesta fase; e em um contexto de proteção maternal, os medos normais se desenvolvem e são integrados quando o relacionamento primal com a mãe é positivo. A progressão da fase matriarcal para a fase patriarcal é tão necessária para o sexo masculino quanto para o sexo feminino, pelo menos na cultura ocidental moderna. Na maneira típica heróico-patriarcal, o ego em desenvolvimento da menina tem de romper os laços com a Grande Mãe para que ela possa se tornar um membro ativo de sua cultura patriarcal. Ela tem de aprender; ela tem de desenvolver a vontade e a consciência; e hoje, quase como um homem, deve alcançar uma independência que, além de um relacionamento com um parceiro, e da fundação de uma família, a leva também à adaptação à cultura por meio da realização de um papel profissional.

Mas os problemas e as crises do desenvolvimento da mulher são diferentes dos do homem. E isto é válido mesmo se limitarmos nossa discussão a nosso tema e não considerarmos o problema central da mulher: o medo que ela tem do Feminino.

O medo do Masculino é um empecilho significativo à progressão da menina ao patriarcado e em sua aceitação do amor pelo pai, uma aceitação ligada à constelação arquetípica do complexo de Édipo. Não podemos discutir aqui o modo como ela chega a um acordo com o Pai-Dragão, típica para as mulheres, mas que difere do padrão masculino.[25] Mas a progressão ao patriarcado, o relaciona-

[25]Ver os três primeiros ensaios deste volume, e Neumann, *Amor and Psyche*.

mento necessário de amor da menina com o pai, constitui a tela de fundo do papel que a mãe do relacionamento primal desempenha para a menina neste contexto.

Em outro local, chamamos a atenção para a significação decisiva do fato de que, ao se separar da mãe e passar a fazer parte do mundo do pai, o menino "alcança o próprio potencial", porque o Eu representado pelo arquétipo do pai é do mesmo gênero que ele.[26] O oposto é válido para a menina. Mesmo depois que o Self "migrou" da mãe para a filha, este Self infantil, filial, permanece idêntico ao gênero do arquétipo da mãe. Este fato simbólico significa que o relacionamento mãe-filha com sua conexão mais íntima de ego e Self, bem como com a consciência e o inconsciente está fundamentalmente mais próxima da natureza do que o relacionamento mãe-filho. A maior tensão entre a consciência do ego do indivíduo do sexo masculino e o arquétipo da mãe "contra-sexual" — isto é, o inconsciente matriarcal, também ela uma tensão determinada pela natureza — é responsável por diferenças fundamentais entre o desenvolvimento masculino e o feminino, em especial no que diz respeito ao modo da criatividade masculina.

O vínculo mais próximo da menina com o arquétipo da mãe e com a fase matriarcal torna sua separação especialmente difícil. A persistência no relacionamento primal, e, por conseguinte, a persistência em uma existência essencialmente inconsciente, matriarcal, é uma clara possibilidade e uma tentação para a mulher, principalmente porque este tipo de fixação não é realmente patogênica, muito embora fortaleça a oposição ao mundo patriarcal e o medo que ela tem dele. De fato, podemos até pressupor que esta postura matriarcal básica continua a ser primária para a mulher primitiva em uma cultura patriarcal.

[26]Neumann, "Narcissism, Normal Self-Formation and the Primal Relation to the Mother". Tradução de Hildegard Nagel, *Primavera 1966* (1ª ed. 1955).

O mundo matriarcal é essencialmente "ódio ao homem," porque é um mundo por direito próprio, com valores e atitudes que diferem dos do patriarcado.[27] A justaposição do matriarcado e do patriarcado como opostos inclui também uma desvalorização recíproca; como procuramos demonstrar, esta mesma justaposição é o que torna tão difícil a transição de uma fase para outra. O apego à mãe, o laço com o mundo matriarcal, a negação, carregada de medo, do Masculino, porém, também levam, no caso da mulher, a um conflito inevitável entre o arquétipo da mãe da fase a ser superada e a ênfase do Self no arquétipo do pai em cuja direção o ego tem de avançar. Mas isto constela a Grande Mãe em seu aspecto aterrador, negativo, isto é, que inspira medo, vale dizer, ela se torna a bruxa que quer impedir o progresso.

Para a menina, a situação se complica, no sentido de que a fase de unidade com a mãe como fase de conservação do Self não é apenas tranqüila e sem perturbações, mas também tem uma marca feminina: entretanto, a progressão ao patriarcado é idêntica à conquista do medo do Masculino, uma conquista que força a menina a entrar no perigo, na verdade, na morte da rendição do Self, que já descrevemos como "matrimônio-morte".[28] Neste sentido, a bruxa maternal, não apenas prende fortemente a menina, mas também induz nela um sentimento de culpa de ter "traído a mãe", uma culpa mais profunda do que a do menino, porque a "traição da mãe" pela filha pode facilmente ser interpretada como uma traição de sua essência, e o movimento dela para o mundo do pai, como uma rendição de sua própria natureza.

[27]Ver o segundo ensaio deste volume.
[28]Ver os três primeiros ensaios deste volume, e *Amor and Psyche*.

Nesta situação, o arquétipo da mãe que prende e que odeia o homem acaba por não corresponder ao Self feminino, e sim para ilustrar esta constelação com o mito de Perséfone, o Self, afirmando o progresso da individuação, é representado não por Deméter, que se recusa a soltar a filha, mas por Gaia, que sabe do rapto de Perséfone por Hades.

A derrota da bruxa matriarcal e a transição para o patriarcado e seus valores leva à identificação parcial da menina com seu lado masculino, do "animus", que deve ser desenvolvido. Esta identificação traz inevitavelmente consigo o perigo de que a menina ficará perdida no masculino, de um modo que nada tem a ver com a desistência feminina da rendição do Self, no sentido daquela espécie de entrega e devoção, a única por cujo intermédio ela chega à experiência de sua natureza feminina.

Esta modalidade de se perder no âmbito masculino representa o perigo da masculinização sob a forma de desenvolvimento de uma pseudo masculinidade, na qual a mulher corre o risco de perder sua feminilidade essencial. Sem dúvida, a tarefa que está diante da mulher em nossa cultura é ter de desenvolver os aspectos masculinos e patriarcais da psique sem com isso desistir de seu ser feminino, uma tarefa especialmente difícil por ser de natureza equívoca e ambígua.

Nesta constelação, a mulher pode correr um perigo ainda maior, quando a mãe pessoal e o mundo do Feminino pertencentes a ela perdem sua segurança original, que provém de seu enraizamento no solo matriarcal. Este elemento materno é freqüentemente prejudicado pelo valor negativo atribuído ao Feminino no patriarcado, e, por conseguinte, fica inseguro quanto à própria feminilidade. Neste caso, a mãe já teme o Feminino como seu "Self autêntico", negado e rejeitado. A mãe negativa aparece então para a filha como a bruxa patriarcal que supervaloriza

o Masculino e o filho, mas subvaloriza o Feminino e a filha, e asssim coloca em risco o desenvolvimento da filha. Uma mãe assim rouba da filha sua segurança primária, que é necessária durante a fase de preservação do Self, e então a entrega sem nenhuma proteção à masculinidade superior do patriarcado.

A ameaça representada pelo Masculino e pelo medo a ele associado é, em última análise, o medo da desvalorização e da alienação do Eu que as mulheres experienciam. Nesta situação, a mulher muitas vezes não vê outra escolha a não ser livrar-se de sua feminilidade e transformar-se em um ser quase masculino. O perigo é especialmente grande quando, como na cultura patriarcal ocidental, está ausente a figura do Feminino arquetípico como divindade e encarnação do Self feminino.

Mas em certo sentido a Natureza limitou o perigo de que a mulher possa se trair ao Masculino e perder sua ligação com a *Gestalt* arquetípica fundamental do Feminino. Pois não importa quanto a filha, como mulher, possa ter se distanciado do mundo matriarcal da base do solo matriarcal, e quanto ela sucumbe ao descrédito no qual a coloca o homem patriarcal, ela entra, normalmente, numa fase de desenvolvimento de sua existência feminina na qual a grande totalidade da natureza feminina quase sempre retifica e corrige todos os desvios de sua essência feminina.

Esta retificação acontece independentemente do conhecimento e da consciência da mulher de tudo aquilo que "realmente" acontece durante essa fase decisiva para a mulher e marcada pelo advento, não do casamento, mas da gravidez e do parto. Quando a mulher dá à luz uma criança, experiencia uma descoberta do Self tão profundamente ancorada em sua existência biofísica, que somente nos casos mais raros passa desapercebida. A unidade de mãe e filha celebrada nos mistérios de Elêusis é

estabelecida nos ritos femininos de iniciação nos quais a velha apresenta à jovem as situações fundamentais da existência feminina. Entretanto, esta unidade está presente sempre que a filha, como aquela que dá à luz, se torna mãe, e ela existe para toda mulher, mesmo para as "não-iniciadas", independentemente do que possa acontecer na consciência da mulher que dá à luz. Mesmo quando o relacionamento com a mãe pessoal é perturbado ou destruído, e ela, como bruxa patriarcal, coloca em risco o valor do Self da mulher, esta situação existencial produz uma conexão com o Feminino arquetípico como Grande Mãe e como Self. Para além de todos os julgamentos e malentendidos patriarcais e da consciência feminina deles proveniente, a mulher pode experienciar a si mesma como criadora e como fonte de vida, irrefutavelmente e em uma profundidade que torna superficiais todas as aberrações e atitudes equivocadas de sua consciência.[29] Mas até mesmo esta profunda experiência do Self da mulher como aquela que dá à luz pode permanecer oculta na escuridão: aqui o ego da mulher moderna pode experienciar um medo profundo do Feminino como medo dela própria, como medo da incompreensível numinosidade da natureza feminina.

Um medo semelhante do Feminino e de sua essência pode surgir na segunda metade da vida, durante o processo de individuação, pois a individuação da mulher como descoberta do Self exige dela algo extraordinariamente difícil, a redenção da dominação pelo Masculino arquetípico e da mentalidade patriarcal e seus valores. Por esta razão, a descoberta que a mulher faz de si mesma está freqüentemente ligada a uma crise matrimonial, especialmente quando o casamento foi um casamento patriarcal, no qual a dependência e a unilateralidade de cada um dos parceiros era o pré-requisito para a simbiose da proximidade no casamento.

[29]Carol Baumann, "Psychological Experiences Connected with Childbirth", *Studien zur analytischen Psychologie C. G. Jung* (Festschrift for Jung's eightieth birthday, 1955), vol. I.

Porque o modo de se relacionar é um dos conteúdos cruciais da vida para a mulher — se não o conteúdo principal e decisivo — qualquer "dissolução de vínculos" no sentido de se tornar independente representa uma crise e um problema particularmente difíceis. Mesmo quando ela dissolve os vínculos com a mãe do relacionamento primal, este fator de "fidelidade" a um relacionamento desempenha um papel essencial e inibidor. No entanto, a cada progressão, o Self força o ego a ir para a frente e a vencer o aprisionamento. No caso da separação da mãe, o Self assume a forma do arquétipo do pai; no presente contexto, é o Self feminino que empurra o ego para a frente. Mas nesta situação a pessoa tem de experienciar e decidir se é uma questão de autêntica descoberta do Self de uma mulher, isto é, a descoberta do Self necessária a fim de que ela cumpra seu destino — ou de uma confusão neurótica na qual o ego está apenas fugindo de seus deveres com a terra e com a realidade. Pois embora a mulher possa e deva entrar em oposição com o Masculino arquetípico e com o patriarcado à medida que cai em si, por sua própria natureza ela experiencia, não obstante, uma maneira de se relacionar que é maior e mais abrangente, isto é, sua capacidade de amar cresce. Por contraste, um pseudodesenvolvimento neurótico que, por exemplo, desiste do relacionamento da pessoa com o marido e a família sob o *slogan* "cuidar da própria vida" revela um empobrecimento egoísta da capacidade de amar, e está em oposição direta com a autêntica descoberta do Self feminino.

O medo que a mulher tem do Self feminino, da experiência do numinoso Feminino arquetípico, torna-se com-

preensível quando vemos de relance — ou temos até mesmo apenas uma pista — da profunda alteridade do eu-Self feminino se o compararmos ao eu-Self masculino. É precisamente esse elemento que, no medo que o homem tem do Self feminino, ele experiencia como o buraco, o abismo, o vazio e o nada, que se transforma em algo positivo para a mulher, sem, contudo, perder essas mesmas características. Aqui o feminino arquetípico é experienciado não como ilusão e como maia, mas antes como realidade inimaginável e como vida na qual o acima e o abaixo, o espiritual e o físico não estão competindo um com o outro; a realidade como eternidade é criativa, e ao mesmo tempo está fundamentada no nada metafísico primevo. Por conseguinte, a mulher como filha experiencia a si mesma como pertencente à figura feminina espiritual Sophia, a mais elevada sabedoria, enquanto ao mesmo tempo ela está atualizando sua conexão com as profundezas cheias de bafio, mofadas e sangrentas do pântano mãe-Terra. Entretanto, neste tipo de descoberta a mulher necessariamente acaba por se ver como diferente daquilo que se apresenta aos homens — como, p. ex., espírito e pai, mas freqüentemente também como o deus patriarcal e sua ética. O fenômeno básico — o fato de que o ser humano nasce de mulher e é criado por ela durante as fases cruciais de desenvolvimento — é expresso na mulher como um sentimento de ligação com todas as coisas vivas, um sentimento ainda não totalmente percebido e que os homens, em especial o indivíduo patriarcal do sexo masculino, não possuem absolutamente na mesma medida que as mulheres o tem.[30]

Experienciar a si mesma como tão fundamentalmente diferente dos valores patriarcais dominantes compreensivelmente enche a mulher de medo, até ela chegar ao

[30]*The Great Mother*, pp. 325ss (Sophia).

ponto no seu próprio desenvolvimento em que, por meio da experiência e do amor que liga os opostos, consegue ver com clareza a totalidade da humanidade como uma unidade dos aspectos masculinos e femininos do Self.

B. A ESSÊNCIA, A ORIGEM E A CONQUISTA DO MEDO

O papel paradoxal que o ego desempenha na vida psíquica do indivíduo é expresso também no fato de que ele pode ser considerado com uma justificação igual como o lugar onde se origina o medo e o lugar onde esse mesmo medo é superado. Em face das grandes forças existenciais — quer sejam chamadas o mundo, o Self ou o arquétipo do inconsciente —, o ego continua a ser algo pequeno e em risco perpétuo. O desenvolvimento psíquico toma três direções: extroversão (orientação rumo ao mundo), introversão (orientação rumo ao inconsciente) e centroversão (orientação rumo ao Self). O movimento rumo a uma dessas direções existenciais significa sempre um movimento de afastamento para longe de uma outra. Enquanto se olha para e se move em direção ao "mundo", sempre é constelado o perigo de que o "outro" âmbito, negligenciado e hostil que está às nossas costas, irá gerar medo. Até mesmo o "Grande Número Três", o mundo do Self, que como totalidade constela o movimento para cá e para lá entre mundos opostos, de modo algum é apenas e tão-somente sempre um apoio e uma fonte de segurança para o ego; ao contrário, é muitas vezes algo incompreensível, uma fonte de medo, até que se tenha alcançado um grau relativamente posterior de desenvolvimento.

No desenvolvimento humano, o ego é empregado como representante da totalidade e a ele e à consciência

a ele associada cabe equilibrar o indivíduo em sua posição intermediária entre os mundos interior e exterior.[31]

Com esta "filialização"[32] na qual, em alguma medida, o ego representa o Self, o ego também assume o dever de monitorar, de proteger o Self contra toda e qualquer força superior. É por isso que tem de se entrincheirar na mandala da consciência e guardar cuidadosamente os portões de entrada e de saída a fim de preservar a unidade da consciência e evitar a desintegração por meio da inundação por conteúdos inconscientes ou mundanos. A relativa estabilidade do sistema consciente que constitui a base da confiabilidade da pessoa é exigida pelo coletivo, e com razão. É por isso que a estabilidade do ego encontra-se entre as metas de todas as iniciações patriarcais: a exigência de ter de provar que é firme e heróico contra as forças que ameaçam dissolver a unidade da personalidade, sejam elas fome ou dor, impulsos ou demônios, recai sobre o indivíduo do sexo masculino.

A constelação do ego, colocada em posição central, significa que aquilo que é conhecido e já foi experienciado apóia a estabilidade como algo que pertence à consciência; tudo aquilo que é desconhecido, estranho, visto que é ameaçador, é mantido à maior distância possível daquilo que existe, ou deixa-se que entre apenas na medida em que possa ser assimilado e não perturbe a unidade estabelecida. Em outras palavras, uma atitude que defende a consciência e a ordem estabelecida e conhecida é exigida do ego adulto e da personalidade adaptada ao cânone cultural; isto contrasta com a atitude heróica e progressista do ego (já esboçada) que tem de abandonar a antiga segurança a fim de alcançar uma fase nova, arquetipicamente prescrita. No mundo adulto, a posse

[31] *Origens e História.*
[32] Ibid.

desta atitude heróica de conquista ativa do novo e continua a ser transmitida às personalidades periféricas da cultura, as pessoas criativas, ao passo que o coletivo composto por adultos assume a tarefa essencialmente conservadora de defender e transmitir os valores culturais. O coletivo recompensa as pessoas criativas com grandes prêmios por todas aquelas realizações que levam adiante e expandem, decoram e equipam a cultura já existente. Exemplos típicos desta atitude são as culturas da igreja e as culturas das cortes dos monarcas, bem como o apoio para esses tipos de pessoas criativas na Rússia e nos Estados Unidos. Uma realização criativa revolucionária, por outro lado, é punida com a morte, tanto no passado como no presente.

Mas, para que os indivíduos possam continuar saudáveis, este tipo de "divisão do trabalho" no interior de uma cultura somente pode ser levado a cabo até um certo ponto. Visto que cada indivíduo é criativo segundo sua própria natureza, surge um conflito entre a natureza coletivamente exigida, conservadora, de defesa dos valores culturais existentes (pelo ego) e as insistentes forças inconscientes que visam ao maior desenvolvimento do indivíduo e lutam para forçar a rendição da antiga posição exercendo uma pressão ainda maior. Como esta constelação é especialmente evidente hoje, vivemos numa época na qual um número crescente de indivíduos experiencia sua exposição à ameaça representada por qualidades de existência estranhas e desconhecidas ao ego.

Estas experiências carregadas de medo que muitas vezes aparecem na segunda metade da vida, depois que o indivíduo já alcançou e consolidou sua posição no coletivo, e o coletivo confirmou a contribuição desse mesmo indivíduo, freqüentemente se manifestam, durante esta fase da vida, no símbolo da morte. O medo induzido pelo desconhecido, que está associado ao símbolo central da

morte, assume muitas faces. A depressão e os medos de viver, as neuroses e crises de pessoas adultas e até mesmo bem sucedidas freqüentemente estão sob o signo da falta de sentido e do medo de ter desperdiçado, ou estar desperdiçando a vida inteira; estas depressões e medos são encontrados com igual freqüência no medo de doença, na diminuição de vitalidade e na morte real.

Por detrás desses medos, escondidos sob o signo da morte e atacando o indivíduo no centro de sua fortaleza da consciência, porém, encontramos o movimento do Self que força a transformação na pessoa que quer perseverar. É quase sempre o medo da transformação que provoca ansiedade na pessoa comprimida pelo antigo; mas enquanto ela acredita que é o novo que a está assustando, na verdade a ansiedade deriva do caráter limitado da vida antiga paralisada na prisão do hábito.

Neste ponto da meia-idade, ou mais tarde, no climatério, com a redução das tarefas biológico-coletivas, o que é a vida e o que é a morte torna-se para o ego quase inescrutável e impossível de distinguir. Pois, como o ego, com medo da transformação, se apega rigidamente à "antiga vida", esta mesma "antiga vida", calorosamente defendida acaba mostrando que é a morte, e a morte do ego trazida por intermédio da transformação prova que é vida. Em sua relutância em se desapegar do antigo, surge o medo, surge a depressão, pois se elevam novas forças que querem ter acesso à vida e pressionam o ego entrincheirado. Mas se o ego se render de sua posição defensiva, e se atirar heroicamente nas garras do dragão da morte — na jornada ao mar noturno do herói solar —, a morte prova que é vida, e a desistência daquilo a que a pessoa se apegou com força torna-se um novo modo de viver e de superar o medo.

O desenvolvimento da consciência humana por intermédio de fases arquetípicas é específico da espécie, isto

é, todo membro da espécie humana passa por elas, e em seu desenvolvimento tanto o ego quanto a consciência seguem diretivas transpessoais inerentes à psique e chegam à maturidade. Mas o Self, o centro imaginário da totalidade, não dirige apenas o desenvolvimento específico da espécie, mas também o desenvolvimento individual do ser humano.Vale dizer, no indivíduo humano o Self exerce seus efeitos como tendência não apenas a desempenhar o papel típico em sua adaptação à vida, mas também descobrir seu ser autêntico e alcançar a realização do Self por meio da vida no coletivo; isto é, a tornar real o Self da pessoa em seu caráter próprio e único. Mas para a realização do Self são necessárias todas as fases da transformação.

A grande tarefa, e em certa medida a tarefa suprema que aqui se coloca, é entender o medo em todas as suas formas como um instrumento do Self. O medo do desconhecido e de tudo o que é estranho ao ego vem a ser medo dos aspectos desconhecidos de "si mesmo" e de "seu Self" como o desconhecido. Neste sentido, o processo de transformação de se tornar "si mesmo" engloba repetidas vezes novos desconhecidos, na verdade mundos sempre novos de desconhecidos amedrontadores.

No desenvolvimento por intermédio dos estágios arquetípicos, o indivíduo tem de superar o medo a cada transição de uma fase para a outra, o que, é claro, sempre significa a nova fase de uma existência até então desconhecida. Neste contexto, não podemos começar a estudar as várias formas de homens e mulheres superarem o medo, nem tampouco voltar nossa atenção para o fato impressionante e ainda não bem compreendido de que a maneira pela qual o ego supera o medo é simbolicamente "genital", isto é, coordenada com a forma específica dos órgãos genitais. Assim, a forma masculina de superar o medo é ativa, invasiva, e beligerantemente heróica, de

modo que a forma típica de medo aparece como medo "da castração". Inversamente, o medo que a mulher tem é o medo do estupro, e sua maneira de superar o medo não é ativamente heróica, e sim passivamente heróica, aceitando-o e incorporando-o em sua rendição ao medo.

Mas sempre, e independentemente de quaisquer de suas formas, a superação do medo representa uma forma específica de integração na qual algo estranho ao ego, algum pedaço do não-Eu, é reconhecido e percebido como pertencente à pessoa. Desta maneira, o homem experiencia o Feminino Terrível em seu caráter de anima e transformação como pertencente a sua própria psique, do mesmo modo que experiencia o caráter maternal e elementar como "sendo seu", e somente depois de assimilar todos estes aspectos do Feminino o homem chegará à própria autenticidade como um Eu que é simultaneamente masculino e feminino. Somente quando a "pura masculinidade" do patriarcado é superada por meio deste processo de transformação o homem supera o medo no qual sua "pura masculinidade" se protegia da alteridade que aparecia simbolicamente como feminina. O mesmo é válido para a mulher e o medo que ela sente do Masculino, que ela apenas escondeu por meio de sua identificação ao mundo do animus exigida pelo patriarcado.

Nesta experiência de transformação, o indivíduo torna-se consciente da força implácavel do Self, que remodela todas as fases do desenvolvimento, bem como todas as conquistas do ego dos mundos interior e exterior, fazendo delas aspectos da realização do Self que se manifestam desde o início como automorfismo, uma tendência em ação na psique. Quando o Self pessoal que se manifesta como um mundo amedrontador que assalta o ego de dentro e de fora é integrado, não somente quem teme e quem supera o medo, mas aquilo que provoca medo, podem ser vistos como intimamente unidos. Assim como os

deuses do bem e do mal do *Bardo Thödol*[33] são um só e acabam sendo somente projeções de uma terceira coisa subjacente, aqui somos levados a experienciar a unidade do Self e do mundo. O destino como a unidade interior e exterior que provoca medo de dentro e de fora acaba pertencendo à humanidade e sendo a experiência viva do Self pessoal. Os acontecimentos do mundo que do lado de fora parecem fenômenos interiores, assustadores, da psique provam ser disfarces do Self. Realidades internas e externas que inicialmente parecem estranhas e portanto assustadoras são posteriormente experienciadas e "desmascaradas" como pertencentes ao próprio ser autêntico da pessoa, e por conseguinte perdem sua estranheza e seu caráter assustador. Nesta transformação, o ego experiencia que pertence fundamentalmente ao Self, e que, sob a forma do eixo ego-Self, esse "pertencimento" determinou todo o desenvolvimento da personalidade em um novo nível. Quando o ego apreende o grau no qual o Self dirige o medo e o usa como "ferramenta para a transformação", também se experiencia como envolvido na exigência de transformação do Self. Deste modo, porém, o ego desmascara sua própria aniquilação por intermédio do medo e a reconhece como um processo de negação suscitado por algo desconhecido que prova ser a natureza mais essencial da pessoa, e a pessoa ganha uma segurança paradoxal no Self, o qual de maneira criativa força o ego a uma transformação contínua. À medida que o ego se torna o expoente transparente do Self, este agente de transformação, o Self, torna-se a essência mais apreciada da pessoa, e permanece destemidamente criativo ao longo de todas as transformações. Somente deste modo o destemor surge para o ego que já não se apega a si mes-

[33]W. Y. Evans Wentz, *The Tibetan Book of the Dead* (3ª ed., com comentário psicológico da autoria de C. G. Jung, 1957).

mo, mas antes, na transformação, se rende e se consagra ao Self como seu "próprio". Por conseguinte, o eixo ego-Self torna-se a garantia da humanidade de uma existência criativa, isto é, de uma existência de transformação. Entretanto, a despeito desta unidade ego-Self, persiste a oposição na qual o ego, como a menor parte, está sujeito a um Self que lhe é existencialmente superior e mais do que um páreo para ele. Isto significa que o ego deve necessariamente continuar a experienciar o medo. O medo somente desaparece quando o ego chegou ao estágio da conquista do medo, no qual o senso de segurança do ser humano reside em existir não somente como um ego, mas de uma maneira misteriosa e numinosa também como um Self que guia a personalidade através de todas as fases do ego e transforma todas as constelações de medo do ego em estágios de transformação, nos quais a existência se revela como uma metamorfose infinita de aspectos do criativo.

ÍNDICE

1 Nota Introdutória

3 Abreviaturas das Referências

5 Prefácio

7 I. Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher

65 II. A lua e a consciência matriarcal

117 III. Sobre a "Flauta Mágica" de Mozart

161 IV. O significado do arquétipo da terra para os tempos modernos

218 V. O medo do Feminino